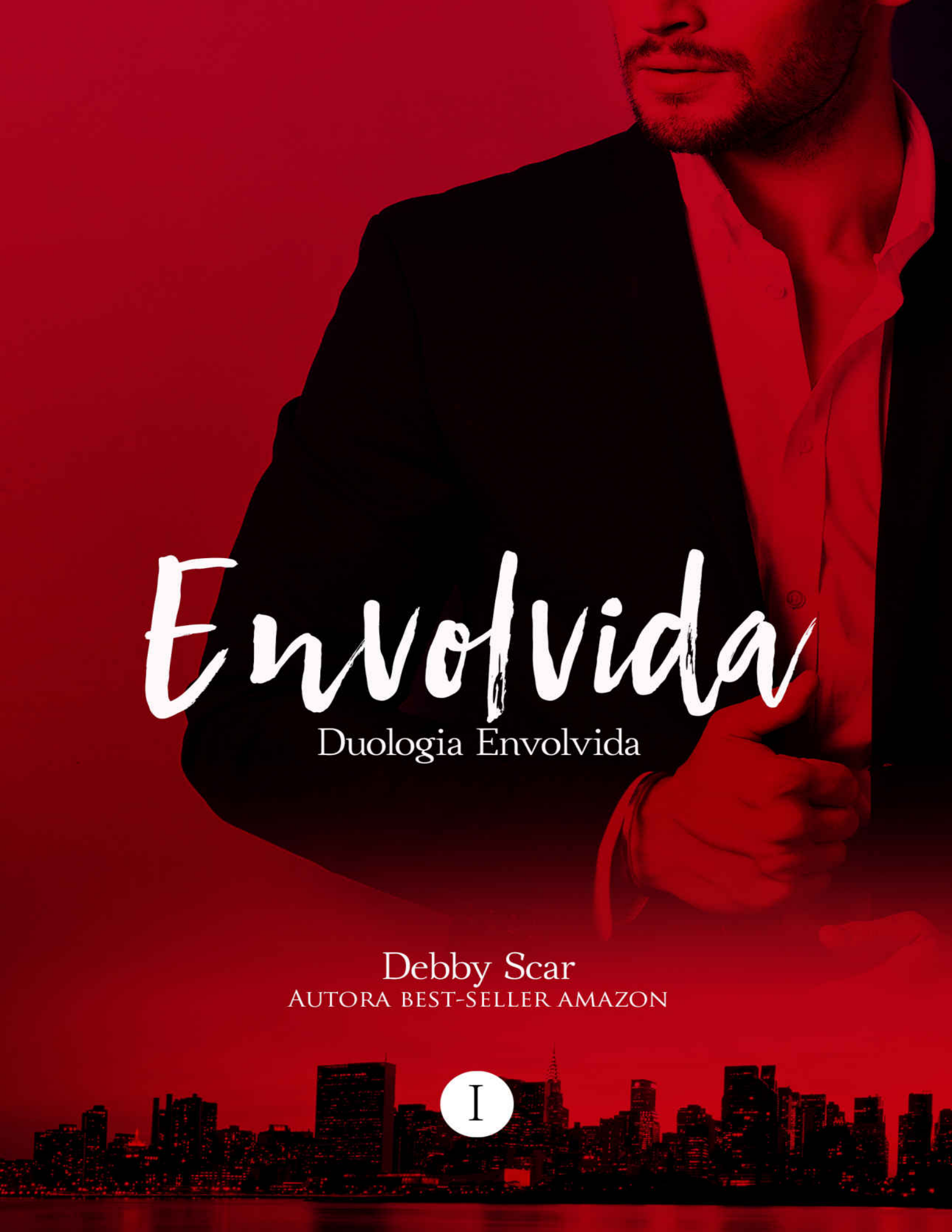




Envolvida

Duologia Envolvida

Debby Scar

AUTORA BEST-SELLER AMAZON



I



Envolvida

Duologia Envolvida

Debby Scar
AUTORA BEST-SELLER AMAZON

I



Copyright © 2018 Debby Scar

Capa: Debby Scar

Revisão: Angélica Podda

Diagramação Digital: Debby Scar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida ou gravada por qualquer meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da autora.

Criado no Brasil

Sumário

[Sinopse](#)

[Queens — novembro de 2007](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Queens — janeiro de 1997](#)

[Queens — junho de 2003](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Rendida](#)

Sinopse

Ela poderia ser uma garota normal e viver de modo conivente com a sociedade, mas escolheu ser Lizzie Radzimierski, ou apenas Liz. Apesar da pouca idade, Liz possuía a singela reputação de garota dos nervos de aço. Jornalista no *The Poster*, um pequeno jornal de Nova Iorque, Lizzie trabalhava em uma reportagem que investigava o envolvimento do senador Nathan Fox com a máfia russa, que dominava a proliferação das drogas que devastavam o Brooklin, bem como a exploração da prostituição em suas diversas casas noturnas. Quando finalmente conheceu o homem por trás da política, Lizzie descobriu que Nathan G. Fox era bem mais que um mero senador: era um homem totalmente diferente de todos os outros.

Para toda a sociedade, Nathan Fox era o símbolo do sucesso. Confiante, elegante, bem-sucedido e enigmático, era cobiçado pelas mulheres e pela mídia, que o perseguia como abutres. Todas essas qualidades não enganavam Lizzie. A repórter sabia que por trás daquele ar de bom moço havia um bandido.

Nathan não perdia por esperar!

Lizzie iria entrar em sua vida para mudá-lo. Ela achava que era imune a ele, mas estava enganada. Muito enganada!

Lizzie também tinha um segredo a ser desvendado, e Nathan poderia ser a solução para os seus problemas com o passado. Ela não sabia onde estava pisando, mas queria ser a jornalista que faria a máscara dele cair.

Isso era o que ela pensava!!!

Conheçam ***Envolvida – Debby Scar***

Queens — novembro de 2007

— Me solte! — pedi baixinho. Minha cabeça doía. Queria sair daquele quarto. Queria gritar, mas não conseguia. Minha língua enrolou dentro da boca e mal conseguia respirar.

— Você só faz isso se quiser... — gemia ao passar a mão em meu corpo. Eu sabia que não tinha escolha. Não tinha para onde fugir. Não tinha a chance de escolher fugir. Não tinha como fugir.

— Abra as pernas! — ordenou ele, passando aquelas mãos ásperas por meu corpo; se eu tentasse fazer algo para parar sua investida ele me bateria. Minha mãe sabia. Ela sabia e permitia que ele tocasse em mim. — Ainda vou comer essa bocetinha apertada. Agora feche! — ele colocou seu pau entre minhas pernas e espremeu meu corpo junto ao dele na cama, assim como minhas nádegas, para que seu pau ficasse sarrando entre meu ânus e minha vagina. — Bocetinha gostosa... Vou gozar bem gostoso agora. — o modo como ele falava, me deixava enjoada. Suas mãos dançavam por meu corpo, mas porque ela não o parava? Por que não acabava com tudo aquilo? Ela era minha mãe! Já tinha avisado que ele me tocava quando ela não estava em casa, porém ela não fazia nada. Quando conseguiu terminar o que queria, sorriu para mim enquanto arrumava a calça. A única coisa que eu conseguia pensar naquele momento era sumir daquela casa e nunca mais voltar.

Eu tinha apenas oito anos quando tudo começou, e minha mãe não queria me proteger dele... E depois de dez anos, ela ainda não me protegia. Não podia comentar com os outros, pois tinha vergonha do que me acontecia. Tinha vergonha de ter uma mãe como aquela.

Ela não me protegeu!

Mais uma tortura teve início depois de muito tempo sem que ele me tocasse, e como sempre, eu chamava por ela, que não me ouvia.

— Mãe... — choraminguei em súplica.

— Ela não liga para você! — falou se debruçando e encostando seu queixo na minha nuca, roçando com a barba ainda por fazer. Apesar da brutalidade, não penetrou em mim, apenas ficou sarrando no meio da minha bunda, até chegar ao orgasmo.

Homem asqueroso.

— Não! — gritei o mais alto que pude, mas ele bateu no meu rosto e me desequilibrei.

— Vou comer você. Sua putinha! — rosnou pegando minhas pernas, me arrastando pela casa até chegar ao quarto. Seu rosto era sombrio. A imagem do mal estava na minha frente. Era alto, de corpo largo e com uma barriga saliente. Em sua camiseta regata branca de algodão, já amarelada, escorria o suor de um dia de trabalho. Tive nojo, ódio e repulsa por aquele homem. Seu rosto estava desfigurado de raiva, e eu não sabia o motivo.

Não entendia o real motivo de aquilo acontecer.

— Não fiz nada! — falei entre soluços. Meus olhos ardiam e as lágrimas escorriam por meu rosto como uma cachoeira. Inutilmente, me agarrei ao carpete do chão do quarto de minha mãe, mas não tinha forças para parar aquele ataque.

Ele me puxou com mais força e minha cabeça foi de encontro ao pé da cama de madeira. A dor foi instantânea e só fez as lágrimas saírem com mais facilidade. Segurando meu cabelo, me levantou e me jogou na cama. Ele fedia a suor. Um suor nojento e grudento. Tentei chutar, mas ele segurou minhas pernas pelos tornozelos com umas das mãos e me espremeu com seu tronco pesado, enquanto abria o botão da calça surrada de operário com a outra. Senti um arrepio percorrer meu corpo, e medo ao mesmo tempo.

Estava perdida!

— Você vai ver que não pode me enrolar. Vadia ruiva — falou se afastando e segurando meu tornozelo novamente. — Você me pertence. Sou eu quem lhe dá de comer, vestir e um teto quentinho para dormir. Puta! — seus dentes rangiam de ódio, mas, ainda assim, não conseguia entender o que estava acontecendo. Já fazia muito tempo que ele não me tocava.

— Por favor, não! — chorei desesperada enquanto arrancava minha calcinha apenas com dois puxões — Por favor... Por favor, não! — implorei derrotada.

— Puta! — gritou batendo em meu rosto, enquanto se colocava no meio de minhas pernas. Pude ver o seu pênis

pulsar, quando gritou e bateu em mim. A dor se espalhou por todo meu corpo, e tudo que eu queria era alguma arma para matar aquele filho de uma puta. Seus tapas foram substituídos por socos... Murros fortes desferidos contra meu rosto. Não consegui gritar. Minha língua parecia ter inchado dentro da boca e pesava mais de uma tonelada. A pior sensação que existia.

— Você achou que ia fugir? — soltou uma risada sinistra e olhou para mim, mostrando seus dentes um pouco amarelados.

A agonia, o desespero e o medo já faziam parte da minha alma naquele momento.

— Universidade... — debochou, com tom incrédulo — Você acha que vai para a universidade? Só pode estar de brincadeira comigo. — senti outro murro sendo desferido no meu rosto e meus olhos arderam ainda mais. Antes de tentar gritar novamente, o senti. Senti penetrar aquele pau nojento dentro de mim e a dor me consumir por dentro. — Achou mesmo que ia conseguir esconder aquela maldita carta de admissão?

Minha primeira vez foi com ele!

Com aquele homem asqueroso, seboso e fedorento. Finalmente consegui soltar um grito de desespero em meio ao choro e a tanta dor.

— Não toque em mim! — urrava e me debatia na cama enquanto ele estocava com toda sua força e seu peso

me esmagava — Não toque em mim! — gritei o mais alto que pude. Não queria que ele estivesse ali.

Não queria que ele estivesse dentro de mim.

Sabia que o toque dele me deixaria sequelas.

— Universidade é um caralho para você. Sua puta! — seu hálito fedia a bebida. Bebida barata. Tentei me mexer embaixo daquele porco, mas ele era muito pesado e eu era esguia demais.

Meu corpo magro e de poucas curvas era quase desnutrido pelas condições em que vivia. Pressão psicológica e sofrimento fizeram parte da minha infância e adolescência.

A cada saída e entrada daquele corpo dentro de mim, me sentia mais suja. Mais na lama.

Capítulo 1



Eu tinha que estar em Washington em quatro horas para fazer a cobertura do escândalo que se alastrava pelo cenário político: um deputado com a sua secretária gostosona – típico da raça –, que estavam tendo um caso. Nunca gostei desse tipo de matéria, mas eram as que pagavam minhas contas e não tinha muita escolha. Não era conhecida por ser a melhor em coberturas desse tipo, entretanto o meu forte sempre foi fazer investigações e fuçar o lixo dos grandões de Nova Iorque. O que, para muitos, era algo arriscado demais, para mim não era, pois sempre gostei do perigo. Não foi à toa que ganhei o apelido de *Garota dos nervos de aço*. Tinha que ter nervos de aço mesmo, já que não era todo dia que uma mulher, principalmente como eu, se deparava com o perigo e ficava confortável com isso. Tinha que ser forte, decidida e audaciosa. Ou era assim, ou o bicho papão me comeria.

Morava em um pequeno apartamento perto do The Poster; era o máximo que conseguia pagar, um apartamento que mais parecia uma caixa de fósforos, já que estava economizando para comprar o meu próprio apartamento. As paredes estavam pintadas de branco, com uma única

parede em vermelho ao fundo, e apesar de ser pequeno, era meu refúgio depois de um dia cansativo de trabalho.

O que eu ganhava era suficiente para guardar um pouco em uma poupança e gastar apenas com o necessário. Meu sofá estava um lixo de tão velho, as rachaduras no tecido sintético, de cor marrom, denunciavam que ele merecia uma tão sonhada lixeira.

Minha vizinhança era quase legal, se bem que eu mal falava com os poucos vizinhos que tinha, ou que achava que tinha, pois nunca saía do meu apartamento nem para pedir uma xícara de café. Morava no décimo andar, e conseguia ver a janela da vizinha do outro lado, que sempre estava transando com alguém diferente, fosse homem ou mulher; aquela lá não deixava escapar um. De vez em quando dava para ouvi-la gemer, ou melhor, gritar.

Eu realmente queria sair o mais rápido dali, mas tudo tinha o seu devido tempo, e Deus sabia do que eu estava falando. Meu sonho de consumo era ter uma cozinha onde pudesse andar livremente, sem ter que esbarrar nos objetos ao meu redor e nem ter que me espremer no banheiro. Normalmente não recebia meus amigos em casa, a não ser Matt, que sempre aparecia de surpresa, e ainda assim, me sentia incomodada.

Até pensei em criar um gato, mas era ocupada demais para ter um, e com certeza, ele morreria de fome na primeira semana. Quando o telefone tocou às sete da manhã, tive a certeza que era Matt avisando que já estava me esperando na frente do prédio.

— Sabe quantos minutos já estou esperando? — gritou Matt, e tive que afastar o telefone do ouvido.

— Já vou descer. Tenha calma, esquentadinho. — falei apressada, antes que ele me engolisse mais um pouco, e o ouvi bufar ao fundo.

— São mais de quatro horas dentro de uma van, dona Lizzie. Agradeço se adiantar o quer que seja que esteja fazendo aí... — reclamou, desligando o telefone, sem me dar a oportunidade de rebater. *Era só o que me faltava.*

Peguei meu blazer preto, que fazia mais de um ano que o vestia; ainda bem que o tecido era bom, senão, caso contrário, já estaria no lixo. Peguei o celular e o guardei dentro da bolsa. Depressa tomei uma generosa xícara de café, já que uma boa dose de cafeína sempre me fizera bem.

Fui ao quarto, me olhei no espelho e, por mais que meu cabelo fosse liso, nunca obedecia à lei da gravidade. Tratei de trançá-lo e deixá-lo de lado. Passei protetor, já que minha pele era branca e com algumas sardas espalhadas sutilmente pelo meu rosto. *Todo cuidado é pouco!* Afastei-me e, com muita luta, encarei o meu reflexo no espelho. Ruiva, sem maquiagem, visivelmente pálida e com aspecto cansado, cabelos trançados e jogado de lado sobre o ombro. Eu não era feia, na verdade me achava bem atraente, mas não podia ser atraente para ninguém.

O telefone vibrava a todo vapor em minha bolsa; Matt já estava me irritando. Dei uma última olhada no apartamento e me contorci quando meus olhos pousaram

no sofá. Era uma vergonha ainda não o ter trocado. Mas, assim que voltasse de Washington, tomaria coragem e compraria o maldito sofá.

Quando desci, lá estava ele parado na frente do prédio, escorado na van e com os braços cruzados. Com uma camisa azul colada no corpo e calça jeans desbotada, tênis verde-escuro mais velho que o ex-presidente Bush – o pai, Matt Brown era o que poderia chamar de um quase amigo. Bem, para mim, era assim que o via, mas ele! Tinha quase certeza que seus interesses iam além da amizade, apesar de estar sempre me criticando. Um dos motivos de não querer ser atraente era, também, o Matt.

Matt era um homem alto – um metro e oitenta e quatro de altura –, loiro, mas não aquele loiro exuberante de capa de revista, mesmo assim era bastante atraente e tinha os lábios mais dignos de serem beijados que já vi. Apesar disso, não eram os seus lábios que eu desejava beijar. Seus olhos verdes acinzentados eram quase negros quando me olhava, e suas pupilas dilatavam de um jeito que às vezes me assustava. Seu rosto formava um triângulo invertido, e seu queixo era coberto por uma vasta e bem aparada barba loira. Com seu porte nem atlético nem magrelo, fazia sucesso entre as mulheres com sua beleza, e também por ser muito sincero, o que normalmente não deveria acontecer, já que Matt colecionava mais tapas na cara do que um cavalo açoitado em dia de corrida; tudo isso exatamente por sua sinceridade e excentricidade na hora de dar em cima de uma mulher.

Para infelicidade dos meus olhos, ele tinha o que poderia se chamar de *bunda murcha*. Não gostava de ter relacionamentos, e nem queria ter um com ele, mas nada me impedia de olhar uma bela bunda masculina de vez em quando, o que não era o caso da bunda de Matt. Mesmo sendo a bunda do meu amigo Matt. Até porque, uma olhadinha não ia doer nada.

— Pensei que você não ia sair mais desse cativeiro de mofo que chama de lar. — Matt sempre odiou meu apartamento, e certa vez havia me convidado para morar com ele e dividir o aluguel, mas gosto muito da minha privacidade e resolvi não aceitar, além de outros motivos. — Que merda é essa que você está vestindo? — perguntou me olhando de cima a baixo.

Como sempre, estava com minha blusa cinza de manga longa e gola V, mas que não era decotada. Calça social preta de alfaiataria quase masculina para minhas curvas, que ele sempre falava que era uma calça para homens, e meus sapatos de salto baixo pretos.

— Você deveria jogar esse blazer no lixo e substituir por um terninho. Como as jornalistas de bom senso sempre fazem. — provocou ácido.

— E você deveria se jogar no lixo, e aproveitar para levar esses comentários junto com você. — devolvi no mesmo tom. — Já que lugar de lixo é no lixo. — seus lábios se curvaram em um sorriso charmoso e despreocupado — E a propósito, bom dia para você também... Quando precisar de conselhos sobre moda, pergunto a quem

realmente entende. O jornal tem uma estilista para assuntos do tipo. — pouco me importava se a minha calça era ou não desenhada para homens. O homem que me criticava a maior parte do dia era um perfeito *lambersexual* e por isso não tinha crédito para censurar meu estilo.

— Bom dia! — seus olhos brilhavam de divertimento. — Levaria essa roupa comigo, caso eu fosse para o lixo. Mas aí você ficaria como? Nua? — senti malícia em sua voz, porém deixei isso de lado. Não queria que ele achasse que estava dando espaço para que continuasse a flertar indiretamente, e muito menos diretamente. Não seria confortável. Já não me sentiria bem ao lado dele, e não queria ter que pedir ao meu chefe para trocar de parceiro. Queria manter o amigo e o lado profissional a salvo de qualquer imprevisto.

— Gosto da minha roupa. — falei dando de ombros, abri a porta do carro e me sentei confortavelmente no banco do passageiro, na frente — Odeio ter que cobrir essas matérias... — resmunguei enquanto ele dava a volta e entrava no carro; pela sua cara ele também não gostava.

— Mas é esse tipo de matéria que paga a você para que compre mais roupas como essa. — outra cutucada. O que ele tinha? Não me lembrava de ouvir tantas críticas dele com relação a minha roupa em um só dia, ainda mais pela manhã. Quando deu partida no carro, preferi não falar nada. Ele estava especialmente irritante, não queria ser deixada no meio da estrada e ter que ficar pedindo carona a estranhos.

— Eu sei que é esse tipo de matéria que paga as minhas contas, mas acho que tenho o direito de reclamar. E cale-se, vamos logo embora.

Estava trabalhando há mais de três anos no The Poster. Dois deles como estagiária e um como uma verdadeira jornalista, ou era assim que eu pensava depois de ganhar alguns prêmios. Terminei meus estudos e logo tive a sorte de conhecer Elijah Aiden Hunter. Dono do The Poster. Um homem de fibra e pulso firme, que sempre exigia dos seus funcionários mais de mil por cento no trabalho para alcançar a perfeição. Ele era bem informal; às vezes, ou melhor, sempre, usava jeans desbotados, camisetas amarrotadas e tênis. Estava em ótima forma física para seus quarenta anos, forte e musculoso. Praticamente um lenhador das montanhas.

Dono de um sorriso carismático, olhos castanhos claros e meigos, Elijah tinha um rosto alongado e um queixo um pouco quadrado; algumas vezes usava um cavanhaque que deixava muitas das funcionárias enlouquecidas, de tão sexy que era. Cada piscadela que ele lançava pela manhã vinha acompanhada de um belo sorriso, era um efeito dominó de mulheres desmaiando aos seus pés. Alto, com um metro e oitenta e oito, esbanjava charme por onde passava. Ainda bem que sempre me respeitou e acreditou no meu trabalho como jornalista desde o começo, e eu o admirava por isso. No fundo eu suspeitava que ele gostava de uma moça muito simpática que, às vezes, almoçava comigo: Tatiane Hilbert.

Apesar de ter nascido em Seattle, Elijah construiu sua carreira na cidade onde tudo poderia acontecer: Nova Iorque. E era da mesma forma que eu queria construir a minha. Cutucando e irritando os grandes políticos e empresários, descobrindo seus pobres e jogando tudo o que podia na mídia. Pouco sabia da vida pessoal dele, mas percebia que guardava algo que não queria que os outros soubessem. Seu lado profissional era o que realmente interessava, mesmo sabendo que poderia contar qualquer coisa a ele.

Depois de guardar todo o equipamento com Matt, fui a um café no outro lado da rua, pensando em como minha bunda ficará dormente por passar mais de quatro horas naquela van. Nesse momento ouvi vozes e vi alguns jornalistas amontoados em torno de um político, que de longe não consegui identificar quem era. Se aquele fosse um furo de reportagem, não poderia perder. Peguei meu gravador e o deixei preparado enquanto corria em direção à aglomeração de repórteres.

— *Senhor Fox!* — gritou o repórter ao meu lado, com o braço estendido e um gravador na mão. Aquele era o meu alvo! Sim, Nathan G. Fox, e teria que me partir em mil para poder chegar mais perto dele. — *Poderia nos dar uma explicação sobre a denúncia de envolvimento com a máfia? E a distribuição de drogas em suas boates, como pode explicar isso?* — há dias eu queria uma oportunidade de fazer algumas perguntas a ele, e apesar de não ser uma

entrevista exclusiva, estava tendo uma das poucas oportunidades de chegar perto do homem do momento. Tinha que reconhecer, por ser um belo filho da puta de um senador mentiroso, sabia se esconder e esconder seus podres; ele sabia o que estava fazendo.

Nathan apareceu na capa revista Times várias vezes, em jornais e sites de fofocas, mas pouco se sabia sobre a sua vida pessoal. Tinha sido visto com quase todas as modelos da *Victoria's Secret*, ou seja, ele sabia o que fazia, e sabia esconder muito bem. Não falava com a imprensa se não fosse por extrema necessidade.

— *Fox, o que você tem a dizer sobre a acusação de venda de drogas em suas casas noturnas?* — perguntou outro repórter, quase pisando na cabeça do que estava à frente dele.

Em meio a quase uma dúzia de repórteres e fotógrafos, me joguei entre eles abrindo espaço, mas tentando não manter contato por muito tempo. De alguma forma, sabia que tinha que tentar gravar o máximo possível, mas infelizmente a boca do senador parecia estar colada com a mais potente supercola do mercado. Ele tinha dois armários fazendo sua segurança, dois negros altos, fortes, vestidos com ternos pretos e sapatos brilhosos na mesma cor, e só em olhá-los sentia arrepios.

Nathan, de costas para mim, parecia ser um rei em seu obscuro submundo do crime, era o que poderíamos chamar de homem prodígio no mundo do crime, além de saber esconder muito bem o que fazia. Apesar de várias

denúncias, a polícia nunca achou provas concretas sobre o envolvimento dele com drogas ou com a máfia. Tinha o dom de arrastar a fama de conquistador entre as mulheres. Nunca o havia visto pessoalmente, apenas por fotos e entrevistas que participava como convidado em algum canal de televisão, ou até mesmo dando notas sobre sua candidatura. Um homem muito sexy, com um olhar matador e com o poder em suas mãos. Uma delícia de homem para ser mais exata. Moreno de pele clara, cabelos escuros e ombros largos, quadril um pouco estreito e uma bunda... E que bunda. Do ângulo em que eu estava dava para perceber que era perfeita na calça apertada. O homem podia ser um político safado e bandido, mas, com certeza, era o bandido mais gato que já tinha visto em toda a minha vida. Para mim, no entanto, ele só servia para ser observado à distância.

Existia um tipo certo de homem que me atraía; na beleza, o senador se encaixava em todos os quesitos, mas o fato de ser um bandido o excluía definitivamente da minha lista. Percebendo que poderia perder a oportunidade, me espremi mais um pouco para tentar ficar bem próxima a ele, enquanto uma motorista negra, alta e de traços fortes, abriu a porta do Jaguar XF Luxury preto.

— O gato mordeu a sua língua, senador? — perguntei puxando sua mão e parei por instinto quando senti que havia algo errado.

Uma corrente de calor, misturada a uma energia inexplicável passou por todo o meu corpo e me deixou

paralisada. Como em câmera lenta, alguns repórteres praticamente me atropelaram quando ele parou imediatamente e observou ao seu redor com seus olhos azuis-celestes, mais penetrantes que bala em dia de tiroteio. Larguei a mão dele devido à aglomeração ao nosso redor, e por não conseguir sair do lugar fui jogada ao chão com um empurrão forte dado por algum babaca sem noção.

Paralisada, sem fôlego e no chão, tentando me recuperar daquela sensação, me vi sem saber o que tinha acontecido.

Nathan tinha a força de uma usina nuclear? Não! Ele era mais que isso. Essa era a única resposta que me vinha à cabeça. Isso só acentuou a minha vontade de descobrir mais sobre ele. Descobrir seus poderes. Descobrir mais sobre o homem que ele era.

Capítulo 2



Meus olhos estavam vidrados no Jaguar preto que partia com elegância, enquanto meu corpo débil estava jogado no chão. Sem fôlego e sem nenhuma ideia do que havia acontecido, fiquei com o pouco de orgulho que ainda me restava, e a pergunta que não saía de minha cabeça: *O que tinha acabado de acontecer ali?*

De longe pude ouvir a voz de alguém, mas foi apenas quando senti minha pele queimar por baixo da manga da blusa que voltei ao normal. Matt estava do meu lado. Seus lindos olhos estavam cheios de preocupação, porém nem isso fez com que deixasse de perceber que ele segurava meu braço com um pouco de força, e isso me deixou perdida, mais do que já estava. O toque de sua mão queimava, não apenas queimava minha pele como também provocava arrepios, ou melhor, calafrios. Seu olhar foi direto para uma de minhas mãos; não tinha notado que havia me machucado até o momento em que ele virou o rosto e olhou para o sangue e para a minha pele visivelmente arranhada. Não era grande coisa, mas fiquei muito irritada. *Droga!* Ele tentou chegar mais perto para me dar apoio, para que me levantasse, porém me afastei. Eu suportava toques, mas não por muito tempo, só que naquele momento não queria

ser tocada por ele. Matt era homem, e ser tocada diretamente por um homem novamente me apavorava.

— Liz... — Matt tentou chegar perto de novo, mas não o deixei tocar em mim. Deus sabe o porquê de tudo. — Você precisa cuidar disso...

— Estou bem. — fui o mais convincente que pude. Reuni minhas forças não sei de onde e tentei parecer ainda mais convincente. — Não precisa se preocupar. — olhei minhas mãos, e aos poucos comecei a sentir os aranhões arderem. Fiz uma careta involuntária e Matt revirou os olhos, exasperado. Ele estava realmente irritado com algo, e isso me deixou irritada também.

— Deixa de ser teimosa, Liz. — falou mais firme e nitidamente furioso, mas a voz firme de um homem nunca me fez tremer, a não ser... Não! Não ia ficar pensando naquilo, sabia que aquele pensamento só tinha surgido na minha cabeça por causa das mãos firmes de Matt em meu braço.

Mas o toque de Nathan... Nathan era um homem fora dos meus padrões, da minha vida e da minha forma de enxergar o caráter de um homem. Entretanto, o toque rápido e sem pensar tinha sido o suficiente para me deixar fora do ar. Afastei esse pensamento da minha cabeça e encarei Matt, ainda olhando para mim. *O que será que ele estava esperando?* Tinha certeza que ele estava me olhando de um jeito estranho. Mas não sabia o que era, e isso estava me deixando puta da vida.

— Vamos? — ele levantou a sobrancelha. — Você sabe que temos que lavar isso e fazer um curativo; vou pegar a caixa de primeiros socorros que está no carro.

— Eu sei. — respondi aborrecida. — Não sou burra. Sei que tem a caixa de primeiros socorros lá.

— Entendi! — rebateu quase me engolindo. — É que às vezes parece. — não ia brigar com ele. Fiquei calada, pois sabia que se revidasse começaríamos a discutir feio.

Quase me arrastando segui até o carro, carrancuda. Para ser sincera não tenho muita paciência, na verdade nunca tive, e Matt estava abusando da pouca que eu tinha e do meu limite de sanidade, sendo mais irritante que nunca. Normalmente ele costumava ser direto quando tinha algo errado, e isso não era um bom sinal... *Não estava sendo direto.*

Chegando na van tirou uma pequena maleta branca com uma cruz vermelha no meio da tampa e, olhando para mim, esticou a mão para pegar a minha, mas eu ainda estava evitando seu toque.

— Ora, vamos... — resmungou irritado, revirando os olhos. — Se você não me der a maldita da sua mão como vou fazer o curativo? — olhei para ele procurando algum vestígio de um Matt extrovertido e sarcástico que sempre gostei, mas nada. Apenas seus lindos olhos verdes me encaravam completamente furiosos.

— O que você tem? — perguntei fechando a cara para dele. Matt precisava saber que eu não merecia ser tratada

daquela forma — Ou você fala, ou fica de boca fechada. Por que não vou aturar esse seu estado de *TPM* masculina. — rosnei, me recusando a estender a mão para ele. — E pode deixar, eu mesma faço o curativo. Apenas arranhei a mão.

Se ele pensava que eu ia aturar aquele jeito dele, estava muito enganado. Ele fechou a cara também e saiu de perto, indo para a lateral da van e me deixando fazer o curativo sozinha. Limpei os arranhões, que não eram muito grandes, limpei o sangue e deixei sem cobrir, pois seria dolorido demais tentar retirar uma gaze de cima, depois de seco. Olhei meu trabalho bem-feito e respirei fundo, já que tinha me livrado do toque dele. Eu já tinha esgotado a minha tolerância de toques por um dia. Quando entrei no carro, bati a porta com força para ele ter certeza de que estava com raiva. Pelo espelho lateral do carro pude vê-lo entrar na van pela traseira e fechar a porta. Em pouco tempo estava sentado no banco do motorista e deu a partida, sem olhar para mim. Foi uma viagem de volta silenciosa. Graças a Deus.

Mais de quatro horas depois e um engarrafamento na Avenida Columbus, finalmente chegamos ao meu prédio. Já era noite, pude ver o céu límpido e cheio de estrelas, o tempo estava agradável e um pouco úmido. Não estava satisfeita com o que tinha acontecido, porém consegui uma boa reportagem com a secretária do deputado e arranquei dela mais do que qualquer outro jornalista havia conseguido. A cretina tinha informações que colocaria o

safado em maus lençóis, e no final de tudo, o que ela queria era fama e ganhar muito dinheiro com isso.

Saí da van, batendo a porta novamente com força sem olhar para trás, logo em seguida ouvi a porta do motorista bater também. Matt saiu do carro para se desculpar. Seria o máximo que poderia fazer, se desculpar por ser um completo grosso.

— Liz, espere... — pediu com a voz um pouco hesitante. Parei na mesma hora, girando os calcanhares para ficar frente a ele, arqueando uma sobrancelha.

— O que foi agora? — a rispidez em minha voz o fez murchar um pouco.

— Eu... — suspirou. — Quero pedir desculpa e... — fez uma pausa. — E queria falar outra coisa... Quero mostrar uma coisa a você há dias, mas não tive coragem... — os pelos do meu corpo começaram a se eriçar. Medo? Pânico? Tentei abrir a boca para falar algo, mas não consegui.

Aos poucos se aproximou de mim, não do mesmo jeito preocupado que tinha feito enquanto olhava para meus arranhões. Era de um jeito diferente... Seus olhos estavam mais escuros, e isso não era boa coisa. Senti minha respiração falhar e sumir por um tempo quase indeterminado. Seu corpo estava mais perto do que de costume, e isso me deixava completamente desconfortável.

Sua proximidade era tanta que me fez ficar enjoada, mas não por ele ter mau hálito ou coisa parecida. Era algo

mais. Meu sexto sentido, ou melhor, meu décimo sentido, me dizia que ele iria fazer algo do qual se arrependeria. Sua boca estava entreaberta e seu hálito de hortelã veio direto para o meu nariz. Estava imóvel. Mármore puro em sua frente, até que fez o que não deveria ter feito...

Em um piscar de olhos sua língua estava dentro da minha boca, explorando cada centímetro; sua boca quente, macia, engolindo completamente a minha. Foi angustiante para dizer a verdade. Quando sua mão foi até o alto da minha cintura considerei isso o limite das minhas forças. Com um movimento brusco saí de perto dele e minha mão foi direto no meio de sua cara. Não foi um tapa e sim um soco de direita, abaixo do seu olho, direto na maçã do rosto, quase pegando o queixo e que o fez cambalear. Meus olhos estavam arregalados, sabia que sentia algo, mas ele poderia ter lido os malditos sinais. Não o queria! Não do jeito que ele estava pensando.

— O que você pensa que está fazendo?! — não foi uma pergunta. — Seu idiota! — gritei, sentindo todo o meu corpo reagir ao seu toque indesejado. — Nunca mais encoste a mão em mim! — minha respiração irregular mostrava o quanto estava alterada. Irritada pra cacete.

— Você me deu um soco? — ele alisava freneticamente a maçã do rosto. — Você me socou por causa de um beijo? Um maldito beijo?

— Imagine o que faria com você se demorasse mais um pouco, seu imbecil! — semicerrei os olhos repletos de raiva. — Garanto que suas bolas estariam em minhas mãos

agora, e não seria para fazer carinho nelas. Virei-me e saí com passos firmes.

— Lizzie! — gritou. — Espere... Por favor, me desculpe...

— Você é doente Matt! — levantei o dedo do meio para ele, sem me importar que fosse um gesto vulgar. Sei que isso não era coisa de menina, mas foi um mau hábito que adquiri em um tempo não muito favorável da minha vida, e até gostava de usar esse gesto, principalmente quando a pessoa merecia. E Matt era um que merecia não só um dedo do meio estirado como também uma boa surra. — Vejo você amanhã na redação, e aí de você se encostar de novo em mim. — não foi uma promessa, e sim uma ameaça.

Aprendi a me defender. Não era uma ninja, mas sabia socar como um homem. Não olhei para trás quando levantei o dedo e nem quando dei o aviso. Tudo que queria era ficar no meu canto, isolada por algumas horas e nada mais. Já no apartamento, e com a porta trancada, desmoronei em um choro doloroso. Parecia que mil agulhas estavam perfurando meu corpo, e eu queria que a dor parasse. Não queria que Matt tivesse me beijado. Estávamos bem muito bem apenas como amigos. O gosto da sua boca era bom, mas a tristeza e a angústia dentro de mim eram mais fortes. *Não gostei! Não quero que ele me beije novamente!* É perturbador demais para mim. Nunca mais Matt enfiaria a língua na minha boca daquele jeito, ou de qualquer outro jeito. Arrastando o peso do meu próprio corpo como quem

carrega um elefante nas costas, fui para o banheiro. Tirei a blusa e a coloquei no cesto de roupa suja.

Encarando o espelho vi em meu rosto algumas sardas, o cabelo preso e desarrumado, ombros magros e caídos, a pele um pouco pálida, e percebi o quanto me sentia uma merda. Uma merda por não conseguir deixar um homem me beijar, por não conseguir apreciar o toque de uma mão masculina. Tinha sido privada disso, da possibilidade de ser feliz ao lado de alguém.

Abri a torneira aos prantos, juntei um pouco de água em minhas mãos e joguei sobre meu rosto, tentando afastar as lágrimas que desciam sem parar. Meus olhos ardiam e eu começava a soluçar. Queria ter filhos. Uma família... Um amor, mas para que isso acontecesse, teria que ter um relacionamento saudável. E que homem em sã consciência teria coragem de ficar comigo daquele jeito? E eu, como encontraria alguém, se nem ao menos suportava o toque de um homem por muito tempo?

Merda de vida!

Merda de Lizzie!

Merda de beijo, que estragou o resto da minha noite!

Merda de passado, que não me deixava ser feliz!

Apenas merda!

Capítulo 3



O dia começou bem, o despertador tocou me fazendo acordar, mas minha vontade era manter meu corpo completamente jogado de qualquer jeito na cama e quebrar aquele demônio que tinha um som horroroso. Com meu pijama roxo e o cabelo bagunçado, levantei reunindo forças para me espreguiçar. Eram cinco da manhã, cedo demais para começar o dia, porém Matt e sua atitude me fizeram deitar mais cedo; sem contar as horas de sono perdidas durante a madrugada com os pesadelos que tive.

Estava horrível, e isso incluía meus olhos inchados de tanto chorar. Arrastei-me até o banheiro, coloquei pasta de dente na escova e deixei de lado. Tirei minha roupa e tomei um banho rápido, mas libertador. Quando saí do chuveiro fui escovar os dentes, olhando com atenção meus olhos irritados e inchados da noite perturbada de sono que tive. Como olharia para Matt agora, depois do que ele fez? Tentei apagar a lembrança do beijo, mas ela persistia em aparecer quando fechava os olhos.

Ainda enrolada na toalha segui para o closet, peguei minha blusa de manga comprida cinza, minha calça preta e deixei em cima da cama. Estava sem a menor vontade de ir trabalhar, fui até a cozinha e coloquei a cafeteira para

funcionar. Café é meu vício, mas não qualquer café. Tinha que ser forte, e quanto mais amargo melhor; fazia-me lembrar da minha vida.

Amarga!

Ainda na cozinha, olhei para o maldito sofá velho e lembrei que tinha prometido trocá-lo assim que voltasse de Washington. Anotei mentalmente e era isso que faria no horário de almoço, caso não tivesse nenhuma reunião. Deixei a cozinha e fui me vestir, sequei o cabelo e o preendi em um rabo-de-cavalo. Tirei o estojo de maquiagem da gaveta da pia do banheiro e passei um pouco de base no rosto, para tentar esconder minha cara de defunto. Terminei a maquiagem e imaginei o que os outros fariam, já que quase nunca apareço maquiada no trabalho. Só que, desta vez, era necessário. Coloquei meu brinco de argola pequeno, com a ideia de ser a única coisa que usaria em minhas orelhas pelo resto da semana. Afastei-me um pouco e me vi no espelho, ficando satisfeita com meu visual um pouco mais arrumado.

Depois que terminei de tomar meu café conferi todas as portas antes de sair. Mania? Transtorno obsessivo-compulsivo? Maluquice? Não sei, mas repetia esse ritual em todas as vezes que saía; precisava olhar todas as fechaduras da casa, até a mais insignificante.

Eram quase sete da manhã quando desci para a garagem. Meu carro não era um modelo do ano, mas salvava minha pele desde que comecei a trabalhar no The Poster. Era um lindo Ford Escort Station Wagon dos anos

noventa; quebrava mais que um galho, desmatava uma floresta inteira em minha vida.

Em frente ao enorme prédio do The Poster, parei no estacionamento, já imaginando como encararia Matt. Não me preocupava como seria meu lado profissional perto dele, mas sim o lado da nossa amizade, que definitivamente tinha sido abalada por aquele beijo, que mais me provocou arrepios horrendos do que prazer em sentir sua língua dentro da minha boca.

— Você está bem? — perguntou Tatiane, secretária de Elijah Aiden Hunter, assim que apareci. Tati tinha um rosto angelical e redondo, suas bochechas eram rosadas e deixavam seus olhos verdes ainda mais em evidência, sua pele branquinha se destacava em seu uniforme preto, que por sinal lhe caía muito bem. Ela era o tipo de pessoa com quem eu sairia se não fosse travada para convidar as pessoas.

— Mau... — suspirei pegando os documentos que ela me entregava. — Meu dia vai ser uma merda... — ela me olhou com expectativa, mas não tínhamos intimidade para falar sobre o que acontecera noite passada. Ou teríamos?

— Quer falar sobre isso? — ela sempre fazia essa pergunta quando eu chegava de cara fechada no trabalho.

— Na hora do almoço eu falo. — percebi sua surpresa por me ouvir dizer aquilo. Sempre que perguntava se queria falar sobre algo a resposta era a mesma: *Depois eu falo!* Mas nunca chegava realmente a comentar o que se passava na minha cabeça.

— Aproveite! — seu tom foi de alerta. — Seu dia pode melhorar, pense positivo. — piscou o olho quando Elijah abriu a porta e me olhou sério. *Fiz algo errado?* Suas sobrancelhas estavam unidas e sua boca tinha formado uma linha rígida assim que me viu. Percebi que era algo sério demais. Ele raramente fazia aquela carranca, mas quando fazia, era problema à vista.

— Você pode, por favor, entrar na minha sala? — ele não parecia exasperado, mas seu tom de voz não foi dos melhores. — Pedi explicitamente para Matt avisar a você para não se atrasar... — fez uma pausa e continuou: — E onde diabos ele está a essa hora? — Matt estava atrasado e deixou de me dar o recado do chefe. Minha raiva só aumentava.

— Me desculpe, senhor Hunter. — tentei manter o tom mais sereno que pude. — Mas Matt não me avisou que era para chegar mais cedo. Se ele tivesse me informado, estaria aqui no horário programado.

— Ah... — seu tom era de surpresa — Tudo bem. Não vou ficar estressado hoje. Não com o que tenho a dizer. — disse relaxando um pouco mais. — Não ligue para meu ataque, hoje está sendo um dia daqueles. — lembrei de que ele só gritava comigo quando tinha matéria boa e ele não concordava com alguns pontos dela; isso me deixou esperançosa, já que sempre era uma briga a respeito de quem iria cobrir qual matéria.

— Senhor Hunter... — falou Tatiane. — O senhor gostaria que eu ligasse para o senhor Brown? Seria uma

boa ideia saber se ele já está a caminho. — sugeriu com sua carinha de anjo. *Sempre prestativa!*

— Claro... — sorriu com carinho para ela. Sempre achei que Tatiane tivesse uma queda pelo sorriso de Elijah, assim como noventa e nove por cento das mulheres do jornal, mas não havia notado, até aquele momento, que ele também tinha uma queda pelo sorriso dela. — E obrigado! — ela corou imediatamente.

Elijah abriu a porta para que eu entrasse em sua sala. Havia painéis espalhados no canto direito e alguns *stands boards* espalhados no lado esquerdo. A parede em frente à porta era composta por uma janela de vidro que ia do teto ao chão. Sua sala tinha um ar profissional intocável e muito organizado. Em seus quarenta anos, ele era respeitado por todos, o que levava qualquer pessoa a aguentar seus dias de mau humor sem que sua credibilidade fosse abalada. Os olhos castanhos claros e cativantes faziam um conjunto perfeito para seu rosto alongado e o queixo levemente quadrado; meu carinho e respeito por ele aumentava a cada dia, pois o considerava quase como um pai.

Quando sentou em sua cadeira, esperei pacientemente, pois sabia que ele não falaria nada sem a presença de Matt. Olhando para o lado, percebi que havia uma foto do Elijah com o senador Nathan em sua pose habitual. Braços cruzados de um jeito firme, poderoso, imponente... E um olhar desafiador. Ele usava um terno fino de ótimo corte, que deixava seus músculos quase estrangulados sob o tecido. Seus olhos azuis-celestes

praticamente miravam em minha direção, mesmo sabendo que nada daquilo era verdade, afinal, não estava olhando para mim, era apenas uma foto.

Seu cabelo muito bem penteado e seus lábios, que formavam um sorriso quase malicioso e ligeiramente repuxado para cima, o deixavam ainda mais gostoso naquele terno. *Por que homem de terno é outro nível!* Olhei mais para baixo no *stand board* com sua foto e li o que estava escrito: *Conheça o homem do momento: Nathan G. Fox.* Pisquei algumas vezes para ter certeza de que tínhamos conseguido uma matéria com aquele homem, e quando voltei a olhar para frente, Elijah me fitava com expectativa. Ainda bem que ele não tinha como ler minha mente, senão as coisas ficariam completamente estranhas. A sensação do toque das nossas mãos, mesmo tendo sido rápido, ainda me perturbava mais do que o beijo de Matt, que naquele momento entrou na sala com uma expressão de quem tinha comido algo azedo.

Sem olhar para mim, se sentou na cadeira ao lado da minha. Pude ver que o lado do seu rosto estava um pouco roxo, mas não consegui sentir nenhum tipo de piedade por ele. Mais um pouco e o teria matado na noite passada.

— Bom... — começou Elijah olhando para o rosto de Matt com curiosidade. — Espero que o cara que fez isso em seu rosto esteja pior... — quase soltei uma risada, mas disfarcei muito bem e olhei de canto, para prestar atenção na reação que as palavras de Elijah tiveram nele.

— Infelizmente não, senhor. — sua voz era firme. Muito mais firme do que estava acostumada a ouvir. — Não deu para fazer o mesmo, o cara era mais forte do que eu. — olhou para mim, e se Elijah não estivesse nos observando, teria mostrado o dedo novamente para ele.

— Coloque gelo nisso, ou ficará um roxo esverdeado em pouco tempo. — o tom do nosso chefe era divertido. Acho que percebeu algo, mas não quis comentar e tornar aquilo algo sério, mas para mim, foi algo muito sério. Eles apenas não sabiam disso. — Mas não foi por isso que chamei vocês para essa reunião. — falou Elijah, juntando as mãos enquanto se apoiava nos cotovelos sobre a mesa.

— Já posso ter uma ideia... — resmunguei olhando para a foto no *stand* do lado esquerdo. O que fez Matt olhar também.

— Quero vocês nesta matéria. Mas aviso, não vai ser uma investigação... — disse olhando para mim. Ele sabia que entre todos naquele jornal era eu quem queria pisar no calo de Nathan. O grande senador Nathan G. Fox. — Vai ser algo diferente. — acrescentou. — O jornal anda passando por alguns apertos e faremos uma entrevista sobre ele, já que receberemos sua ajuda direta a partir de agora. É como se fosse uma exclusiva, que pretendo deixar em *off* dentro do jornal por algum tempo, até que a matéria esteja concluída. — não sabia o que era pior: o beijo de Matt com sua língua dentro da minha garganta, ou aquela notícia.

Meu rosto estava queimando de raiva. O que diabos ele faria dentro de um jornal? O que ele entendia sobre o assunto e sobre o trabalho que fazíamos ali? O homem cuja vida se resumia a ser incrivelmente falado nas mídias por ser o senador galã e ser investigado pela polícia com frequência, sem contar a sua vida amorosa que aparecia nos tabloides constantemente, a cada cinco minutos. Que diabos ele faria ali, naquele jornal?

— Isso é brincadeira? — questionei em um sorriso debochado. — Porque você só pode estar brincando comigo! — me levantei irritada pressionando as têmporas com força, na tentativa vã de espalhar a tensão que se formava naquele local.

— Na realidade — começou Elijah em seu tom calmo, que me deixava ainda mais irritada. — Não estou. — respondeu simplesmente. — E você irá entrevistá-lo. — arqueou as sobrancelhas para me confrontar, caso eu tivesse a ousadia de reclamar.

Sabia que jamais teria coragem de levantar minha voz para ele, mas aquela situação não me deixava nem um pouco confortável. Bom, ele era meu chefe e tinha que acatar suas ordens, mesmo sabendo que não gostava de cobrir matérias daquele tipo, que gostava de investigar, mas... *Chefe é chefe!*

— O que você tem? — perguntou Matt, e minha vontade foi de mandá-lo tomar naquele canto não de maneira educada, e sim com um: *“Matt meu querido, você poderia ir tomar no seu orifício circular traseiro? Obrigada”*.

Ao invés disso, fechei a cara para ele e olhei para Elijah, que se sentou ao meu lado, na ponta de sua mesa.

— Você não ouviu que o jornal precisa de uma força? — perguntou.

— Matt... — minha voz saiu mais como uma ameaça — Fique na sua... — sabia que estava tão irritado quanto eu, mas não estava nem aí para ele. Queria que fosse se foder. Estava irritada, e não esconderia isso de ninguém.

— Preste atenção, Lizzie... — começou Elijah novamente, com seu tom calmo, olhando para mim. — Se não fosse preciso, não pediria a você que se prestasse a esse papel. — senti sinceridade em sua voz. — Mas, você é a única neste jornal que conhece realmente a vida dele...

— Certo! — falei irritada, quando pensei no que realmente estava em jogo. O jornal era a vida de Elijah e se ele estava se submetendo a isso, era porque não queria perder tudo aquilo pelo que trabalhou a vida toda. — Faço essa maldita entrevista. — seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Como? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

— Vocês não escutaram da primeira vez? — perguntei irritada. — Vou ter que repetir? Porque aí já é sacanagem comigo. — o sarcasmo em minha voz era evidente. — Quando? E a que horas ele estará aqui?

— Ele não virá até o jornal... — informou Elijah me olhando, pronunciando lentamente as palavras. — Você que vai até ele, em uma de suas boates...

— Jesus! Era só o que me faltava! — não me via dentro de nenhum inferno daqueles, e muito menos fazendo uma entrevista naquele lugar sujo. — Você vai me pedir mais o quê? — deixei que ele percebesse minha maldade na pergunta.

— Isso você faz se quiser. — rebateu Elijah e percebi que Matt se divertia com a minha cara quando ele falou isso. — A vida sexual dos meus funcionários é de única e exclusiva responsabilidade deles.

— Matt... — advertiu Elijah, quando percebeu que ele estava se divertindo com tudo aquilo. — Você vai dar suporte a ela, mas apenas no final. *Dead Line*.

— Tudo bem, senhor. — ainda tinha vestígios de diversão em sua voz, quando respondeu.

— Quando? — interrompi. — Quando será?

— Amanhã à noite. — de repente algo ruim me passou pela cabeça. O que vestiria? Sapatos? Cabelo? Maquiagem? E por que estava pensando naquilo com angústia nas veias? Afinal, era apenas uma entrevista e nada mais. — Como sei de seu salário apertado... — começou Elijah. — Vou lhe dar meu cartão da empresa, com uma lista de lojas que irão recebê-la. — ele me cederia o seu cartão? Não tinha coragem de me vingar de Elijah torrando o seu cartão, mesmo que ele merecesse.

— Finalmente ela vai usar algo que não seja da cor bege, marrom, cinza e de mangas compridas... — debochou Matt.

— Não preciso de ajuda com isso... — quando falei, Elijah me interrompeu levantando a mão.

— Na verdade, — acrescentou. — Tatiane vai com você. — meu queixo caiu com o que ele disse. — Ela entende de algo que mulheres devem fazer juntas.

— Você pediu para Tatiane me ajudar? — fiquei comovida com seu gesto. — Obrigada! — cedi por fim.

O final da manhã foi um inferno. Tive que elaborar várias perguntas e, quando chegou a hora do almoço, estava pontualmente esperando Tatiane para combinar o que faríamos. Por isso tive que desistir da ideia inicial que formulei: puxá-la para comprar um sofá novo para minha sala, já que o meu estava completamente um lixo. No final das contas, Elijah me liberaria no período da tarde do dia seguinte, assim teria tempo suficiente para comprar alguma coisa maravilhosa para vestir, e apesar da minha relutância, algo dentro de mim se retorcia de ansiedade. Borboletas dançando dentro do meu estômago me deixavam ainda mais nervosa. Estaria frente a frente com Nathan G. Fox. E desta vez ele não iria escapar das minhas perguntas...

Isso era o que eu pensava!

Capítulo 4



Quando estávamos saindo do trabalho, eu e Tatiane adicionamos nossos números nos celulares uma da outra e então segui para meu tão esperando descanso. *E se Nathan tocasse em mim?* A primeira vez que toquei em sua mão, por impulso, uma sensação desconhecida percorreu todo meu corpo, me deixando completamente atordoada e sem chão. Foi algo estranho e que não me deixava pensar direito. Algo tão forte que comecei a pensar que havia gostado da sensação que o toque dele proporcionou. Seria impossível aquilo acontecer, tentei uma vez e foi um completo desastre. Quando estava na universidade, achei que daria conta de chegar perto de Roland Miller, mas não consegui. Foi uma das piores sensações da minha vida.

Não jantei naquela noite. Não conseguia engolir nada, pensava apenas na entrevista e em como seria finalmente conhecer Nathan G. Fox.

Mais um dia começou e minha vontade de levantar da cama era incrível. Estranhei esse impulso de querer levantar cedo e tomar um belo banho.

Depois do banho, preparei o café e fui me vestir. Escolhi uma blusa marrom de mangas longas, calça preta e sapatos pretos... *Como sempre!* Assim que sequei os

cabelos decidi que ficariam soltos. Meu rosto parecia até mais corado e vivo naquele dia. Depois de passar maquiagem, fui tomar meu café puro e forte, e, enquanto o apreciava, meu celular vibrou. Olhei para o visor e vi uma mensagem de Tatiane.

“Pronta? Estou esperando você para as compras. O dia vai ser perfeito!”.

Respondi imediatamente:

“Ainda bem que tenho você para ir comigo. Não sei o que faria se Elijah não a tivesse liberado...”.

Sua resposta foi quase instantânea:

“Vamos garota! Deixe de papo e tire essa sua bunda de onde quer que você esteja e venha. :) ”

Sem questionar finalizei a conversa.

“Você que manda”.

Sorri ao digitar essas últimas palavras. Não éramos amigas de infância, e mesmo sendo uma tapada para fazer amizade, senti que seríamos mais do que amigas, seríamos irmãs.

Peguei minha bolsa para sair, fechei a porta e resolvi descer pelas escadas. Parei assim que vi a van parada na frente do prédio. Matt estava escorado nela, com os braços cruzados e um enorme sorriso estampando no rosto, o que me fez murchar.

Merda!

— O que você está fazendo aqui? — perguntei ríspida.

— Bom... — ele se afastou da van, e veio em minha direção. — Hoje serei seu motorista. — seu sorriso se ampliou ainda mais. Filho da mãe... Minha vontade era de socar a cara dele novamente, até que todos os seus dentes caíssem como caquinhos de vidro no chão. O arrepio, que antes era quase imperceptível, voltou com força total. A lembrança dele me beijando provocou ânsia de vômito. Sei muito bem que ele não tinha como saber o que estava acontecendo comigo, ou sobre meu passado, mas não contaria nada para ele.

— Não! — o olhei firme. — Muito obrigada! — Fechei a cara e comecei a andar em direção ao meu carro.

— Você quer que eu vá até aí e pegue você nos braços? — parei no mesmo momento. Só a ideia dele tocando qualquer parte do meu corpo já me deixava apavorada — Foi o que pensei... — escutei a porta do carro sendo aberta, e me virei lentamente para andar em sua direção.

— Sem papo furado, Matt — alertei quando sentei no banco do passageiro e ele deu a partida.

— Liz, precisamos conversar — suspirou olhando para mim — não faz isso comigo, agora que sabe que gosto de você...

— Não quero falar sobre isso, Matt — falei firme. Não seria saudável continuar aquela conversa, nem para mim e nem para ele. — Você já fodeu a nossa amizade, e a última coisa que quero é um relacionamento...

— Você é lésbica? — um choque percorreu meu corpo e senti o sangue ferver de raiva. — Se você não quer nada comigo, é óbvio que só pode ser lésbica. Sou um cara até bonito, falo bem, e posso ser maravilhoso em outros quesitos...

— Ai meu Deus! — gritei de maneira debochada, arregalando os olhos. — Eu? Chegada em uns peitinhos durinhos... e em uma boceta succulenta... Hum... — pisquei o olho de modo exagerado — Você descobriu isso agora? Ou precisou de ajuda? — perguntei, percebendo o choque em seu rosto. — Você se acha muito irresistível, não é?

— Por Cristo, Liz! — seu tom era exasperado — Só quero entender o motivo pelo qual você não quer nada comigo... — *com você e com nenhum homem, pensei.*

— Matt — precisava explicar que entre nós não poderia existir nada. — Gosto de você, mas não para ter um relacionamento emocional... apenas como amigo... — tentei parecer relaxada, quando escutei ele suspirar e falar:

— Não tenho nenhuma chance, não é? — perguntou baixando a cabeça e segurando o volante com força.

— Não sou namorável, Matt — sussurrei — Não sirvo para você. Não sirvo para ninguém.

— Tudo bem! — levantou a cabeça e não olhou mais para mim, somente para frente. — Não vou insistir mais. Mas, estou aqui e posso esperar por você. — não falei nada com relação a ele esperar. Já tinha dito que não era namorável e deixado claro que não servia para ele.

O percurso até a loja onde Tatiane me esperava foi um inferno, um silêncio perturbador e desconfortável se espalhou no carro. Não pude mentir para ele; não estava pronta para namorar, ou talvez nunca estivesse pronta para deixar isso acontecer na minha vida. Definitivamente, aquele não era o momento. Não com Matt!

— Pronta para as compras?! — gritou Tatiane em euforia. Seus cabelos louros e compridos formavam cachos nas pontas. Ela tinha um laço preso no cabelo, o que lhe dava um ar mais infantil e divertido, usava um vestido verde escuro — que combinava com seus lindos olhos — acima dos joelhos, com as mangas até o cotovelo e marcado na cintura, deixando-a parecida com uma boneca de edições especiais, com suas formas mais robustas. Matt saiu do carro e ela o observou, sem entender o motivo da cara fechada que fazia — Oi Matt!

— Oi Tati! — respondeu sem gosto. — Hoje serei a babá de vocês. — tentou abrir um sorriso, mas deu para perceber que foi forçado.

— Ótimo! Mais um para ajudar a escolher as roupas. — ela disse com sinceridade e com seu sorriso de boneca.

— É sério, Matt, você não precisa fazer isso... — falei olhando para ele.

— Não estou fazendo isso de graça — me lançou um olhar frio. Uma hora estava falando de seus sentimentos por mim, e em outra me olhando daquela maneira. Apesar de ter dado um fora nele, fui o mais honesta possível e merecia

ser bem tratada por isso. — E estou sendo muito bem pago — sua voz rude não me abalou.

— Que seja então! — falei e saí pisando duro; entrei na loja e o deixei do lado de fora. Senti a presença de Tatiane ao meu lado.

— O que ele tem?

— Está com raiva — precisava desabafar com alguém.

— Olha Liz, se você não quiser falar sobre isso, vou entender...

— Não, tudo bem — falei olhando um lindo vestido vermelho com brilhos nas pontas. — Uma hora eu tinha que falar com alguém sobre isso...

— Pode confiar em mim — assentiu e sorriu para mim. Minha vontade foi apertar as bochechas rosadas dela, de tão fofas que eram — Minha boca é um túmulo.

— Matt e eu... — fiz uma pausa. Ela arregalou os olhos e levou a mão até a boca, sua expressão era de incredulidade.

— Vocês dormi-mi-ram — gaguejou — Quer dizer... — olhou nervosa para os lados até ver Matt distraído ao telefone e depois sussurrou — Vocês fizeram sexo?

— Não! — falei mais alto do que deveria, chamando a atenção de algumas pessoas — Por Deus, não! — balancei a cabeça negando fervorosamente — É claro que não.

— Então o que foi? — perguntou curiosa.

— Ele me beijou à força quando voltamos de Washington. — baixei a cabeça — E eu soquei a cara dele.

— quando olhei para ela, Tatiane me olhava de boca aberta, quase paralisada.

— Foi você que deixou o olho dele roxo? — perguntou se recuperando da informação.

— Sim!

— Agora posso entender o motivo do mau humor dele — gargalhou colocando as mãos na boca, tentando abafar o som da risada. — Mas, por que você não quer ter nada com ele? Matt até que é gato. — deu de ombros.

— Não daria certo — olhei para ele, ainda ao telefone. De repente nossos olhos se encontraram e senti um frio na espinha por ser pega no flagra, um arrepio percorreu meu corpo. — Como disse a Matt, não sou namorável.

— Namorável não tem no dicionário... — debochou.

— Se não tinha, sou a descrição certa para essa nova palavra!

Percebendo meu estado de espírito, ela disse:

— Vamos deixar isso para outra hora, agora você tem que se preparar para a grande entrevista com Nathan Fox — bastou pronunciar o nome dele para meu corpo amolecer. — Esse vestido ficará lindo, ótima escolha!

— A grande entrevista... — resmunguei quase choramingando. Peguei o vestido e fui em direção aos sapatos.

Fiquei impressionada com o valor absurdo do vestido, assim como dos sapatos e brincos, jamais teria como pagar

todas as coisas que comprei. Depois de arrumar o cabelo, fazer a maquiagem e me olhar no espelho, quase caí dura no chão. Não era a Liz que habitualmente estava acostumada a ver, não a Liz que usava sempre blusas de mangas compridas e de cores escuras, que sempre usava calças quase masculinas, cabelos presos e pouca maquiagem. Ali estava uma Liz completamente diferente, cabelos soltos em um corte que favorecia meu rosto um pouco quadrado e cheio de sardas, que estavam escondidas por baixo da camada de base que a maquiadora passou. Meus braços estavam expostos pelo vestido sem alças, deixando o branco da minha pele ainda mais em evidência. Nunca pensei que eu era um ser tão branco, na verdade nunca parei para me observar direito no espelho. Mas, com aquele vestido, eu estava parecendo uma estrela de cinema, e não é por nada não, estava mais bonita que algumas atrizes de Hollywood. As curvas do meu corpo ficaram ainda mais em evidência e minha perna exposta até o meio da coxa, devido a uma abertura lateral do vestido.

O salto vermelho era mais alto do que eu costumava usar, minhas unhas estavam pintadas em vermelho que, segundo a manicure, era em homenagem ao meu cabelo ruivo e ao belo salto que adquiri com o cartão de débito do patrão. Já que tinha que ir a essa entrevista descabida, pelo menos me vinguei do meu chefe, torrando seu cartão!

— Você é alguma estrela de Hollywood? — perguntou Tatiane divertida.

— Quem me dera! — respondi ainda assombrada pela visão em frente ao espelho. — Ainda não estou acreditando... — passei a mão da cintura até o quadril, admirando o caimento do vestido em meu corpo. Agora era só não deixar ninguém – do sexo masculino – passar a mão em mim, assim meus monstros internos não sairiam para me assombrar.

— Diva! — falou chamando minha atenção. — Não querendo estragar esse seu momento patinho feio se transformando em cisne, mas está na hora de ir... — momento cisne me fez rir. Estava realmente gostando de ter uma amiga como Tatiane.

Ainda vacilante, por não estar habituada a andar com saltos tão altos, segui para o lado de fora, onde Matt me esperava olhando a tela do celular. Quando ergueu a cabeça, deixou o queixo, a cabeça e o celular caírem no chão. Foi desconfortável ver o modo como ele me olhou; seus olhos verdes assumiram um tom mais acinzentado, e com um brilho que me fez ficar com os pelos eriçados. Ele era alto, mas com aquele olhar de predador, parecia bem maior.

— Podemos ir. — disse quando parei em sua frente.

— Liz! — sua voz saiu rouca. — Você está linda...

— Obrigada! — suspirei profundamente. Não queria que ficasse me olhando com cara de cachorro molhado em dia de furacão, e nem com olhar de quem queria arrancar minha roupa. — Agora podemos ir...?

— Boa sorte, Liz! — desejou Tatiane me abraçando. — Acabe com ele! — piscou para mim com malícia; não acredito que ela estava fazendo isso comigo e soltei um sorriso divertido.

— Obrigada! — falei com franqueza.

— Depois vamos combinar para ir comprar o sofá — brincou, pois durante nossas compras comentei que precisava de sua ajuda para escolher um sofá novo.

— Com toda certeza! — falei entrando no carro.

Faltava apenas uma hora para chegar à boate de Nathan, e finalmente conhecê-lo pessoalmente.

Capítulo 5



O som abafado de música que vinha da boate já dava uma ideia do que encontraria lá dentro. Matt estacionou para que eu saísse e nem olhou para mim, virou o rosto para o lado de fora. Não me sentia mal por não gostar dele de outra forma, me sentia mal por não conseguir dar um passo adiante e encontrar uma pessoa que fizesse eu me sentir plenamente amada. Ele era apaixonado por mim e eu não poderia retribuir isso.

Coloquei o gravador na bolsa, junto com o bloco de notas e a caneta, e verifiquei se o celular estava no silencioso. Ao fazer isso percebi que havia uma mensagem da Tati, mas deixei para ler depois; resolvi olhar para o lado de fora, para onde Matt olhava, e vi a enorme fila que estava formada para entrar na boate. Um galpão de aparência antiga, pintura desgastada, com letras fortes e pretas onde se lia “Heated Fox”. *Sério? Será que aquele nome era para inflar o ego dele? Ridículo!*

A noite quente e um pouco úmida demonstrava que poderia chover, mas ainda sim o clima estava agradável. Muitas mulheres estavam vestidas em tubinhos pretos bem curtos e salto alto, outras usavam saias brilhosas e blusas escandalosamente decotadas. Eu estava definitivamente

com muito tecido no corpo, comparado com aquelas mulheres sensuais e de curvas perfeitas. Agradei por não usar minhas blusas de mangas compridas de cores escuras naquele momento. Dei mais uma olhada na nova Liz no vidro do carro, que voltaria para sua casquinha da invisibilidade quando saísse daquela entrevista. Passei mais um pouco de batom, de forma uniforme e precisa. Batom vermelho, assim como o salto e as unhas; vermelho quase vinho, que destacava ainda mais minha pele branca. Com meus ombros expostos, seios de tamanho tal que nunca haveria de reclamar e cabelos em um caimento perfeito que mostravam o tom de cobre avermelhado da minha herança genética, passei a alça da bolsa no ombro e resolvi encarar o que me aguardava.

— Você vai ficar aqui me esperando? — perguntei e Matt finalmente virou para olhar para mim. — Quer dizer, se você quiser, é claro!

— Não é só o que faço? — o ceticismo em sua voz me fez endurecer. — Esperar você? — seu rosto tinha uma linha rígida.

— Vá para o inferno! — gritei — Matt, você tem que parar com isso. — joguei as mãos para o alto, irritada — Não posso namorar você, ou ter nada com você... Droga! Você é meu amigo... Ou era.

— Você está linda... — sussurrou se aproximando. Meu corpo todo ficou em alerta. *Droga!... Merda... Ele não vai me beijar... Ou vai?* Não! Ele se inclinou mais um pouco e meus olhos se arregalaram com a possibilidade de ser

beijada novamente por ele. Já estava de punhos cerrados, pronta para quebrar todos os dentes dele, se tentasse algo. A proximidade... o cheiro... a lembrança do beijo... Eca!

Para minha surpresa ele parou, vasculhou algo na parte de trás do banco e tirou uma linda bolsa de mão, preta com detalhes brilhosos em vermelho espalhados aleatoriamente. Fiquei sem ar, não por achar a bolsa perfeita, mas pelo fato de não ter que dar um soco na cara dele novamente. Então suspirei de puro alívio.

— Como estava dizendo — continuou com expressão séria. — Você está linda, mas definitivamente não vai entrar com essa sua bolsa de carteiro na boate. — esticou o braço para entregar a bolsa. — É um presente meu e, quanto a nossa amizade, — sua voz era firme — não se preocupe, vou tentar não confundir o que sinto por você. Mas não me olhe como se as coisas voltassem a ser como antes. Não depois de beijar você e sentir o quanto sua boca é gostosa e doce. — fiquei sem reação, perplexa, para ser mais exata — E logo depois saber que a sua mão é mais doce que seu beijo...

— Matt! — murchei — Já disse que não sou...

— Namorável! — me interrompeu completando a frase — Agora ande, e quando sair me ligue que volto para pegar você. — pude sentir o carinho que tinha por mim, mas não estava pronta. *Não queria ele!* Não queria namorar ninguém, não queria ninguém me tocando de forma íntima e profunda. Tirei os pertences da minha bolsa e coloquei na

bolsa de mão, ficando surpresa com o fato de caber tudo dentro dela.

Na fila, senti os olhos de todos sobre mim quando segui direto para entrada, onde havia dois seguranças enormes, vestidos em ternos estilo *MIB* (Homens de Preto). A recepcionista negra, de cabelos cacheados em seu *black power* perfeito, com um vestido branco e botas de cano longo na mesma cor do vestido que me fez lembrar os anos setenta. Sua boca era marcada com um batom rosa escuro, seus cílios longos repletos de rímel, seu rosto alongado e com uma expressão de estresse puro, misturado à irritação.

— Ruiva, o final é bem ali! — falou irritada e apontou com a caneta na direção da fila.

— Desculpe, mas meu nome deve constar na lista. — ela me olhou tentando lembrar se alguma vez já tinha me visto ali e arqueou a sobrancelha sem paciência — Lizzie. Lizzie Radzimierski. — disse meu nome e vi claramente que olhou mais um pouco para mim, e em seguida para a lista.

— Definitivamente você não é a mesma da foto que me forneceram — ela tirou uma foto da prancheta e virou para que eu pudesse olhar. Realmente, quase não existia nenhum traço meu naquela foto. Não da Liz que acordou pronta para encarar um dos mais importantes homens de Nova Iorque. A única semelhança era a cor do cabelo, um cobre avermelhado. Sabia que minhas sardas ainda estavam em meu rosto e que de alguma forma não havia mudado por dentro. — Bom, senhorita Radzimierski, pode entrar. Kelsy, a nossa atendente, vai levar você para a sala

privativa do Senhor Fox. — quando um dos seguranças retirou a corda de acesso para que eu entrasse, escutei vaia e pessoas reclamando e xingando.

Fiquei boquiaberta com a boate: espaçosa, com a decoração parecendo um teatro, na parte de cima ficavam os camarotes e no meio havia uma pista de dança. O piso era cinza-chumbo, assim como boa parte das paredes; no teto havia um lustre enorme de cristais, que mudava de cor: azul, vermelho e verde, e vibrava com as batidas das músicas que tocavam. Ao redor da pista ficavam alguns sofás de braços e mesas redondas decoradas com lanternas em formato de cilindro. Se eu contasse para alguém, ninguém acreditaria que uma mulher desceu do teto em um tecido preto, fazendo manobras; ela deslizava pelo tecido com facilidade, enquanto todos estavam dançando como loucos na pista de dança. Foi sensual, mas sinceramente muito perigoso. O clima era agradável, mas não deixava de ser quente, o clássico contrastando com o moderno, gritando com o diferente. Era assim que poderia descrever o local. Quando parei de observar e ficar deslumbrada, uma morena alta de cabelos pretos curtos estava sorrindo para mim. Ela tinha o rosto um pouco triangular, olhos brilhantes e arrebatadores, formas firmes e bem definidas, com certeza fazia muito sucesso com os homens.

— Senhorita Radzimierski! — sua voz era doce e educada. — Me acompanhe até a sala privativa do Senhor Fox — estendeu a mão para que a seguisse por uma

escada em espiral de madeira. Como suspeitava, a parte de cima era como os camarotes de um teatro, diferenciando-se apenas pelas mesas e cadeiras, que eram do mesmo estilo das do andar de baixo. Quando chegamos ao final de um corredor, ela abriu a porta e assentiu para que eu entrasse.

— O Senhor Fox irá atendê-la em dez minutos. — disse sorrindo e prosseguiu — Como cortesia, o garçom trará o melhor vinho, de uma safra escolhida pelo próprio senhor Fox. — antes que eu protestasse que não beberia, já que não estava ali por diversão e sim por trabalho, ela deu meia-volta e saiu da sala, me deixando sozinha naquele lugar.

A sala tinha o som abafado, e pude notar a riqueza de detalhes: o papel de parede vermelho, quase na mesma cor do meu batom, várias fotos de pessoas famosas que frequentavam aquele local em porta-retratos dispostos harmoniosamente nas paredes e um par de sofás, exatamente da mesma cor dos do salão. Ao lado ficava um bar, mas não havia bebidas nele e atrás do bar um espelho enorme, que ia de uma parede à outra, que refletia não só o bar, mas quase toda a sala. A parede da frente era toda em vidro, na qual dava claramente para ver as pessoas na pista de dança. Tinha também uma réplica da estátua de David – Michelangelo – em uma bancada no lado esquerdo. *Coitada da estátua, quase não tinha um...* Fui interrompida pela entrada do garçom segurando uma bandeja contendo duas taças e uma garrafa de vinho; fiquei um pouco sem graça por ser flagrada olhando o pau da estátua, mas ele pareceu

não se importar. Colocou as taças na mesa junto da garrafa aparentemente aberta.

— Eu não... — quando me virei já estava sozinha. *De novo!* O que eles comiam naquele lugar para serem tão rápidos?

Sentei-me no sofá e esperei. Havia se passado mais de dez minutos e nada. Meu sangue estava fervendo de raiva, mas o frio em minha barriga só aumentava. A ansiedade estava crescendo de um jeito anormal dentro de mim. Será que teria a mesma reação de quando toquei sua mão? Não. Estava aqui para fazer uma entrevista ridícula, na qual estava passando por cima da minha vontade de xeretar o lado mais obscuro da vida daquele homem, e ele estava me dando um belo chá de cadeira. Tirei o gravador, o bloco de notas e a caneta e deixei-os em cima da mesa, próximos ao vinho e às taças.

Paciência nunca foi um dom que cultivei ao longo da minha vida, e Nathan já estava passando dos limites. Levantei-me e fui até a enorme janela de vidro e fiquei observando as pessoas perdidas em suas danças cheias de toques, amassos e abraços. Passei as mãos em meus braços, querendo poder ser tocada como as mulheres que estavam sorrindo ao lado de seus parceiros. Aquilo era frustrante demais.

— Se quiser podemos descer e dançar. — meu coração disparou, aquela voz rouca e grossa passou por meu sistema nervoso e me queimou por dentro, meu corpo estremeceu apenas com o som de sua voz. Foi algo sexy,

sensual e forte. Definitivamente ele tinha presença, a coragem de me virar se transformou em pó. Minha respiração não existia — Senhorita Radzimierski, está tudo bem?

Aos poucos, meu corpo descongelou e fui me virando. O homem não era bonito... Ele era perfeito! Moreno, cabelos curtos, olhos azuis-celestes, o mesmo que tinha me encarado na sala de Elijah. Alto, e pelo porte físico, com certeza tinha belos músculos debaixo daquele terno azul de grife, ombros largos, cintura estreita, assim como seu quadril; no canto da sua boca, um sorriso malicioso estava se formado. *Aqueles lábios perfeitos... Deus!* O homem era realmente perfeito. Ele segurava nas mãos as duas taças cheias de vinho. *Como ele entrou na sala?* Foi evidente que me perdi em meus pensamentos e não o escutei entrar.

— Senhor Fox! — assenti. Ele estendeu a taça para que a pegasse — Não bebo enquanto trabalho — tentei rejeitar a taça, mas ele ficou com ela suspensa no ar.

— Se você não pegar, — abriu um enorme sorriso que mais parecia uma ameaça, e isso mexeu comigo. Mexeu com todos os músculos abaixo do meu ventre, uma dor deliciosa se formou naquela região sensível do meu corpo. — Não haverá entrevista, e muito menos a ajuda que meu grande amigo Elijah precisa para manter seu querido jornal. — coagida peguei a taça, mesmo com raiva; senti que algo estranho se formou dentro de mim.

— Você sempre chantageia as pessoas, Senhor Fox? — perguntei com ironia e rispidez — Por que muitas

peessoas achariam isso uma forma de chantagem barata, mas vindo de uma pessoa tão humilde como você, isso seria um eufemismo. — seus olhos de repente ganharam um brilho diferente, pareciam queimar com alguma piada interna.

— Já começamos a entrevista? — tomou um pouco de vinho.

— Ainda não. Mas...

— Então, a parte de ser humilde é um elogio, já que sou a humildade em pessoa. — seus lábios formaram um sorriso debochado, colocando a taça na mesa. Desabotoou os dois botões do terno, sentou no sofá e cruzou a perna, segurando o tornozelo. — Você vai ficar parada ou vai começar o seu trabalho? — arqueou uma sobrancelha, enquanto abria os braços e repousava no encosto do sofá. Irritada, coloquei a taça na mesa junto com a dele, me sentei o mais longe possível, peguei o bloco, a caneta e liguei o gravador.

— Senhor Nathan Fox, — fiz uma pausa lendo minhas perguntas formuladas no bloco — Sabemos que o senhor é dono de uma rede de casas noturnas...

— Pare! — sua voz me fez estremecer novamente, quando o olhei ele estava com um brilho desconcertante e mordendo o lábio inferior. *Eu queria morder aquela boca...* Droga! Por que estou pensando na boca dele? — Beba!

— Como é?

— Beba o vinho! — ordenou com voz poderosa.

— Não sou obrigada a beber! — me contorci para não esganar aquele homem — Você pode me obrigar a entrevistar você, ameaçando o meu chefe, mas não pode me obrigar a beber a merda de um vinho. — falei irritada quase enfiando a caneta no olho dele.

— Sem bebida, — deu de ombros — sem entrevista... sem jornal... sem ajuda... — aquele maldito era irritante, mesmo sendo muito perfeito.

— Merda! — peguei a taça e tomei todo o líquido de uma única vez e a coloquei de volta à mesa.

— Para uma jornalista, — pegou a garrafa e encheu minha taça novamente. *O que ele queria fazer?* — você é muito esquentada.

— Só quando quem estou entrevistando me dá ordens! — rosnei com a cara fechada.

— Beba! — gesticulou olhando para minha taça. Se continuasse daquela forma, em cinco minutos estaria bêbada. Nunca fui muito boa com bebidas, mas Elijah precisava da ajuda daquele desgraçado, e já que tinha vendido minha alma por uma noite, teria que aceitar as condições que estabelecessem. Com os olhos fuzilando-o mentalmente peguei a taça — Faça como fez com a primeira. Tome de uma só vez.

— Se eu ficar bêbada e meu corpo aparecer em alguma viela desta cidade, meus amigos sabem com quem eu estava e a polícia vai pegar você. — virei o líquido todo de uma só vez, senti meu estômago revirar e minha cabeça

estava ficando pesada. Eu realmente era fraca para bebidas, bastaram duas taças para me deixar um pouco tonta, sabia que sentiria os resultados mais tarde.

— Por que acha que quero deixar você bêbada? — perguntou pegando a garrafa novamente, enchendo minha taça.

— Por que sei que você vai me obrigar a tomar a terceira taça de vinho! — retruquei irritada. Elijah ia me pagar por aquilo. Ah! E seria bem caro.

— Na verdade, — começou Nathan, descruzando a perna — o vinho é para deixar você menos irritada e liberar um pouco essa carga pesada que está em seus ombros... — ele estava olhando para os meus ombros? Meus transparentes e magros ombros! — Que claramente precisam de uma massagem especial... — especial? Massagem? Oh! Não. Não e não!

— Não preciso que se preocupe com a carga pesada dos meus ombros, senhor Fox. — as coisas estavam estranhas, um magnetismo fazia com que fixasse meus olhos nos dele. — Acho que existem muitas outras coisas com as quais deveria se preocupar. E meus ombros não estão nessa lista.

— Então, o que faz para tirar todo esse estresse? Sexo? Masturbação? Vibrador? — perguntou divertido. *Sim... Sexo com você. Masturbação... Se você fizer em mim... Vibrador... Não. Você dentro de mim.* Que merda era aquela? Meus olhos se arregalaram com as perguntas tão pessoais. Levantei-me instantaneamente pegando minhas

coisas que estavam em cima da mesa, mas que droga, minha bolsa estava perto dele e eu não queria chegar perto. Os meus pensamentos estavam me traindo! Quando ele fez aquelas perguntas, me peguei pensando nele!

— Acho que o senhor quer me fazer de palhaça. — rosnei mostrando os dentes, mas meu corpo estava em chamas — Estou aqui para fazer meu trabalho, e não para responder suas perguntas descabidas.

— Você pode me entrevistar, mas não posso entrevistar você? — perguntou irônico, com a voz perturbadoramente deliciosa de ouvir.

— Você não está me entrevistando. Está me fazendo perguntas pessoais...

— Não era isso que você ia fazer? — arqueou a sobrancelha grossa e bem desenhada.

— Isso é totalmente diferente! — rebati — Estou tentando ser profissional aqui, e você quer se divertir às minhas custas.

— O que foi? Vamos deixar isso em *off*, e se você responder as minhas perguntas, repondo qualquer coisa que me perguntar — ele não estava falando sério.

— Fui coagida... Estou quase bêbada, tenho que responder as suas perguntas, sendo que era eu quem deveria fazer isso. Nossa, você é mesmo o filho da puta que eu imaginava. — agora estava tudo fodido, minha língua soltou e para prendê-la seria difícil.

— Além de tudo, boca suja. — seu sorriso de ampliou divertido — E você com essa cara de boazinha! — irritada, tomei coragem e fui tentar pegar minha bolsa, mas ele foi mais rápido e a pegou, guardando dentro do seu terno.

— De boazinha só tenho a cara. — murmurei reunindo todas as minhas forças para chegar perto dele, sem que ele me tocasse. O que havia de errado comigo? Aquela coragem não era desse mundo. Afastei-me, levantei e sem nenhum pudor, estiquei o dedo no meio para ele, mostrando a língua. Eu sei... Nada maduro, mas não estava ligando a mínima, o álcool já estava fazendo o efeito esperado. — Agora me passe a merda da minha bolsa — gesticulei para que ele me entregasse, mas ele parecia se divertir com a minha cena e isso me deixou ainda mais irritada.

— Beba! — mas que merda! — Sente-se e beba a outra taça de vinho. — não foi um pedido, foi uma ordem — Vamos lá, Lizzie — meu nome saiu de sua boca de uma forma macia e quase me fez entrar em combustão.

— Vou avisando, — estiquei o dedo indicador de forma ameaçadora para ele — não me venha com gracinhas. Você pode sair daqui com o olho roxo. — ele claramente estava se divertindo com os meus chiliques. E para mim, o resto daquela noite seria um pesadelo.

— E você poderia sair daqui direto para o meu apartamento, e me mostrar como é tentar me deixar de olho roxo... — falou mordendo aqueles lábios perfeitos.

— Vou processá-lo por assédio sexual, senhor Fox! — ameacei, mas ele já estava praticamente em cima de mim, o

susto por perceber isso foi tão grande, que me afastei e não percebi que a borda do sofá havia acabado.

Caí de bunda no chão, mas ele segurou meu braço.

Capítulo 6



— Senhor Fox! — um de seus seguranças entrou na sala — Desculpe interromper, mas o senhor Markov está à sua espera— Isaäk Markov? O que o grande chefe da máfia russa fazia ali? Por um instante esqueci que ele segurava meu braço, e que sua proximidade era tão grande que senti uma energia estranha. A mesma energia de quando nós nos tocamos pela primeira vez, ou melhor, eu o toquei! Pela forma como me olhava, dava para ver que também sentiu algo, mas logo o seu rosto mudou de divertido e sarcástico para um semblante de raiva e contrariedade — Harper também o aguarda, senhor... — ele me puxou pelo braço e me pôs de pé apenas com um único movimento, o que deixou seus músculos ainda mais em evidência sob o tecido do terno.

Aquela sensação não era nada parecida com a que senti quando Matt me tocou. O toque de Nathan me fez queimar por dentro, quase entrar em combustão espontânea; suas mãos eram firmes, macias e quentes. *Aquele homem não poderia me tocar novamente!* Tinha medo do que poderia acontecer se ele me tocasse outra vez, e nenhum homem havia me proporcionando a

sensação que ele me deu até agora. Apenas um toque foi o suficiente.

— Diga a Isaäk que estou em reunião. — seu rosto ainda apresentava traços rígidos quando se dirigiu ao segurança.

— Senhor Fox! — a voz do homem o advertia de que aquilo não era uma coisa boa a ser feita — Desculpe-me, senhor, mas o senhor Markov insiste que o receba em seu escritório. — *Então Nathan estava negociando algo com Markov?*

De uma coisa eu sabia: se Markov estava ali, Nathan estava no meio do tráfico de armas e de mulheres, assim como no de drogas.

— Ele não quer falar com Harper, por isso estou aqui, senhor. — pude ouvir Nathan xingar baixinho algo que não consegui entender, enquanto passava a mão de modo exasperado em seus cabelos. Seus olhos me sondaram, aqueles olhos azuis-celestes que davam vontade de me perder neles. Não fosse pelo fato de que eu não suportava o toque de um homem, e que ele era um lobo na pele de cordeiro, *seria perfeito!* Minha percepção ficou mais aguçada, enquanto ainda permanecia paralisada pelo choque.

— Certo, Lucius! — sua voz era firme — Chame Gretha para levar a senhorita Radzimierski até a sua residência em segurança. — o segurança negro de quase dois metros de altura assentiu com a cabeça e fechou a

porta, mas o jeito como olhou para Nathan demonstrava que estaria do lado de fora esperando o patrão.

— Se você me entregar os meus objetos, posso ir muito bem sozinha para casa. — minha voz saiu mais firme do que imaginava. Levantei a cabeça e endireitei meu corpo, para parecer que nada tinha me afetado, mas, na verdade, eu estava bêbada.

— Sem chance, senhorita Radzimierski! — falou abrindo o terno mostrando minha bolsa — Na realidade, seus pertences ficarão comigo por tempo indeterminado.

— Você não ousaria fazer isso... — semicerrei os olhos de modo ameaçador — Me devolva as minhas coisas.

— Fique aqui então. — propôs com um sorriso surgindo no canto da boca. — Fique esta noite comigo. Gosto desse seu jeito atrevido. — disse ao se aproximar — E dessa sua boca suja.

— Entendi direito? — questionei indignada — Você está me propondo sexo pela devolução das minhas coisas? — de novo ele estava próximo demais do meu corpo, mas não conseguia me mexer. *Droga!* Tudo ficou pior quando ele levou os dedos até minha boca. No modo automático, levantei minha mão e acertei em cheio o rosto dele — Não toque em mim! — gritei, meu rosto estava pegando fogo. — Quem você acha que eu sou, seu merda? Filho de uma puta! — Nathan olhou para mim como se não entendesse o motivo do tapa, mas eu sabia. Se fosse outra mulher, teria aberto as pernas para ele e transaria como uma louca

enquanto beijava aquela boca perfeita e apertava aquela bunda maravilhosa, mas eu não.

Não Lizzie Radzimierski.

— Não acho que você seja a mulher que tinha imaginado. — falou massageando o rosto.

— Isso mesmo! — fechei a cara — Sou profissional, não essas putas que costumam entrevistar você e logo depois abrem as pernas para que possa trepar com elas.

— Gosto do seu jeito atrevido, senhorita Radzimierski, mas tenho outra reunião importante agora. — falou pegando meu gravador e colocando no bolso da calça — Me desculpe não poder ficar mais um pouco, e devolver a sua gentileza de outra forma.

— Você quer outro tapa? — perguntei irritada — Quero que você devolva os meus pertences, senhor Fox. Agora!

— Não se preocupe, — sorriu irônico — eles estarão em sua casa ainda hoje. Prometo.

— Quero agora! — berrei como uma menina mimada. — Isso não pode estar acontecendo...

— Agora seja uma boa menina e vá para casa com a minha motorista — seguiu para a porta, abriu e fez sinal para que me retirasse de sua sala — Liz, não abra a sua boca novamente para me xingar, a não ser que eu diga que você pode fazer isso. — seu rosto estava ainda mais sério do que quando o segurança adentrou a sala. Ele me chamou de Liz? Que história era aquela de me deixar em casa com segurança?

— Nathan — rosnei baixinho enquanto passava por ele — Você não é meu pai, e vá tomar no seu orifício circular traseiro. Aproveite e enfie o gravador, a bolsa, e tudo que tiver dentro dela nele. Seu merda! — o segurança virou para me encarar com os olhos arregalados, enquanto Nathan parecia mais calmo e se divertia com o meu show. Quem ele pensava que era para me proibir de xingar? Eu xingava quem bem entendia, mas apenas quando merecia. Ou era a bebida fazendo efeito?

— Acho que estou apaixonado, Lucius! — Nathan gargalhou e o segurança esboçou um sorriso de lado — Agora a acompanhe até o carro, e se certifique que chegará segura em casa.

Enquanto Lucius me acompanhava até a lateral do prédio, pude ver Nathan se afastando pelo enorme corredor até chegar a uma porta vermelha e entrar. Nunca me senti tão frustrada em não conseguir saber o que se passaria ali dentro, na verdade queria ser um mosquito para poder escutar o que Nathan conversaria com Markov. Do lado de fora, o meu corpo sentiu a reação da bebida, e quase tropecei em meus próprios pés. O chão começou a girar e meu mundo ficou escuro, daí apaguei por completo.

Acordei ainda grogue e com a cabeça latejando. Meus olhos arderam quando tentei olhar para o sol. Foquei mais um pouco, e graças a Deus estava em casa. Mas, como tinha chegado até minha cama? Levantei o lençol e vi que minha roupa tinha sido trocada. Alguém tirou meu vestido e colocou em mim uma camiseta larga, percebi que não tinha

nada por baixo da camiseta. Em pânico levantei, mas tropecei e caí de cara no chão; a queda só fez piorar ainda mais minha dor de cabeça e meu enjoo. Virei-me e olhei para o teto, passei a mão na cabeça na tentativa de aliviar a dor, porém sabia que o único jeito da dor passar era arrancar minha cabeça ou tomar uma xícara enorme de café. Bem forte, de preferência.

— Normalmente, adoraria tocar um corpo como o seu! — me assustei quando percebi quem era — Ainda mais com tantas partes expostas, e bem generosas, para ser mais sincero. — com um pulo me levantei e puxei o lençol para me cobrir, me sentando na cama.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei irritada e assustada.

— Lucius me falou que você desmaiou. — foi quando percebi que ele segurava duas xícaras de café — Vim me certificar se você estava bem.

— Não poderia ter apenas perguntado para o seu segurança? — ele veio em minha direção, entregou uma das xícaras para mim e se sentou na cama, bem ao meu lado.

— Poderia! — sorriu — Mas não é todo dia que você é chamado de filho de uma puta por uma mulher atrevida, e que visivelmente queria bater no segurança, mesmo estando desacordada, e ele, na verdade, só estava querendo ajudar. — levou a xícara até a boca e tomou um gole generoso.

— Então, quem tirou minhas roupas? — também tomei o café, e meu Deus, estava perfeito.

— Ah! — falou divertido — Foi uma madrugada interessante...

— Meu Deus! — gritei colocando a xícara na cabeceira, me afastando dele. — Você não ousou tocar em mim, certo? — minha voz era alarmada, o medo crescia dentro de mim. Nathan arqueou a sobancelha sem entender o que estava acontecendo.

— Não... — respondeu um pouco ofendido — Por mais que eu quisesse, não faço sexo com gente quase morta. Gretha fez isso por mim, e quando ela tirou suas roupas, as levei para lavar...

— Jesus! — falei puxando ainda mais meus lençóis para cobrir meu corpo. — Você me viu nua... — Nathan estava se divertindo e tomou outro gole de café.

— Não sou tão safado quanto você pensa, senhorita Radzimierski — disse segurando a xícara com as suas mãos, enquanto me olhava.

— Ora, seu merda! — rosnei — Saia do meu apartamento, seu pervertido, e devolva as minhas coisas.

— Nada de chocolates e flores, então? — perguntou debochado.

— Senhor Fox, por favor, saia do meu apartamento... Saia de perto de mim, ou chamarei a polícia! — ameacei.

— Ou você vai fazer o quê? — falou se aproximando e colocando a xícara junto da minha — Gritar... — seu cheiro

era tão bom... Foi aí que percebi que ele não estava mais de terno, usava uma camisa branca de mangas, calça jeans justa e estava descalço — Oh! Socorro, seu policial. Tem um homem gostoso na minha cama! — estava claramente tirando sarro da minha cara. Mas, não cairia naquela brincadeira.

— Você passou a noite aqui? Onde você dormiu? — perguntei em pânico, desviando o assunto. Nathan fez uma careta mostrando que sua noite não tinha sido das melhores.

— No seu sofá! — suspirei de alívio por não ter jogado aquele maldito sofá no lixo e comprado outro. Ao menos, ele teve uma noite ruim. — Mas, depois de ouvir você gemer meu nome... — murchei quando ele falou. Como eu tinha gemido o nome dele à noite e não me lembrava?

— Saia da perto de mim, ou vou gritar tanto que todos acharão que está tentando me matar. — ameacei novamente quando ele estava mais próximo.

— Do que você tem medo, Liz? — perguntou mordendo o lábio. Droga! Sem o terno, ele parecia ainda mais gostoso.

Seu corpo grande e musculoso se movia para ficar próximo a mim. O ar do meu quarto parecia não existir mais. O calor subia para o meu rosto, me deixando vermelha.

— Você tem medo de gostar do que posso fazer, ou do que você sonhou se tornar realidade?

— Não sonhei nada! — retruquei.

— Ah, sonhou sim! — gargalhou — Ah! Nathan! Isso... Assim... Me beija, Nathan gostoso! — revirou os olhos, enquanto afinava o timbre, na tentativa de imitar a minha voz. — Acho que foi mais ou menos isso que você disse.

— Já disse, não sonhei com você...

— Você quer o beijo agora, Liz? — sua mão estava próxima da minha — Você quer que eu faça você gritar como no sonho? Com minha língua dentro da sua boca, pelo seu corpo, deslizando até chegar...

— Não toque em mim! — saltei para bater na cara dele quando fez menção de tocar meu braço. Então, ele imobilizou meu pulso com uma de suas mãos, me fazendo ficar sentada em seu colo, e segurou o meu rosto para me beijar.

Capítulo 7



Ai merda! Como ele era forte. Tentei com todas as minhas forças me libertar, ou achei que era isso que estava fazendo, me contorci em cima de suas pernas, inutilmente tentando sair dali. Sua boca quente estava sobre a minha, chupando meus lábios de um jeito faminto, devorador e firme, apesar de sua boca ser macia e gentil. Não foi como o beijo de Matt. Na verdade, não chegou nem perto do beijo que Matt me roubou, foi algo quente, urgente e gostoso. Fiquei impressionada por gostar tanto, por um momento quase gemi quando sugou mais forte minha boca e fiquei sem fôlego. Assim como no meu sonho, sua língua procurou a minha até me deixar sem ar; mesmo sentindo meu pulso pegar fogo com o seu toque, um arrepio desconhecido começou a brotar. O pânico que estava sentindo queria estragar o momento, mas foi uma voz que me fez saltar de seu colo.

— Liz você está aí... — Matt estava no meu apartamento! Como ele entrou? Olhei para Nathan que ainda estava de olhos fechados e parecia não se importar com nada a sua volta. De repente a porta do quarto foi aberta e Nathan finalmente abriu os olhos e soltou meus

pulsos; eu fiquei de pé, olhando para Matt com o rosto retorcido.

Tinha esquecido completamente que estava usando somente uma camiseta larga e nada mais, meu rosto estava pegando fogo de um jeito diferente, me sentia quente e sem ar. Olhei para Nathan e ele parecia calmo, estava se divertindo com a situação. Meu cabelo estava desgrenhado e minha boca ainda tinha o gosto perfeito dele, e uma sensação de que foi o melhor beijo que já tive, ou melhor, o único beijo gostoso que já tive ou senti.

— Matt... — comecei a falar um pouco ofegante, parada como uma estátua. Nathan se esparramou na cama e virou o rosto para olhar para Matt, lançando um sorriso torto e malicioso — Como você entrou aqui?

— Você deixou sua bolsa junto com as chaves no carro, e como você não me ligou, resolvi vir até aqui e ver como você está, — seu tom era frio — mas vejo que a pessoa que não é namorável, está muito bem por sinal. — jogou a bolsa no chão.

— Merda! — resmunguei e segui Matt, que saiu pisando firme, nem me importei com a roupa que estava vestindo — Matt, espere... — dei uma última olhada antes de sair do quarto e Nathan se virou na cama para ficar de bruços, apoiou o cotovelo no colchão, pousou o queixo nas mãos e me lançou um maldito olhar divertido. O mesmo que deu para Matt, um olhar culpado e fingido, como se tivéssemos feito algo errado. Como se tivéssemos dormido juntos.

O trajeto até a porta do meu apartamento não era longo. Meu apartamento é uma caixa de fósforos, literalmente falando.

— Matt... — precisava me explicar, ele tinha se declarado para mim e acabou de me ver sentada no colo de outro.

— Você não precisa me falar nada, Liz! — falou quando tocou a maçaneta da porta para abri-la — Até entendo o motivo, você sempre obcecada em entrevistá-lo, ou descobrir algum podre seu. Sabia que se vocês se vissem pessoalmente eu não teria mais chances. Você é a mulher mais linda que já conheci.

— Matt, não foi nada do que você está imaginando... — deixei as palavras ridículas e tão clichês ecoarem entre nós dois.

— Oh, Deus! — murmurou irritado — Não faça isso! — vi os músculos do seu braço se tencionarem quando cerrou os punhos — Não diga que não é nada do que estou pensando. Olhe para você! — olhou para minhas pernas, claramente expostas — Sua imagem sentada nas pernas dele, vestida desse jeito, era o que eu pensava para nós dois...

Não consegui abrir minha boca, senti vergonha de estar vestida daquela forma na frente dele, além do embaraço que estava sentindo. A forma como me olhava me deixou enjoada, seus olhos me dissecando por completo. Ele estava com raiva, mas ainda assim dava para ver que me desejava.

— Matt, acho melhor você ir embora de uma vez. — um arrepio tomou por completo meu pescoço, e um cheiro familiar surgiu nas minhas costas.

— Até mais! — Nathan falou como se tivesse um trovão preso na garganta. Matt o encarou por alguns segundos, e eu continuei imóvel, como se minha língua estivesse grudada dentro da boca. Mas minha vontade era mandar Nathan ir à merda, e mandar Matt ir junto com ele. Porém, aquela maldita energia que senti quando o toquei pela primeira vez tomou conta por completo do meu corpo.

— Até mais, Liz! — enfatizou meu nome com desgosto.

Matt fechou a porta com força. Não sei por qual motivo, mas achei que iria desmaiar. Minhas pernas ficaram moles como gelatina e os braços de Nathan envolveram minha cintura, ao me segurar. Queria bater nele, o afastar para longe de mim; nenhum homem havia me tocado desde os meus dezoito anos.

— Meu Deus, — resmunguei revirando os olhos — pare de me tocar! Me solte! — reclamei, tentando sair de seus braços. *Tive medo!* Medo de a angústia voltar a tomar conta do meu corpo e odiar o gosto do seu beijo, a sensação do seu toque... Mas que diabos estava pensando?

Esse homem, que com toda certeza estava envolvido com tráfico, junto com um dos grandes caras da máfia russa, Isaäk Markov, dono de uma fama não muito boa entre os jornalistas. Dizem que ele matou quase todos os

jornalistas que tentaram investigar seus crimes, uns amanheceram com a boca cheia de formiga, outros foram jogados da ponte, ou até de um viaduto qualquer de Manhattan. Perto de Isaäk Markov, Nathan G. Fox parecia uma criança inocente.

Isso era o que eu pensava!

— Qual é o seu problema em ser tocada? — perguntou confuso, olhando para o sofá onde passou a noite, ou parte dela.

— Como você entrou aqui? — virou para me avaliar com um sorriso de culpado no rosto e aponte para a chave na fechadura — Mágica?

— Não me faça perguntas difíceis... — falou debochando, mas logo viu que eu não estava de brincadeira. *E Deus sabe que realmente não estava para brincadeiras!* — Certo! — gesticulou para a porta antes de falar — Arrombei a porta, quer dizer, eu não. Lucius! — o segurança negro do tamanho de um poste e da largura de uma montanha tinha arrombado a porta do meu apartamento? — Quando viu que não tinha chave dentro da bolsa que entreguei para ele; não havia outra opção.

— Agora que você já se explicou, pode ir embora. — andei até a porta e abri para que saísse, mas em vez de fazer o que pedi, simplesmente sentou no sofá e cruzou as pernas compridas e grossas. *Deus... Que bunda era aquela!* Lizzie Radzimierski, se controle mulher, pensei, sacudindo a cabeça.

— Quem disse a você que quero ir embora? — estava sentado confortavelmente no sofá — Com uma vista atraente como essa, fica impossível querer sair daqui, e sem contar que ainda estou de pau duro. Você sabe mexer essa bunda... — e de novo aquele sorriso malicioso no rosto — Queria saber, — falou esticando o braço e pegando meu notebook na mesinha ao lado — o motivo de certos arquivos, que certamente deveriam ser confidenciais, estarem em uma pasta com o meu nome... — *Merda!* Deveria colocar senha nesses arquivos, mas sempre deixei para depois, confiando que ninguém mexeria neles.

Morava no pior apartamento do prédio, onde nem as baratas ousariam entrar por ser tão sem graça, ou não ter nada para comer. E como dizia a mim mesma, várias e várias vezes – morava no cú do mundo, então achei que nada poderia acontecer.

Ele arqueou a sobrancelha esquerda esperando uma reação minha, mas não consegui me mover. O que havia de errado com o meu corpo? Era desmaiando, ou não se movia, assim como minha língua, que ficou presa.

— O que foi, senhorita Radzimierski? — sua voz era macia, mas com um tom perigoso a cada palavra que saía de sua boca. — O gato comeu sua língua? — arregalei os olhos, pois foi exatamente o que eu tinha falado para ele, quando toquei a sua mão pela primeira vez.

— O que você disse? — perguntei ofegante. Senti o ar ficar pesado, meu peito começou a subir e descer devido a minha respiração acelerada.

— Vou repetir bem devagar para você entender! — assentiu com a cabeça e deixou o computador de lado ao se levantar, seguiu em minha direção e, quando ficou muito próximo a mim, continuou: — O-ga-to-co-me-u-su-a-lín-gua? — *Ele estava achando que eu era algum tipo de retardada?* Tinha entendido a pergunta, só não estava em condições psicológicas para responder. — Agora que repeti a última pergunta, vamos voltar à primeira: o que você está fazendo com arquivos confidenciais sobre mim? E quem, em sã consciência, deixaria esses arquivos desprotegidos? — ele não parecia nem um pouco preocupado com o fato de eu ter arquivos que continham pesquisas minuciosas sobre sua vida política, além da sua vida particular; alguns desses arquivos o deixavam como suspeito secundário de uma quantia considerável de crimes que nunca foram solucionados.

— Não é da sua conta! — murmurei, e o que queria falar mesmo era: *“Vá tomar no cú e saia do meu apartamento, seu merda”*, mas meu corpo e meu sistema nervoso não estavam funcionando muito bem naquela manhã, e o que saiu da minha boca foi a pérola das pérolas: — O computador não é seu, é meu!

— Lógico que é! — meu Deus, ele estava muito próximo, apenas alguns centímetros de distância — Ainda mais quando estou tão duro perto de você e você está quase pelada, parada na minha frente e sem ar...

— Se você encostar os seus dedos em mim novamente, juro por Deus que arranco suas bolas, seu

merda. Babaca! — antes que pudesse continuar falando, ele me agarrou de novo.

Qual era o problema daquele homem? Ele estava sempre me agarrando! Seus braços fortes envolveram minha cintura e me puxaram para ficar mais perto do seu corpo, e, meu Deus... *Que corpo! Que músculos!*

Tinha algo mais abaixo, que estava duro, e então um arrepio subiu pela minha espinha. Um arrepio dolorido e angustiante, que sentia apenas quando... Merda! Ele apertou minha bunda com uma das mãos, a minha cintura com a outra e depois largou a ambas, segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou com força; por um milagre divino consegui me libertar dele e, com toda a força possível, soquei sua cara.

— Eu disse para você não tocar em mim! — berrei com as lágrimas quentes descendo por meu rosto.

Não olhei exatamente onde bati, mas parece que não foi com a força que imaginei. Ele se afastou apenas alguns centímetros e me olhou sem entender o motivo das minhas lágrimas. Foi quando notei que não bati em seu rosto e sim no seu peito. Nathan ficou parado me observando. Observando meus olhos arregalados de medo, enquanto algo sombrio tomou conta da minha expressão. Uma sensação de mal-estar surgiu dentro de mim e me deixou tonta, tudo foi ficando escuro, meus olhos ficaram mais pesados, meu mundo escureceu e então desabei. Consegui escutar sua voz ao fundo, me chamando: “Liz! Merda!”.

Capítulo 8



O pânico mais uma vez tomou conta de mim e perdi por completo o controle do meu corpo. Pude sentir o seu cheiro, sabia que não havia ido embora, mas não o queria perto de mim. Não ele! Não depois do beijo quente e delicioso que me deu. O sabor da sua boca ainda estava guardado em minha memória e em minha boca. Abri meus olhos lentamente.

Minha cabeça girava. Reuni os fragmentos de força que ainda me restavam e me levantei com a intenção de ir até o banheiro, sabia que para isso teria que sair do quarto e passar pela sala. Coloquei a cabeça para fora do quarto e o vi em pé, de costas, na minúscula cozinha. Alto, ombros largos e definidos, cabelos negros aleatoriamente bagunçados, quadril um pouco estreito, uma bunda perfeita. Deus me perdoe, mas tenho um fraco com bundas de homens, ficava extremamente excitada, e a dele era totalmente diferente das que normalmente olhava. Não chegava perto da perfeição, ela *era* a perfeição! Ele tinha um corpo sexy! Gostoso? Isso ainda não poderia dizer... O cretino ainda tinha um jeito sensual ao colocar a merda da panela no fogo... Espere! – observei melhor – Ele estava cozinhando? Droga!

— Vai ficar aí parada me olhando, ou vai se mexer e fazer o que pretendia? — não pude ver seu sorriso, mas o tom convencido em sua voz o denunciou; mexeu algo dentro da panela, colocou na palma de sua mão e levou até a boca, murmurou um “Hummm!”, enquanto chupava o molho.

Apenas aquele som fez com que me contorcesse. Mesmo depois do que aconteceu, meu corpo ainda me traía, olhei para fora e percebi que já era noite. O que diabos ele fazia no meu apartamento ainda? Que horas eram? Por quanto tempo fiquei deitada?

— Certo! Vou me mexer. — falei antes de colocar minha cabeça e meu corpo de volta para dentro do quarto. Fui até o closet, peguei uma calcinha, mas, quando me movimentei para vesti-la, percebi que já estava com uma. *Meu Deus! Ele havia vestido uma calcinha em mim enquanto estava desacordada! Deus, isso estava acontecendo comigo!* Gemi com a ideia dele passando os dedos por meu corpo e olhando para minha... Merda! — Por que você não vai embora? — saí do quarto como um raio, com raiva latente na minha voz — E que merda você acha que está fazendo na minha cozinha? Que negócio é esse de se achar no direito de me vestir uma calcinha? — pus as mãos na cintura e semicerrando os olhos, esperando sua resposta.

Ele se virou, olhou para mim encostado na pia e cruzou as pernas de maneira despreocupada. Com a colher ainda na mão a levou até a boca, passou a ponta da língua

nela e chupou a maldita colher logo em seguida, fazendo o molho vermelho sumir bem na minha frente; quase caí no chão. Se ele passasse a língua daquela forma em mim, desmaiaria, ficaria louca... Ou morreria de uma vez por todas.

Meus olhos grudaram em sua boca, enquanto ele movia a língua por toda a colher, minha boca ficou seca com a lembrança do gosto da sua boca. Olhei para ele parado na cozinha, lambendo aquela maldita colher, usando um jeans mais apertado que tampa de Coca-Cola em dias quentes, a camisa branca marcando cada centímetro do seu corpo: abdômen, peito, braços... Cristo! Naquele momento, só consegui pensar que algo diferente estava acontecendo em minha vida. Subi meus olhos mais um pouco e percebi que ele me sondava com um sorriso no canto da boca e a droga da colher presa entre os dentes.

— Não pude deixar você no estado em que estava. — disse quando tirou a bosta da colher da boca e colocou na pia, ao lado do fogão. — E com relação à sua calcinha... — fez uma pausa antes de continuar, era um filho de uma puta mesmo, aquele idiota estava se divertindo às minhas custas. — Foi necessário, pois suas pernas estavam constantemente se abrindo em minha direção, e posso dizer que é uma visão e tanto. — mordeu o lábio inferior, segurando o sorriso malicioso. Seus olhos cintilavam, o azul ficou mais intenso com a forma como me olhou. Ainda estava com a camiseta larga, porém, agora de calcinha. *Ele pôs esse pedaço de tecido em você, idiota!* — Posso dizer

que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...

— Meu Deus! — gritei horrorizada com o que tinha acabado de ouvir — O que você acabou de falar? Não escutei isso, de um cara que mal me conhece!

— Foi isso mesmo que você acabou de escutar — deu de ombros e se virou para desligar o fogo. Só então senti o cheiro da comida. Em uma tigela, ele despejou o macarrão e depois jogou o molho — o molho que estava na amaldiçoada colher dos infernos — e decorou com almôndegas. Andou até a pequena mesa que ficava no canto da sala e colocou a tigela no centro, foi nesse momento que percebi que havia pratos sobre a mesa — Você gosta de sorvete de chocolate, Liz? — por que diabos ele estava me perguntando aquilo, ainda mais depois de falar: *“Posso dizer que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...”*.

— Sinceramente! — falei, conseguindo sair da minha pose de mulher indignada e passando para a pose de “foda-se o sorvete de chocolate”. Queria gritar: saia do meu apartamento, mas murchei quando percebi que a comida estava apetitosa e minha barriga roncou, dançou e deu cambalhotas de fome. — Gostaria muito que você não fosse esse filho da puta que fica tentando me agarrar o tempo todo. — olhei para ele, e seu sorriso aumentou. — Qual é a graça?

— Você gemeu vinte minutos antes de se levantar. — falou coçando o queixo com seus longos dedos e com

aquele sorriso malicioso na boca. — Chamou meu nome de novo. Qual foi a posição que peguei você dessa vez? Está virando um hábito, como você disse, *o tempo todo*! — não consegui acreditar que aquele cara existia de verdade. Ele só pensava em sexo... Ou chupar... Ou me olhar daquela forma! — Sim! — falou de repente, parece que conseguiu ler minha mente e estava respondendo às perguntas que formulei em minha cabeça. Mal o conhecia e ele já estava querendo chupar minha boceta. Pode isso?

— Creio que você andou pesquisando minha vida mais do que deveria, não acha? — arregalei os olhos assustada e pensei na possibilidade de ele ter apagado tudo. Aí sim, meu mundo viraria de cabeça para baixo; era para eu deixar de ser burra e colocar a merda de uma senha no meu computador — Relaxe! Não apeguei suas pesquisas, que por sinal, achei de extrema competência. — pude sentir a sinceridade em sua voz — Mas, tenho que dizer que não é algo bom você ficar bisbilhotando minha vida, assim como meus negócios. — o tom de advertência estava explícito em sua voz.

— Não vou deixar que o brilho do sol queime a minha estrela. — disse sem nem mesmo saber o que tinha acabado de falar, não conseguia raciocinar como uma pessoa normal perto dele e acabava saindo essas merdas da minha boca. — Não vou deixar que suas ameaças, ou avisos subliminares, ou seja lá o que você pensa que está fazendo, me detenham. — gesticulei com as mãos como em forma de explicação — Não sou do tipo que abaixa a

cabeça e se esconde como um rato. E francamente, não consigo entender o que você ainda está fazendo aqui, por que não foi embora?

— Gosto desse seu jeito atrevido. — falou se afastando da mesa e vindo em minha direção. Ai, pai... Lá estava ele de novo, mordendo os lábios — Nota-se que você é determinada. Ainda nem abriu as pernas espontaneamente para mim, e isso é uma raridade.

— Pare aí mesmo! — me afastei, mas foi inútil, fiquei encurralada na parede.

— Qual é o problema em ser tocada, Liz? — arqueou a sobrancelha com um olhar matador — Quem era aquele cara de hoje de manhã? — suas mãos me bloquearam, mas não me tocaram, mas isso não me trouxe segurança nenhuma; suas mãos estavam acima do meu ombro, apoiadas na parede, e eu a poucos centímetros dele. Ele umedeceu os lábios, passou a língua ao redor deles e voltou a morder novamente.

— Acho que não é essa a conversa que deveríamos ter! — falei sem fôlego, meus pulmões queimavam a cada inspiração e respiração, estava ficando difícil puxar o ar com Nathan tão perto.

— Isso é verdade, — balançou a cabeça, ponderando a questão — vou considerar isso uma forma de você dizer que não vai parar de vasculhar minha vida.

— Pode ter certeza que vou continuar vasculhando sua vida, nem que seja a última coisa que eu faça! — minha

voz saiu firme. Quando se tratava do meu trabalho, nada e nem ninguém me impediriam de fazer como se deve. Tirou umas das mãos da parede e usou para tocar a ponta dos meus cabelos.

— Gosto da cor do seu cabelo — Hã?! — me faz lembrar o fogo. — sorriu para mim e me olhou como se estivesse procurando algo — Gosto da sua boca, e da forma como ficou quando me viu pela primeira vez. — falou convencido — Mas, odiaria que você prosseguisse com o que anda fazendo... Para o seu bem, você deve parar de me investigar.

— Olha, cara! — me abaixei, esquivando meu corpo para sair de perto dele — Não sei quem você pensa que é para vir aqui no meu apartamento e me falar tudo isso. Não sei se você achou que eu seria uma transa fácil, tudo bem que você estava entediado demais com sua vida agitada de modelos, boates e mundo político, mas, para ser bem honesta, não entendo o que você poderia querer com uma pessoa como eu. — andei até a porta, mantendo a segurança do meu corpo longe dele, apesar de que, no meio das minhas pernas, as coisas estavam totalmente molhadas. — Agradeço sua preocupação, mas sei me cuidar sozinha. — girei a maçaneta e abri a porta para ele ir embora — Faço isso há muito tempo e não vai mudar. Agora você pode, por favor, ir embora?

— Tudo bem! — falou colocando as mãos dentro dos bolsos da calça — Sua entrevista foi respondida, — gesticulou com a cabeça — mas, tive que apagar toda a

conversa do seu gravador. As outras coisas estão no seu quarto.

— Boa noite, Nathan! — minha voz saiu formal, mas uma pontada estranha se formou em minha barriga. A energia estava se formando novamente entre nós. — Espero que não se importe de não ficar para jantar.

— Boa noite, Liz! Quem sabe um dia consiga jantar com você! Até outro dia! — meu nome saiu macio em sua voz, e fez a droga da pontada ficar ainda pior quando fechei a porta. Não sabia o que fazer, e nem mesmo para onde ir.

Capítulo 9



Meu dia começou com o som estridente do alarme em minha cabeça. O dia de ontem foi estranho, muito estranho! Mais estranho foi ver todas as minhas perguntas respondidas com a caligrafia de Nathan, uma caligrafia forte e bonita. *Deus, aquele homem era de queimar os neurônios de qualquer mulher!* A lembrança do seu cheiro... Do seu corpo se movendo na cozinha e daquela maldita colher, que não me atrevi a lavar, me perturbou a noite toda.

Me arrastei para o banheiro, ainda com os vestígios do caos que minha vida havia se tornado. Depois de tomar meu banho olhei a hora, certamente levaria uma bronca de Elijah devido ao atraso. Enquanto deixei o café sendo preparado na cafeteira, fui me vestir, mas parei para olhar o sofá, que agora não tinha a menor vontade de trocá-lo ou jogá-lo fora, pelo simples fato de Nathan ter dormido nele.

Coloquei meu velho uniforme, blusa bege, calça preta quase masculina e sapatos pretos de salto baixo. Nada de maquiagem, nada de nada pintando meu rosto. Não queria ter vestígios da Liz conturbada da noite anterior, aquela Liz parecia uma deusa de cabelos vermelhos, e eu... Era o oposto daquilo. Arrumei meu cabelo em um rabo de cavalo, suspirei e segui para cozinha; ainda tinham panelas sujas

na pia e não tocava nelas e nem na maldita colher. Quando terminei o café, coloquei os documentos dentro da minha velha bolsa de carteiro, peguei o celular e resolvi olhar minhas mensagens, uma delas era de Tatiane, que parecia muito curiosa querendo saber sobre a entrevista, e a outra era de... Nathan? Resolvi ler a de Tati.

“Ouuuuu! Estou em cólicas aqui! Você poderia ao menos ter me enviado uma mensagem sobre como foi a entrevista com o gato de olhos azuis. Ele é tudo aquilo que mostra nas fotos, ou tem muito Photoshop? :/ ” — Ah! Com toda certeza não tinha Photoshop naquele homem. Sorri ao responder, mesmo sabendo que a veria em alguns minutos.

“Com certeza é tudo Photoshop >.< Vou ser profissional e informar que ele é um merda... Beijo! Chego já para começar a trabalhar” — queria mesmo era digitar que ele era mais que um merda. Um merda que faz a cabeça de qualquer mulher ficar fodida, apenas pela forma como lambeu a maldita colher.

A benção do meu Ford Escort não queria ajudar e resolveu me deixar na mão, não iria mais quebrar meu galho. Quando chegasse ao trabalho, Elijah arrancaria minha cabeça, seria o fim do mundo. Meu primeiro pensamento foi ligar para Matt, mas sabia que ele estava com raiva e provavelmente me colocaria na fogueira gritando: — QUEIMEM ESSA BRUXA! — com uma gargalhada sinistra, de arrepiar até os cabelos do orifício circular traseiro.

Não o queria magoar, mas não queria absolutamente nada com Matt, a não ser uma boa amizade. Adorava sua sinceridade e a forma como era direto em tudo que falava, tirando a parte que ele gostava de mim, pois não daria certo. E ter me sentido incrivelmente perdida com relação à Nathan e seu beijo, não anulava o fato de ele estar envolvido com um mafioso russo, dono de uma reputação pior do que a dele, Isaäk Markov.

Quando cheguei ao The Poster pude ver no alto do prédio a fumaça saindo da cabeça de Elijah. *Droga! Meu dia começaria de um jeito não muito bom.* Antes que pudesse me acomodar em meu cubículo chamado mesa, vi a imagem de um anjo de pele branca e formas redondas vindo em minha direção, saltitando de um jeito nada típico. Tinha algo errado! Ou algo muito bom acontecendo na manhã de Tati, porque, para mim, aquela manhã parecia um inferno.

— Onde você escondeu seu pônei unicórnio cor-de-rosa? — perguntei com um pouco de sarcasmo na voz, enquanto ligava o computador para checar os e-mails.

— Shhhhh!!! — ela me puxou para o canto da parede, quase em êxtase — Se eu contar algo para você promete guardar segredo? — seus lindos olhos verdes exalavam excitação, suas bochechas estavam vermelhas e sua boca levemente rosada. Ela esperou até que assentisse, respirou fundo antes de abrir a boca e falar a coisa mais extraordinária que já tinha ouvido desde que comecei a

trabalhar naquele jornal — É Elijah... — me olhou nervosa — Promete que não conta?

— Ah! — falei com curiosidade — Para de pedir isso, você sabe que não vou contar para ninguém mesmo. — arqueei a sobancelha a incentivando a falar, antes que eu explodisse em mil pedaços de curiosidade.

— Ele me beijou! — sussurrou, depois soltou um gritinho animado e levou a mão até a boca, preocupada com os olhares curiosos que passavam ao nosso lado. Sabia que Elijah não era de se envolver com as funcionárias, mas dava para perceber o modo como olhava para ela, e ela olhava para ele. Olhares medidos e castos, que sempre deixavam Tatiane de bochechas vermelhas, quase pegando fogo. Na realidade, nunca o vi saindo com ninguém ou esboçar algum interesse em qualquer mulher, fosse jornalista ou não — Ele me convidou para sair, o que você acha? Aceito? — seus olhos brilhavam de expectativa e minha única vontade era abraçá-la e espremer suas bochechas rosadas.

— Sério? — olhei para ela e, com minha melhor cara sarcástica, disse: — Ora, eu vejo como você fica em todas as vezes que olha para ele, e Elijah fala seu nome de um jeito meloso... Eca! Muito açúcar para meu organismo. E você ainda vem me perguntar se deve ou não aceitar o seu pedido para sair?

— Você sabe, as pessoas podem não entender... — murmurou um pouco triste.

— Que se fodam as pessoas! — falei um pouco alto — Se eu fosse você, estava cagando para o que as pessoas vão falar e pensar. Até porque você pode muito bem não falar nada para mais ninguém, curtir um ótimo jantar ao lado de um cara legal e quem sabe um sexo selvagem... — cruzei os braços e comecei a bater o pé nervosamente no chão, irritada pelo fato dela se importar com que os outros falariam se soubessem que ela e Elijah sairiam juntos, como dois adultos.

— Tenho medo de que na hora... — deu de ombros — Você sabe... Ele não queira ficar comigo.

— Por Deus! — segurei seus ombros — Não pense besteiras. — suspirei e olhei no fundo dos olhos daquela doce criatura — Olha, conheço Elijah há mais tempo que você e nunca o vi convidar ninguém para sair. Se tivesse feito isso, eu saberia. Quem sabe, esteja procurando um relacionamento sério com você?

— Queria ter essa certeza! — não a queria triste e se agora ela era minha mais nova amiga, daria força e a ajudaria. — Ele é tão...

— Bonito? Sexy? Puta de um gostoso? — sorri para ela antes de continuar — Você não tem ideia do quanto é bonita, não é?

— Ah! — ela revirou os olhos e bufou quando disse: — Sou a beleza em pessoa...

— Tati! — falei com o tom mais firme — Se você não parar com isso, vou dar um tapa na sua cara. E vai por mim,

vai doer. Muito.

— Você não teria coragem de fazer isso... — seus olhos se arregalaram e ela levou as mãos até as suas bochechas no intuito de protegê-las.

— Experimente continuar com “ele é tão...” e “sou a beleza em pessoa...” para você ver do que sou capaz. — semicerrei os olhos de modo ameaçador — No almoço vamos comprar algo muito bonito para você, e não tocaremos mais no assunto “ele é tão...”. Entendido?

— Você consegue ser tão delicada quanto um cacto espetando a bunda do diabo, sabia? E você também não vai escapar, vou virar você do avesso. Você vai ter que me contar como foi a entrevista com o gato Nathan todo poderoso. — sorriu balançando a cabeça.

— Você não sabia? — devolvi com um sorriso divertido — Meu segundo nome é diabo de saia — disse com orgulho. De repente ela parou de sorrir e percebi que parou de respirar, estava olhando séria sobre os meus ombros, para algo atrás de mim.

— Não faça nenhum movimento brusco! — disse advertindo com urgência — Não olhe agora, mas acho que você vai cair dura quando souber quem está saindo da sala de Elijah. — sabe o que acontece quando alguém diz: “não faça movimentos bruscos, ou não olhe para trás”; está no automático do ser humano, em especial das mulheres, que giram a cabeça trezentos e sessenta graus para olhar. E foi exatamente o que fiz. Parecia a garota do Exorcista, e Deus sabe como queria não ter virado para olhar, mas a

curiosidade é uma merda na vida de uma mulher, ainda mais na minha, que tenho a má sorte de ter a curiosidade em meu DNA.

Como um homem poderia ser tão perfeito usando terno? Um homem usando terno já era outro nível, e aquele metido sabia o que provocava nas mulheres quando passava ao lado delas. Acho que uma delas até sofreu um derrame no olho, apenas o observando caminhar em minha direção. O par de homens perfeitos andando nos corredores do jornal fritaria o cérebro de muitas ali, e definitivamente iria angariar ódio eterno dos homens menos favorecidos de uma beleza sensual, e quase orgástica, como a deles.

Elijah, como sempre, estava usando roupas casuais: calça jeans, camisa xadrez de mangas dobradas até os cotovelos – o que o fez parecer àqueles lenhadores musculosos e divinamente gloriosos com cada pedaço do tecido colado ao seu corpo – e tênis. Usava o cabelo mais arrumado, e de longe se podia sentir o cheiro do seu perfume. Tatiane gemeu na medida em que Elijah ficava ainda mais próximo, e isso me fez sorrir. O que estragou com minha vida, pois quem estava ao lado de Elijah ficou muito feliz e devolveu um sorriso malicioso, achando que tinha sorrido para ele.

Nathan estava de tirar o fôlego, muito mais que Elijah. Exalava sexo por onde passava. As mulheres quase caíram no chão quando ele soltou o maldito sorriso de canto de boca, aquela boca que lambeu e chupou a colher em meu apartamento no dia anterior. Ele estava usando um terno

azul-escuro, que definitivamente o deixava ainda mais delicioso, a gravata era fina e o terno estava aberto, mostrando a camisa de tecido quase transparente por baixo. *Só de imaginar aquele peitoral, aquele abdômen escondido pelo tecido, minha boca ficou seca.* Seus olhos azuis-celestes mostravam um ar divertido quando passava pelas mulheres provocando acidentes, e francamente, ele poderia usar um saco de papel na cabeça, que ainda assim causaria aquela reação. A calça do infeliz estava tão justa que dava para notar os músculos de suas pernas se flexionarem enquanto andava. De repente, o gosto do seu beijo apareceu em meu paladar, me fazendo, sem perceber, elevar a mão até a minha boca e massagear os meus lábios. E claro, ele viu isso! O que me deu vontade de abrir um buraco no chão e esconder minha cabeça, assim como o avestruz quando está com medo.

— Algum problema com a sua boca ou com a sua cabeça, senhorita Radzimierski? — seu tom divertido me alertou que minha cabeça estava virada em sua direção e me senti ridícula, olhando para ele como as outras mulheres do ambiente.

— Senhor Fox! — o cumprimentei um pouco desconsertada, a droga daquele sorriso estava me matando. — Não existe nada de errado com a minha cabeça, e nem com a minha boca.

— Lizzie, você pode deixar a entrevista na minha mesa? — percebi pelo canto do olho Tati corar quando Elijah olhou para ela — Assim que Zoey voltar com Matt, —

Matt? Matt estava com Zoey? Como assim? Com aquela vaca oportunista? Elijah percebeu minha cara quase retorcida de raiva — É, eu também achei estranho ele pedir para cobrir matérias com ela, mas sobre isso conversaremos com mais calma depois. Tudo bem?

— Matt é adulto, Elijah! — não quis ser grossa, mas saiu naturalmente. Todos sabiam a reputação de Zoey, e como sempre estava querendo roubar minhas matérias — Tenho certeza que ele deve ter motivos para não querer ficar mais comigo, profissionalmente. — olhei para Nathan, que me queimava com os olhos.

— Bom, como disse, — Elijah olhou para mim um pouco distraído, mas, ainda assim, falou de forma letal — conversaremos depois com mais calma. Tenho que mostrar a sala do nosso novo sócio. — pude sentir como aquilo machucava Elijah por dentro. Ter que abrir mão da direção do seu amado jornal era algo de cortar o coração, mesmo sendo necessário.

— Senhorita Radzimierski, — Nathan olhou para Elijah — gostaria de trabalhar em uma pequena equipe que estou formando para realizar uma pesquisa sobre as perspectivas do novo comércio exterior? Sei que você foi de alta competência em nossa entrevista. — seus olhos brilhavam com uma mistura de sarcasmo e divertimento disfarçado em tom profissional — Sei que nosso querido Elijah não irá se opor, não é mesmo?

— Não posso responder por ela, Fox, ela toma suas próprias decisões. Acho que você deveria perguntar

diretamente para ela. — vi a cabeça de Nathan pular igual uma bolinha de *pinball*, e minha vontade foi de abraçar Elijah e gargalhar alto. *Morra com a resposta!* Mesmo com a forma como Elijah falou, Nathan pareceu não se abalar com aquilo, pelo contrário, estava com um ar ainda mais divertido. *Aquele filho de uma puta presunçoso!* — Não me importo, desde que ela aceite espontaneamente. — será que o remorso estava batendo em sua consciência? Sim, adorava Elijah, e, se fosse para fazer com que o novo sócio se sentisse à vontade e feliz no jornal, eu aceitaria, mesmo indo contra tudo o que pensava sobre Nathan. Aceitaria apenas por consideração a tudo que Elijah tinha feito por mim.

Tatiane parecia uma estátua parada ao meu lado, absorvendo tudo que estava acontecendo ali.

— Vou pegar um café, — ela falou de repente, me assustando — vocês gostariam de um café? Levo até a sala. — sorriu nervosa para Elijah. E como sabia que ela sorria para ele? Tinha praticamente um letreiro luminoso em sua testa, ajudando a destacar a cara de apaixonada. Entendia o que estava sentindo e, em socorro a ela, resolvi ser a primeira a falar:

— Por mim, não quero! — falei sorrindo para Tatiane.

— Senhor Fox? — parecia ainda mais nervosa que o normal quando olhou para Elijah e perguntou: — Senhor Hunter?

— Um café puro. — respondeu Nathan, ainda olhando para mim.

— Você sabe como gosto. — Elijah olhou para as mãos, e então olhou de novo para Tatiane com um meio sorriso — Por favor!

Tati assentiu e saiu apressada; francamente, ela teria que melhorar aquele rubor todas as vezes que olhava para Elijah. Virei-me para Nathan, e disse:

— Certamente será um prazer fazer parte de sua equipe — juro que li os lábios dele sibilando a frase “O prazer é meu”, o que me fez ficar toda contorcida por dentro. O que aquele homem tinha que me fazia ficar fora de órbita quando chegava perto de mim?

— Você nos acompanha? — perguntou Elijah um pouco desconfortável.

— Não! — falei muito rápido, mas os olhos de Elijah revelaram que não era um bom dia para ficar ao lado de Nathan e discutir sobre seu tão amado jornal — Mas, assim que deixar a entrevista em sua mesa, apareço na sala do senhor Fox. — sorri para Elijah, que pareceu tirar um peso enorme de seus ombros.

Enquanto eles andavam pelo corredor pude apreciar a bunda perfeita de Nathan; me peguei mordendo os lábios e pensando “*Que bunda, meu Deus!*”! Definitivamente tenho um treco por bundas de homens e, quanto maior e musculosa, mais os músculos do meu ventre se contorciam. Ele não podia me comer, mas nada me impedia de olhá-lo. *Nossa! Que pensamento totalmente desnecessário.*

Fui rapidamente até a sala de Elijah e deixei os papéis digitados sobre a mesa, claro que não iria entregá-los com a letra de Nathan, então digitei na madrugada, quase caindo de sono em cima do notebook velho; aproveitei e tive a decência de configurar uma senha, por pura vergonha. Junto com os papéis coloquei o cartão que ele me deu para comprar a roupa e os sapatos, que estavam muito bem guardados em meu closet, junto com a lembrança daquela noite.

Quando cheguei à sala, Nathan estava sentado na ponta da mesa de granito preta retangular com os braços cruzados, enquanto Elijah parecia explicar algo. Ele o ouvia atentamente, mas desviou o olhar para mim, como se estivesse me sentindo chegar perto dele. Sem abaixar a cabeça, endireitei os ombros e entrei na sala, não me importando com os olhos dele sobre mim. Mas, para minha desgraça, novamente algo aconteceu. O telefone de Elijah tocou e ele pediu licença para sair, nos deixando sozinhos na sala, que estava começando a ficar pequena.

— Você realmente não precisa trabalhar aqui. — disse sem pensar. Nathan abaixou a cabeça e percebi seus lábios se moverem em um sorriso — Você está achando graça em alguma coisa, senhor Fox?

— Sei que não preciso trabalhar aqui, — falou quando olhou para mim — sou uma pessoa muito ocupada e dou atenção apenas às coisas que realmente quero dar, e estou olhando para uma delas nesse exato momento.

— Você só pode estar falando da estante que está bem atrás de mim, tenho certeza. — fechei a cara, mas foi impossível não olhar para ele.

— Se é isso que você acha, — deu de ombros — as portas de baixo dessa estante são verdadeiramente admiráveis. — *Droga!* Ele estava usando as “portas” da estante para se referir às minhas pernas abertas em sua direção no dia anterior, o que me fez lembrar sua fala: *“Posso dizer que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...”*. Homem dos infernos! Percebeu que lembrei e assimilei um fato ao outro. Quando se afastou da mesa e veio até a mim, quase sofri um infarto; ele estava mordendo os lábios novamente, me fazendo prender a respiração.

— Senhor Fox, preciso lhe avisar para manter distância? — perguntei um pouco desconfortável. Puta que pariu! Aquele homem ia me agarrar em meu local de trabalho? — Se tentar algo, ou forçar algo, além de acertar seus estimados testículos, os arranco enquanto grito, pedindo socorro.

— Você certamente não faria isso com seus futuros brinquedos... — falou pendendo a cabeça um pouco de lado e se divertindo. *Meus brinquedos?! Nem pensar!* — Além disso, não fiz nada com você. Ainda não...

— Não acredito que relacionou as suas bolas como brinquedos... — falei, e procurei algo para me sentar. Quase caí, quando achei uma cadeira e sentei sem olhar.

— Você não tem ideia do que se pode fazer com minhas bolas. — sorriu se aproximando — Da maneira certa, você poderia usá-las para dar um prazer sem igual. — inclinou-se para ficar mais próximo. Ele era enorme, não conseguia parar de olhar para aqueles olhos azuis brilhantes e penetrantes, enquanto continuava mordendo seus lábios como um animal que tinha acabado de encurralar sua tão premiada presa.

— Pegue suas bolas e engula! — rosnei, reunindo o pouco de força que o universo havia enviado para mim.

— Não sou bem eu que irei engoli-las. — Nathan sorriu maliciosamente. *Que inferno, onde estava Elijah que não aparecia?*

— Por você não me deixa em paz, seu bosta? — queria que aquela energia tão familiar não surgisse todas as vezes que estávamos perto um do outro. Quando sua mão fez menção de tocar a minha, quase dei um salto da cadeira, mas congelei. Maldito corpo que não funcionava quando queria. Estava novamente ofegante. Um buraco... Um vórtice... Qualquer coisa poderia se abrir no chão naquele momento e me levar dali, para bem longe dele, e daquele cheiro gostoso que ele tinha.

— Simples! — deu de ombros, curvando-se sobre mim — Adoro sua boca suja e a forma como suas pernas se abrem, mesmo quando você está inconsciente. — mostrou todos os seus dentes, completamente perfeitos, em um sorriso de ofuscar até cego. Quase gemi. *Que diabos havia de errado com meu corpo?* Sabia que não suportava o

toque de um homem por muito tempo, mas perto dele meu corpo reagia de uma forma completamente diferente. *Corpo traidor!* Quando queria que funcionasse, ele apenas esquecia que eu existia, mas quando não queria, simplesmente fazia meu subconsciente abrir as pernas para Nathan.

Ódio mortal!

— Deus! — gemi.

— Não sou, mas se você quiser, posso virar seu deus. Quem sabe seu deus do sexo, trancando você por duas semanas em um quarto de luxo... — se ergueu ficando ainda maior.

— Oh! Deixe de ser presunçoso, seu filho de uma puta... — falei irritada. Como ele era tão dono de si?!

— Liz. — me olhou duro, mas a malícia ainda estava ali, e isso fez uma cachoeira no meio das minhas pernas — Se me chamar novamente de filho de uma puta, eu esqueço que você aparentemente não gosta de ser tocada, arranco suas roupas e trepo com você para todos verem e ouvirem. — engoli em seco. *Ele não teria coragem de fazer isso, ou teria?* — Você não sabe o quanto estou tentado a fazer isso agora mesmo!

— Você não teria coragem! — semicerrei meus olhos de modo desafiador.

— Odeio quando duvidam de mim, senhorita Radzimierski. — seu sorriso presunçoso estava em batalha

com o meu olhar desafiador. — Então, não me teste. Não sou tão paciente quanto pareço.

Capítulo 10



Desafiada e derrotada, era assim que me sentia naquele momento. A ideia dele nu não era nada ruim, e a imagem dele sobre mim, me tomando e amando o meu corpo, também não era de todo má.

— Sem palavras, Liz? — perguntou em um tom debochado — Aposto que você está me imaginando no meio das suas pernas neste exato momento... — por que ele tinha que ser tão safado?

— Ora, deixe de falar asneiras. — falei ao me levantar da cadeira e coloquei as mãos na cintura, quase sem fôlego. Por que ele tinha que ser tão... Tão... Irritante?

— Desculpe! — falou Elijah ao entrar na sala. Nathan parecia extremamente relaxado, e eu me sentia uma merda a ponto de desaparecer com apenas uma descarga — Fox, — seu tom era de total preocupação — infelizmente teremos que desmarcar o nosso almoço... — Elijah olhou para mim, e soube imediatamente o que ele queria. *Merda duas vezes!*

— O café! — Tati entrou na sala, parecia um pouco nervosa. — Senhor Hunter... O seu com adoçante e... Senhor Fox, está como especificou — ela olhou direto para mim, e franziu o cenho — Liz, você está bem? — todos se viraram para me olhar, exceto Nathan, que olhou de modo

discreto com sua infalível arte de me deixar completamente sem ação.

— Ótima! — respondi endireitando os ombros — Não poderia estar melhor.

— Lizzie, — começou a falar Elijah. *Droga!* — você poderia acompanhar o Fox no almoço?

— Na realidade, — comecei — tinha marcado de almoçar com a Tati — olhei para ela, seus olhos suplicantes se concentraram em mim e em Elijah. Ela parecia tão apaixonada por seu lenhador tamanho “extragrande”, de corpo definitivamente comestível e dono de um carisma sem igual.

— Perfeito! — Nathan falou com um tom alegre — Vamos nós três almoçar juntos. — disse tomando seu café. *Filho de uma puta!* Os olhos de Tati se arregalaram imediatamente, pois iríamos fazer compras para ela sair com Elijah, e, com Nathan no nosso pé, isso não seria possível — Algum problema? — perguntou, terminando de tomar seu café e ampliando o sorriso safado no rosto. A frase “Quem sabe outro dia eu consiga jantar com você” me veio imediatamente à mente, só que não seria um jantar e sim um almoço, acompanhada e sem o perigo de ele tentar pôr as mãos em mim.

— Tudo bem! — respondi de modo desafiador, iria me divertir às suas custas, assim como estava fazendo constantemente comigo. — Mas, antes, vamos ter que fazer uma pequena parada. Tudo bem, senhor Fox?

— Sem problemas! — respondeu.

Antes do almoço, na loja de lingerie, Tatiane parecia muito desconfortável pelo fato de Nathan ter nos acompanhado. Pediria desculpas eternamente a ela por isso. O desgraçado parecia um ímã para mulheres. O Senador Fox em uma loja de departamento feminino era o acontecimento do ano.

— Em que posso ajudar? — perguntou a atendente morena que tinha o nome de “Angel” escrito na plaqueta. O jeito como olhava e comia Nathan com os olhos indicou que queria outra coisa, menos nos ajudar; sua atenção estava voltada explicitamente para Nathan, e pareceu que nem eu e nem Tatiane existíamos na loja.

— Na verdade, — ele olhou sedutoramente para ela e atirou um sorriso “molhe sua calcinha agora, ou morra” — eu não, mas as minhas amigas precisam de sua ajuda. — Nathan colocou as mãos nos bolsos da sua calça justa, fazendo com que seu terno se abrisse e mostrasse seu físico perfeito sob a camisa quase transparente de cor branca, — Sei que você fará o possível para ajudá-las, belezinha — falou com a voz macia e piscou para ela. Achei que teríamos que reanimar a garota, porque ela quase tombou ao se virar para olhar para nós duas, mas não sem antes olhar para ele e engolir em seco. *Entendo você!* Pensei. Revirei os olhos com aquela atitude, senti um pouco de raiva pelo modo como ele, furtivamente, deu em cima da morena, e ela pareceu não acreditar na sorte em ter o senhor “Sou gostoso. Pode olhar”, flertando com ela.

Escolhi três conjuntos de calcinhas e sutiãs, não que fosse usá-los, mas realmente precisava de novas peças na gaveta do meu closet. Enquanto Tati optava por coisas mais contidas, eu abusava nas peças pequenas; em minha opinião, não existe coisa melhor do que uma boa calcinha pequena e quanto mais fina melhor, de preferência.

— Qual é o problema? — perguntei um pouco intrigada.

— Não sei se o que estou fazendo é o certo! — deu de ombros — E se ele não quiser... Você sabe... — me olhou por baixo dos cílios realçados pela quantia generosa de rímel.

— Por via das dúvidas, vamos escolher uma coisa bem bonita e, se rolar algo... — falei calmamente — Você não precisa se preocupar, ele jamais faltará com o respeito, você só faz o que seu coração mandar. Tudo bem?

— Está bem — suspirou pesadamente. Seus olhos pareciam incertos, mas resolvi a ajudar a escolher uma peça de renda preta, que deixaria sua pele branca em destaque, caso acontecesse algo entre eles.

Quando pegamos nossas peças para irmos ao provador, Nathan ria charmosamente para meia dúzia de atendentes. Uma delas, com uma cara nada inocente, parecia arrancar suas roupas com os olhos. *O que aquele homem tinha?* Balancei a cabeça, incrédula, e fiquei olhando o modo como ele conseguia deixar cada uma delas se afogando na própria saliva, apenas com um maldito sorriso. Quando ele virou a cabeça e nossos olhos se

encontraram, pareceu que o mundo parou. E lá estava eu, parada, olhando como uma idiota, segurando calcinhas em uma mão e sutiãs em outra. Os olhos dele praticamente me colocaram no inferno; senti a sensação tão familiar entre nós dois, e desviei o olhar, antes que se tornasse algo constrangedor.

Corri para o provador para experimentar o sutiã, já que calcinha é algo nojento de se provar em uma loja. Tirei minha blusa e o sutiã e fiquei agradecida a Deus por ter os seios do tamanho que sempre quis. Na verdade, gostava muito do meu corpo, só minha cor de pele poderia ser menos translúcida, mas, fora isso, eu sempre fui muito feliz com minhas curvas. Quando me abaixei para pegar o telefone, a cortina se abriu.

— Tati! — falei ainda de cabeça baixa — O que você acha do verde? — perguntei, mas quando olhei para cima, quase desmaiei. Nathan estava parado, escorado na parede, de braços e pernas cruzadas, e eu com os seios de fora, que ele olhava de forma faminta.

— Não sei você, — subiu os olhos para olhar diretamente dentro dos meus — mas minha cor favorita se tornou rosa, principalmente o rosa do bico dos seus seios... — *Deus! Que inferno!* Todo meu corpo tremeu, não apenas por ele entrar de surpresa, mas por ele ter olhado daquela forma para mim. Seus olhos azuis cintilavam de diversão e malícia — Quero muito eles na minha boca agora... — falou passando a língua ao redor dos lábios — São perfeitos, minha *Jessi Rabbit* — Ele me chamou de sua Jessi Rabbit?

— Por que você não age de forma normal? — tentei pegar minha blusa, mas ela não estava no local onde deixei, estava em suas mãos. Não tinha problema em esconder meus seios, mas não queria que ele me tocasse. Não sei como agiria se isso acontecesse, se tocasse em mim novamente, se colocasse meus seios em sua boca... Quente... Macia... Não conseguia parar de pensar na sensação do seu beijo, e a ideia de tê-lo novamente na minha boca, chupando sua língua, explorando e pedindo a minha, me deixava fora de órbita. Completamente fora de órbita!

— Por que não me deixa mostrar a você o motivo de eu não conseguir agir de forma normal desde que a conheci? — perguntou com a voz rouca, mostrando a sua intenção. Descruzou os braços e as pernas e veio em minha direção.

— Nathan! — quase gemi ao falar seu nome — Por favor, não faz isso...

— Senhorita Radzimierski... — falou debochado, se aproximou mais e mais de mim. Meus braços congelaram, e fui incapaz de levantá-los para cobrir meus seios — Agora me chama de Nathan? — seu sorriso malicioso no canto da boca deu lugar a um amplo sorriso, mostrando os seus dentes perfeitos e brancos — Onde foi parar o Senhor Fox? — eu, em um cubículo com Nathan, era igual a gato caçando rato dentro de uma caixa de fósforos.

— Não chegue perto... — avisei dando três passos para trás, me apoiando no espelho — Não se aproxime

mais.

— Adoro a cor da sua pele, sabia? — segurou o meu sutiã por uma das alças, o levou até o nariz e inspirou profundamente — e o seu cheiro... — fechou os olhos enquanto falava — Seu cheiro é algo que não me deixa dormir direito ultimamente. — quando voltou a olhar para mim pareceu que estava em chamas. Um fogo que sabia que me queimaria, me consumiria por dentro e por fora, a não ser pelo fato de que não o queria tocando meu corpo.

— Você é um doente, isso sim. — falei sem fôlego — Saia daqui, antes que eu grite. Seu filho de uma... — parei no momento em que ele avançou mais dois passos e ficou a poucos centímetros de distância. Os bicos dos meus seios roçaram no tecido de seu terno e minha pele ficou arrepiada.

— Por Deus! — fechou os olhos e inspirou novamente — Termine de falar. Vamos Liz, termine de dizer o que você começou... — aproximou seu rosto do meu e abriu os olhos — Você vai me fazer perder a cabeça e arrancar o resto de suas roupas se não terminar de falar. — a cabine parecia cada vez menor — Me chama de filho de uma puta, Liz — a ameaça dele arrancando minhas roupas fez meu corpo paralisar.

— Você não manda em mim. Vá à merda...

— Fale agora ou vou prender seus braços acima de sua cabeça com uma das minhas mãos, enquanto a outra fará o trabalho sujo da história. — não compreendia Nathan. Se o chamasse de filho de uma puta, ele ameaçou rasgar

minhas roupas e trepar comigo para todos verem e ouvirem, e agora, se não o chamasse, simplesmente iria me agarrar e me pegar à força. De qualquer forma, sempre estava querendo me agarrar, desde que nos conhecemos.

— Filho de uma puta. Satisfeito? — minha voz saiu baixa — Agora você pode, por favor, entregar meu sutiã?

— Me dê um beijo! — meus olhos quase saltaram e cheguei a me engasgar — Me dê um beijo e entrego.

— Não vou beijar você por causa de um sutiã! — semicerrei os olhos.

— Não? — perguntou sorrindo.

— Claro que não... — quando dei por mim, ele já estava com suas mãos segurando meu rosto, deixando minha blusa e meu sutiã caírem no chão. A sensação da língua dele buscando a minha, meus seios espremidos contra seu peito, em contato com o tecido do terno, suas mãos quentes na minha pele, era diferente de tudo que senti.

— Queria tanto comer você na noite em que foi me entrevistar, com essa sua boca suja e atrevida. — falou se afastando e gemeu puxando meus lábios com os seus. O calor que vinha daquele homem não era normal. Minha pele começou a formigar, um sentimento de algo rompendo e me rasgando me deu calafrios — Deus! Você tem um gosto tão bom... Viciante... Minha Jessi Rabbit... tão doce! Meu doce!

Não sabia se gritava ou se retribuía o beijo, mas o medo me fez optar por tentar afastá-lo de mim. Do meu

corpo. Não conseguia raciocinar direito com sua língua dançando dentro da minha boca. Meu objetivo sempre foi jogar toda a merda da vida dele no ventilador, mas algo estava mudando, e rápido demais.

— Não suporto ser tocada! — sussurrei, estava cedendo e lhe contando apenas o meu medo, mas não sabia o que esperar dele. Não queria que descobrisse o lado obscuro da minha vida. — Não consigo... Não posso...

— Me deixe mostrar o quanto é bom ser tocada e amada por alguém — segurou meu queixo, ergueu minha cabeça e me olhou profundamente. Foi o suficiente para me fazer perder o fôlego.

— Nathan! — murmurei, quase chorando — Por favor, se afaste. — estava quase me curvando, quando ele compreendeu que aquilo era demais para mim.

— Me deixe ajudar você, Liz? — seu tom era preocupado — Não sei se acredita em paixão à primeira vista, mas me apaixonei assim que coloquei meus olhos em você. — não, ele não poderia se apaixonar por uma mulher como eu, não por uma mulher incapaz de passar para a segunda fase em um relacionamento saudável entre duas pessoas. O meu plano de provocar e não ser tocada foi por água abaixo no momento em que descobri que sentia ciúmes de Nathan olhando para outras mulheres, mas isso não o isentava por estar envolvido com coisas ilícitas.

— Não! — senti lágrimas quentes escorrerem por meu rosto — Não quero... — meus olhos ardiam — Não quero que você toque em mim... Não quero que diga que está

apaixonado por mim, por uma mulher que você mal conhece, uma mulher que não pode dar o que você quer. — reuni minhas forças, me abaixei e peguei minhas roupas do chão. Com a cabeça baixa, vesti o sutiã e a blusa, deixando de lado o fato de que ele me observava a todo o momento.

— Não vou desistir tão fácil assim, — falou exasperado, passando a mão nos cabelos — quero você, Lizzie Radzimierski. E vou conquistá-la.

—Vou prestar queixa por assédio, se continuar tentando me agarrar, Nathan. — minha voz saiu séria, mesmo enxugando as lágrimas — Apenas se afaste. Você pode ter a mulher que quiser e escolheu a mim? — balancei a cabeça e recolhi minha bolsa — Não sou... — usei a mesma frase que falei para Matt — Namorável, senhor Fox. Deixe-me em paz.

Capítulo 11



Minha mente estava um lixo, mil coisas se passaram de uma única vez, congestionando meus pensamentos enquanto corria para o lado de fora da loja. Queria ficar bem longe de Nathan. Longe de uma falsa paixão, que ele tão descaradamente jogou na minha cara. Meu corpo estava tenso, minha respiração auditivamente ruidosa, minhas mãos suadas de nervosismo por tê-lo tão perto do meu corpo e não desmaiar aos seus pés. Aquela boca na minha... O gosto... A maciez... Não me deixaria levar por uma paixão repentina, ou deixaria?

— Liz! — gritou Tatiane saindo da loja, mas não me virei para olhar, não queria perder tempo ali — Espere! — queria ir para bem longe. Longe de tudo, longe dele, de suas mãos, do seu cheiro.

Não olhei para trás, corri o mais rápido que minhas pernas conseguiram. Peguei meu celular e digitei uma mensagem rápida para Elijah:

“Elijah, desculpe, não poderei almoçar com o senador. Não estou me sentindo bem, estou indo para casa, depois compenso o dia. Lizzie”.

Olhei a tela e percebi que a mensagem de Nathan ainda estava lá para perturbar minha mente. Parei de correr

e comecei a andar rápido. Passei o dedo na tela com a intenção de apagar a mensagem, mas não consegui. Tive que ler.

“Verei você no jornal? — como ele conseguiu meu número? — Não consigo parar de pensar em você, Liz. O que faço, agora que senti o gosto da sua boca?” — *inacreditável!* Parei de andar rápido.

— Lizzie! — ouvi seu grito enquanto corria em minha direção, claro que ele iria me alcançar. Nathan parecia ser ótimo em exercícios físicos e isso se acentuava ainda mais por seu porte atlético. Parei, ou melhor, paralisei com o som da sua voz. *Por favor, corpo, funciona!* Pedi todas as minhas forças — Espere! — o tom de sua voz era de urgência, mas não conseguiria ficar perto dele.

Quando um táxi passou, fiz sinal para que parasse e embarquei. Pela primeira vez, desde que conheci Nathan, meu corpo obedeceu. Entrei às pressas no carro, falei o endereço do meu apartamento e pedi para o motorista sair dali o mais rápido possível. Meus olhos ardiam, lágrimas escorriam demasiadamente quentes em meu rosto. Olhei para o lado, pude vê-lo levando as mãos aos cabelos e seus lábios formando uma linha rígida, com uma expressão frustrada.

Cheguei ao meu apartamento, bati a porta ruidosamente e me deixei deslizar por ela até sentar no chão. Deixei o restante das lágrimas, que ainda existiam dentro da minha alma, saírem. Olhei para o sofá velho e rasgado, a imagem de Nathan sentado me perturbou, mas

sua imagem na minha cozinha me deixou ainda mais tonta. Meus soluços e meus gemidos de dor ecoavam pelo apartamento. Com muita relutância, consegui me arrastar até o velho sofá, me deitei encolhida para cair em meu mundo de sofrimento e enfim encontrei um sono bem-vindo.

Minha mente estava esgotada, meu corpo doía, mas o pior foi a sensação de abandono que permanecia em mim. *E isso eu não poderia aceitar!* No sono bem-vindo, sonhei com ele. Em meu sonho, nós nos tocávamos e trocávamos beijos apaixonados; sei que seria bom se fosse algo real e, se ele não estivesse envolvido com tantas coisas erradas, seria perfeito. O fato de ser senador, e com a sua reeleição tão próxima, o deixava ainda mais em evidência. Ainda havia o problema de apenas uma parte do meu corpo conseguir ser tocada por ele, e como seria um relacionamento assim? Onde só existiriam beijos? Sem toques, sem carícias, e sem o sexo? Não, isso não daria certo!

Com os olhos ainda pesados pelo sono, olhei em direção ao meu quarto, escuro e solitário. *Minha vida era assim, escura e solitária!* Nunca pensei em como isso tudo parecia tão deprimente, até sentir falta do beijo dele. Sentada no velho sofá em que ele dormiu, o azul dos seus olhos invadiu minha mente, assim como seu sorriso safado. Era noite e já passava das vinte horas, minha barriga protestou por comida, mas minha coragem de atender ao seu protesto era mínima, alonguei meus ombros e meu

pescoço antes de levantar, e me arrastei sem vontade nenhuma.

— Você sabe o que fez? — congelei ao ouvir sua voz. *Droga!* Não podia ficar sozinha com o meu próprio sofrimento? Será que ele iria me seguir toda hora? Mesmo depois de tudo que falei, ainda veio atrás de mim? Nem me daria ao trabalho de perguntar como entrou em meu apartamento, essa pergunta seria ridícula.

— Deus, você só deve ser muito imbecil! — murmurei baixo, de costas para ele. Nathan estava sentado em uma cadeira próxima à mesa da sala; como estava escuro e meus olhos inchados, não percebi que ele estava ali. — Terei que bater em você para que se afaste?

— Fiz uma pergunta... — fez uma pausa, sua voz era fria. Mas, não me deixei abalar por isso, não teria um relacionamento com Nathan. *Isso era o que pensava!* — Responda a merda da pergunta, Radzimierski. Você sabe o que fez?

— Não sei o que fiz e, a propósito, você é surdo? Falei que não quero você perto de mim, mas parece que isso não funcionou. — falei me virando. Nathan estava na penumbra da sala, de pernas cruzadas, com um dos braços descansando no encosto da cadeira, levemente inclinado para frente e o outro braço apoiado no cotovelo; os dedos de sua mão esquerda descansavam sobre seus lábios.

— Você me deixou, Liz! — sua voz passou de fria para um tipo de dor. *Como o deixei? Não tínhamos nada um com o outro!* — Como vou ajudar você, se passa a maior parte

do tempo fugindo de mim? — descruzou as pernas e se levantou da cadeira, instantaneamente recuei. — Você gosta de mim, Liz! Sua boca ainda sente o gosto do meu beijo. — havia trocado de roupa, usava calça de corrida preta, camiseta branca e tênis pretos. O jeito que ele ficou, sob a pouca luz que vinha da rua, me fez perder o fôlego. *Cabelos molhados e bagunçados, seus lábios me chamando...* Como ele conseguia fazer isso? Estava com raiva, mas ao mesmo tempo não estava. A verdade queria desabar sobre mim e passou sobre meu corpo como um rolo compressor; *eu o queria!* Mesmo não o conhecendo, mesmo sendo um senador, e que poderia ter qualquer outra mulher. — O jeito como está agora, mordendo esses lábios maravilhosos, mostra que estou certo. Diga que não estou errado... Diga que não me quer... Se conseguir me convencer eu vou embora.

— Nathan, por favor! — deixei meus ombros caírem, meus braços estavam pesados demais para assumir uma postura defensiva, minha cabeça latejava de dor, o que me fez gemer baixinho — Não sirvo para você...

— Quem decide o que serve ou não para mim sou eu, Liz. — senti seu cheiro enquanto se aproximava — E agora decido que quero você.

— Estou uma bagunça, Nathan! — disse derrotada, minha voz mostrava o último fio de coragem que restava — Tanto por dentro quanto por fora, meu prazo de validade está vencido faz muito tempo.

— Me fale o que você tem, fale sobre seus medos, sobre você, Liz. — estava tão próximo que uma vontade de tocar seus cabelos passou em minha mente, mas se o tocasse, ele iria querer tocar em mim e isso eu não queria. — Prometo não tocar em você sem sua permissão, prometo ser paciente com você, se é isso que precisa para ficar comigo. — seus olhos tinham um brilho de preocupação e fez meu coração se abrir com a dor que transmitiam. A promessa de não me tocar sem permissão era algo novo.

— Não. Por favor, não faça isso! — murmurei.

— Não sei ficar longe de você por muito tempo e não tenho planos de sair da sua vida, Liz. — senti o seu hálito gostoso sobre mim e seu cheiro de homem, quando se aproximou mais — Seja minha, que serei seu!

— Nathan, você não sabe o que está falando, pelo amor de Deus. Você mal me conhece e diz que está apaixonado por mim. — minha voz transmitia a dor do meu peito. — Você leu minhas pesquisas, sabe que estou investigando você e agora vem com essa de que está apaixonado por mim? O que me garante que isso não é um truque seu, uma jogada para me desviar da investigação que pode me trazer reconhecimento e o respeito dos outros jornalistas?

— Você sentiu o mesmo frio na barriga? Aquela sensação de borboletas se debatendo dentro de você? — baixou a cabeça para olhar nos meus olhos — Eu sei, sei que você me quer. Eu quero você, e é assim que as coisas

funcionarão. Preciso de você na minha vida, soube que você seria minha na primeira vez em que a vi.

— Não sabe o que está falando... Não sou uma propriedade para ser sua, ou um objeto, para você se sentir meu dono.

— Deixe-me amá-la, como merece ser amada! — aquela conversa estava me deixando cansada — Diga que não pensa em mim e vou embora. — abri minha boca, mas nada saiu, olhei para os seus olhos, que me queimavam por inteira. Fiquei chocada por não conseguir falar que o queria fora dali. Fora da minha vida.

— Vê as chamas dentro dos seus olhos? — fechei os olhos para poder terminar de falar — Elas me queimam... Me fazem querer sentir essa paixão que você diz sentir por mim, mas não posso, Nathan. Você faz parte de um mundo perigoso, onde Isaäk faz parte.

— Isaäk Markov não faz parte dos meus negócios, Liz. — sua voz saiu dura. — Nunca fará! É por isso que não quer tentar? Por achar que tenho negócios com ele?

— Não é só por isso, Nathan. — abri os olhos, percebi que me olhava profundamente — Não sou uma mulher completa, minha cabeça não funciona do jeito certo, meu corpo não funciona do jeito certo. Nada em mim funciona do jeito certo! — ele precisava perceber que não era somente o fato de ter negócios com um mafioso russo, era algo mais. Muito além do que eu poderia oferecer. Meu passado não era algo que gostasse de falar muito.

— Me beije, Liz! — pediu de repente e meus olhos se arregalaram pela forma intensa com que falou — Me beije! — pediu novamente — Prometo não tocar em você. Pegue meu coração, minha vida e minha alma. Deixe-me curar suas feridas. Deixe-me entrar em seu coração.

— Não posso! — como não pensar nele, entrando na minha vida, entrando no meu coração? — Não do jeito que você quer, Nathan. Não fui feita para relacionamentos, fui feita para viver sozinha. E vou ficar sozinha.

— Se você me beijar e não sentir verdade no beijo... — seus olhos suplicantes estavam me fazendo ceder. Lentamente abaixou a cabeça, ficou próximo ao meu rosto e apenas alguns centímetros separavam nossas bocas. Colocou suas mãos para trás do corpo, me dando livre acesso para prosseguir. *Como resistir a sentir o gosto do seu beijo?* — Me deixe entrar na sua vida e deixe você entrar na minha. Meu mundo será seu, Lizzie Radzimierski. Serei seu, apenas seu.

Com medo de perder o resquício de coragem que aquelas palavras me deram, fechei meus olhos e o beijei. *Sem medo, pela primeira vez em toda minha vida!* De início foi um beijo casto, apenas com os lábios colados, mas depois abri minha boca procurando a língua dele, que tão delicadamente me ofereceu; quando a chupei, o doce gosto do seu hálito me fez perder um pouco o medo. O jeito que falou que não me tocaria sem permissão, a forma e a força como falou, me deram coragem para prosseguir. Ele estava parado, apenas respondendo ao beijo e foi ali, parada em

sua frente e enquanto nos beijávamos, que percebi a verdade que existia dentro de cada palavra dita por ele, cada incentivo para acreditar no que estava acontecendo. Ainda assim tudo aquilo era demais, mas algo ainda maior cresceu em meu peito, algo que queria explodir, e por um momento o medo pareceu uma coisa distante.

— Por favor, Liz! — sussurrou ainda me beijando — Quero ser seu, me deixe ajudar você. — aquele era o momento de decisão, de escolher sentir a sensação que tive quando o toquei pela primeira vez, sentir seus beijos e suas mãos em minha pele, sem medo.

— Não brinque com meu coração, Nathan. — respondi as suas súplicas ainda incerta do que viria no futuro. Deixaria ele me ajudar pelo simples fato de também ter me apaixonado por ele, reconhecia que estava em estado de negação em relação a isso. Tinha me apaixonado por Nathan, talvez muito antes de conhecê-lo pessoalmente. — Não suportaria ser abandonada ou machucada por ninguém, nem por você.

— Você não tem ideia do quanto me faz feliz. — sorriu carinhosamente para mim — Você é minha, Lizzie. Minha Lizzie.

Capítulo 12



Uma nova etapa iniciou em minha vida, com Nathan sendo parte dela. Senti a sensação de que estava subindo uma montanha-russa de milhões de metros de altura, e o medo do que poderia acontecer brotava na minha barriga. Queria acreditar que aquele momento tão perfeito não fosse acabar. Olhar para o mar infinito dos olhos daquele homem tão intenso era me perder em um caminho que sabia que não teria mais volta, um caminho que queria trilhar, mesmo com medo do desconhecido. *Agora, entendia o que significava borboletas na barriga!* Nathan, em menos de uma semana, tocou profundamente minha alma e, nas últimas horas, tocou meu coração. Ele perguntou se eu acreditava em paixão à primeira vista; antes eu não acreditava em nada relacionado a isso, ao amor ou qualquer outra coisa que levasse a esse sentimento, até tocar sua mão pela primeira vez.

Meus medos... Meu medo! Minha vida! Meu passado! Tudo se resumia a conseguir encarar essas coisas e poder me abrir com alguém. *Como poderia me negar?* Negar-me a oportunidade de tentar, mesmo não conseguindo prever o futuro. Parada, olhei para aqueles olhos azuis perfeitos, e vi

que esperavam uma resposta. *Eu, namorada de Nathan G. Fox!* Será que me acostumaria com isso?

— Vai me deixar entrar na sua vida?

— Sim! — minha voz saiu fraca pela intensidade das emoções entre nós.

Ele se afastou, pegou o celular e digitou os números na tela.

— Gretha! — esperou um pouco antes de continuar — Isso... Não! Pode ir. Certamente dormirei aqui. — me olhou sorrindo. Seu sorriso era uma mistura de satisfação com malícia. Mas ele prometeu não me tocar, ele quebraria essa promessa? — Às... — parou um pouco avaliando algo no pensamento e tornou a falar com a tal Gretha. — Sete. Isso... Boa noite, Gretha!

Desligou o celular, colocou sobre mesa e veio em minha direção; recuei com medo, mas ele parou. Levou as mãos até a borda da camiseta e a tirou, jogando-a no chão. Como descrever o corpo daquele homem? Perfeito! Bíceps definido, peitoral largo e musculoso sem um fio de cabelo para estragar aquela pele espetacular e um abdômen digno de um deus grego, um guerreiro espartano. O jeito como o caimento de sua calça era perfeito na linha do quadril, como mostrava a perfeita e chamativa entrada para a felicidade, era de tirar o fôlego.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei sem ar, mal conseguia tirar os olhos dele, do seu corpo, subi com

os olhos até chegar a seu rosto de linhas firmes e fortes, e pude ver o quanto era maravilhoso.

— O que acha? — deu de ombros, seguiu em direção ao banheiro e, antes de entrar, acendeu a luz da sala; demorou um pouco até que me adaptasse à claridade — Vou tomar um banho — sorriu e segurou a cintura da calça, baixando-a de uma única vez. Foi quando percebi que estava sem tênis e agora quase nu em minha sala, exceto por único pedaço de tecido que cobria a parte mais importante.

— Jesus! — gemi e levei as mãos ao rosto — Qual o seu problema? Não pode tirar a roupa dentro do banheiro? — na verdade, queria ficar olhando para seu corpo perfeito, mas olhar e não poder tocar era uma tortura.

Jogou a roupa de lado, sem a menor cerimônia, perto da porta do banheiro, ficando apenas de cueca.

— Vamos, olhe! — sua voz havia mudado, estava rouca e mais intensa — Quero que você olhe o que agora é seu.

— O que é “meu”?! Você só pode estar de brincadeira com a minha cara. — resmunguei e cobri os olhos com a mão — Esse relacionamento nem começou direito e você já está dando uma de pervertido, quase pelado na minha frente?

— Seu! — quando falou com tanta firmeza, meu corpo ficou tenso. *Meu!* — Sou pervertido, nunca escondi e nem vou esconder isso, Liz. — pude sentir seu sorriso através

das palavras — Agora seja uma boa menina e tire essa mão dos olhos, veja o quanto quero você. — relutante, desci a mão, mas baixe a cabeça e fechei os olhos. Constrangedor e excitante ao mesmo tempo; esses foram os sentimentos que percorreram meu corpo — Vamos lá! — seu tom divertido me deixou ainda mais nervosa — Levante a cabeça e abra os olhos, quer que eu vá aí e faça isso? — ameaçou de maneira divertida.

Aos poucos levantei minha cabeça. Suspirei e busquei coragem sabe-se lá de onde, abrindo meus olhos devagar até ver a criatura mais que perfeita que já pude observar. Claro que não tive muitas visões como aquela, de Nathan pelado na minha sala... Grande... Grosso e ereto... De dar água na boca.

— Deus! — soltei um gritinho fino — Isso é... É... É... — gaguejei sem saber o que fazer ou para onde olhar — Grande... Duro... E grosso. Você é normal? — perguntei sem pensar e levei a mão até a boca. *Merda!*

— Sou o que você poderia chamar de *upgrade* em sua vida, Liz. — sorriu maliciosamente e piscou.

— Você vai ficar assim a noite toda? — perguntei nervosa.

— Duro... Grande e grosso? — gargalhou com malícia — Não sou uma máquina, mas, se você quiser, podemos dar um jeito nisso...

— Não, seu babaca egocêntrico, filho da mãe! — respondi semicerrando os olhos para ele — Estou falando

de ficar pelado, assim... Do jeito que está agora! Ai Jesus, vista sua roupa, ou entre logo no banheiro.

— Você quer? — perguntou mordendo o lábio inferior e sorrindo. Nathan, com toda certeza, era um pervertido de carteirinha, mas um colírio para meus olhos.

— Não! — respondi apressadamente, mesmo que meu corpo dissesse sim, ou melhor... Gritasse *“fique nu na minha frente, pelo resto da sua vida, delícia”*! — Você duro desse jeito não dá... — merda de boca que nunca ficava fechada na hora certa de medir as palavras.

— Não vou. — levou a mão até a barriga e alisou cada músculo do seu abdômen — Tenho uma bolsa no seu quarto. — Hã? Como assim? Primeiro entrou, sabe Deus como, e agora tinha uma bolsa no meu quarto? Em pouco tempo tomaria conta de tudo.

— Oi?! — perguntei incrédula — Nem vou perguntar o motivo de você ter uma bolsa no meu quarto, tenho medo da resposta que vai dar. — balancei a cabeça irritada e fui até o quarto, a bolsa de musculação não era grande, então a peguei e levei até ele, que ainda estava parado, pelado, na porta do banheiro — Espere... — fiz uma pausa e pensei melhor no que aconteceu. — Você disse que vai dormir aqui, onde pensa fazer isso? E como sabia que o deixaria dormir aqui? Como sabia que aceitaria você aqui?

— Não me faça perguntas difíceis... Porque você sabe a resposta para cada pergunta. — pegou a bolsa, piscou o olho direito para mim e entrou no banheiro, trancando a porta.

— Inferno! — suspirei. Minha barriga estava um oco, a fome não me deixava raciocinar direito; fui até a cozinha, retirei uma lasanha congelada, mas logo desisti, imaginei que ele também gostaria de algo para comer. Suas roupas denunciavam que havia se exercitado e precisava repor energia... Deus, não estava acreditando no que tinha acabado de fazer.

Peguei o cardápio de um restaurante italiano perto de casa, pedi canelone com molho de tomate e ervas-finas para mim e capeletti de frango com molho de queijo para Nathan, sem saber ao certo se ele gostaria, mas se não gostasse... Azar o dele, eu comeria os dois, era muito boa de garfo. Antes que a comida chegasse, fui correndo para o quarto, me amaldiçoando mil vezes por não ter nada bonito para vestir e ter que colocar a calça do meu pijama de flanela vermelha e uma regata branca e velha. Prendi o cabelo e me olhei no espelho do closet antes de voltar para a sala. Nathan estava saindo do banheiro, com o cabelo molhado e a toalha ao redor do seu pescoço, apenas de cueca.

— Visão tentadora, não é? — sorriu e levou a toalha até o cabelo, terminando de enxugar.

— Deixa de ser tão convencido. — seus olhos brilhavam de um jeito diferente sobre mim. — O que foi?

— Você está linda, minha Jessi Rabbit. — suspirou — Será que seria abusar da sorte lhe pedir outro beijo? — meu corpo parou, minha respiração falhou e meus olhos saltaram

para fora. Quando ia responder, a campainha tocou. Salva no último segundo.

— Não! — fiz uma pausa — Quer dizer sim, preciso de mais tempo para fazer isso novamente. Então... Pedi o jantar. — olhei para ele ainda parado na minha frente e o questionei com o olhar se ficaria daquele jeito para que pudesse abrir a porta. Com um sorriso cínico na boca, pegou a toalha, envolveu na cintura e levantou as mãos fazendo sinal que havia entendido o que quis transmitir com os olhos — Obrigada! — falei e abri a porta.

— Oi, Liz! — disse o entregador — Jantar para dois hoje, hein? — a curiosidade de Eddei era irritante. Por várias vezes me chamou para sair, mas sempre recusava, pelos motivos mais que justificáveis. Além do meu medo, Eddei parecia ser aquele tipo de cara que não se contentaria em ficar apenas com as mãos nos talheres em um jantar com uma mulher. Era alto, tinha boa forma, até bonito se você fosse uma mulher sem exigências, mas não chegava nem um pouco perto da beleza do homem que estava no meu apartamento.

— Pois é, Eddei. — dei de ombros, querendo parecer indiferente — Quanto?

— Querida! — Nathan pareceu um lobo alfa demarcando território quando chegou perto de mim, sem me tocar, e abri um pouco mais a porta. — Algum problema? — antes que pudesse responder, Eddei falou:

— Nathan Fox? — perguntou surpreso. O modo como pareceu não acreditar que um homem como Nathan estaria

comigo me deixou extremamente irritada. — Senador Nathan Fox... — o tom de descrença em sua voz me deu nos nervos.

— Eddei, certo? — perguntou Nathan pegando as sacolas — Não me leve a mal, mas quero que você seja bastante discreto sobre o que viu agora. — seu rosto assumiu uma linha mais rígida e séria — Eu e minha garota queremos ter uma noite agitada, assim como uma manhã tranquila, então seria de bom-tom que você não falasse para ninguém que estou aqui. Quero saborear uma noite perfeita com a futura Senhora Fox. — Eddei olhou para Nathan, depois para mim, como se eu fosse um alienígena, a aberração do momento, perto daquela perfeição.

— Oh! — falou constrangido — Desculpe, senhor Fox! — Nathan pareceu satisfeito com o que tinha acabado de fazer e isso incluía mijar – não literalmente – demarcando território — Prometo que não falarei nada. Agora entendo o porquê de ela não querer sair comigo... — na verdade, não sairia com ele nem se fosse o último homem da terra.

— Obrigado! — Nathan olhou para mim, jogou um beijo no ar e saiu logo em seguida. Quando sumiu de vista, olhei para Eddei e percebi que ele não sabia o que fazer.

— Boa noite, Lizzie! — desejou quando o paguei.

— Boa noite, Eddei! — falei fechando a porta na cara dele. Com a fumaça saindo pelas narinas, encontrei Nathan colocando os pratos na mesa, de costas para mim. *Que bunda! Que musculatura incrível...*

— Você sabe que ele vai falar para todo o mundo, não é?

— E daí? — deu de ombros e pude jurar que estava rindo.

— E daí? — repeti nervosa — E daí que minha vida vai virar um inferno, sem contar que vou ser motivo de gozação dos outros.

— Você disse “gozação”? — falou quase gemendo, com um sorriso no canto da boca quando se virou e olhou para mim.

— Jesus amado, — resmunguei — você não pensa em outra coisa?

— Não com o que pretendo fazer depois do jantar... — todos os músculos do meu corpo tensionaram. O que ele faria depois do jantar?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei nervosa, quase enfartando — Você prometeu que não iria tocar em mim sem permissão.

— Se prometi, — falou calmamente — vou cumprir, mas quero fazer algo e isso só posso fazer depois do jantar. — sorriu de modo enigmático — Agora vamos jantar?

Nathan havia recolhido as roupas e guardado na bolsa de ginástica. Logo após o jantar, pegou uma cadeira e a levou até o quarto, posicionando-a para que ficasse de frente para a cama. Andou elegantemente pelo apartamento, fechou a cortina da janela, parecia o dono do

mundo. A musculatura de suas pernas flexionava todas as vezes que se inclinava.

— Não queria perguntar, mas vou ter que fazer isso. — falei intrigada, mas com medo da sua resposta. — O que pensa que está fazendo?

— Nada demais! — respondeu sentando na cadeira — Sente-se na cama e fique de frente para mim.

— O que você quer dizer com “nada demais”? — obedeci e sentei, ficando de frente para ele.

— Vou bater uma para você! — sorriu e abriu a toalha. Abaixo do tecido de sua cueca, pude ver algo crescendo.

— Não! — falei alarmada, já arregalando os olhos para ele — Você não vai...

— Não posso tocar em você e sempre transo com a mulher que escolho para ser minha namorada, — começou a justificar sua atitude — pelo menos me deixe alisar meu pau enquanto olho para seus seios maravilhosos. — seus olhos me queimavam de uma forma profunda e intensa.

— Achei que íamos conversar! — falei sem ar. O sangue definitivamente subiu para minhas bochechas, me deixando corada. Não sabia nada sobre um relacionamento saudável entre um homem e uma mulher, mas tinha certeza que Nathan era pós-graduado, tinha doutorado e mestrado em como fazer uma mulher gozar apenas o olhando se masturbar.

— E nós vamos! — falou, mordeu e passou a língua sobre o lábio inferior — Mas, fiquei pensando em como

seria foder nos seus peitos, como meu pau ficaria sendo esmagados entre eles... Oh, Deus... Você não tem ideia do que quero fazer com eles agora. — sua mão estava sobre o tecido da cueca, subindo e descendo sobre toda a extensão do seu grande e grosso pau. — Daria tudo para chupar cada um deles até fazer você gozar...

— Nathan... — gemi sem saber o que fazer — Eu... Eu... Nunca fiz algo do tipo. — confessei envergonhada pelo modo como ele praticamente se amassava sobre o tecido.

— Isso me faz um filho da puta por ter tanta sorte. — falou gemendo — Faça uma caridade e me deixe ver seus seios...

Sem olhar e sem pensar muito, peguei a borda da regata e a tirei, inspirava e respirava com força. Nathan estava intenso, forte e poderoso com toda sua glória sentado bem na minha frente.

— O que faço agora? — perguntei sem olhar para ele.

— Olhe para mim, enquanto me masturbo... — sua voz era rouca, cheia de luxúria — Me deixe ver o quanto gosta da sensação de me observar alisando meu pau... Agora... — disse — Os segure e aperte com vontade, mantenha os olhos abertos enquanto observa. — estava em modo automático para todos os seus comandos, exceto permitir que me tocasse.

Nathan ergueu o quadril e abaixou a cueca, exibindo toda a extensão do seu pau. Levou três dedos da mão direita até a sua boca, deixando-os úmidos, e logo em

seguida os desceu até a cabeça do seu membro, passou ao redor e fechou os olhos ao efeito do seu próprio toque. Sua imagem alisando seu membro, e a forma como me olhou, me fez ficar de olhos arregalados com sua intensidade e ardor. Era de deixar qualquer mulher sem ar.

— Você é muito gostosa, sabia? — disse enquanto envolvia todo seu membro na mão, subindo e descendo lentamente — Está gostando do que vê? — perguntou de modo sensual. — Vamos Liz, responda.

— Acho que sim... — respondi sem jeito. A cena de Nathan alisando seu pau na minha frente ficaria gravada para sempre em minha memória.

— Você acha que sim? — rebateu com um pouco de ironia na voz — Sabe o que acho? — como não respondi, ele continuou — Acho que você deve estar tão molhada quanto o meu pau está duro. O que me diz? — quando falou isso, instintivamente apertei as pernas, sentindo a umidade do meu sexo se espalhar ainda mais.

— Que estou muito molhada... — sussurrei olhando nos olhos dele.

— Vamos, Liz... — sorriu com aquele maldito sorriso no canto da boca — Tire essa calça e abra as pernas, para que eu possa apreciar a vista...

— Nathan... — falei quase sem ar.

— Largue seus seios maravilhosos e me dê a graça de ver sua boceta toda abertinha para mim... Úmida... Gostosa... — falou, lambeu os lábios e manteve os

movimentos de sobe e desce no seu pau — Você se lembra da colher, Liz?

— Lembro... — quase arfei quando ele arregaçou todo o prepúcio, mostrou a glândula e passou os dedos da mão esquerda ao redor.

— Imagine o que vou fazer com ela, com sua boceta, quando resolvermos esse nosso problema de toque. — sorriu novamente — Vamos Liz, tire essa maldita calça! Meu pau não pode entrar em você, mas meus olhos podem ver e minha mente pode me imaginar entrando nessa maravilha que existe entre suas pernas.

Soltei os seios e fiquei em pé, um pouco sem graça por fazer aquilo. Nathan tinha um jeito forte e imponente e dava para notar que era tão mandão quanto eu. Devagar, fui descendo a calça, ficando sem nada em sua frente.

— Oh... — gemeu com força — Você é mais bonita do que tinha imaginado, Liz. Você é uma delícia! Agora se sente na cama novamente e abra bem as pernas... Mostre-me, minha Jessi Rabbit, o motivo pelo qual o meu pau lateja desde que a conheci... — percebi que os movimentos estavam se intensificando e seu olhar estava cada vez mais duro e pesado sobre o meu corpo. Diferente dos outros homens que me olhavam, com Nathan sentia algo diferente, sensual e avassalador sobre o meu corpo — Acho que vou gozar apenas observando o modo como você se senta na cama. Vamos lá, abra as pernas... — atendendo ao seu pedido, me sentei na cama novamente, abrindo as pernas em sua direção e me deitando na cama. Olhei para o teto,

aquilo era mais do que pude imaginar. Era tudo muito intenso e quente.

O som da voz de Nathan perturbava cada pedaço do meu corpo.

— Ah... — rosnou — Isso... — pude ouvir o som da sua mão descendo e subindo — Levante a cabeça e se apoie nos cotovelos, para que possa ver o meu desejo por você, quando gozar como um louco. — quando fiz o que me pediu, vi que todo o seu membro estava mais úmido, da cabeça até a base — Você está excitada, Liz?

— Sim, Nathan... — respondi, puxando todo o ar para os meus pulmões.

— Oh, querida... — gemeu mordendo o lábio — Leve sua mãozinha para ficar entre suas pernas. Lembre Liz, não posso tocar você, mas nada impede que você se toque para mim. — Sem pensar duas vezes, descii a mão direita até a minha boceta e comecei a esfregar meu clitóris, quase esquecendo de respirar. — Com um pouco mais de força, meu bem. *Alise ela* por inteiro para mim. Estou quase gozando... Mas, quero ver como você fica quando goza... — busquei minha umidade e espalhei sobre todo o meu sexo e fechei os olhos com a sensação.

Era tudo tão proibido, tão cheio de pecado!

— Abra os olhos, meu doce. — pediu, voltei a olhar e me perder no azul arrebatador de seus olhos — Olhe para mim, quero ver você gozar também. Vamos meu bem, mais rápido. Castigue essa bocetinha por mim. — ao seu

comando, intensifiquei os movimentos em torno da minha região sensível — Deus! — gemeu entre os dentes — Você vai me matar... — quando falou isso, me perdi. Meu corpo entrou em estado convulsivo, queimou cada parte, cada centímetro da minha pele.

Gozei alto, como nunca fiz, como nunca tinha sentido; nunca imaginei algo tão bom e intenso em minha vida. Precisava de ajuda o quanto antes para poder sentir Nathan me amar, como havia dito que faria com tanto carinho.

— Quando me deixar amar seu corpo... — sua respiração estava ruidosa — Vou adorar cada pedaço dele... — gemeu novamente — Preciso de você, Liz... — enquanto me recuperava do meu momento, Nathan atingia o ponto tão esperado do seu orgasmo; gozou com força e fechou os olhos, se masturbando.

Nathan abriu os seus lindos olhos e um sorriso largo se espalhou. Estava satisfeito pelo que tinha acontecido entre nós dois, sem ao menos termos nos tocado. Pegou uma toalha, limpou toda a porra que exista na sua mão e na extensão do seu pau, dobrou e deixou de lado, para depois subir a cueca.

— E o beijo? — perguntou, enquanto eu tateava em busca do lençol para me cobrir — Ah! Não. Deixe-me ficar olhando para você mais um pouco.

— Seu tarado! — puxei o lençol e cobri o corpo — Não sei o que você tem com essa sua voz macia, mas tudo tem limites...

— O limite de observar você gozando é um que posso considerar incrível. — sentou ao meu lado, mas com certa distância — Sabemos agora que você consegue me observar e sentir prazer. Isso é muito bom.

— Isso tudo é novidade para mim. — franzi o cenho e olhei para ele — Também não sabia que podia sentir desejo dessa forma.

— Vou ensinar outra forma para você, assim que estiver preparada. — fez uma pausa e olhou para o chão — Liz, você é o caminho que me leva para casa e para todas as minhas esperanças. Vi em você algo que não consigo enxergar em mim. É complicado explicar isso agora.

— Nathan... — falei seu nome com carinho — Tenho medo de me apaixonar por você de uma forma que me faça sofrer. E se você não achar mais que sou esse caminho e, se por algum motivo, me perder nesse caminho?

— Impossível! — sorriu tristemente quando voltou a olhar em meus olhos — Não consigo explicar o que senti quando a vi pela primeira vez. Acho que foi o seu atrevimento que me atraiu de início, ou essa sua boca que se tornou meu pesadelo. Mas cada pensamento que tinha, quando estava sozinho, me levava até você.

— Não esperava me apaixonar por você, Nathan. Na verdade, nem sei o que sinto realmente, mas sei que sinto algo. — murmurei com a voz fraca — Agora, tudo parece estar tão amplificado, que não sei se vou suportar a força desse sentimento.

— Vamos com calma, — sorriu docemente — eu sei, — deu de ombros — temos muito que saber sobre o outro. Mas aos poucos perceberemos que nós nos merecemos. Disso tenho certeza, minha Jessi Rabbit gostosa.

— Eu dou... — arqueou a sobrancelha em questionamento, mas com um sorriso malicioso em sua boca perfeita — Ora — resmunguei — Deixe de ser tão... Tão...

— Gostoso? — gargalhou alto divertidamente.

— Estava falando do beijo, seu merda pretensioso! — fechei a cara e cruzei os braços enquanto segurava o lençol.

— O que você está esperando para me presentear com seus lábios deliciosos? — seu sorriso foi desaparecendo pouco a pouco, quando aproximou seu rosto do meu. Seu olhar alternava entre minha boca e meus olhos de maneira intensa.

— Coloque suas mãos para trás. — pedi e ele obediamente o fez.

— Como você desejar, meu doce. — nossos lábios se tocaram e tudo no meu mundo ficou mais cheio de luz.

Capítulo 13



A luz da manhã através da janela me fez pular da cama, literalmente. Estava sentindo uma estranha felicidade. Parei assim que o vi, sentando na mesma cadeira onde horas antes tinha me deixado exposta, entregue e volátil, como nunca havia estado. Era um sentimento novo, que me fez prender o ar. Olhei para ele, suas pernas estavam cruzadas de modo elegante enquanto arrumava suas abotoaduras de prata com as letras *NF*, parecidas com a sua caligrafia. Forte e elegante. O relógio marcava seis horas, ainda estava nua e ele vestido com seu magnífico terno de cor cinza grafite, só Deus sabe de onde ele tirou aquele terno.

A cor do terno combinava perfeitamente com o azul dos seus olhos. Um azul no qual agora queria mergulhar e me afogar por inteira. Seus cabelos estavam úmidos e bem penteados, sua barba estava por fazer, o que deixava seu queixo e as maçãs do rosto mais firmes, com cara de homem que gosta do perigo, e mesmo assim, sua pele parecia mais que perfeita.

O sentimento bom estava ali, mas o medo de que não fosse durar me deixou inquieta, quase assustada. Enquanto o observava, um sorriso esplendoroso se formou no canto de sua boca, um sorriso de satisfação por me pegar

babando por ele. Mas não foi apenas seu sorriso ou como estava divinamente lindo, foi seu cheiro. Seu perfume tomou conta da minha mente e do meu corpo.

— Gostei do terno! — consegui falar, quase sem ar.

— Gostei e gosto da sua bunda! — seu sorriso se ampliou ainda mais, com meu constrangimento por causa da minha nudez esquecida. Não conseguia ser tocada, mas morreria para ficar em uma ilha deserta, com ele pelado, repetindo o ato memorável da noite passada.

— Droga! — xinguei e corri para o closet, peguei uma calça e uma blusa de cor verde-claro — Sabe, — comecei a falar — você poderia ter esperado na sala. — falei querendo parecer irritada, mas falhei miseravelmente. É claro que estava feliz por tê-lo como a visão perfeita logo pela manhã, e acho que me acostumaria com isso — Assim, não olharia para essa sua cara medonha e nem você para mim com o cabelo de assombração. — quando voltei, ele permanecia sentado e abafando o riso.

— Não acho que pareça uma assombração e se você se acha parecida, — deu de ombros — adoraria comer uma como você a cada dez minutos.

— Você mal acordou e já está pensando nisso? — cruzei os braços, fechei a cara e fiquei de frente para ele, mas não por muito tempo.

— Não consigo evitar! — sorriu — É mais forte do que eu. Ser safado é algo religioso, quando se trata de mim.

— Como você está? — perguntei tentando mudar de assunto — Dormiu bem?

— Não dormi aqui, Liz. — o seu rosto de repente ficou sério — Na verdade, houve uma emergência em uma das casas noturnas e isso tomou mais tempo do que imaginei, um tempo que queria somente para você. — ele pareceu irritado, muito irritado com o fato de ter saído na madrugada para resolver algo. Será que tinha alguma coisa a ver com Isaäk Markov? E como não escutei ele sair?

— Foi algo grave? — tentei parecer casual, mas nenhuma jornalista que se preze pergunta algo de modo casual em uma situação como aquela.

Ele esperou mais um pouco antes de responder, respirou e abriu a boca, mas logo fechou, acho que incerto se contaria alguma coisa, ou não. O semblante de Nathan estava pesado e cada vez mais sério, o que não me deixou muito à vontade. Estava começando a me habituar com ele sendo um tarado, mas vê-lo tão sério e preocupado me deixou com o coração na mão. Não havia muito tempo que o nosso relacionamento tinha começado, ou melhor, não tinha completado nem vinte e quatro horas.

— Nathan! — comecei — Você pode falar.

— Só o que posso dizer é que... Todos os meus erros, daqui para frente, terão consequências que podem causar danos colaterais, quase mortais. — virou o rosto e olhou para a janela de maneira pensativa — Fiz coisas, Liz, das quais não me orgulho. — consegui sentir como sua voz estava triste. — Até que encontrei você.

— Não sairei daqui! — falei apressada — Não sairei de perto de você, se é isso que está pensando.

— Fico muito feliz, mas tenho medo que meu passado e presente, — voltou a me olhar — façam com que você fuja de mim.

— Não vou fugir, — sorri meio torto — se você não fugir, ou se cansar de ter uma namorada como eu em sua vida — isso o fez de alguma forma sorrir.

— Farei o possível para que isso não aconteça, não pretendo ir a lugar algum sem você, senhorita Radzimierski. — fez uma breve pausa antes de continuar — Mas, primeiro, quero ajudar você. — tentou escapar do assunto. Olhei o relógio, percebi que estava muito atrasada e isso faria com que Elijah comesse meu fígado frito, com rodelas generosas de cebola.

— Você não vai trabalhar hoje. — disse ao se levantar da cadeira, abotoando os dois botões do seu terno.

— Oi?! — parei, chocada — Como assim não vou trabalhar hoje?

— Falei com Elijah e disse que hoje você iria ao médico.

— Você não fez isso, fez? — gritei com raiva — Seu filho de uma puta... — esbravejei — Mal começamos um relacionamento e já vai se metendo no meu trabalho, na minha vida!

— Me chame de novo de filho de uma puta e vou ter que pegar você à força — alertou.

— Droga! — resmunguei — Você poderia ter me...

— Avisado! — terminou a frase. Um pânico veio à mente: se ele avisou e Elijah entendeu que havia algo entre nós dois?

— O que exatamente você falou para Elijah?

— A verdade! — falou e se levantou da cadeira indo em direção à porta.

— Deus... — gemi e senti meus ombros pesarem como concreto — Não acredito que fez isso!

— E por falar nisso... — o som de líquido sendo despejado ecoou, e logo soube que ele havia preparado o café — O que você quis dizer com a parte de virar gozação se os outros descobrirem nosso namoro? Porque acho que, quando Elijah escutou, teve um ataque de risos. E olha que ele nem gosta muito de mim.

Arrastei-me para o banheiro, o queimei com os olhos quando levantou uma xícara fumegante para mim e abriu um sorriso do tamanho do *Grand Canyon*.

— Vá para o inferno, seu escroto! — falei mal-humorada — Você sabe muito bem do que eu estava falando...

— Não, não sei. — levou a xícara à boca enquanto fui para o banheiro — Ilumine minha mente.

— Você viu minha pesquisa sobre sua vida, — resmunguei enquanto escovava os dentes — todos sabem que minha meta e meu maior desejo era jogar seu nome na merda. — enxaguei a boca e lavei meu rosto.

— Era?! — pude sentir o sorriso através de sua voz.

— O que você quer que eu diga? — saí do banheiro, ainda enxugando o rosto — Que estou caidinha por você, e que, quando sorri, me desmancho?

— Isso seria muito bom.

— Nunca contei isso para ninguém, Nathan. — falei sinceramente — Certas coisas ficam melhores quando são deixadas no passado.

— Não quando o passado não permite que você seja feliz, Lizzie. — arqueou a sobrancelha bem desenhada em preocupação — Pretendo me abrir com você, meu doce, mas quero que confie em mim, só assim poderei te ajudar.

— Eu confio, ou melhor, quero começar a confiar em você. — não consegui acreditar em como aquelas palavras saíram da minha boca de uma forma tão verdadeira que me tocou a alma.

— Quantos anos você tinha? — a pergunta que tanto eu temia surgiu e me fez ficar enjoada e tonta, a ponto de precisar urgentemente sentar... Fechei os olhos e respirei, para então abrir minha boca e dizer:

— Oito anos — respirei mais fundo e preendi o ar, sem olhar para Nathan; senti sua voz engasgar.

— Oito anos? — perguntou chocado — Miserável filho de uma cadela! — rosnou de uma forma que senti todo o seu ódio percorrer meu corpo — Ele espancou você? — sua respiração estava ruidosa — Por isso... É por isso que você não consegue... — falou entendendo um dos motivos —

Eu... Eu... — quando abri os olhos, Nathan estava de punhos cerrados, olhos fechados e espremidos, tentando expulsar a ideia de uma criança indefesa sendo abusada. — Mato esse... Droga! — se agitou, passando as mãos no cabelo exasperadamente, seus olhos estavam angustiados. *Meus lindos olhos azuis-celestes estavam cheios de preocupação e algo mais. Tinham compaixão por uma menina que não existia mais, no lugar existia uma mulher quebrada e com muitos traumas* — Esse cara merece queimar nas profundezas do inferno por estragar você...

— Nathan... — minha voz foi baixa, estava quase vomitando a bile só em pensar no que tinha me acontecido — Não acho que se pode estragar o que nasceu estragado — baixei a cabeça, senti lágrimas começarem a arder, queimando meus olhos.

— Que merda você está falando, Liz? — ele estava com raiva, estava irritado, mas seu olhar sobre mim não havia mudado, permanecia me olhando com compaixão.

— Minha mãe... — virei o rosto, para esconder a vergonha do que iria revelar — Era uma prostituta e tudo aconteceu depois que encontrou alguém que quis casar com ela, mesmo tendo uma filha para terminar de criar. Acho que tudo foi minha culpa... — falei quase soluçando — Eu era a garota que estava no meio dos dois... Antes, ele apenas me aliciava, mas quando soube que ganhei uma bolsa em uma faculdade... Quando aconteceu de verdade, fugi de casa.

— Deus! Como queria abraçar você... — sua angústia em não poder me tocar era a minha em não poder sentir seu toque — Não foi sua culpa, Liz! Nada do que aconteceu foi culpa sua! Pelo amor de Deus... Sua mãe é uma vagabunda... Desculpe, mas não consegui me segurar! — levou o punho até a boca e mordeu com raiva. — Você era apenas uma criança...

— Agora não importa mais! — queria um buraco para me enfiar e ficar ali por séculos. Ter uma parte do meu passado revelado não estava me fazendo bem.

— É claro que importa! — se ajoelhou próximo a mim, mas sem chegar perto — Me importo com você...

— Ninguém nunca cuidou de mim, Nathan. Por isso tenho tanto medo de me apaixonar por você e não corresponder como merece. — o olhei tristemente.

— Depois de descobrir isso tudo, — me olhou com carinho — minha vida só tem sentido porque você está nela. Vou cuidar de você. Vou amar você como nunca foi amada. Prometo ser o melhor homem que você já viu na vida! — não foi pelo que ele falava, também acabei me ajoelhando, mas sim por de ter me lembrado de tudo que aconteceu comigo.

— Acho que vou vomitar! — falei, corri para o banheiro, caí de joelhos, abri a tampa do vaso e coloquei para fora um líquido amarelo com gosto amargo. Nathan apareceu na porta, mas nada pode fazer. — Você não precisa ver isso... Desculpa! — choraminguei. — Não

vomitei por você ter dito que cuidaria de mim, mas pela lembrança.

— Entendo você, Liz, as lembranças ainda a perturbam... — sua voz era firme, mas carinhosa.

— Agora é o momento certo para você decidir que não me quer mais. — articulei ao me levantar; fui para a pia, lavei minha boca e escovei os dentes novamente.

— Já falei Liz, — colocou as mãos no bolso da calça — não vou desistir tão fácil de você...

— Cada maluco com sua mania. — sorri sem vontade — O cara pode ter a mulher que quiser e escolhe a mais estragada que existe no mundo. — balancei a cabeça, incrédula.

— Ande! — tirou uma das mãos do bolso e olhou as horas no relógio — Estamos em cima da hora... — falou e voltou para sentar novamente no sofá — Espero que você seja bem rápida.

— Oh! — debochei ainda sem humor — Claro, senhor! — disse — O senhor quer que eu deite, role e me finja de morta também?

— Humm... — ponderou antes de responder — Deitar... Rolar... Até que são ideias bem atrativas e, com toda certeza, quando você estiver deitada e rolando comigo, não vou querer que se finja de morta... Agora vamos, meu doce.

— Safado! — murmurei revirando os olhos.

— E Liz... — falou e virei para olhar para ele.

— Sim!

— Sou um filho da puta sortudo.

— Posso dizer o mesmo... — sorri com um pouco mais humor — Você é um filho da puta, sortudo.

— Agora pare de me olhar com cara de quem quer ser comida. — abriu um enorme sorriso sacana — Porque não posso atender sua vontade... — mordeu o lábio inferior e segurou a risada — Ainda não!

Capítulo 14



A motorista negra do outro dia estava ao lado do carro preto. Acho que era um ano mais velha que eu; sua atitude mostrava firmeza e demonstrava ser altamente profissional. Agora que pude vê-la com mais clareza, Gretha era de tirar o fôlego, não só por sua beleza incrivelmente exótica, mas também por seus olhos azuis exuberantes. Azuis como os de Nathan.

Uma pontada estranha percorreu meu corpo e isso me deixou inquieta. Senti meu coração apertar, mas não olhei para Nathan, não queria que visse que algo estava errado, não além do que já estava. Nathan não podia pegar na minha mão, não conseguiria que ele fizesse isso sem que desmaiasse ou tivesse um surto. Mas, nos últimos dias, pareceu que algo havia mudado. Não sabia o que era, mas talvez fosse por ele ter entrado em minha vida e, em menos de uma semana, virar meu mundo. Nunca fui romântica, também nunca tive motivos para sê-lo com homem algum, porém, sentia uma necessidade de mostrar a Nathan que, mesmo que não me tocasse, eu seria dele. Só precisava que meu cérebro e meu corpo colaborassem com isso.

Acho que, com o passar de sete anos, eu era praticamente virgem. Admitir isso era doloroso tanto pelo fato de não ter me entregado a alguém que eu quisesse

como também por ter sido arrancado contra a minha vontade algo tão importante na vida de uma mulher. Era muito... Muito doloroso. Não contei tudo para ele, era nova nisso de relacionamento e queria conhecê-lo também. Nathan parecia o dono do mundo, e juro que minha vizinha da frente se mataria para trepar com ele; acho que até rastejaria no deserto do Texas, ficaria uma semana sem água ou até venderia um rim para que isso acontecesse. Mas lá estava ele, ao meu lado, olhando para frente com a cabeça erguida, todo imponente, com a mão no bolso do terno e uma sobrancelha erguida, olhando para Gretha.

— Algum problema? — perguntou quando passamos pela portaria. Seu tom era de preocupação.

— Nate... — Nate? Ela o chamava de Nate? Pareceu algo tão íntimo que aquela sensação esquisita se tornou mais forte em minha barriga e percorreu todo o meu corpo. Ela parou e olhou para mim, abriu um sorriso que jurei que era verdadeiro — Se você não quiser dar explicações aos jornais sobre o que o senador Fox estava fazendo no subúrbio de Nova Iorque, acho melhor irmos. — Nathan olhou para mim e depois para ela, acho que notou que não abriria a boca.

— Gretha... — ele olhou para mim — Essa é minha namorada. — a palavra namorada saiu de uma forma tão diferente aos meus ouvidos, que se não fosse tão perturbada, teria montado em cima dele e beijado aquela boca maravilhosa — Lizzie. E Liz... — fez uma pausa — Essa é minha irmã, Gretha... — senti meu queixo cair sem a

menor cerimônia. Sua irmã era sua motorista? Que tipo de irmão faz isso com a irmã?

— É um prazer conhecê-la, Liz. — sorriu, estendeu a mão e automaticamente a apertei. O sorriso dela se ampliou ainda mais, Gretha tinha o mesmo jeito de sorrir que ele, só que sem a sacanagem no meio — História longa... — cantarolou divertida, lendo meus pensamentos. Nathan tinha a pele bem mais clara que Gretha, cuja pele era negra, de um tom amendoado. Perfeita e fabulosa. Juro que queria tocar nela e me agarrar, lógico, depois de saber que aquela perfeição de mulher era irmã dele.

— Vou adorar escutar. — falei perplexa, mas estava bem mais relaxada agora. Eu tinha um sentimento de posse em tão pouco tempo que parecia ridículo. *Era ridículo! E se não me curasse? E se ele cansasse de esperar por uma mulher quebrada?* Afastei esse pensamento. No momento, queria tentar. Tentar seguir em frente e ser uma mulher de verdade, respirar finalmente. Gretha abriu a porta para mim, mas recuei e ela me olhou sem entender — Você não precisa fazer isso. Você é irmã dele. — ela sorriu, se aproximou de mim e disse:

— Vamos fingir que isso é uma brincadeira, está bem? — sussurrou, apenas eu e Nathan escutamos — Sou a motorista dele, mas ninguém precisa saber que sou sua irmã. Ele explica melhor para você depois. — deu de ombros — Já que me apresentou a você, devo acreditar que é muito importante para ele e, sinceramente, gostei de você.

— Mas ainda assim parece errado...

— Gostei dessa, Nathan! — soltou um sorriso largo e mostrou novamente os dentes brancos perfeitos e os olhos azuis-celestes cintilando de alegria — Finalmente uma que não é cruzamento de vaca com vadia... — Nathan olhou para mim e pareceu divertido com a situação.

— Uma hora eu tinha que achar o meu número. — olhou para a irmã, que abriu a porta ainda mais. Nathan entrou, me olhou e esperou que o seguisse.

— Vamos! Não quero ter que bater em alguns jornalistas. — Gretha sorriu, mas falou sério, então entrei no carro e mantive certa distância de Nathan.

Certo! Vamos lá. O homem era envolvido com a máfia, tráfico de drogas e de mulheres, além de bater um papo com Isaäk Markov e ter sua irmã como motorista. Reviraria Nathan para saber tudo dessa história louca, iria dissecar seu cérebro até me contar tudo. Por enquanto, minha maior preocupação era saber para onde iria me levar, mas me sentia segura com ele ao meu lado. Estranhamente segura, em tão pouco tempo.

— Uau! — exclamei me acomodando melhor. Nathan olhou para mim e sorriu. O carro com toda certeza era maravilhoso, bancos de couro preto, painel de bordo moderno e um ar de “Nathan Fox é foda” em cada detalhe.

Moderno, elegante e sensual. Muito sensual... Desta vez não estava falando do carro.

— Eu disse isso quando estava inconsciente e suas pernas se abriram para mim. — sussurrou — Teria chupado

você ali mesmo, mas claro, se estivesse acordada e fosse consensual. — sorriu e olhou para mim de uma maneira que as Cataratas do Niágara não eram nada perto do que se espalhava no meio das minhas pernas.

— Deus! — gemi baixinho — Aqui não... — revirei os olhos. Gretha não precisava saber que eu era o alvo preferido do irmão quando se tratava de deixar o meu mundo um caos — Você poderia me explicar para onde está me levando?

— Vamos fazer uma visita ao Ian Stevenson. Doutor Stevenson, para ser mais exato. — sabia que ele queria segurar minha mão, mas não dava, tinha ultrapassado meus limites lhe dando mais de um beijo e um toque demorado poderia estragar o que estava começando a crescer entre nós — Ele é o melhor que existe na área e quero que você tenha o melhor. — continuou a falar — Acho que, se existe uma alma que possa nos ajudar, essa alma é ele. — Espera... Ele queria que eu tivesse o melhor, mas não iria deixá-lo pagar. Não seria correto.

— O quanto ele é o melhor que existe? — murmurei.

— Não! — sua voz saiu firme. Claro que entendeu minha pergunta e óbvio que só uma pessoa com um Q.I. menor que cinco não notaria — Você não vai pagar! Eu vou! — uma linha rígida nos seus lábios apareceu, contudo não me deixei intimidar por isso.

— Tenho uma quantia... — comecei a falar, mas ele se aproximou de mim e fiquei nervosa pra caralho.

— Você disse sim... — resmungou um pouco desconfortável — Disse que me deixaria cuidar de você e é o que vou fazer — Nathan realmente estava disposto a me ajudar e eu tinha aceitado, mas não queria ser um fardo para ele.

— Isso é ridículo! — o desafiei de cara fechada — Tenho como pagar.

— Não! — falou e virou o rosto para olhar para frente — Não vamos falar nisso, e a partir de agora, conforme-se com o fato de que vou cuidar de você. Você. É. Minha. — sibilou quase rosnando — E cuido do que é meu.

— Beleza! — falei ríspida — Agora vai dar um de homem das cavernas, segurar meus cabelos e me arrastar pela cidade, como se eu fosse sua propriedade?

— Você quer que eu a ataque aqui dentro e rasgue sua roupa antes de cuidar do mais importante? — não virou para olhar nos meus olhos, sabia que a essa altura não estava mais nem aí se Gretha estava escutando ou não.

— Puta que pariu! — esbravejei e pude ouvir a risada baixa dela — Você é irritante quando quer, e... e... e... — gaguejei ainda mais irritada por não poder bater nele e pelas palavras sumirem da minha boca — Imbecil! — falei o que me veio à cabeça e cruzei os braços, me afastando ainda mais dele.

— Vamos lá, Liz... — disse ainda sem olhar para mim, mas um sorriso safado apontou na sua boca — O quanto antes eu cuidar de você, mais cedo vou poder mostrar o

quanto é bom brincar no playground. E você vai gostar do escorrega... — estava irritada com ele, mas sua voz me deixava entorpecida, louca, sem um pinga de juízo.

Confesso que minha vontade de brincar no “playground” estava começando a parecer cada vez mais atrativa, queria brincar no escorrega de Nathan. Ah! Como queria. Naquele grande, grosso e delicioso “escorrega”.

— Cinquenta por cento! — falei de repente, sem ar. Ele me olhou e virou quase todo o corpo.

— Você quer cinquenta por cento do meu corpo? — gargalhou alto e seus olhos estavam ainda mais divertidos. Filho da puta que só pensa em trepar. Em algum tempo, se continuasse assim, me tornaria a versão feminina dele. Até que não me pareceu uma má ideia, se ele fosse meu por completo — E eu inocente, achando que você gostaria dos cem.

— Seu merda! — semicerrei os olhos querendo, ainda, parecer irritada, mas não consegui. Não tinha como ficar muito tempo irritada ao olhar para aquele homem que queria tanto me ajudar.

Ele queria me amar, amar meu corpo e tudo que eu conseguia pensar era em como o toque dele era bom e assustador ao mesmo tempo. O queria tocando em meu corpo, por uma razão que não soube explicar naquele momento.

— Quero pagar a metade... — fiz uma pausa e levei minha mão até a dele. Ele precisava entender que aquele

era um ato de paixão, já que reuni todas as minhas forças para fazer aquilo. Para tocar nele.

Nathan permaneceu parado, com os olhos cautelosos sobre a minha mão, que se encaminhou lentamente para tocar a sua. Quando o toquei, fechou os olhos e apertou minha mão quando apertei a dele. Suspirou profundamente e, quando abriu os olhos, havia um brilho diferente neles, um brilho quente que fez meu corpo inteiro acender. O toque não durou muito, tive medo que aquela sensação horrível aparecesse e estragasse o único momento em que o havia tocado por vontade própria; afastei minha mão, as uni junto as minhas pernas e abaixei a cabeça.

— Falaremos sobre isso quando você estiver se sentindo melhor. — sorriu carinhosamente. O sorriso de Nathan derreteria as calotas polares em trinta segundos — Não quero que se preocupe com isso agora. E obrigado! Ver como se esforçou para mostrar que isso é importante para você só me faz te querer ainda mais. Meu doce.

— Ainda não consigo entender o que você viu em mim.

— Se pudesse se olhar através dos meus olhos, entenderia perfeitamente o que vi, ou melhor, o que enxerguei em você, Liz — a sua voz saiu terna e me fez querer muito ser amada por ele.

Capítulo 15



Quando chegamos em frente ao consultório, um prédio de tijolos vermelhos, com flores nos canteiros e janelas vitorianas, tive certeza que Ian Stevenson era realmente caro, a julgar pela aparência impecável dos detalhes. Senti uma forte sensação de que o dinheiro que tinha guardado todo aquele tempo para comprar meu apartamento seria completamente aplicado ali. Não permitiria que Nathan pagasse tudo, mesmo que arrancasse minhas tripas por ser uma pessoa teimosa.

Estava nervosa. Não sabia como lidar com o fato de que mais alguém saberia do meu passado. *Era assustador!* E se Nathan desistisse de namorar uma mulher tão problemática quanto eu? Se ele percebesse que era um erro gastar seu tempo com uma mulher que não estaria à sua altura? Nathan era o tipo de homem que poderia ter qualquer mulher aos seus pés, mas não, me escolheu por algum motivo, que desconhecia e preferia não conhecer. Com uma postura firme e quase impetuosa, e apesar de todos os meus medos, Nathan parecia ser a resposta para meus problemas. Mas eu sabia que tinha algo mais nele, algo que era mais pesado, ou, pelo menos, pior que meu passado.

— Será que posso saber o que você está pensando?
— sorriu e me tirou do transe momentâneo — Posso escutar as engrenagens da sua cabeça trabalhando.

— Só estou com medo! — fui o mais sincera possível; ainda nem éramos um casal com bagagens sentimentais e o medo de perdê-lo estava me consumindo.

— Tudo vai ficar bem, meu doce. — sua voz transmitiu a serenidade que precisava naquele momento — Estarei com você o tempo todo, se assim desejar. — apenas assenti, pois se ele desistiria, que fosse ali. Assim, meu coração teria menos danos, pois as cicatrizes do meu passado nunca iriam se curar por completo.

Quando passamos pela porta de madeira escura bem trabalhada, com detalhes celtas, a ficha caiu. Realmente estava indo no caminho que sempre quis, mas nunca tive forças para seguir em frente. Vi e percebi que Nathan queria estar ali ao meu lado; mesmo sabendo de uma parte da minha vida, queria ficar. Isso me assustava.

O consultório era arrojado e moderno, com cadeiras acolchoadas na cor vinho, paredes brancas com alguns quadros de figuras abstratas, cortinas cinza e alguns jarros com flores da época. Uma ruiva, assim como eu, estava na recepção e lançou um largo sorriso para Nathan, que apenas acenou com a cabeça sem devolver o sorriso. Por um instante senti dó dela, mas logo passou quando me olhou de cima a baixo, arqueando a sobrancelha. Ela definitivamente não gostou de mim, pegou o telefone e

avisou que Nathan havia chegado; a porta de uma sala ao lado da recepção se abriu.

O Doutor Ian não era bem o que eu esperava. Ian Stevenson, aparentemente, era novo demais para ser um dos psicólogos mais renomados de Nova Iorque, assim Nathan me informou durante o trajeto. Um metro e oitenta no máximo, ombros largos, uma postura firme, corpo largo e musculoso por baixo da roupa formal, cabelos castanhos curtos e arrumados. Os óculos de armação rústica faziam toda a diferença em seu rosto quadrado com olhos profundamente castanhos amarelados. Ninguém nesse mundo poderia ter a cor daqueles olhos! Eram quase parecidos com os olhos do guardião do portal de Asgard, lindos, mas não eram os do meu Nathan. Nos olhos de Nathan eu me perdia, e ainda queria me perder por completo, e nunca mais voltar à realidade.

— Você deve ser a Lizzie do Nathan? — falou e estendeu a mão para que a apertasse, mas me afastei. Não era a mão dele que queria tocando minha pele. Não era para apertar a mão de outro homem que estava ali. Nathan... Apenas Nathan eu admitiria que tocasse em mim, mesmo que por alguns segundos — Vamos, entre! — olhou para Nathan que nos seguia — Senhor Fox... — começou — Acho que o senhor deve permanecer aqui. Preciso que Lizzie se sinta à vontade...

— Não entro em lugar nenhum se ele não estiver! — olhei para Ian severamente, para que percebesse que as coisas iam ser do meu jeito e não do jeito dele. Ian me

avaliou por alguns segundos, mas não questionou minha vontade. Ai dele se questionasse ou se olhasse feio para mim.

— Não estava nos meus planos deixá-la entrar sem mim. — Nathan deu seu melhor sorriso “estou pagando e os termos são meus”. Ian balançou a cabeça e riu como se fosse uma piada particular entre eles, o que não me deixou muito à vontade, mas entrei mesmo assim. A sala não era muito diferente do resto da recepção, a diferença era que havia uma estante com livros e uma poltrona cor de vinho com duas almofadas na mesma cor; sua mesa ficava ao lado sul da sala, junto à estante, assim a poltrona ficava do lado norte, ao lado de uma cadeira de aço.

— Vamos logo com isso. — disse impaciente e me sentei.

— Calma... — sorriu, mostrando seus dentes brancos e um pouco tortos na frente, o que não diminuía sua beleza. Ian foi até sua mesa e ofereceu a outra cadeira para que Nathan sentasse ao meu lado — Estamos aqui para nos conhecer primeiro.

— Não! — repreendi — Não estamos aqui para nos conhecermos. — fechei a cara — Estou aqui para que possa me ajudar. — enfatizei.

— Ajudar em quê? — perguntou entrelaçando os dedos das mãos sobre a mesa de madeira escura.

— Tenho medo de ser tocada... — falei quase sem voz e me encolhi na cadeira.

— Hummm... Entendo! — murmurou mais para si do que para mim e Nathan — Perdão! — falou e voltou a prestar atenção. Nunca pensei em pesquisar, ou até mesmo buscar algum tipo de ajuda durante os longos sete anos de sofrimento que passei desde que fugi de casa, e agora seria a oportunidade perfeita para isso — Lizzie, você consegue tocar outras pessoas, ou isso realmente a incomoda a ponto de não suportar?

— Não! — estremeci com a resposta, pois lembrei quando Matt me beijou à força. Minha voz estava tremendo junto com todo meu corpo, veio na minha mente o jeito que ele me pegou de surpresa e forçou o beijo — Não suporto o toque de homens e a lembrança me faz querer vomitar; sinto medo, é um desconforto que me deixa nauseada.

— É fobia, ou melhor, o medo de algo. — Ian começou a explicar com postura profissional — Normalmente é incomum e perigosa para quem a possui. A pessoa não nasce com fobia, tem que passar por um trauma, uma situação vivida ou refletida — prestamos atenção em tudo que ele falava. Eu ainda mais que Nathan, já que era a minha vida que estava prestes a ser exposta — Geralmente é causada por algo perigoso, doloroso ou assustador, algumas vezes por pressão psicológica ou abuso sexual. No todo, é algo que nos faz mudar de comportamento.

Percebi as mãos de Nathan se apertarem sobre o braço da cadeira até que todo o sangue sumisse e sua pele assumisse um tom pálido; uma linha rígida formou-se em seu maxilar, mostrando claramente que ficou irritado, ou

melhor, furioso. Ian o olhou curioso, mas não fez nenhuma pergunta e continuou a explicar.

— Alguma pessoa lhe causou esse tipo de repulsa? — continuou Ian com as suas perguntas — Alguém mais tocou você? — olhei de lado e percebi os olhos de Nathan sobre mim.

— Sim! — respondi menos nervosa — Nathan foi o único que não me fez perder a noção das coisas, se é assim que posso classificar essa situação — esbocei um pequeno sorriso e Nathan deu aquele sorriso perfeito de canto de boca.

— E o que sentiu, quando a outra pessoa a tocou?

— Ah! Quase nada doutor, apenas alguns desmaios, medo da sensação boa ser esmagada pelo desespero, calafrios, mas fora isso, está tudo certo... — respondi com sarcasmo.

— Então ela consegue tolerar somente o toque dele? — resmungou para si novamente e tornou a olhar para mim — O toque de Nathan não causa a mesma reação?

— Não! Com Nathan é diferente. O que me assusta é ainda não nos conhecermos direito.

— Ora, — disse Nathan sem paciência — passe logo para a parte onde achamos um tratamento para isso, Ian.

— Certo! — Ian soltou ácido — Podemos trabalhar com a exposição gradual, onde seria feita uma lenta aproximação com a sensação do toque, como um apertar de mão, ou talvez ficar em meio a pessoas em quem você

confie, e ir gradativamente alimentando essa aproximação, abraçar alguém, dar as mãos... Mas precisamos saber em qual fase da possível fobia você se encontra, e se é mesmo a afefobia no contexto do trauma.

— Fase? — perguntou Nathan.

— Sim. Fase. — Ian o olhou irritado — Explicarei para que entendam os níveis da fobia. — suspirou profundamente — A fobia é dividida em três fases: na primeira a pessoa sente-se ameaçada por estranhos que venham a tocá-la; na segunda, a pessoa portadora da fobia tende a não confiar não só em estranhos, mas também a não confiar em pessoas íntimas e isso geralmente acontece depois de um trauma maior, ou pressão, como dificuldades na família, no trabalho ou na escola.

— E a terceira? — ouvi Nathan se remexer desconfortável na cadeira — Explique! — Nathan cruzou suas longas pernas e esperou pela explicação. Olhei para ele e percebi o quanto estava concentrado em prestar atenção em cada palavra que Ian falava.

— A terceira... — Ian recostou-se e apoiou os braços na cadeira — É a fase mais crítica da fobia. A pessoa se afasta de todos, família e amigos, desenvolve um medo obsessivo de todos os modos de afeto, não se deixa mais ser tocada por ninguém. Então Lizzie, precisamos de tempo e muita conversa para saber em que fase você está. Não posso ser preciso agora, mas com calma teremos respostas mais exatas. — disse Ian. Nathan olhou para mim, ao certo

se lembrou do meu esforço para passar algum tempo segurando sua mão, ou quando o beijei.

— Isso vai demorar muito? — resmunguei.

— É algo necessário, Lizzie. Preciso saber se a sua fobia está ligada apenas ao toque ou se tem algo mais... — Ian não me deixaria sair dali sem que nada estivesse muito bem explicado — Bom, pelo que vejo, não é bacteriófago. — fez uma pausa e então continuou — Você tem alguma repulsa quando se imagina em um ato sexual?

— Oi? — meu queixo, junto com a minha vergonha, caíram no chão. Não queria falar que fiquei mais molhada que gelo sendo derretido pelo fogo quando Nathan se masturbou sentado em uma cadeira do meu quarto de frente para mim, com a cara mais safada que um homem pode ter.

— Você sente o desejo de se dar prazer, ou dar prazer a alguém, mesmo que não possa tocá-lo? — olhou de relance para Nathan. Ian agia profissionalmente, mas pude jurar que aquilo era uma maldita piada particular deles e estava sendo travada bem ali na minha frente.

— Acho que ela não precisa responder essa pergunta, posso responder por ela. — Nathan arqueou uma de suas sobrancelhas grossas e bem desenhadas — Estávamos trabalhando nisso agora pouco, isso responde sua pergunta?

— Certamente... — Ian assentiu sem se importar como Nathan o olhava — Sugiro então um tratamento com

ênfoque no comportamento, pois vejo que o afeto é o maior problema. Poderia ser o mais difícil de lidar se a senhorita Radzimierski tivesse aversão a qualquer toque, mas pelo que vejo vocês estão indo muito bem e já se nota certa evolução, uma vez que ela não perde o controle ao ter um breve contato.

— Ênfoco no comportamento? — perguntei.

— Sim! Para que, aos poucos, você deixe de reagir ao toque como uma representação de perigo, trabalharemos com a exposição controlada e progressiva ao objeto fóbico, no seu caso o contato físico. Utilizaremos também técnicas de relaxamento e controle respiratório. — era tudo o que mais queria: poder tocar em Nathan sem medo e com total desprendimento.

— Ela sabe que não sou o perigo em sua vida. — Nathan me olhou com doçura, mas ao mesmo tempo com fogo nos olhos. Ele era sim... Um perigo para mim! Um perigo para minha vida! Mas eu o queria.

— Dizem que o amor pode curar alguns tipos de fobia. — disse Ian surpreendendo Nathan e a mim também — A pessoa ama tanto a outra a ponto de deixar que a toque. — naquele momento Nathan percebeu todo o esforço que fiz para dar certo.

Ao sairmos, Gretha já nos esperava. Não conseguia entender como ele aceitava que sua irmã fosse sua motorista, mas não era a hora de ficar fazendo perguntas.

Estava quase na hora do almoço e eu precisava dar sinal de vida para Tati e Elijah; ainda pensei em ligar para o Matt e acertar as pontas com ele, mas estava cansada demais para encará-lo. Uma coisa que não conseguia engolir era o fato de ele estar com Zoey; mesmo com todos os problemas, ele deveria ter me dado uma explicação sobre trabalhar com aquela vaca.

Peguei o celular na bolsa, as cinco mensagens de Tati fizeram meu coração apertar. Havia negligenciado a minha amiga e isso eu não poderia fazer novamente.

“O que deu em você? Por que saiu correndo da loja?”.

“Liz, estou preocupada com você. Atenda o celular, ou então me envie uma mensagem”.

“Por favor, Liz! Por favorzinho! Me dê notícias! Estou quase abrindo um buraco no chão da minha casa, andando de um lado para o outro, preocupada com você”.

“Você não vem trabalhar?”

“Vamos almoçar. Preciso falar com você. Liz, ainda estou preocupada com você”.

Explicaria tudo à Tati, com certeza ela era uma pessoa em quem poderia confiar. Sentia isso.

Capítulo 16



O que Nathan representava para mim, além do fato de ser um total tiro no escuro? Não que eu fosse diferente, mas é bem mais fácil quando você sabe onde mirar. O homem era completamente irritante, mas havia doçura em seu coração. Se eu fechasse os olhos por um segundo, visualizaria sua imagem perfeita na minha frente, com aquele sorriso lindo e aquela boca perfeita. Simplificando, Nathan era o caminho da minha salvação, mas também da minha perdição. Não passavam cinco minutos sem que ele pensasse como seria transar, chupar e até colocar o dedo em lugares que nem me atrevia citar.

— Você... — Elijah me olhou furioso assim que parei em frente à sua sala para falar com Tati. Sua voz estava baixa e calma e fez com que eu voltasse para o mundo real. Não sabia que ele estava me esperando até ver a careta que fez para mim. — Na minha sala! Agora! — seu olhar foi em direção à Tati e pude jurar que perdeu o ar de seus pulmões só de olhá-la, mesmo que fosse de longe. Entrou na sala e bateu a porta com força ao fechar.

— A coisa está muito séria? — murmurei para Tati, que encolheu os ombros.

— Acho que você vai precisar chamar a emergência, pois parece que ele comeu um enxame de abelhas, mas fora isso... — ela me lançou um sorriso de solidariedade — Ele está ótimo!

— Almoço em quinze minutos? — perguntei e me virei, movendo minha bunda para a sala de Elijah.

— Trinta minutos... — esboçou outro sorriso — Desculpa, mas hoje não é seu dia, ele já gritou seu nome mais vezes que seu palavrão favorito, e olha que esse ele pronuncia várias vezes no dia.

— Caralho! — resmunguei e todos que estavam perto de mim pararam para me olhar — O que foi? Nunca escutaram um palavrão na vida de vocês?

— Boa sorte! — desejou Tati, cruzando os dedos.

— Já percebi que vou precisar mais do que apenas sorte... — maravilha! Meu mundo havia ficado de pernas para o ar e agora meu chefe estava furioso comigo.

Abri a porta e percebi que Elijah não estava em seu melhor dia, desejei um abrigo nuclear naquele momento, se fosse possível. Sua postura era rígida e dava para ver o modo como massageava as têmporas, quase esmagando o crânio.

— Entre e feche a porra dessa porta, antes que eu exploda! — falou percebendo minha presença — Sente essa sua bunda na cadeira, agora! — Jesus Cristinho, livrai a minha pele!

Não que eu fosse do tipo que tem medo de Elijah, mas a forma como a entonação da sua voz vibrou na grande sala, era uma coisa a se pensar.

— Elijah... — comecei — Tenho como explicar o motivo da minha falta, ontem e hoje pela manhã.

— Lizzie, apenas me explique o que é isso! — pegou algumas fotos e jogou em cima da mesa, e lá estava a prova do crime. Nathan e eu saindo do meu apartamento. Nathan quase me beijando em frente ao prédio. Nathan e eu em frente ao consultório. Nathan me olhando enquanto estava distraída. Nathan sendo Nathan mordendo os lábios, enquanto olhava meu decote nada sexy... A foto do decote queria para mim e guardaria em um canto especial.

— E-e-eu... — gaguejei. Como explicar para meu chefe que eu estava namorando meu outro chefe? Que na verdade não era meu chefe direto! O medo de virar gozação era o último dos meus problemas, perto do olhar gélido de Elijah.

— Estou esperando... — arqueou uma de suas sobrancelhas grossas para mim. Ele claramente estava irritado.

— Eu e... — fiz uma longa pausa. Minha boca estava seca — Eu e...

— Você e o Fox estão tendo um caso? — perguntou, mas não era isso que estava acontecendo. Eu não estava tendo um caso com Nathan.

— Namorando, para ser mais exata. — falei magoada.

— Certo... Envio minha melhor jornalista para uma matéria e em menos de uma semana ela começa um namoro com o entrevistado e sócio da empresa. Me diz onde entra a parte em que a mato te esganando? Você tem certeza que é isso que quer? Sabe... Namorar o Fox?

— Sim! Tenho certeza que é isso que quero e em nenhuma parte dessa história você me esgana. Sei que é algo repentino, porém acho que pode dar certo. Você sabe que não gosto de falar sobre minha vida pessoal com ninguém. Você me conhece Elijah, e Nathan... Entrou no momento certo em minha vida.

— Desculpa... Sei que você também precisa de uma vida fora do jornal. — suspirou e continuou a falar — Mas, você sabe que agora não pode ficar à frente de nenhuma entrevista ou matéria sobre ele. Consegue entender isso? — é claro que entendia, não tinha três anos de idade.

— Isaäk Markov! — disse rápido, mais rápido que qualquer coisa que tenha pensado — Posso começar a investigá-lo. Daria uma ótima primeira página para o The Poster.

— Não! — Elijah arregalou os olhos em surpresa — Não admitirei que você se meta no meio de Isaäk. Ele é tão perigoso quanto o nosso querido senador, sem contar o fato de não se importar nem um pouco que os outros saibam disso.

— Elijah, você sabe que investigar Nathan é uma coisa e investigar Markov é outra. — falei tentando colocar meu

ponto de vista — Markov é a gansa dos ovos de ouro para uma jornalista como eu.

— Isso é perigoso demais, Lizzie. — balançou a cabeça, exasperado. Isaäk Markov era o segundo na minha lista mesmo, iria canalizar a energia que tinha em Nathan para Markov — Não posso arriscar sua vida em busca de uma matéria louca como essa.

— Olha... — o encarei decidida — Sempre soube me cuidar e não vai ser diferente agora. É o seguinte, se você não me ajudar vou investigar do mesmo jeito.

— Lizzie, você é mais teimosa que um jumento! — disse irritado.

— A escolha não é sua. É minha! — me levantei e fui em direção à porta — Sei que vou conseguir.

— Não quero que você seja o próximo assunto dos noticiários policiais...

— Não serei... — falei tentando acalmá-lo — Não por causa desse assunto.

— Assim espero! — assentiu tristemente — Não quero ir ao seu funeral.

Não parei para pensar em como investigar Isaäk seria perigoso. O perigo seria uma consequência da minha ação, e teria que arcar com isso. Eu não era nenhum tipo de ameba, sabia exatamente onde estava pisando, mesmo o solo sendo um gelo fino e os meus patins fossem mais afiados que navalha.

Isaäk Markov, um russo beirando a meia idade, de estatura mediana. Mais ruivo que ele, impossível; seu cabelo tinha um tom de ferrugem velho, assim como as sardas no seu rosto, seus olhos negros e barba espessa cor de cobre lhe davam uma instantânea impressão de medo que deixava até o diabo de cabelo em pé, mas não eu. O mais nojento era ele ser chefe de uma máfia que envolvia tráfico de mulheres, além de drogas e prostituição. Não tinha medo dele e seria o calo em seu sapato, até que se tornasse uma ferida infeccionada e ele perdesse o pé.

Isso era o que eu pensava!

Mudar o foco e minha energia para Markov me faria entrar mais fundo na vida de Nathan. Mas, como ele disse que me contaria tudo de sua vida, esse assunto fazia parte dela, mesmo falando que não tinha nada com ele.

— Ora, ora... — cantarolou uma voz masculina — Olha o que os bons ventos me trazem! — essa voz debochada eu conhecia e era a mesma voz que muitas vezes me fez sorrir ou me irritou... Matt Brown!

— Não diria que são bons os ventos... — semicerrei os olhos e me afastei. Acho que as pessoas sabem quando algo ruim está próximo e prestes a atacar, esse era o pressentimento que tinha quando Matt estava perto de mim. Se não tivesse feito o que fez – me beijado à força –, ainda seríamos bons amigos, mesmo reclamando do meu guarda-roupa, e me olhado de soslaio. Não me importava com o que ele falava sobre mim, ou melhor, isso era meio verdade, sim, eu me importava um pouco. Não tinha mais o amigo

Matt, porém o destino foi bom comigo e colocou Tatiane no meu caminho; sentia-me bem ao lado dela, ao contrário de Matt, já que não sabia em que momento ele me atacaria novamente.

— Seu merda... — semicerrei os olhos, furiosa.

— Qual é o motivo dessa hostilidade toda? — deu de ombros — Que eu saiba, não fiz nada de errado para merecer essa recepção calorosa.

— Não fez? — perguntei irritada. — Quando ia me avisar que está com Zoey? Aliás, não sei o motivo de querer trabalhar com aquela... — apertei as mãos ao redor da minha cintura — Vaca!

— Jura?! — rosnou e me olhou furioso — Jura que não sabe o motivo? — olhei para o lado e, graças a Deus, não tinha ninguém prestando atenção em nossa conversa.

— Não seja um filho da puta rancoroso! — rosnei da mesma forma que ele fez para mim — Você poderia ser mais profissional, seu merda! Nunca lhe dei esperanças de sermos mais que amigos, Matt... — ele precisava entender.

— Estou sendo um filho da puta rancoroso? — bufou irritado — Era para você estar comigo, mas aí decidiu que eu não era bom o bastante. Como foi mesmo que você falou? — senti a raiva em sua voz — Que não era namorável... E poucas horas depois estava sentada no colo de outro. — andou em direção à sala de Elijah, mas antes virou a cabeça para mim e disse: — Não se preocupe, serei bastante profissional daqui para frente, o esterco do seu

namorado vai saber o quão profissional vou ser. — foi o suficiente para me deixar paralisada, ele iria fazer algo contra Nathan e isso eu não permitiria. Não com o homem que dizia estar apaixonado por mim... Não o homem que estava me fazendo esquecer a dor e as lembranças de um passado tenebroso, do qual tanto queria me libertar.

— Matt... — chamei, mas era tarde. Ele entrou na sala de Elijah e trancou a porta. Sabia que eu queria tirar satisfação, agora precisava avisar a Nathan sobre isso e também teria que comunicar que começaria a investigar Markov. *Acho que ele não vai gostar nada disso!* O celular vibrou na minha bolsa, era uma mensagem de Nathan. Meu Nathan! Um sentimento de querer protegê-lo fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem.

“Estou um pouco ocupado com o comitê. Então, meu doce, vamos jantar as oito da noite em meu apartamento. Greta irá buscá-la! Seu Nathan.”

Nathan estava com seu comitê planejando sua campanha eleitoral. Sabia que, se me enviou uma mensagem, foi porque achou uma brecha para fazer isso. Eu era o doce dele, assim ele dizia. Mas para mim ele era todos os sintomas de diabetes na minha vida. Mesmo com tudo o que aconteceu, um sorriso largo se formou no meu rosto. Ele estava tendo paciência comigo, mesmo sabendo que seu maior desejo era poder tocar em meu corpo. Mas ele não teria que esperar por muito tempo. *Eu seria dele!* Completamente dele, e ninguém estragaria aquele momento de felicidade.

Isso... Era o que eu pensava!

— Vamos... — falou Tati e me tirou do meu transe momentâneo — Temos apenas uma hora, você demorou mais do que tinha calculado.

— Seu namorado quase me mata. — sorri e percebi suas bochechas ficarem vermelhas.

— Ele não é meu namorado! — evidente que esse era o seu desejo e com sua negação mentirosa, fez isso se tornar mais perceptível.

— Ainda não... — debochei me divertindo com o jeito que ela ficou ainda mais vermelha. — Mas, vou deixar essa ilusão murchar aos poucos em sua cabeça. Você escolhe o restaurante hoje, só por que será a futura senhora Hunter.

Realmente odiava comida japonesa, principalmente por ter que comer sushi. Ninguém merece comer peixe cru, ainda mais contra a sua vontade, mas Tati precisava de apoio moral; acreditava que está precisando perder peso, já que se sentia desconfortável com sua forma física rechonchuda. Não negaria isso a minha amiga, a acompanharia no almoço mesmo que precisasse comer um nojento e fedido peixe cru, se fosse para agradá-la. Eu preferia mesmo era um succulento pedaço de carne bem passada, com bastante molho e batatas fritas.

— Comece a falar... — espremeu os olhos em minha direção e cruzou os braços ao se sentar — Por que saiu correndo como uma louca da loja? Quase morri de preocupação. — descruzou os braços e começou a agitar

as mãos nervosamente — E quando o Fox foi atrás de você, os parafusos da minha cabeça pularam. Eu já não tenho muitos, agora você quer me fazer perder os poucos que tenho... — balançou a cabeça mostrando que estava magoada.

— Tati... — minha voz saiu baixa, quase um sussurro — Não queria preocupar você.

— É... Mas você preocupou! — franziu as sobrancelhas e continuou — Acredita que quase fui presa? Eles acharam que eu iria roubar o sutiã. — choramingou e isso me fez lembrar que ela ainda tinha um encontro com Elijah e precisava de ajuda.

— Me desculpe pelo que fiz você passar! — falei sinceramente, ela não precisava passar por aquele constrangimento.

— Tudo bem! — suspirou mais calma — Agora, fale o motivo de ter saído correndo daquela forma.

— Nathan... — fiz uma pausa — Ele... — minhas mãos começaram a suar, estava nervosa em ter que me abrir com alguém, mas se queria que ela entrasse em minha vida, teria que criar coragem para lhe contar o que aconteceu no momento em que saí correndo da loja. Mas não falaria sobre o meu passado; para revelar aquela parte da minha vida, precisaria de muito mais tempo.

— Ah! Pare de me enrolar e fale logo... — Tati pegou um pedaço do salmão com seu hashi e posso dizer que

sabia muito bem como segurar aqueles pauzinhos dos infernos.

— Estamos juntos! — acho que aquela foi a cena mais engraçada que já vi em toda a minha vida. Tati levou o hashi que segurava o pedaço de peixe cru até a boca e parou no ar com a boca aberta. Ela congelou e segundos depois o pedaço do peixe caiu, ficou apenas com os pauzinhos na mão e de boca aberta — Tati, você está bem? — senti uma vontade enorme de rir, mas me segurei. Ainda segurando os pauzinhos no ar ela disse:

— Você me diz que está namorando um cara gostoso e pergunta se estou bem? — seu tom de voz mostrava a incredulidade fingida na sua pergunta.

— Ora, vamos... — sorri — Descongele e coma esse peixe que você deixou cair.

— Então foi por isso que você saiu correndo? — perguntou arqueando uma de suas sobrancelhas. — Se fosse eu, teria rasgado aquele pedaço de mau caminho em cinco pedaços — pegou outro pedaço de peixe com o hashi e continuou: — Deus sabe que mataria ele.

— Devo lembrá-la que você já tem o seu pedaço de mau caminho! — sorri, mas meu sorriso se transformou em cara de nojo quando levei o pedaço do sushi até a boca. *Ah! Um pedaço de carne, Deus! Por favor!*

— Ele não é meu... — falou envergonhada, tudo relacionado a Elijah a deixava vermelha e era muito fofo.

— Ah! Que é isso... — deixei de lado o peixe, sentia que cada pedaço inchava dentro da minha boca — Quando será o encontro?

— Amanhã! — disse sem jeito.

— Então, já encontrou a peça fatal? Caso aconteça algo mais quente?

— Não! Minha mais nova amiga saiu correndo e me deixou sozinha. — resmungou e enfiou mais um pedaço de peixe na boca.

— Vou me redimir. Prometo... — sorri sem jeito. — Vou ajudar você no que precisar.

— Só não foge mais, está bem?

— Pode deixar. Não vou fugir!

Às seis da noite, com o céu estrelado, segui para minha casa; peguei um ônibus, já que meu velho carro estava parado na garagem do prédio onde eu morava. Depois de anos sendo forte, ele resolveu que estava cansado e, se o levasse para algum mecânico, tenho certeza que seria mandado para um ferro velho. Meu Ford estava com seus dias de vida esgotados e pagar táxi todos os dias para ir ao trabalho não era a opção viável para meu bolso. Teria que ajudar no pagamento das sessões e talvez ter que encontrar outro trabalho para repor o dinheiro e poder comprar outro apartamento.

Abri a porta do meu apartamento e sabia que tinha menos de uma hora para tomar um banho e encontrar

alguma coisa decente para vestir. Parecia um inferno! Nada era bom o suficiente; tirei todas as poucas roupas que eu tinha para fora do closet, deixando meu quarto uma completa bagunça. Mas nada, nada era bom. Olhei para o lado e uma caixa retangular branca, que guardava com carinho, estava gritando: — Me abra! Fui até ela e me ajoelhei, as lembranças de um baile que não pude ir surgiram em minha mente, pois fugi na noite em que ele ocorreu.

Fugi para longe, deixei somente uma coisa importante para trás e que voltaria para pegar. *Apenas ela era importante para mim!* Meu corpo não havia mudado muito, então o vestido simples feito por mim com a antiga máquina de costura que minha mãe usava para remendar as calças daquele... Bom, foi com aquela máquina que costurei o vestido. Não era nada glamoroso, na verdade era bem simples, usei um tecido doado pela vizinha da minha mãe, que sempre se preocupou comigo.

Era um lindo vestido verde, de alças estreitas com mangas de renda preta que iam até o cotovelo, cintura marcada e justa na parte de baixo. Mesmo depois de sete anos eu havia mudado muito pouco, corpo magro, cintura fina e quadril um pouco largo; optei por deixar o cabelo solto, passei rímel e um pouco de batom, já que não tinha tempo para me maquiar melhor. Quando terminei me senti satisfeita, pois usaria o vestido que tinha guardado com tanto carinho, usaria com Nathan...

O celular tocou e me apressei para atender, já sabendo quem era. Verifiquei todas as fechaduras e janelas antes de sair e dei uma última olhada para o sofá onde ele havia dormido. Agora jamais teria coragem de jogar aquela mobília no lixo, pois sempre me lembraria de Nathan quando o olhasse.

— Nathan vai cair duro quando colocar os olhos em você. — Gretha estava com seu habitual terno preto e um brilho nos olhos que me fez sentir melhor. Mas, para minha desgraça, ela abriu a porta traseira; queria me sentar na frente com ela, que percebeu que eu havia parado, então arqueou uma sobrancelha em questionamento.

— Não quero ir atrás... — articulei — Quero ir na frente, com você.

— Vou ter que ir aí e chutar sua bunda branca para que você entre nesse maldito carro? — ela uniu as sobrancelhas em um franzido, formando uma pequena ruga entre elas — Nathan vai explicar tudo, agora entre nesse carro antes que tenha que aturar o mau humor dele por você chegar atrasada.

— Tudo bem... — suspirei resignada — Eu entro, mas sob protesto.

— Boa garota! — sorriu, fechou a porta do carro e seguiu para o lado do motorista.

Capítulo 17



Com o coração praticamente na garganta parei em frente à porta do apartamento de Nathan. Era o oposto do meu e me perguntei qual seria sua opinião a respeito do meu apartamento, já que só de olhar dava até medo de encostar o dedo em sua porta. Um corredor bem iluminado, com piso de granito preto e paredes cor de esmeralda, dava um toque sofisticado ao ambiente. Apertei a campainha e esperei alguém abrir, minha mão estava suada por causa do crescente nervosismo, mas os passos que vieram logo em seguida eu conhecia. Pude sentir a energia dele e meu corpo respondeu a isso! Meu Nathan... Era nisso em que precisa me apegar: que ele era meu, mesmo que parecesse impossível de ser realidade. Isso foi ele mesmo que falou, com todas as letras... Que era meu! E era nessas palavras que iria me segurar.

Meu!

— Oi, meu doce... — disse ao abrir a porta, com um sorriso no canto daquela boca perfeita, maravilhosa... Que boca deliciosa! Não havia gosto mais perfeito que o sabor de sua boca, do beijo de Nathan... Seus olhos azuis penetrantes me faziam prender o ar nos pulmões, e aquela barba ainda por fazer o deixava mais atraente.

Estava usando uma calça de linho preta, o cinto combinava com os sapatos também pretos, brilhosos e bem cuidados, a camisa com dois botões abertos, expondo apenas uma parte pequena do seu peitoral liso e definido, as mangas da camisa dobradas até os cotovelos. Nathan estava com a sua mão esquerda no bolso da calça, que tinha um caimento magnífico sobre toda a extensão, do quadril até suas pernas musculosas, e me tirou o fôlego que ainda restava.

— Vamos, entre! — abriu mais a porta, deu espaço para que eu pudesse entrar e mostrou seu sorriso mais descarado. Sabia o efeito que causava em mim, mesmo não podendo me tocar, sabia que já era o dono do meu corpo.

— Oi... — foi a única coisa que saiu da minha boca, antes de entrar e ele fechar a porta.

Pude sentir o olhar dele atrás de mim, me avaliando. Um arrepio diferente vibrou pelo meu corpo, uma sensação de puro prazer, misturado com o calor que estava correndo por mim. O apartamento dele era claramente o oposto do meu, amplo e arejado, com móveis modernos quase chegando ao absurdo de tão perfeitos. Não estava deslumbrada, mas não entendia que diabos ele estava fazendo com uma jornalista que mal tinha dinheiro para pagar as contas.

— Bonito sofá. — falei sinceramente olhando para o sofá branco, retangular em forma de L. Do lado esquerdo havia duas cadeiras de madeira bem trabalhadas, com o estofado vermelho, que ficavam ao lado da enorme janela

de vidro escuro que tomava toda a extensão da parede ao fundo, de onde dava para ver quase toda a cidade.

— Prefiro o seu... — disse se aproximando mais — E a propósito, — sua voz era mais baixa, mas não menos intensa do que o normal — você está muito gostosa neste vestido. — estava ainda mais pervertido do que antes; era visível meu estado de nervosismo e ele se aproveitou da minha fraqueza. — Sua bunda fica uma delícia quando você anda, apesar de que prefiro você sem nada. — consegui sentir o cheiro gostoso que vinha do seu corpo; Nathan tinha um cheiro único, um cheiro gostoso e forte, assim como ele. — Então... Quando, em um futuro bem próximo, você estiver sem nada, vou decidir se mordo, amasso, fodo, ou faço os três ao mesmo tempo, com esse seu traseiro delicioso.

Ele queria comer o meu... Deus! Que homem depravado.

— Você não consegue jogar limpo... — resmunguei quase em um gemido, ainda nervosa por estar sozinha com ele. Nathan sabia falar e deixar uma mulher subindo pelas paredes. *Merda!* E molhada também! Era demais para os meus neurônios. A iminência do seu corpo junto ao meu, tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe, era algo enlouquecedor.

— Liz, sei que você gosta quando jogo sujo... — falou e ficou de frente para mim — E, em um futuro bem próximo, você vai entender que seu corpo quer que eu jogue muito sujo com cada pedaço dele. — sua expressão era lasciva,

quente e mantinha uma linha sombriamente sensual em todo o seu rosto.

— Isso não é justo — murmurei e desviei meu olhar do rosto dele. *Merda*, estava com as minhas bochechas pegando fogo. De vergonha e de excitação.

— Vamos, o jantar está pronto. — falou e mudou de garanhão sexy da voz rouca, com seu jeito “eu sou foda, mas sou fofo”, para um ser civilizado, que não parecia estar querendo me comer.

— Você cozinhou? — ele já havia cozinhado para mim; foi quando tive uma das visões mais eróticas da minha vida, Nathan lambendo a colher com molho de tomate, e logo depois a visão dele sentado na cadeira em frente à minha cama, enquanto alisava toda a sua extensão arrebatadora para mim, o que me deixou entorpecida.

— Apenas o melhor para o meu doce. — seguiu na minha frente, com um andar determinado e com aquela bunda redonda e definida. *Uma delícia de bunda!* Nathan tinha ombros largos, cintura fina, quadril estreito e pernas longas trabalhadas no puro músculo, mas a bunda sempre foi uma das minhas partes preferidas, tirando é claro, todo o resto. Ou seja, ele nu, na minha frente. — E depois eu que sou pervertido... — sorriu alto, tirando minha atenção — Se continuar olhando assim para minha bunda, vou achar que você é uma pervertida. — falou e virou à direita, saindo do meu campo de visão.

— Não sou, seu imbecil — falei cantarolando e fingi estar irritada.

— Ah! — escutei sua risada gostosa. — Você é sim...
Essa sua frase de negação só confirma minhas suspeitas.

Andei mais um pouco e vi uma escada de aço cromado que dava para o segundo andar do apartamento. Segui até uma das cadeiras, deixei minha bolsa e observei o resto do apartamento. Vasos com tulipas estavam dispostos em uma mesa de centro que ficava próxima ao sofá; quadros de pinturas abstratas e com cores neutras enfeitavam as paredes brancas. Ao lado da escada havia duas portas grandes e largas; do outro lado da sala havia uma mesa de vidro com seis cadeiras e um lustre de formas triangulares, a menos de um metro e meio de distância, iluminava o centro da mesa. *Sousplats* de cipó envelhecidos e de muito bom gosto estavam sobre a mesa, os talheres estavam organizados e alinhados, havia taças para água e vinho, e velas. Acho que não existe nada mais lindo e romântico do que um jantar à luz de velas. Nathan sabia como tratar uma mulher. *Como deveria ter sido com as outras?* Perguntei-me, olhando para a mesa romanesca; apenas a ideia de outra mulher ao seu lado já não me agradou.

— Você quer ajuda? — perguntei olhando para a enorme janela de vidro na sala, enquanto caminhava distraidamente pelo apartamento.

— Não! — respondeu e quando dei por mim, ele já estava na sala de jantar.

Parei...

A visão de Nathan segurando dois pratos quadrados de porcelana, com a camisa aberta deixando à mostra parte do seu peitoral, era algo surreal. Aquele homem não podia existir de verdade... Lindo, sensual, habilidoso na cozinha, entre outros talentos. O que mais poderia querer? *Trepar com ele, sua burra!* Sim... Era apenas isso que faltava para ficar tudo em equilíbrio no meu universo, só que iria demorar um pouco até que acontecesse.

Não importava o que ele fosse ou fizesse, sabia que aquele homem era singular. Quando pôs os pratos sobre a mesa, em cima dos *sousplats* de cipó envelhecido, senti um cheiro maravilhoso e minha barriga roncou em protesto. O sushi havia ido todo para o lixo. Definitivamente, detesto peixe cru.

— Venha... — chamou, afastando uma das cadeiras para que me sentasse — Liz, fica difícil me concentrar em qualquer outra coisa que esteja fazendo com você me olhando com cara de quem quer ser fodida. — alertou mostrando os dentes — Venha e sente-se como a boa garota que é e, depois do jantar, tenho um presente para você. — presente? Opa! Isso eu não aceitaria. Ele estava me ajudando com o pagamento absurdo das sessões e agora vinha com mais um presente.

— Não quero! — ser fodida em futuro bem próximo, sim... Mas, ganhar presente, não...

— Meu doce... — cortou minha fala e arqueou uma de suas sobrancelhas grossas e negras, fez uma pausa mostrando que estava escondendo algo — Vai ser nosso,

de preferência usado apenas em você, mas será nosso. — sorriu com malícia. Não iria brigar com ele, não ainda, precisava que ver o que era para poder brigar depois.

— Tudo bem... — falei me dando por vencida naquele momento. Não era a hora de estragar a noite e esperava não estragar em momento algum. Dei a volta e me acomodei na cadeira, que ele tão gentilmente afastou para que eu sentasse. — Obrigada! — agradei com um sorriso torto, meio sem jeito. Ele foi até a cozinha e, quando voltou, trouxe consigo uma garrafa de vinho tinto.

— Hoje, teremos Boeuf Bourguignon e para acompanhar um vinho frutado à base de Merlot. — apresentou com orgulho a garrafa que estava escrito Pétrus, apesar de não saber o que era Boeuf Bourguignon e muito menos conhecer qualquer tipo de vinho, estava achando uma graça ele me servir — Boeuf é alcatra temperada com especiarias e legumes, assim o vinho que escolhi para a noite se tornará a combinação perfeita, Liz. — explicou quando percebeu minha sobrancelha levantar em questionamento.

Carne! Obrigada Deus!

— Você pensou em tudo. — disse sorrindo como uma pateta, pois seu francês me fazia derreter. Ele poderia falar um palavrão, que ainda assim ficaria encantada.

— Tudo para minha garota. — falou e pegou minha taça para despejar o líquido até chegar ao meio, piscando de modo provocador — Prove, por favor! — pelo menos desta vez ele pediu e não mandou, como fez na primeira

vez em que nos vimos na sua casa noturna. Atendi seu pedido, tomei um gole e deixei minha língua se acostumar com o gosto encorpado do vinho.

— Você gosta de sorvete de chocolate?

— Gosto. — respondi e era verdade, passava boa parte das minhas folgas me afogando em um pote de sorvete de chocolate enquanto assistia filmes de ação, de preferência com *Jason Statham*. O cara é mesmo o *pica das galáxias* quando se trata de filmes de ação.

— A sobremesa é Petit Gateau com sorvete de chocolate... — sorriu de maneira enigmática, quando sentou ao meu lado. Não sei o porquê, mas a forma como falou do soverte me fez ficar com uma pulga atrás da orelha.

— Você tem algum problema com sorvete de chocolate? — o olhei intrigada.

— Não queira nem saber o quanto! — falou e levantou a taça para um brinde, sempre com o sorriso descarado no rosto — *Bon appétit*.

Nathan estava em sua cozinha, que era praticamente do tamanho de todo meu apartamento, lavando os pratos. Ofereci ajuda, mas negou-se a aceitar; dessa forma pude observar mais do homem enorme, que tão habilidosamente lavava os pratos.

— Me ofereci para ajudar. — cheguei mais perto.

— E perder a oportunidade de ver você babando por mim? — soltou uma risada gostosa, que me fez sorrir

também — Nem pensar... — virou o rosto para me encarar, terminou o último prato e enxugou as mãos no pano. — Prefiro você me olhando com essa cara de safada.

— Convencido! — falei e percebi que seu rosto se tornou mais sério, apesar do sorriso no canto da boca. — Não tenho cara de safada, seu doente depravado.

— Seria muito se eu lhe pedisse um beijo? — perguntou de repente, com sua voz baixa e seu olhar quente sobre mim, me fazendo ficar sem ar.

— Um beijo? Só um beijo? — perguntei com medo. *Inferno!* Aquilo estava mexendo com os meus neurônios, ou melhor, fritando o pouco de cérebro que ainda me restava. Durante anos, quando um cara tentava se aproximar de mim, fugia como louca, mas, naquele momento, estava me reconhecendo. Não esperei ele responder, inclinei minha cabeça em sua direção, fechei os olhos e tudo que escutei foi Nathan suspirar profundamente, enquanto se aproximava. Sabia que não me tocaria, não contra minha vontade.

— Ninguém beija como você... — senti seu hálito misturado com o cheiro do vinho. Roçou seus lábios nos meus e o convidei para entrar em minha boca com sua língua quente e macia, que procurou a minha de uma maneira que me fez esquecer que o mundo existia — Deus! — gemeu ao se afastar, apenas para me olhar — Se sua boceta for tão gostosa quanto sua boca, terei problemas para manter meu pau dentro da calça.

— Nathan... — minha voz saiu quase como um murmúrio desesperado; queria sua língua dentro da minha boca, dançando por meu corpo. Sentia como se cada molécula do meu corpo reagisse a ele. Nunca me senti assim, tão excitada, eufórica, sem saber o que fazer. Nathan, apenas Nathan. Era o que o meu corpo pedia, mas eu ainda tinha medo; sabia que ele não era como aquele homem nojento, mas o medo estava lá.

— Eu sei, meu doce... — encostou sua boca novamente na minha — Também estou sentindo o mesmo que você. — quando terminou de falar, tomou meus lábios em um beijo quente e cheio de desejo — Já estou duro, só em pensar no momento em que estiver dentro de você... — quando se afastou minha respiração estava irregular e o subir e descer do seu peito dava a mesma impressão. Nossos olhos se encontraram, e foi o bastante para perceber que ninguém me faria sentir tão desejada e tão amada como ele faria.

Nathan é extraordinário!

— Hora da sobremesa. — falou com voz rouca e mordeu o lábio inferior.

— Sorvete de chocolate com Petit Gateau, ou apenas o sorvete? — perguntei sem ar, sentia minhas bochechas vermelhas e quentes, Nathan estava praticamente me comendo com olhos. Aqueles olhos...

— Hoje não teremos esse tipo de sobremesa, mas se eu for escolher na próxima vez, vai ser só sorvete com certeza... — soltou uma gargalhada e estampou novamente

aquele maldito sorriso enigmático. Não entendi o tipo de sobremesa que ele estava falando. — Mas isso será em outro dia. Vamos, quero mostrar algo.

— Só falta você falar que vai bater uma. — Droga! Merda de filtro que nunca funcionava. Nathan estreitou seus lindos olhos e um sorriso molha calcinha se espalhou por seu rosto.

— Não! — uma pontada de decepção correu pelo meu corpo — A não ser... Que você me peça! Aí terei o prazer de me exhibir para você. — seria muito safado da minha parte pedir para vê-lo nu?

— Não tenho nada contra. — dei de ombros e tentei parecer indiferente, mas falhei miseravelmente.

— Sabia que você era tão pervertida quanto eu. — Nathan mal conseguia fechar a boca, com seu sorriso largo — Sente-se ali... — falou, apontando para o sofá branco em formato de L — Volto em cinco minutos. — o vi subir as escadas e sumir logo após, cinco minutos seriam uma eternidade e eu morreria de curiosidade durante esse tempo. Como disse, voltou em cinco minutos, não que estivesse cronometrando... Mentira! Estava contando... Em sua mão segurava uma caixa retangular, preta.

— Levante... — pediu quando desceu o último degrau e assim eu fiz, ficando de pé na sua frente. Ele deixou a caixa próxima a minha bolsa — Tire o vestido.

— Tirar o vestido? — perguntei confusa.

— Você prefere que eu o rasgue? — arqueou a sobrancelha de maneira divertida — Posso fazer isso com o maior prazer.

— Não vou tirar o vestido até que me fale o porquê de ter que tirá-lo.

— Não seja difícil... — brincou — Se começar a ficar difícil, vamos ter que conversar de outra forma.

— Não vou tirar... — falei fazendo beicinho de menina teimosa — Quero ver você me obrigar! — foi o suficiente para ele ficar a menos de dez centímetros do meu corpo, o que me fez paralisar; nenhum músculo do meu corpo se moveu, exceto os músculos dos meus órgãos, que funcionavam a todo vapor, principalmente o coração acelerado.

— Espero que não goste desse vestido... — abaixou-se e pegou a barra do vestido próximo à costura, sem tocar em mim. Eu gostava muito do vestido, mas estava gostando ainda mais de Nathan. — Por que ele vai se tornar um pedaço de tecido inútil — avisou e partiu para o ataque, rasgando-o com apenas três puxões na costura, o que me fez sacudir e jogar meu corpo em cima do sofá. — Tire o resto! — sua voz assumiu um tom mais profundo.

— Que resto? Quer que eu fique pelada? — fiz uma pausa e engoli com certa dificuldade a saliva — Na sua sala?

— Prefere que eu vá até aí e termine o que comecei? — começou a abrir os botões de sua camisa e a tirou,

expondo cada pedaço de carne perfeita que o tecido escondia — Acho que não... — zombou já sem camisa e então começou a tirar os sapatos, os jogando para bem longe — Hoje vamos começar o nosso próprio processo de enfoque comportamental. — nosso próprio processo de enfoque comportamental? Fiquei confusa. — Pare de pensar, Liz, e tire o resto. — um pouco sem jeito retirei o que sobrou do vestido, como ele pediu, retirei o sutiã lentamente e deixei que deslizesse por completo sobre os meus braços, caindo no chão. — Tire bem devagar... — pediu enquanto tirava o cinto, depois abriu o botão e desceu o zíper da calça, para enfim ficar apenas de cueca.

Estava duro, apenas me olhando!

Não iria questionar, mas estava confusa. Não iríamos transar, porém não estava entendendo nada, ou não queria entender.

— Faça o mesmo com essa peça minúscula que está cobrindo a minha paisagem preferida. — ainda bem que não optei pela calcinha-depressão bege, isso seria um desastre. Estava usando um conjunto rosa-bebê com renda azul, um dos poucos conjuntos bonitos que eu tinha. Enquanto tirava lentamente o último pedaço de tecido do meu corpo, ele, sem tirar os olhos de mim, foi até a cadeira e pegou a caixa — Agora deite e abra suas pernas. — sem questionar, me deitei e abri as pernas; acho que Nathan tinha razão... Eu era pervertida. Foi tão evidente que a vergonha evaporou e deu lugar a uma depravada, que estava com as pernas

escancaradas para o homem mais gostoso que já existiu no mundo. Nathan G. Fox.

Ele sentou-se ao meu lado, quase entre minhas pernas e retirou a cueca, expondo sua grande, grossa e perfeita protuberância de cabeça rosada. Quando estava sem nada se pôs de joelhos em minha frente, mas sempre mantendo distância. Abriu a caixa, retirou um objeto de dentro e depois virou para o meu campo de visão; foi somente aí que percebi que era... Um vibrador! Aquele homem queria me matar? Só podia ser isso! Por mais que fosse muito excitante, não era aquilo que eu queria que entrasse na minha vagina quase virgem. O queria... Duro, liso e quente, bombeando com toda sua glória dentro da minha boceta, me fazendo uma mulher completa.

— Nathan... — ponderei um pouco triste e olhei para ele.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Não quero isso dentro de mim. — o olhei profundamente — Quero que seja você... — no mesmo instante deixou o brinquedo de lado e apreendi o brilho em seus olhos — Quando estiver pronta... Quero fazer com você.

— Lizzie... — senti a ternura em seus olhos — Vou fazer amor com você, vou amar cada pedaço do seu corpo, pois a única coisa que quero é que você seja minha. Minha! — enfatizou a última palavra com paixão.

— Você é tão lindo! — foi a primeira vez que falei aquelas palavras — Tão perfeito... Tão tentador... — quase não consegui terminar de falar.

— Oh! Merda... — gemeu entre os dentes. Nathan seria a visão perfeita entre minhas pernas — Se você continuar me olhando desse jeito eu vou perder a cabeça! — seu gemido saiu mais denso, enquanto revirou os olhos, jogou a cabeça rapidamente para trás, e, em seguida, voltou a me olhar com mais ardor — Me deixe ver você gozar... Toque seu corpo, por mim, e depois quero provar seus dedos para sentir o sabor dessa delícia rosada.

Será que existe algo mais erótico que isso? Um homem olhando no meio das suas pernas e querendo chupar os dedos que estavam acariciando sua boceta?

Iria me tocar. Sim... Iria tocar meu corpo como se fosse ele, com suas mãos grandes e fortes, que agora seguravam seu pau duro e magnífico, acariciando-o para cima e para baixo, já exibindo o líquido do seu desejo por mim. Será que um dia iria me cansar de vê-lo com aquele olhar de paixão? Querendo meu corpo, mesmo que não pudesse tocar ainda?

— Vamos lá, meu doce... — incentivou — Quero gozar na sua barriga e sentir o quão gostosa é essa sua boceta. — seus olhos começaram a ficar mais pesados, por causa da excitação — Passe a mão por seu corpo e o amasse, como se fosse eu, tocando você.

Fechei os olhos e comecei a passar a mão esquerda pelo meu pescoço, descí até que toquei em meus seios; a

direita estava apertando e alisando minhas coxas e meu corpo começou a quase entrar em colapso.

— Nathan... — gemi ainda de olhos fechados, arfando de prazer.

— Caralho! — murmurou um gemido tão devasso quanto o meu — Você gemeu tão gostoso... — continuei a viagem pelo meu corpo e cheguei até meus mamilos, apertei e puxei entre os dedos — Olhe para mim, Liz! — pediu — Deixe-me ver a excitação em seus olhos. — quando abri os olhos, percebi que ele havia mudado completamente, seu rosto e seu maxilar estavam mais rígidos — Goze, Liz... Goze para mim! — foi o suficiente para eu descer os dedos entre minhas pernas, encontrar o ponto mais sensível e, logo em seguida, acariciar com movimentos circulares rápidos — Coloque o dedinho lá e mexa o quadril bem gostoso... — obedeci, incapaz de argumentar qualquer coisa, já que as únicos sons que conseguia proferir eram gemidos incoerentes e quase abafados pela excitação. Nathan alisava com rapidez a longa extensão dura e esplendorosa do seu pau, indo da base até a cabeça; me toquei seguindo o ritmo que ele ditava com suas mãos.

— Oh! — gemeu profundamente quando o primeiro jato, quente e grosso saiu, atingindo o meio dos meus seios, não suportei e me entreguei por completo, explodindo em um orgasmo que me partiu em mil pedaços enquanto sentia os jatos mornos diminuírem e meus olhos se fecharem — Isso, meu doce... Minha Jessi Rabbit gostosa do caralho! —

resmungou entre os dentes — Estenda o dedo que você usou, meu bem. — falou e se inclinou para frente. Sem muita força, ergui o dedo indicador em sua direção, abri os olhos e a imagem de Nathan chupando meu dedo me fez perder o resto de força que ainda existia no meu corpo — Como imaginei... Tão deliciosa quanto sua boca! — franziu as sobrancelhas, me olhou com luxúria e deu uma última lambida no meu dedo.

— Em um futuro bem próximo... — o lembrei — Ela será sua. Completamente sua!

— Minha! — enfatizou ao se afastar.

Capítulo 18



Uma cama macia, quente e com o seu cheiro, era tudo que eu precisava. Mesmo não dormindo comigo, senti como se estivesse ao meu lado. Depois de um jantar maravilhoso com mais uma de suas sacanagens, na qual ele queria me dar de presente um vibrador, acho que minha noite terminou de forma perfeita. A sensação de algo se renovando dentro do meu corpo me fez entender que tudo poderia ser diferente se ele estivesse ao meu lado. Meu vestido não servia para mais nada, assim, Nathan me deu para vestir uma de suas camisas – depois de um banho quente –, e, com muita briga, uma de suas cuecas. Tivemos intimidades demais para uma noite, não queria que arrancasse os botões daquela camisa macia, que tinha o seu cheiro magnífico.

— Você é linda dormindo — entrou no quarto com um sorriso escandaloso e satisfeito. Segurava uma bandeja de café da manhã com torrada, queijo, maçã, pêssego e mamão cortados, ao lado de uma xícara com café. Nathan estava sem camisa, mostrando todo seu peitoral musculoso. Sua pele perfeita, seu cabelo bagunçado, seu sorriso magnífico me fizeram ficar completamente sem ar; usava

apenas uma calça de flanela azul, com caimento perfeito em seu quadril, de modo que o deixava ainda mais tentador.

— E você, visivelmente gostoso. — soltei sem pensar, o que antes era apenas um sorriso se tornou uma gargalhada sensual.

— Ainda bem que compartilhamos da mesma opinião — disse e pousou a bandeja ao meu lado, sentou-se na beirada da cama, ficou de lado e colocou as duas mãos para trás, o que flexionou cada centímetro dos músculos dos seus braços.

— De que você é gostoso? — perguntei e encolhi na cama, incapaz de colocar freio na minha língua.

— Não! — virou o rosto e me encarou — A mesma opinião, mas no sentido de que também a acho muito gostosa. — lambeu os lábios, contornando-os com a língua rosada e tentadora.

— Você sempre foi assim? — arqueei a sobrancelha, peguei o copo de suco de laranja e observei que não pegou nada da bandeja para ele. — Não vai tomar café?

— Já tomei meu café — continuou olhando para mim, enquanto eu tomava o suco — E não... Não fui sempre assim, até conhecer você e meu pau não parar de se remexer dentro da calça. Toda vez em que olho para sua boca e a imagino chupando ele... — em câmera lenta o suco de laranja saiu da minha boca, cuspi todo o líquido e quase me engasguei.

— Merda! Você me imagina chupando o quê? — olhei para ele quase sem fôlego e olhei o estrago que fiz por causa do susto.

— Se imagino você me chupando? — perguntou com um ar de incredulidade disfarçada de divertimento — A cada cinco segundos, e piora quando olho para essa sua boca vermelha gostosa. Mas não se preocupe, também quero te chupar até que suas pernas não aguentem mais e você gritar como uma louca, enquanto puxa meu cabelo pedindo por mais.

— Mas, para que isso aconteça, precisamos sair da sessão masturbação — droga! Minha mente e minha boca que não conseguiam ficar conectados — Desculpa, não sei o que me deu... — pedi e coloquei o copo na bandeja.

— Gosto do seu jeito... — sorriu, se aproximou mais um pouco e se sentou de frente para mim — Gosto de tudo em você. — senti carinho em sua voz, um carinho que fez meu sorriso ficar ainda maior. Com certeza, várias outras mulheres tiveram aquele sorriso, aquele corpo.

— Quantas mulheres você já... — coloquei a mão na boca e evitei a última palavra. Merda!

— Eu já o quê? — perguntou franzindo o cenho. Caralho! Me fodi.

— Ah! — cantarolei, querendo parecer indiferente, mas falhei drasticamente — Você sabe...

— Não... Não sei! — apertou os lábios, reprimiu um sorriso e logo em seguida falou: — Vamos, me explique.

— Transou... — suspirei e me encolhi ainda mais — Pronto! Satisfeito?

— Ainda não estou satisfeito, mas, respondendo sua pergunta... — falou, curvou e ficou ainda mais próximo — Não foram muitas.

— Em uma escala de um a cem, quantas Nathan?

— Não acho que você vai querer saber sobre isso... — estava pairando sobre mim, com seu rosto próximo ao meu, me fazendo inalar seu cheiro perfeito e perder o fôlego ao mesmo tempo.

— Tudo bem! — certo, não queria saber, pois se passasse das cem iria ficar sem saber onde enfiar minha cabeça. — Então, quantas namoradas? — Torceu a boca para o lado, como se estivesse calculando, por um momento achei que teria um treco.

— Duas! — respondeu, para minha surpresa. Meu queixo caiu significativamente, ele só poderia estar de brincadeira. Apenas duas? Espere... Se eu era sua namorada, quem foi a outra antes de mim? — E antes que me pergunte, minha jornalista, não foi uma coisa séria, apenas um namoro rápido, hoje somos amigos e sócios — a julgar pela perfeição do homem que estava na minha frente, a ex-namorada só podia beirar a perfeição, assim como Nathan. O fato de ser sócia e amiga me deixou com ciúmes. Senti vontade de matá-la, mesmo sem conhecê-la, vontade de pegar a cara dela e esbofetear, como um João-teimoso ou um saco bem pesado de areia — O que foi?

— Com que frequência vocês praticavam sexo? —
minha pergunta o pegou em cheio.

— Lizzie, isso não vem ao caso. — suspirou e passou
a mãos nos cabelos bagunçados — Só quero você e de
preferência, para sempre. Quantas vezes transei, ou
quantas mulheres tive, não importa. Sou seu agora, e
espero que, em breve, você seja minha.

— Estou apenas insegura, Nathan. — confessei
sinceramente — Você parece que está sempre com as
bolas pegando fogo, e seu... — fiz uma pausa procurando
outro sinônimo para o pau dele, já que o que queria falar era
pau mesmo — Pênis, parece estar sempre armado. Tenho
medo de um dia não conseguir ser tocada plenamente e
ainda tem o fato de tudo ser muito recente entre nós dois.

— Meu pau, se era como você ia falar... — sorriu
irônico, quando começou a explicar — Não vai a lugar
nenhum, e meu desejo por você não pode ser explicado,
apenas demonstrado, assim como meus sentimentos. Estou
apaixonado e nada nesse mundo vai mudar isso, mesmo
sendo algo tão recente.

— Deus... — choraminguei sorrindo — Tirando a parte
em que você fala do seu pau com tanta naturalidade, o resto
foi lindo.

— Vamos lá, meu doce, — levantou, ficou de costas
para mim e foi para o enorme closet — o doutor Stevenson
vem nos fazer uma visita. — percebi, no modo como falou,
que a visita tinha mais jeito de sessão.

— Como assim? — questionei — Não vou descer e ficar na frente dele vestida assim.

— Foi isso mesmo que você escutou. — explicou, enquanto revirava algo no closet — E não, realmente não dá para você ficar com essas pernas deliciosas na frente dele. — quando voltou, trouxe consigo umas sacolas — Vista o que tem aqui dentro — sorriu — Tenho certeza que vai servir perfeitamente em você. — disse isso e seguiu para o closet novamente.

— Devo perguntar como você sabe o que gosto? — paguei a sacola, retirei de dentro uma blusa de mangas lilás, calça jeans azul, calcinha e sutiã. Todos no tamanho exato para meu corpo.

— Deve! — senti que estava sorrindo, mesmo não podendo vê-lo.

— Certo... — levantei da cama e tirei a camisa dele — Como sabia o tamanho das roupas?

— Não tinha como não saber. — falou bem atrás de mim, me assustando — Deus! Não me canso de olhar seus seios. São incríveis... — Nathan olhava fixamente para os meus seios, enquanto mordida os lábios — Só de olhar para você sei o tamanho de cada pedaço do seu corpo — ele já estava vestido, com uma calça jeans preta e camiseta polo branca, com as mangas contornando os músculos dos seus braços.

— Você falando desse jeito, — peguei rapidamente o sutiã e coloquei logo em seguida — fico parecendo um

pedaço de carne.

— O melhor e mais succulento pedaço de carne, que apenas eu posso comer. Você me entendeu? — se aproximou e parou a poucos centímetros do meu corpo, me deixando fraca — Eu como você e você me come. Seremos a refeição um do outro.

— A ideia de comer você, ou você me comer, não inclui canibalismo, certo? — brinquei vestindo a blusa e me distanciei um pouco dele.

— Se você quiser que eu coma você, em todos os sentidos e de todas as maneiras possíveis, até pode incluir. — aproximou-se novamente, quando terminei de vestir a blusa — Agora, faça um esforcinho e me dê um beijo. Estou ficando louco só de pensar no gosto da sua boca — esforço? Será que realmente estava tendo que me esforçar para beijar aquela boca incrível? Não! Não estava me esforçando, pois a queria beijar.

O beijo de Nathan estava me curando, ou quase isso. Quando me beijava, tudo parecia que parava de existir, tudo se tornava poeira ao vento. Apenas com um beijo ele fazia com que me sentisse única. Dele.

Quando me aproximei, ele pôs as mãos para trás e inclinou a cabeça para frente. Nathan era alto, forte e dono do seu mundo, mas, ao mesmo tempo, era delicado e sensível com meu estado nada aceitável. Se fosse outro homem, isso se tivesse aceitado outro, jamais teria permitido tal aproximação, ou até mesmo que esse sentimento se tornasse tão intenso, poderoso e avassalador

em tão pouco tempo. Era como se ele sempre estivesse ali, e que em seus lábios eu encontrasse a mais pura libertação. Não sei o que faria se, de repente, ele me deixasse, percebendo que era um erro ficar comigo e assumir os riscos de um relacionamento assombrado por meu passado tenebroso. Com o simples toque dos seus lábios nos meus, aquela sensação de estar onde sempre deveria estar me tomou, me preencheu. O gosto da sua boca, o jeito como me beijava intensamente sem ao menos me tocar, era algo sem explicação.

— Vou amar cada pedaço do seu corpo, meu doce...
— sussurrou ainda me beijando, enquanto me fundava em sua boca macia e quente. — Vou adorar cada centímetro e mostrar como se ama de verdade.

— Eu sei... — estava sem fôlego, resultado de um beijo intenso, cheio de promessas e muita paixão — Prometo que vou amar cada pedaço do seu corpo, assim como vai fazer com o meu. — fechei os olhos quando falei cada palavra. Tudo tinha se intensificado, bem como todos os meus sentidos perto dele.

— Minha! — murmurou com a voz baixa, ainda perto da minha boca.

— Sua! — afirmei. Abri os olhos e me deparei com o brilho perfeito dos seus olhos. Ali era o meu céu... Meu pedaço de céu na terra, onde me perderia ou me encontraria, no modo profundo que ele me transmitia isso. O encanto só acabou quando seu celular tocou; o pegou no criado-mudo, olhou o visor da tela e logo atendeu.

— Stevenson. — o cumprimentou polidamente — Certo... Estamos descendo. — disse por fim, desligou o celular e o guardou no bolso da calça — Espero você, ou desço? — estreitou os olhos e colocou um sorriso safado no canto da boca, me fazendo entender o que queria dizer.

— Fique e assista ao show. Se quiser, é claro. — dei de ombros, peguei a calcinha na sacola, tirei a cueca de maneira lenta, olhei para ele de maneira provocante e fiquei nua da cintura para baixo.

— Agrade esse homem aqui e vire-se quando for colocar a calcinha, inclinando bem essa bunda. — pediu e colocou as mãos nos bolsos da calça. Obedeci, estava gostando da brincadeira; virei-me, inclinei bem a bunda em sua direção e vesti lentamente a calcinha, flexionando os joelhos, alternando entre uma perna e outra.

— Assim? — perguntei querendo parecer inocente, já me sentindo uma pervertida perto dele.

— Você não me engana com essa sua cara de inocente. — sua voz estava rouca, com uma pontada de divertimento — Safada! — rosnou suspirando com sua voz sedutora — Minha safada!

— Eu não era assim... — falei assim que terminei de vestir a calcinha, me virei e coloquei as mãos no quadril — A culpa é sua.

— Meu doce, — seu olhar estava ainda mais intenso de que sua voz — ninguém se torna pervertido, todos nós temos um lado safado. Só depende de quem usa ou

desperta esse nosso lado de luxúria. E no seu caso, é algo que já está fluindo naturalmente.

— Ainda assim é sua culpa, — retruquei, me divertindo — o meu lado ou meu sentido pervertido só foi despertado com você.

— E o meu lado pervertido vai entrar em ação se você não colocar a merda da calça, vou até fechar os olhos. Juro que esquecerei que temos uma visita lá em baixo, abro suas pernas e chupo você, se não for rápida.

— Está certo... — sorri — Nós dois sabemos que isso não pode acontecer, — peguei a calça e me vesti rapidamente — pronto. Agora pode abrir os olhos.

— Ora... — falou Ian, quando viu Nathan e eu descendo a escada — Vejo uma aparência maravilhosa em você, Lizzie. — fez apenas um aceno com a cabeça, sabendo que não apertaria a sua mão — Nathan. — estendeu a mão para Nathan e a apertou firme, com um olhar profissional.

— Nathan me falou que você nos faria uma visita. — fui direto ao ponto da conversa — Mas... Nós sabemos que essa sua visita nada mais é que uma sessão.

— Percebo que sua parceira é bem parecida com você, Nathan. — lançou o mesmo sorriso enigmático para Nathan, como se fosse uma brincadeira interna.

— E você pode, por favor, parar com isso? Como se estivesse passando algum tipo de mensagem para ele

nesse sorrisinho? — soltei, tive que falar.

— É muito perceptiva também... — ampliou o sorriso ainda mais para Nathan — Praticamente almas gêmeas.

— Deixe de baboseiras, Stevenson, — retrucou Nathan — você não está sendo pago para ficar fazendo observações se ela é ou não parecida comigo. Você está sendo muito bem pago para tratar da minha namorada. — o tom gélido de Nathan fez com que eu sentisse um pouco de pena de Ian, mas logo passou quando o olhei e percebi que estava vermelho, sufocando o riso; aquilo claramente era uma brincadeira entre eles.

— Me desculpe, Lizzie! — pediu se recompondo e voltou ao seu lado profissional — Nathan, preciso que você me deixe a sós com Lizzie, preciso fazer algumas perguntas para ela.

— Não! — olhei para Nathan, que de imediato recebeu meu olhar — Quero que ele fique. Não sei se notou, doutor Stevenson, mas não quero que ele fique de fora, ou sem qualquer tipo de informação sobre mim.

— Ian, você sabe que não vou sair de perto dela. — Nathan falou com firmeza.

— Se é assim que o casal quer... — suspirou e seguiu de maneira elegante para uma das cadeiras perto do sofá, que ficava próximo da enorme janela — Mas, vamos assinar um termo onde sua namorada vai segurar a língua dentro da boca, caso algo dê errado entre vocês.

— Nada vai dar errado, Stevenson — rebateu Nathan, com uma pitada de irritação, mas Ian não parecia se preocupar com isso.

— Mesmo assim, — Ian olhou para Nathan e abaixou um pouco os óculos — o seguro morreu de velho. Agora deixa de ser rabugento e sente-se aqui ao meu lado enquanto sua namorada, que é minha paciente, se senta nesse incrível sofá branco e me fala mais sobre o que aconteceu.

Nathan se acomodou na cadeira e manteve contato visual sobre mim. Percebi que ele estava tão nervoso quanto eu. Mesmo sendo muito difícil abrir minha boca e revelar tudo o que aconteceu, precisava começar. Saber que Nathan estava ali e que iria me apoiar no início era o mais importante. Eu nunca havia me exposto a ninguém. Olhei para aqueles olhos azuis e me deixei mergulhar no mais profundo sentimento que existia entre nós dois.

— Quando você estiver pronta... — Ian disse ao cruzar suas longas pernas, pegou um bloco de notas com a caneta em uma de suas mãos — Quero que você se sinta à vontade para falar tudo o que puder. Tudo bem?

— Tudo! — falei, sentei no sofá, abaixei a cabeça e senti um nó se formar em minha garganta. Certas coisas não são fáceis de digerir, mesmo com o passar do tempo. E aquelas lembranças ainda eram uma ferida exposta, que me fez sofrer durante anos.

— Estou do seu lado... — a voz de Nathan me chamou de volta à realidade, seus olhos carinhosos e ao mesmo

tempo preocupados. Ele estava se tornando meu porto seguro. Uma pilastra, que sem medo, estava segurando com todas as minhas forças — Sempre! — enfatizou, e, com aquelas poucas palavras, entrou ainda mais no meu coração, aquecendo meu corpo e minha alma.

Naquele momento não queria estar em outro lugar, a não ser ao lado dele. Daquele homem forte, dono de um coração enorme e paciente.

— Nathan... — o tom de censura na voz de Ian, fez com que ele ficasse sério e, mesmo não respondendo, pude ver o quanto aquilo o aborreceu — Vamos prestar atenção no que Lizzie tem a dizer.

Respirei fundo, olhei para Nathan com ternura e medo. Se depois de falar tudo ele quisesse me deixar, meu mundo não seria mais o mesmo, eu seria apenas uma carcaça, vagando, robotizada e seguindo a vida, sem muitas expectativas. Sabia que não era saudável me apegar a ele como um meio de sustentação, de ter alguém para chamar de meu e poder contar com essa pessoa, sem medo ou resistência; era perigoso demais para o meu coração. Aquilo estava sendo um tiro no escuro, mas, ainda assim, queria tentar.

Por mim!

Por nós dois!

— Quando tinha oito anos... — comecei e abaixei a cabeça novamente — Minha mãe, Salomé Dickson Radzimierski, saiu da vida que levava no subúrbio do

Queens. Antes, havia se casado com o meu pai, Marcus Karzus Radzimierski, que nos deixou sozinhas no mundo e nunca mais deu notícias... — respirei profundamente antes de continuar, retorci os dedos das mãos em nervosismo — Minha mãe se viu perdida, tinha uma criança para alimentar, e, como era muito bonita, chamava bastante atenção. Ela usou isso para buscar outros meios de conseguir o que queria, e começou a se prostituir... — senti meus olhos arderem, mas não queria chorar, não iria chorar, pois boa parte do meu sofrimento tinha sido causada pelas escolhas erradas dela — Depois, quando ela apareceu em casa com o... — era muito difícil falar o nome do homem que causou tantos traumas na minha vida, me impedindo de ser uma mulher plenamente feliz e aberta para a possibilidade de amar — Theodor O'Connell, ou Teddy, como ela o chamava. — o gosto amargo do álcool chegou à minha boca e me fez ficar um pouco enjoada com a lembrança do gosto da saliva dele rolando dentro da minha boca — Um frio percorreu minha espinha, sabia que era perigoso assim que coloquei os olhos nele. Mesmo não tendo idade suficiente para entender o porquê daquele arrepio, um dia ele entrou no meu quarto e... — virei o rosto, ainda de cabeça baixa, para que pudesse continuar a falar; estava cada vez mais difícil me abrir — Começou a me olhar de maneira estranha e se masturbar. — engoli o nó que se formou e reuni todas as minhas forças para poder continuar a história da minha vida — Fingi que estava dormindo, mas a partir daquele dia, soube que minha vida seria um inferno. E assim foi.

— Filho de uma puta! — resmungou Nathan, com ódio latente em sua voz. Quando virei e levantei a cabeça, ele tinha os punhos cerrados, em uma postura rígida. Seu rosto estava tão transtornado que por um momento não reconheci o homem que se mostrava perfeito e dono de um controle irrevogável — Juro que mato esse desgraçado, filho de uma cadela...

— Nathan! — o mesmo tom de advertência na voz de Ian apareceu, para lembrar que ele deveria se controlar, mas a maneira como disse que mataria Theodor me fez estremecer, havia um ar de perigo em sua voz — Guarde seus comentários para si. Prossiga, Lizzie... — Ian me olhou de modo profissional e compenetrado — Depois daquela noite, o que houve? — Nathan fuzilou Ian, mas calou-se, de maneira desconfortável, e irritado.

— As noites foram se repetindo com frequência, mas até então ele não havia tocado em mim. Eu o evitava constantemente, até que... — se era para terminar de revelar o que tinha se passado comigo, faria isso de uma vez por todas. Meu passado não iria assombrar meu futuro. Meu futuro com Nathan, um futuro que queria para mim, com todas as minhas forças — Minha mãe começou a trabalhar como garçoneiro em uma cafeteria próxima a nossa casa, sempre chegava cansada, nunca tinha tempo para mim e enfim minha mãe engravidou...

— Aquele merda teve a coragem de procriar? Aquele monstro! — de repente Nathan estava gritando. Levantou da

cadeira, passou a mão no cabelo de maneira exasperada e andou de um lado para o outro.

— Assim fica complicado trabalhar, com você atrapalhando a cada cinco segundos. — Ian olhou para Nathan — Se não ficar em silêncio, vou ter que remarcar a sessão para outro dia. Entendeu? — Ian falou com firmeza.

— Como quer que eu não fique puto com essa situação? — Nathan indagou e apertou as mãos em punhos até que os nós de seus dedos ficassem brancos.

— Nathan... — meu tom de voz era baixo — Tudo bem, consegui passar pelo pior, só quero continuar e me curar.

— Me desculpe, meu doce! — a voz de Nathan estava mais calma quando voltou a olhar para mim — É tudo novo para mim, e é difícil aceitar que tenha passado por isso tudo.

— Apenas a deixe terminar de falar. Acalme-se e fique quieto. — pediu Ian, mas dava para notar o quão irritado estava com as constantes interrupções de Nathan. Conseguia entender o lado dele, aquilo era algo muito difícil de escutar e ter que manter o sangue-frio até o final de toda a história — Prossiga, Lizzie! — contra sua vontade, Nathan voltou a se sentar.

— Sei que é difícil de escutar, mas quero continuar... — Nathan assentiu com a cabeça, sabia que estava se controlando — Quando ela engravidou eu ia completar dez anos e a cada dia meu corpo estava mudando, me

desenvolvia mais rápido que as meninas da minha idade e os olhares de Teddy se tornaram cada vez mais indiscretos e ousados. Não vou mentir que na época do nascimento da minha irmã a amei assim que a vi, mesmo que fosse filha daquele homem asqueroso. Chloe foi a única coisa boa que ele fez de certo na vida. Prometi que assim que minha vida melhorasse, ela moraria comigo; a tiraria daquele inferno — tudo que tinha dito sobre Chloe era a mais pura verdade, amava minha irmã com todas as minhas forças, e, por ela, mudaria tudo na minha vida — Chloe completou oito anos e eu completaria dezoito, foi quando recebi a carta de admissão da universidade...

Nathan sabia que essa era a parte mais difícil a ser dita, seus olhos emanavam compreensão e carinho. E foi aquele olhar que me incentivou a continuar. Buscando forças para terminar, eu disse:

— Minha mãe tinha saído para trabalhar e eu fiquei cuidando da minha irmã. Foi quando ele apareceu no meu quarto com a carta nas mãos e com o rosto vermelho de raiva, gritando que eu era dele, que pagava minha comida e tudo mais, e que por isso tinha direitos sobre mim. Minha mãe sabia, e muitas vezes ignorava, que ele deliberadamente passava as mãos no meu corpo, mas nada foi pior do que saber que ela não se importava com isso. E tudo porque ela não queria ficar sozinha e com outra filha para criar... — balancei a cabeça negativamente, com aquela lembrança inescrupulosa e suja — Fiquei em pânico, sem saber o que fazer quando ele me pegou à força; estava

cheirando a bebida e a suor, e me deixou completamente sem reação. — fiz uma pausa relembrando todo o horror que vivi e aquilo me consumia por dentro, mas continuei, mesmo que doesse muito. — E foi através da força que ele me domou, me espancou, me estuprou e ainda fingiu que nada tinha acontecido. Mas, na primeira oportunidade que tive, roubei as poucas economias que eles tinham e fugi. Passei fome, e, por muitas vezes não tive onde dormir; foi quando consegui um estágio no The Poster. A única coisa que sempre evitei foi um relacionamento ou qualquer homem tocando meu corpo; todas as vezes que algum homem me tocava eu sentia todo o medo voltar. E Deus sabe que tentei seguir em frente sem ajuda, mas não deu certo.

— Você não pensou em chamar a polícia, ou denunciar tal atrocidade? — perguntou Ian.

— Por mais que tivesse a oportunidade, ele nunca olhou para Chloe da mesma forma que olhava para o meu corpo, e não queria minha irmã enfiada em orfanatos, sendo adotada por algum casal onde o padrasto abusasse dela e a fizesse passar por tudo que passei. Achei melhor trabalhar, juntar uma grana e comprar um apartamento para nós duas... Sei que essa minha linha de pensamento pode ter ido parar no ralo. — olhei para Nathan e seus olhos estavam úmidos e vermelhos — Mas, uma coisa boa aconteceu na minha vida. Quando Nathan apareceu, estava disposta a vender a história da vida dele para os tabloides e

faturar o suficiente para realizar meu sonho, porém, não contava com o fato de ele ser tão encantador.

— Meu doce... — as lágrimas cederam e Nathan começou a chorar de forma contida — A maneira como me aproximei de você foi tão estúpida, que não sei como você não fugiu; eu praticamente a encurralei.

— Foi como você se aproximou que despertou algo que não sabia que poderia sentir. — sorri para ele e percebi que também estava chorando — Quando me beijou pela primeira vez me senti completa, me senti pronta para deixar você entrar na minha vida. Precisava me dar essa oportunidade.

— O que sentiu quando Nathan se aproximou de você? — Ian prestava ainda mais atenção em cada palavra — O que realmente sentiu?

— Pânico... — respondi, ainda olhando para o rosto de Nathan — Raiva, incerteza... Mas, depois me senti segura, apesar de nunca conseguir deixá-lo passar mais de dois segundos tocando minha pele. Ele me quis mesmo assim, toda quebrada e quase estragada para qualquer tipo de relacionamento. E isso me fez querê-lo ainda mais, em tão pouco tempo.

— Ao que percebo, Nathan se tornou seu catalisador de emoções, mesmo sem que você soubesse disso, canalizando o seu desejo e suas emoções de forma incrível, já que é muito difícil uma pessoa na sua situação conseguir que outras pessoas a toquem. — foi então que Ian

perguntou — Isso acontece com todos, quero dizer, você não consegue ser tocada por ninguém?

— Isso é apenas com homens, Ian. — aquilo pareceu intrigar Ian, mas, ao mesmo tempo, fascinar — Consigo ter contato com mulheres... Abraçar e ter uma amizade normal.

— Você já teve algum relacionamento, ou pensou ter relações amorosas com mulheres, Lizzie? — Ian perguntou sem a menor cerimônia, o que fez Nathan arregalar os olhos, surpreso.

— Nunca quis, e nunca pensei na hipótese de um relacionamento com uma mulher, por mais solitária que minha vida fosse. — respondi com sinceridade — Acho que sempre soube que o homem que seria meu estava me esperando, era apenas uma questão de tempo e destino.

— Sei como se sente... — Nathan me presenteou com o mais lindo sorriso que uma pessoa normal pode suportar. Tão doce... Não tinha como não amar aquele homem, que, por trás da máscara de fodeador lascivo, também escondia seus medos — Sabia que você seria minha na primeira vez em que a vi.

— Tenho uma proposta e sei que não é nada ortodoxa, mas é a ideia que me veio à cabeça, já que existe uma tensão sexual palpável entre vocês. — aquele comentário me deixou de bochechas vermelhas e fez com que Nathan prestasse mais atenção no que Ian tinha a falar — Use essa tensão a favor de vocês... — começou — Lizzie, quero que você se permita sentir todos os dias o toque das mãos de Nathan, pelo tempo que conseguir, e anote em um diário as

sensações, assim como seus medos. Sei que isso pode ser um pouco difícil para você, mas analisei bem o seu caso. Acredito que você vai conseguir ter uma relação saudável e plena muito em breve, agora tudo depende da sua determinação. Teremos uma sessão por semana, e em cada consulta quero que me fale mais sobre seus medos e o que você espera para o seu futuro. — avisou ao se levantar — Quero analisar a sua evolução como prioridade em seu tratamento. Tudo bem? Acha que consegue realizar isso?

— Tudo bem. Eu consigo. — mais um desafio entrava no meu caminho, e não iria fugir. Eu lutaria com todas as minhas forças.

— Juntos. — Nathan enfatizou — Vamos fazer isso juntos.

— Muito bem. — disse Ian, e tirou um envelope amarelo da sua bolsa de couro marrom — Agora... — se virou e o entregou para Nathan junto com uma caneta — Quero que você assine isso Nathan, para a segurança de Lizzie e para sua própria segurança. — Nathan o pegou, retirou o documento de dentro e leu atentamente cada linha.

— Tudo por ela. — pegou a caneta da mão de Ian e assinou com o sentimento de firmeza no que estava fazendo. Olhou para mim assentindo e logo após me passou para que eu assinasse e entreguei para Ian assim que terminei. — Agora saia daqui! Quero terminar meu sábado ao lado dela.

— Como quiser... O que não faço pelos amigos. — pacientemente, Ian balançou a cabeça com aquele sorriso

enigmático nos lábios, guardou o envelope e a caneta em sua bolsa e seguiu para a porta.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntei a Nathan.

— Psicólogos não atendem em casa, mas no seu caso, era algo especial. Algo que senti que deveria pedir a ele.

— Obrigada, por querer me ajudar... — tudo que poderia fazer naquele momento era agradecer a ele por querer ficar ao meu lado.

Nathan não se deu ao trabalho de segui-lo até a porta, ficou me encarando em silêncio.

Minutos depois, ainda estávamos no mesmo silêncio apenas nos observando. Parecia que Nathan ainda estava digerindo cada palavra que eu havia exposto, mas, mesmo assim, permanecia ali, parado, me observando.

— Não vou deixar que nada de ruim aconteça em sua vida novamente. — falou e me pegou de surpresa, me presenteando com o timbre maravilhoso da sua voz — Vamos fazer isso juntos... Quando estiver pronta, buscaremos a sua irmã. — aquilo me emocionou profundamente — Agora você tem a mim, e ninguém... Eu disse *ninguém* vai magoar você. Vou dar a você o mundo e tudo que eu puder, porque você é minha. Minha! — Nathan levantou-se e sentou-se ao meu lado, apoiou os cotovelos nos joelhos, entrelaçou seus dedos e me olhou — Isso tudo porque quero construir uma vida ao seu lado.

— Mesmo não podendo me tocar? — murmurei olhando para ele, com os olhos ardendo e as lágrimas descendo.

— Não preciso tocar você para poder sentir o quanto é perfeita... — sorriu — Quero que sinta o quanto desejo que seja feliz ao meu lado!

— Você vai foder meu juízo, falando essas coisas — sorri para ele e enxuguei as lágrimas.

— Não é bem o seu juízo que quero foder. — piscou para mim, fazendo com que todo o meu corpo ficasse aceso — É algo mais embaixo, bem entre suas pernas, que desejo com todas as minhas forças saborear cada pedaço... — mordeu o lábio inferior de maneira sugestiva.

— Perverso! — resmunguei sorrindo.

— Safada! — rebateu com humor.

Capítulo 19



Quando subi, Nathan estava na sala ao telefone falando com o seu assessor algo sobre a sua campanha. Deixei-o em uma conversa quase no estilo UFC e segui para seu quarto. Verifiquei meu celular e havia cinco mensagens de texto de Tati, desesperada em busca de ajuda ou conselho. Tecnicamente não era a melhor pessoa para ela pedir conselhos, mas se minha amiga precisava de mim, ajudaria no que fosse possível.

“LIZ! :’/ Preciso de ajuda, me ligue assim que puder”

“Ah Deus! Você deve estar com seu gato lindo de morrer! HUUUU LOL, mas, ainda assim, preciso de ajuda. Me ligue”.

“Liz... Se Elijah quiser algo mais, o que devo fazer? E se ele quiser... Ah! você sabe o que quero dizer :(...”

“Lizzie Radzimierski! Saia de onde estiver e responda as merdas das mensagens, AGORA! Preciso de ajuda... Adoro Elijah e não quero que nada dê errado”.

“Se você não me responder, vou me afogar na ricota... Isso é uma ameaça. Juro por Deus que me mato no pé de picles”.

Tati conseguiu me tirar alguns sorrisos naquela manhã, mesmo depois de ter passado pelo que passei me sentia

livre agora. Um peso dos meus ombros foi removido.

Isso era o que eu achava!

“Não se preocupe com nada. Se Elijah quer sair com você, é porque existe algo de especial acontecendo entre vocês. E respondendo a mais uma pergunta sua: se ele a beijar, siga o seu coração, e se acontecer algo a mais, você saberá se deve ou não aceitar esse algo a mais. Pensamento positivo. Sei que tudo vai dar certo. Bj :*”

Estávamos junto há duas semanas e mantínhamos um relacionamento complicado. Estava em minha quarta sessão com Ian, e em todas precisava contar partes do meu trauma. Era muito difícil ter que reviver as lembranças, porém necessário. Na noite anterior, Nathan foi até meu apartamento e me levou para dormir no seu, o que eu gostava muito, pois tinha a oportunidade de ficar sentindo o seu cheiro. Já passava das onze da manhã quando levantei, era minha folga e Nathan havia sumido. Não tentei procurá-lo, então resolvi ir para a cozinha. Ele preparou o almoço e nós ainda não tínhamos tomado café; eu não era a melhor pessoa para ficar em uma cozinha, principalmente sozinha, com panelas, facas e até mesmo um fogão, já que a maioria das comidas que existem no meu apartamento eram, de preferência, congeladas. E ainda assim, em um futuro bem próximo sonhava em ter uma cozinha espaçosa; talvez um dia realizasse aquele desejo. O almoço seria peixe grelhado com finas rodela de cebolas, batatas temperadas com ervas e um arroz grego, receita toda preparada por ele.

Resolvi que aquele era um bom momento para conhecer melhor seu apartamento. Olhei para as duas portas que ficavam próximas à escada e abri a primeira, atrás da qual havia uma academia enorme e bem equipada. É lógico que ele teria uma academia dentro do apartamento. Com um corpo daquele, seria uma doida se imaginasse o contrário, já que tinha ao meu lado um dos homens mais importantes e ocupados do mundo político, além de ser dono de quinze boates espalhadas pelo Brooklin e muito cobiçado pela mídia e pelas mulheres. O que me lembrou de que ainda existia Isaäk no meu caminho e ele também estava no caminho do homem que havia me transformado em tão pouco tempo.

Isaäk era meu novo alvo, mas não passaria por ele sem passar primeiro por Nathan... O que Nathan sabia sobre Markov? Quais os negócios que mantinha com Markov? E quais Isaäk mantinha fora do círculo de negociações com Nathan? E o principal, o quanto Nathan estava envolvido nas merdas de Isaäk? Sabia que Nathan não chegou ao poder com sua idade sendo um bom moço, ou sendo candidato ao prêmio Nobel da Paz. Nathan tinha um olhar de quem já fez muita coisa errada, inclusive o olhar de quem já matou alguém, o que esperava, desesperadamente, ser apenas algo da minha imaginação fértil e perturbada, da minha mente de jornalista investigativa.

Deixei a primeira sala e segui para segunda. A porta também estava destrancada e quando a abri vi um escritório

moderno e amplo; o toque de antiguidade se dava por conta dos móveis de madeira escura e bem trabalhada, com detalhes de linhas retas e rústicas. Na parede do escritório tinha uma janela enorme que ligava uma ponta à outra da sala. Do lado direito havia uma estante com vários livros sobre a constituição e alguns clássicos da literatura americana, assim como alguns clássicos da cultura inglesa. Do lado esquerdo havia uma mesa de vidro, muito bem organizada; no centro tinha três cadeiras de madeira, iguais às da sala, sobre um tapete, que mesmo não entendendo muito de antiguidades ou peças caras, podia jurar que era um famoso persa. Então foquei no computador; Nathan não seria tão ingênuo a ponto de deixar seu computador sem senha.

Seu computador estava dançando *Macarena* e me chamando de um modo absurdamente grosseiro. A qualquer momento, Nathan poderia entrar por aquelas portas e me flagrar bisbilhotando sua vida, mas a minha curiosidade foi maior... Muito maior! Corri, olhei pela porta e ele ainda estava sumido, rapidamente fui em direção ao computador, que estava ligado, mas precisava de uma senha para acessar. Digitei as poucas opções que conhecia, mesmo sabendo que Nathan não seria tão previsível. Com a adrenalina correndo solta pelo meu corpo, digitei meu sobrenome e fiquei sem ar quando a tela abriu na área de trabalho com uma foto minha toda descabelada. Uma foto recente. Agora vejo o quanto Matt tinha razão por chamar minha atenção, eu parecia um lixo nas cores preto e bege,

apenas dando destaque aos meus cabelos ruivos avermelhados. Meus olhos verdes pesados e minha cara amarrada deram a impressão que o dia em que aquela foto foi tirada era o mesmo dia que ele havia... Deus! Aquele homem estava fritando meu cérebro. Ele tirou uma foto minha no dia em que foi ao jornal, visitar seu novo investimento, e foi quando o vi de gravata e terno aberto, deixando à mostra a camisa de um fino tecido que marcava seu peitoral, junto com o incrível abdômen escondido.

Um homem que dava água na boca só em sentir, de longe, o cheiro do seu corpo. Que chupou aquela maldita colher quando apareceu no meu apartamento e que entrou na minha vida sem avisar e me tirou do sério, roubando toda a minha atenção.

Parecia errado!

E era errado!

Desisti de fuçar suas coisas assim que olhei para minha foto no monitor.

— Achou o que precisava? — sua voz me deu um susto daqueles! Como sou a pessoa mais propícia a desastres no planeta, caí quando tentei levantar da cadeira rapidamente. Uma queda vergonhosa, na qual senti vontade de esconder minha cara em um buraco enorme e bem fundo, depois jogar terra por cima e nunca mais sair de lá.

— Merda! — xinguei enquanto tentava levantar — Nathan, posso explicar... — comecei a falar pelos cotovelos — Juro que já estava saindo, e que... — coloquei as mãos

no rosto para esconder a vergonha de ser flagrada — Desculpe! — pedi sinceramente — É que sou curiosa e ainda não sei muito sobre você, — respirei um pouco antes de continuar — mas aí vi minha foto no monitor, e... Deus! O que estou falando? Vi minha foto e desisti. — fechei a boca, mordi os lábios, coloquei as mãos na cintura e abaixei a cabeça para não olhar para ele.

— O que você quer saber, exatamente? — seu tom não mostrava qualquer inclinação para irritação, era algo neutro, mas que me deixou alerta. Mesmo não o encarando, sabia que estava me olhando; quase me senti sufocar, era uma bandida sendo pega em flagrante e estava prestes a ser julgada — Vamos, meu doce, o que quer saber? Pode perguntar qualquer coisa.

— Por que sua irmã é sua motorista? — perguntei ainda sem olhar para ele, parada e quase sem respirar.

Nathan respirou fundo, tentando processar a pergunta. Mesmo que tivesse prometido explicar essa relação esquisita com a irmã quando achasse que era a hora certa, não consegui me segurar. Gretha era motorista de Nathan, era negra, alta e de traços fortes, era de tirar o fôlego, não só por seu encanto extraordinário, sua beleza exótica, mas também por seus olhos azuis exuberantes, como os de Nathan.

— Liz, olhe para mim... — pediu com carinho, mesmo sabendo que poderia estar chateado com a minha invasão... Oh, inferno! Ele também xeretou meu computador e não tinha o direito de ficar de bico por causa do que fiz.

Obedecendo, ergui a cabeça e olhei para aqueles olhos magníficos. — Quero que saiba que não vou esconder nada de você... — chegou mais perto e não me mexi — O que vai fazer com as informações que eu fornecer, é escolha sua. Mas, acredito que o sentimento que temos um pelo outro será mais forte do que qualquer coisa, ou curiosidade, que venha a ter.

— Nathan, eu...

— Eu... — ele estava lutando com todas as suas forças contra algo que eu ainda não sabia o que era, até abrir sua boca e falar as palavras que fizeram meu mundo explodir — Eu amo você! — meus batimentos aceleraram de forma quase absurda. Escutei-o dizer que me amava e estava paralisada, não pelo medo de ser tocada, mas por suas palavras. Nunca, jamais, alguém falou que me amava. Não com aquela profundidade — Entendo que é tudo novo, mas não consigo explicar de outra forma que não seja falando que a amo.

— Nathan... Isso é mais do que eu poderia esperar. — meus olhos começaram a arder, uma avalanche de sentimentos tomou conta do meu corpo, da minha mente e principalmente da minha alma.

— Você não precisa dizer que me ama também. — estava ainda mais próximo, dava para sentir o cheiro maravilhoso que vinha dele. Daquele homem que me olhava com esperança de algo que não conseguia compreender. Não naquele momento — Só prometa que não vai embora

quando descobrir tudo sobre mim. Por favor, eu imploro que não me deixe...

— Eu prometo... — as palavras saíram da minha boca, antes de serem processadas por meu cérebro — Se você não desistir de mim, eu prometo. Não fugirei! — ele fechou os olhos e por um momento deixou-se ser absorvido pelas poucas palavras que pronunciei. Palavras que estavam carregadas de sinceridade. Eu já o amava, mas não conseguia dizer isso naquele momento.

Quando abriu os olhos, me afoguei na imensidão e na profundidade do azul perfeito de seus olhos. Nathan era de tirar o fôlego e, mesmo que não quisesse, virava meu mundo, só me olhando com desejo, paixão, luxúria, carinho e amor. Tudo isso e muito mais, em um único olhar.

— Vamos nos sentar e explico tudo a você. — indicou as três cadeiras que ficavam no centro do escritório, sentou, puxou uma delas para ficar de frente para mim enquanto me acomodei e o esperei abrir a boca para explicar como sua irmã se tornou sua motorista — Primeiro, quero explicar que não a obrigo a trabalhar como motorista. Entendeu?

— Sim! — respondi, querendo que começasse mesmo a explicar tudo.

— Segundo, ela faz isso porque quer. — arqueou a sobrancelha e se ajeitou na cadeira — Somos irmãos, mas apenas por parte de pai. Meu pai teve um romance com a mãe de Gretha há vinte e oito anos atrás, minha mãe não suportou muito a falha, ou melhor, o desvio de percurso do meu pai, e mesmo assim o aceitou com a condição dele

apenas oferecer assistência à filha. A mãe de Gretha faleceu quando ela estava com quinze anos, que teve então que se mudar e morar com o pai, no caso, nosso pai e a minha mãe.

Quando olhei para Gretha, me apaixonei. Um amor incondicional, que sabia que ela também sentia. Eu fiz de tudo para ela ser a mulher que é hoje, forte, determinada e objetiva em suas escolhas. No começo, minha mãe não conseguia suportar olhar para o erro que meu pai havia cometido.

— Isso explica o fato dela ser linda. — sorri com o mais puro afeto — É sua irmã. — o fiz sorrir também.

— Gretha é a melhor irmã que poderia desejar, apesar de ter apenas ela. — era evidente o jeito carinhoso e amoroso com que dizia o nome dela — Com o passar dos anos, minha mãe viu que Gretha não tinha culpa dos erros que meu pai cometeu, e começou ali um laço de amor; hoje elas são como mãe e filha. Quando tinha vinte e um anos, eu protegia Gretha de qualquer coisa que a fizesse sofrer e foi assim até ela se formar na academia e ser aceita em um programa de segurança do governo. Gretha é praticamente uma arma letal, só que é minha irmã. Escolheu ficar ao meu lado, e, por mais que não goste da ideia, tenho que aceitar que ela quer me proteger. — Nathan fez uma pausa e essa pausa me disse que havia algo mais. Algo que estava escondendo.

— Sei que você é uma pessoa pública, mas porque precisa de uma “arma letal” o protegendo? Tem mais coisas

a serem reveladas, Nathan. Sei que existe algo que não quer me contar. — me olhou com cautela, mas suas mãos mostravam o quanto estava nervoso.

— Não preciso, mas ela quer ficar perto e me proteger. — de repente, se levantou e seguiu em direção à janela, espalmando as mãos no vidro, na altura dos seus ombros.

— Se não quiser falar agora, vou entender. — murmurei e compreendi que poderia ser difícil para ele se abrir ou se expor, não que não tenha sido difícil me expor também, mas acho que cada um tem o seu limite. Nathan conseguiu derrubar o muro que cercava meus medos e me colocou em modo de batalha. Uma luta que teria que travar com todas as minhas armas para superar e seguir em frente para poder ter um futuro ao seu lado.

— Três dias depois que você apareceu na boate, recebi ameaças de morte — engoli o nó que se formou em minha garganta com dificuldade — Apenas os mais próximos sabem, e não poderia deixar você desinformada, já que estamos namorando.

— Meu Deus! — exclamei horrorizada com o que tinha acabado de escutar. Se Nathan havia sido ameaçado, não poderia deixar nada de mal acontecer a ele. Mas o que eu poderia fazer para protegê-lo? — Isso é terrível.

— Você também está exposta a isso tudo, Liz. — os músculos de seus braços se contraíram com tanta intensidade que deu para notar sua irritação — Não sei o que farei se algo acontecer com você. Não vou suportar! — virou-se, mostrando o quanto a ideia de algo, ou alguém,

me machucando o deixava descontrolado — Quero que você receba a mesma proteção que tenho, a partir de agora.

— Seguranças? Todos os dias?

— Vinte e quatro horas por dia, quando eu não estiver por perto. — uma linha rígida se formou em sua mandíbula, mostrando que seria impassível e irredutível com relação à sua ordem — Vou proteger você de tudo ou de qualquer pessoa que tentar te machucar, meu doce.

— E você, quem vai proteger? — senti um nó na garganta se formar e esse seria complicado de engolir.

— Não preciso de proteção. Só preciso saber que você está segura e nada mais.

— Isso não está certo, Nathan! — minha segurança também não importava, se a dele estava ameaçada.

— Não se preocupe com isso, meu doce. — sorriu sem jeito. Nathan estava escondendo coisas de mim, sentia isso. — Sei me cuidar. — essa era a frase que eu sempre falava para os outros, mas quando saiu da sua boca, parecia uma frase superficial.

Olhei para ele, o medo de que algo ruim pudesse acontecer me fez querer protegê-lo de qualquer um que tentasse tocar em um fio de seu cabelo. Nathan era meu. Meu para amar e cuidar, mesmo que isso fosse custar a minha privacidade ou até a minha vida.

— Sei que você já me revelou muito, sei que existem mais coisas. Porém, não vou forçar, ou exigir que fale mais; quando estiver pronto, o escutarei. E prometo não fugir.

— Você não sabe o quanto me faz feliz, — falou inclinando a cabeça para frente, e entendi o que ele iria fazer. Me beijar. Não me mexi, fechei os olhos e esperei o toque macio de seus lábios nos meus — e vou fazer de você a mulher mais feliz do mundo só para poder receber todos os dias esse olhar apaixonado que me deixa sem chão, Liz.

— Você também me deixa sem chão, Nathan. — sussurrei sentindo o seu hálito delicioso — Não me reconheço mais. Sinto que só existe um homem no mundo capaz de me fazer sentir o amor. Você! — quando terminei de falar, senti Nathan chupar os meus lábios com avidez, sua língua entrou na minha boca, procurando a minha sem pedir permissão, tomando para si o que já era dele. Por completo... Um beijo mais que apaixonado. Um beijo quente e ao mesmo tempo cheio de carinho; me perdi e me encontrei no sabor do seu beijo, nos seus lábios macios e firmes.

Capítulo 20



— Apenas não me deixe... — não tinha intenção de deixá-lo, mesmo que me pedisse. Nathan se afastou do nosso beijo e me encarou. Por um momento fiquei sem entender o motivo, até sentir o calor de suas mãos no meu rosto — Sua pele é tão macia! — não durou muito aquele toque, ele sabia que ainda existiam limites entre nós dois e respeitava isso.

— Queria poder fazer esse toque durar... — sorri, deixando as lágrimas descenderem — Mesmo que seja por tão pouco tempo, é em seus braços que quero estar. — ele me observou com paixão.

— Queria poder tocar e abraçar você, quando e como eu quisesse... — suspirou pesadamente, olhando bem no fundo dos meus olhos — A cada minuto e a cada segundo que quisesse. Quero amar você, Liz. — seu polegar acariciou meus lábios e um arrepiou tomou conta do meu corpo, acendendo todas as minhas terminações nervosas.

Não foi um arrepio de repulsa, mas um arrepio bom, que eu queria mais do que qualquer coisa na vida, mais que o ar, que a água, ou o alimento para meu corpo. Nathan traçou a linha do meu maxilar com a ponta dos dedos; fiquei entorpecida quando um dos seus dedos tocou o lóbulo da minha orelha e agradei por ainda estar sentada, caso contrário teria caído, minhas pernas estavam trêmulas como

gelatina, e seu gesto fez com que me derretesse por inteiro. Só esperava que seu toque não derretesse minhas expectativas e eu caísse sem ter em que me salvar.

— Me abrace! — pedi, vendo aos poucos o espanto tomar conta do seu rosto — Se é isso que você quer, é o que eu quero também.

— Liz... — murmurou — Não precisa fazer isso por minha causa! — Me afastei do seu toque, levantei, tirei a blusa e a joguei bem longe. Nathan pareceu ainda mais assustado do que antes, mas aquele era o momento. Meu corpo estava tomado por uma coragem que nunca havia sentido e não deixaria essa adrenalina desaparecer junto com minha coragem recém-adquirida.

— Também quero sentir você, Nathan... — o olhei com o mais puro sentimento de amor. Mesmo com medo de que minha atitude pudesse ser perigosa, queria saber se era capaz de suportar seu toque por mais tempo do que apenas o roçar de seus dedos sobre meu rosto — Tire sua camisa... — Nathan estava sem saber o que fazer. — Por favor! — estava quase suplicando. Nathan, sem pensar duas vezes, segurou a barra da camiseta, puxou, tirou e a jogou no mesmo lugar que estava minha blusa.

— Quero que diga quando for demais para você suportar... — seu tom de voz cauteloso mostrou o quanto estava preocupado comigo, caso algo desse errado — Tudo bem? — perguntou e assenti em resposta.

Nathan foi se aproximando e me olhava com tanto amor que não consegui parar de chorar. Um choro diferente,

talvez por ser a primeira vez que ele me tocaria com o meu consentimento, ou porque era ele quem iria me tocar. O homem que se dizia meu... Meu Nathan! Homem de personalidade forte e dominante, dono de um charme magnético que fazia com que as pessoas fossem puxadas para seu mundo, de maneira avassaladora e explosiva. E o queria mais ainda por isso. Seus dedos tocaram os meus, fechei os olhos para absorver cada sensação, seguiu pelo meu braço direito, até chegar ao meu ombro; Nathan repetiu o processo duas vezes, de maneira lenta, quase dolorosa para mim. Porém, eu sabia que ele queria guardar aquele momento para sempre em sua memória, assim como em seu corpo.

— Não existe nada, nem ninguém, mais perfeito que você, Liz... — sua voz grossa e quase rouca mostrou o quanto aquilo — aquele toque — era importante para ele também — Sua pele... — respirou mais perto do meu pescoço — Seu cheiro delicioso... — suas mãos estavam em meus ombros — Você, minha Jessi Rabbit, é tudo que mais quero agora. — quase soltei um gemido com aquelas palavras; ele era intenso, profundo e perfeito. Suas mãos deslizaram para as minhas costas e abriram o fecho do meu sutiã; fiquei mais exposta ao seu toque quando a peça deslizou pelos meus braços, caindo junto aos meus pés. Nathan acariciou meus mamilos com as pontas dos dedos, me deixando sem ar.

— Nathan... — era um alerta. Um alerta de que a qualquer momento poderia não suportar e me afastar dele.

Um alerta de que aquela atitude era mais do que podia imaginar. E foi quando falei seu nome que me tomou em seus braços, me encostando contra seu peitoral rígido e definido. Senti cada músculo se contrair, um efeito único; sua pele incrivelmente macia, quente e cheirosa, me fez suspirar. Uma explosão de sensações tomou conta do meu corpo junto com a sensação de estar protegida, amada e adorada, quando seus braços envolveram minha cintura, em um aperto mais urgente.

Nathan parecia desesperado por cada centímetro da minha pele.

— Deus! — gemeu. — Você é ainda mais gostosa do que imaginava, meu doce... — repousou a cabeça na curva do meu pescoço e senti o ar quente de sua boca, junto com seus lábios macios, percorrerem a pele daquele lugar, que eu nem sabia que era tão sensível — Delicada... — sussurrou e passou os lábios lá, chupou e mordiscou minha pele sensível — Muito suave... — com um de seus braços livres começou a acariciar minhas costas, me deixando ainda mais seu rumo. Nathan desceu ainda mais a mão que acariciava minhas costas, até chegar à minha bunda, me puxando para que nossos corpos ficassem mais próximos, a ponto de me fazer sentir a sua ereção. Duro e poderoso.

— Nathan... — gemi quase sem voz seu nome e arfei em seus braços. Não tínhamos muito tempo, sabia que meu corpo o queria, mas ainda existia algo errado comigo, mesmo com nossos corpos colados, e sentindo o desejo que ele tinha por mim.

— Shhhhh... — pediu com carinho. Beijou meu pescoço, meu ombro e voltou até chegar à minha orelha; fez com que me derretesse ainda mais, quando chupou o lóbulo dela — Me deixe aproveitar o calor do seu corpo. — ele parecia uma armadura, me envolvendo, duro como uma rocha, mas carinhoso ao mesmo tempo. Não conseguia mexer os braços e isso era frustrante. Então, ele continuou e, quando nossos olhares se encontraram, ele não pediu permissão para me beijar, apenas me tomou, sem medo. Um beijo longo e com tanto ardor que feriu meus lábios; Nathan queria me devorar, e me entreguei ao seu beijo por inteira.

Bastou um beijo mais forte e meu mundo começou a escurecer. Os tremores surgiram mesmo que não sentisse medo, mesmo que quisesse aquilo, mesmo que desejasse estar em seus braços, o sentindo junto ao meu corpo, com seu cheiro magnífico. Aos poucos, fui me desmanchando nos braços de Nathan, e as últimas palavras que escutei foram de desespero, chamando meu nome. Até que não consegui voltar e apaguei.

Queens — janeiro de 1997

O escutei abrir a porta do meu quarto, foi a primeira vez que ele fez isso. Mas, o que ele queria entrando no meu quarto a essa hora da noite? Teddy era nojento, fedorento e feio. Encolhi-me na cama e fingi dormir, mas sabia que ele não prestava, abri os olhos apenas um pouco, e o vi. Estava

ao lado da porta e tinha a calça aberta, segurava uma parte do seu corpo para cima e para baixo, enquanto olhava se ela apareceria; quando acelerou os movimentos, um líquido saiu na ponta daquela parte que estava alisando, enquanto me olhava de um jeito esquisito. Não gostava de Teddy, ele era mau, eu sabia. Eu sentia... Quando fechou a calça e andou mais um pouco até minha cama, gelei... Sentou na beirada e descobriu minhas pernas, mas não me tocou. Eu tinha apenas oito anos, mas sentia que meu inferno começaria ali mesmo.

— Theodor... — minha mãe chamou no corredor, mas abriu a porta e parou — O que você está fazendo?

— Nada! — disse dando de ombros, na posição em que estava não tinha como conseguir ver claramente o que ele estava fazendo. Mas o tom de voz quando falou com ela o entregou; levantou da cama e saiu, deixando-a sem saber o que fazer. Minha mãe se aproximou, cobriu as minhas pernas e também saiu do quarto logo em seguida.

Queens — junho de 2003

— Izzi! — era assim que minha mãe me chamava — Volto às três... Chloe está com a vizinha e Theodor chegará logo, quero que você busque sua irmã e sirva a cerveja dele.

— Merda! — gemi sem vontade — Droga!

— Não reclame, é ele quem paga as suas contas! — advertiu severamente — Deus sabe o que tive que suportar até o encontrar! — ela não ligava para o que eu passava, sabia que quase todas as noites ele ia ao meu quarto para fazer sempre a mesma coisa.

— Um dia... — olhei para ela, sem o menor remorso em dizer aquelas palavras. Tinha quatorze anos, mas já estava de saco cheio de tudo aquilo — Vou embora desse inferno que você chama de família! — quando terminei de falar isso, senti o ardor e a dor do tapa que ela me deu. Com os olhos cheios de lágrimas corri para meu quarto e pedi a Deus forças para sair daquele lugar nojento. Aquela não era a vida que queria, merecia mais... Minha irmã merecia mais e um dia daria o melhor a ela, mesmo que isso demorasse décadas.

— Cadê minha cerveja, sua putinha? — berrou, sabia que se não me levantasse para pegar a merda da cerveja e deixasse Chloe brincando, ele viria até mim. E isso eu não queria — Vagabunda igual à mãe! — gritou sem paciência. Corri, fui até a geladeira, destampeei a garrafa de cerveja, segui até a sala e a entreguei, virei as costas em seguida para cuidar de Chloe — Ei... — chamou — Onde você pensa que vai?

— Teddy, tenho que cuidar da Chloe. — queria mandá-lo para o inferno, de preferência uma viagem completa só de ida.

— Besteira! — começou a dar tapinhas em sua coxa direita — Venha, sente aqui. — pediu e tomou um gole da cerveja, enquanto o suor do seu pescoço escorria até chegar à camiseta amarelada e suja.

— Não! — minha voz saiu mais firme do que poderia imaginar.

— Não? — perguntou debochando, colocou a cerveja no centro da mesinha ao lado da poltrona — Vou dizer os motivos pelos quais você vai vir sentar no meu colinho, e ainda vai ficar calada e grata. — fez uma pausa e coçou a barba rala do seu queixo — Primeiro motivo: vou encher a cara da sua mãe de porrada e quebrar todos os dentes dela... Segundo motivo: se não vier sozinha, vou até você e a forço a fazer o que quero... Terceiro e último motivo: fujo logo depois de fazer tudo isso e levo Chloe comigo. E sei que você não quer isso, quer sua putinha? — balancei a cabeça negando, incapaz de falar qualquer coisa. Se ele fizesse algo comigo ou com minha mãe, eu suportaria, mas perder Chloe... Isso nunca. Jamais permitiria que fizesse algo de errado com ela.

— Liz, meu doce... — era a voz de Nathan me chamando, mesmo tendo Teddy na minha frente — Por Deus, Liz, acorde!

— Nathan! — meus olhos começaram a arder e as lágrimas saíram como uma cachoeira — Nathan... — soluçava, sentindo todo meu pesadelo pesar em meu corpo — Ele estava lá... Ele me tocou...

— Shhhhh... — Nathan queria chegar mais perto, mas não fez, apenas ficou ao meu lado. Porém, a sensação de abandono estava lá, queria abraçar Nathan, queria me sentir segura. Segura da maneira como minha mãe não tinha conseguido me proteger das barbaridades daquele monstro — Estou aqui e vou cuidar de você, meu doce.

— Me abrace de novo, Nathan! — pedi chorando e me aproximei, mas ele se afastou. Estava cauteloso — Nathan, por favor!

— Não posso! — quando falou isso, seu rosto se contorceu com o desgosto e a impotência — Você desmaiou por causa disso, Liz. A abracei e você apagou. Não podemos ficar arriscando dessa maneira, não quando a faz lembrar tudo que aconteceu.

— Você não me quer? — estava em pedaços.

— É claro que a quero — saiu da cama e percebi que não estávamos mais no escritório, eu estava vestida apenas com uma de suas camisetas — Mas não assim, não depois que vi o quanto ficou perturbada por causa do meu abraço.

— Você quer que eu implore? — perguntei e saí da cama, indo em sua direção — Eu imploro Nathan: me toque. Me faça esquecer aquele maldito pesadelo.

— Liz, por favor, não quero ver você se contorcendo novamente. — sua voz estava mais baixa, ainda mais frustrada.

— Droga, Nathan! — gritei o mais alto que pude — Você diz que me ama, mas não cede ao meu pedido. —

estava muito magoada. Demorei muito até encontrá-lo, o homem dos meus sonhos, e agora ele não queria me tocar. Olhei furiosa, queimando cada pedaço do seu corpo, como as bruxas de Salem.

— Como pode olhar nos meus olhos e não conseguir ver o que sinto por você?! — perguntou gritando e passou a mão no cabelo, exasperado — Como pode duvidar que eu a queira?

— Acho que tudo isso foi um erro, Nathan... — abaixei a cabeça, cruzei os braços e me abracei — Tudo isso foi um maldito erro!

— Não! — disse desesperado — Por Deus, não! O que sinto por você não é um erro. — a agonia tomou conta do seu rosto perfeito. — Sei que é difícil, mas vamos conseguir isso juntos.

— Finalmente quero que me toque, e você não quer! — o olhei impassível, apesar das lágrimas quentes que insistiam em atrapalhar minha visão — Que merda estamos fazendo?

— Você prometeu não fugir de mim! — os olhos de Nathan estavam vermelhos e marejados, seu maxilar tinha uma linha rígida, assim como seus lábios.

— Você prometeu amar o meu corpo, Nathan! — rebati.

— Mas eu a amo! — suas mãos foram até seu rosto, escondendo-o — A desejo com todas as minhas forças... — afastou as mãos do seu lindo rosto e percebi que havia

enxugado as lágrimas que escorreram quando se escondeu de mim — O que mais você quer de mim?

— Quero apenas que me abrace, Nathan... — minha voz saiu quase em um sussurro lamurioso — Quando você me abraçou, não senti medo! — seu olhar tornou-se algo inexpressivo, o pressionei além de seus limites e, vendo o seu rosto sem mostrar qualquer emoção, senti o meu coração apertar — Me senti protegida! Era isso que queria, sentir a sensação de ser protegida pelo homem que amo. — aquilo o pegou de surpresa, assim como a mim mesma.

— Foi isso que você sentiu? — perguntou com cautela — Segura em meus braços? — assenti, impossibilitada de controlar as lágrimas — Nada de angústia ou medo, apenas a sensação de segurança em meus braços, porque me ama?

— Não apenas segura, Nathan... — suspirei olhando a perfeição parada na minha frente — Você não entende o que isso significa para mim, me senti completa!

— Sei o que você significa para mim, Liz! — falou com tanta intensidade, que meu coração se encheu de amor. Mesmo com todo seu ardor, sua força e seu poder sexual, ainda encontrava uma forma de me amar, me respeitar, ser carinhoso e paciente — E a ideia de ver você completamente mole em meus braços, que não seja por prazer, não me deixa confortável. Ainda mais sabendo o que você sente por mim, não posso suportar a ideia de te fazer sofrer.

— Só quero que me abrace, Nathan! — implorei, me aproximando — Cuide de mim, como disse que faria... — seus olhos se arregalaram quando segurei firmemente sua mão, a elevei e coloquei acima do meu seio — Você já é dono do meu coração, agora quero que seja dono do meu corpo, mesmo que eu desmaie mil vezes. Por que quando você afasta o calor do seu toque, eu sinto falta. — não era medo o que sentia, não quando o tinha próximo a mim.

— Liz... — deu para notar o quanto aquela confissão foi uma surpresa para ele. — O que você está me pedindo?

— Me toque, Nathan... Não quero apenas que me abrace, quero que me toque. Que me dê prazer com o seu toque — com minhas mãos segurando a sua, a fiz deslizar até o meu seio; um tremor gostoso brotou em meu ventre e me fez criar mais coragem para fazer o que pretendia.

Ainda segurando sua mão, a apertei contra meu seio e meu mamilo ficou rígido. Rígido de um desejo que desconhecia, mas que queria conhecer e aprender a domar. Por um momento, Nathan fechou os olhos e respirou profundamente, seguiu meu toque, apertou e acariciou com o polegar meu mamilo por cima do tecido com firmeza, de forma desconhecida para mim, mas, ao mesmo tempo, cheia de sensações novas e deliciosas.

— Toque o que é seu... Toque meu corpo, que pertence a você — pedi e vi quando engoliu aquela nova informação. *Sim, eu era dele!* Completa e irrevogavelmente dele, e ninguém mais tocaria em mim. *Apenas ele! Meu Nathan!* O homem que exalava confiança, poder e sexo, e

ao mesmo tempo carinho, amor e compaixão. — Nathan, abra os olhos e me deixe ver o quanto me deseja.

Quando abriu os olhos, senti o calor que vinha deles me queimar de uma forma que jamais senti. Seus olhos estavam vidrados nos meus, com tanta intensidade, que me perdi neles enquanto as chamas me consumiam. Ele me observou quando segurei sua mão com a minha e o fiz descer mais, até estar na minha barriga.

— Me toque... — repeti sem tirar os olhos dos dele, e descii a mão ainda mais — bem aqui! — quando sua mão chegou onde queria, um rugido forte saiu a plenos pulmões, e vi o quanto me desejava. Sua mão envolveu meu sexo e o apertou, enquanto a outra mão foi parar em minha nuca e me puxou para ficar mais perto dele. Nathan enfiou os dedos no meu cabelo e segurou com força, fazendo com que minha cabeça permanecesse imóvel. Seu quadril estava pressionado ao meu, o que me fez sentir toda a extensão do seu pau, até mesmo seu pulsar coberto pelo tecido.

— Vou beijar você com força, enquanto coloco meus dedos dentro da sua boceta e mexo bem gostoso. Quero ouvir você gemer... — sussurrou mais perto da minha orelha, passou a língua no contorno dela até chegar ao lóbulo e morder, me fazendo praticamente explodir — Se isso faz você feliz, vou ficar feliz, pois não há nada nesse mundo que me faça desejar outra coisa que não seja você... Gozando enquanto grita meu nome — sua mão aliviou o contato e seguiu para baixo, subiu a barra da camiseta, e

quando dei por mim, os dedos de Nathan estavam circulando meu clitóris, separando os lábios inchados da minha boceta com seus dedos habilidosos e carinhosos. Esfregou e acariciou de forma poderosa — Meu doce, isso vai ser rápido, não quero que seja doloroso para você. — disse, circulando sem parar os dedos na minha parte hipersensível; quando uma sensação dolorosamente deliciosa apontou no meu ventre, soube que gozaria ali, o olhando, enquanto me devolia a mesma intensidade e paixão de cada vibração através do seu olhar.

— Me beije... — gemi incapaz de pedir qualquer outra coisa, a não ser sua língua buscando a minha — Beije minha boca, como se estivesse... Ah, Deus! — gritei quando introduziu dois dedos em mim, fazendo minhas pernas tremerem.

— Você é tão quentinha, macia e apertadinha... — murmurou e mordeu minha orelha antes de investir novamente, com mais força, me deixando ainda mais trêmula.

A sensação de que meu mundo apagara começou a alertar o meu sexto sentido, mas não me importei, não quando Nathan me preenchia com seus dedos generosos e magníficos, mostrando o quanto me queria e, apenas com seus dedos dentro de mim, me deixou maluca de prazer. Um desejo descomunal se apoderou da minha mente, e tudo que queria era gozar como jamais havia gozado, nem mesmo com meus próprios dedos, quando me masturbei

vendo-o parado na minha frente, se tocando de forma devassa e carnal.

— Você tem uma delícia de boceta, meu doce... — aproximou sua cabeça e pude sentir o hálito delicioso da sua boca gostosa quando tomou a minha, me fazendo perder os poucos sentidos que ainda existiam no meu corpo. — Delícia! — disse contra meus lábios, dando o prazer que tanto queria — É isso que você é, uma delícia sendo fodida por meus dedos.

A língua deliciosa de Nathan invadiu minha boca, tomou e explorou cada espaço, chupou com avidez e firmeza meus lábios, alternando os movimentos dos dedos em sincronia com sua língua, que entrava e saía da minha boca. Não era apenas um beijo, parecia que estava trepando com minha boca enquanto enfiava sua língua dentro dela, de forma predominante, confiante e deliciosamente magnífica. Chupava meus lábios de uma maneira completamente indecente. Mordia, passando a língua ao redor e chupando várias vezes, até que não aguentei e gozei com seus dedos entrando e saindo da minha boceta enquanto chupava meus lábios.

— Nathan... — foi a última coisa que saiu da minha boca, antes de apagar novamente em seus braços fortes. Sabia que era ali a minha segurança, o meu porto seguro.

Já era noite quando acordei. Estava deitada em sua cama e senti seu cheiro tomar cada pedaço do meu cérebro e do meu corpo. Um sorriso se espalhou pelo meu rosto, enquanto me espreguicei e me envolvi nos lençóis macios

de sua cama. Nesse momento percebi que não havia comido nada. Sentei-me ainda sentindo a força do orgasmo sobre meu corpo. Passei os dedos de forma involuntária na minha boca, lembrei o gosto do beijo de Nathan, sentindo o inchaço nos meus lábios devido à intensidade do seu beijo.

Era dele que eu precisava, senti que era ele que faria meu corpo se transformar, só não tinha ideia que isso seria mais rápido do eu que imaginava. O beijo de Matt era uma lembrança a qual queria esquecer, riscar da memória para a terra do nunca e que ficasse por lá pelo resto da eternidade. Ainda não tinha certeza se poderia falar sobre Matt com Nathan, sei que seria um assunto delicado e que precisaria de muita calma, já que meu namorado possuía uma personalidade muito forte.

Levantei e percebi que ele, educadamente, vestira uma calcinha em mim. Caminhei até a porta à procura de Nathan, mas parei assim que vi a imagem de uma mulher de bochechas rosadas e completamente feliz refletida no espelho da parede do seu quarto; aquele era o efeito que ele tinha sobre o meu corpo. A felicidade de finalmente poder me sentir completa estava ali, mesmo que eu tivesse desmaiado de novo. Se fosse para poder experimentar novamente o que senti no momento em que me tocou daquela forma, entraria em coma. Sentir seus dedos dentro de mim enquanto sua língua entrava na minha boca foi totalmente desconcertante, e quando chupou meus lábios, me perdi, saí da terra e fui parar no céu.

Olhei para meu reflexo e percebi que não queria flores ou chocolates: queria apenas ele na minha vida, queria as carícias, os seus beijos distribuídos pelo meu corpo da forma depravada como havia chupado meus lábios, queria dar-lhe o mesmo prazer que me fez sentir quando me tocou. Queria fazer Nathan se sentir amado também, pois era assim que eu me sentia: amada por ele.

— Você está bem? — perguntou de repente, me assustando. Há quanto tempo estava me observando? Será que tinha visto o quanto estava satisfeita comigo, e com o meu reflexo, por ter conseguido algo tão complicado para mim? Que meu sorriso e minha nova tonalidade na pele eram por causa dele?

Nathan havia tomado banho e estava usando um terno preto de risca de giz, emoldurando divinamente cada contorno do seu corpo, combinando com o sapato preto brilhoso e refinado. Os botões do terno estavam abertos e suas mãos estavam dentro dos bolsos da calça, seu cabelo estava penteado todo para trás, sem deixar nenhum fio sair do lugar. Nathan era devastadoramente perfeito e fazia meu coração apertar de uma forma boa, que agora entendia o que era: *amor!*

— Acho que sim! — a felicidade em minha voz foi algo patético. O semblante de Nathan estava carregado e sabia que tinha algo de errado.

— Liguei para Stevenson, temos uma consulta marcada para segunda, na hora do almoço. — ele estava preocupado, o tom em sua voz evidenciava ainda mais isso.

— Nathan... Eu... — comecei a falar, tentei explicar algo que nem eu mesma sabia o que era. Então, ele retirou a mão do bolso direito e veio em minha direção, parou a poucos centímetros do meu corpo, levou seu polegar até meu lábio inferior, contornou, massageou e o acariciou.

— Liz, Ian me explicou que o que fizemos hoje poderia ter causado um efeito contrário. — começou a falar, e minha felicidade começou a escorrer por entre meus dedos — Foi algo muito arriscado, seu corpo e sua mente poderiam agir de forma negativa e, em vez de prazer, você poderia sentir repulsa do meu toque, e isso... — virou a cabeça e retirou o dedo que massageava minha boca.

— Mas não senti repulsa, — falei encurtando os centímetros que existiam entre nós — foi único, Nathan... O seu toque está curando as feridas deixadas pelo tempo. — as minhas palavras fizeram com que olhasse novamente para mim, um pouco confuso, mas ele precisava saber.

— Não vou fazer isso novamente! — a firmeza em sua voz disse que realmente estava falando sério e isso me magoou profundamente. Quando consigo ser tocada, amada e finalmente realizada, ele vem e joga um balde de água fria. — Não posso correr o risco de te perder... — sua respiração pesada e sua voz rouca me deixaram ainda mais tristes — Não posso tocar mais em você, sem que esteja totalmente...

— Curada? — perguntei irritada. Caralho! Tudo de novo? — Acha mesmo que vou conseguir me curar sem você? Foi você quem correu atrás de mim! — gritei, quase

chorando — Eu estava confortável na minha bolha do nada e do esquecimento, pronta para adotar alguns gatos e deixá-los morrer de fome. Droga, Nathan! Qual é o seu problema? Tudo que eu queria era que você me tocasse. Porra!

— Acha que é apenas você que está sofrendo? — Nathan não esboçou nenhum tipo de expressão em seu rosto esplendoroso — Também estou sofrendo... Sofrendo porque a mulher por quem me apaixonei não pode ficar mais de cinco minutos nos meus braços sem que isso a faça desmaiar.

— Eu avisei! — retruquei ainda mais irritada — Eu disse que tinha medo de me apaixonar por você... Avisei que era quebrada, Nathan! Que não era a mulher certa para você, e é isso que me diz?

— O que mais você quer de mim, Liz? — perguntou ainda mais sério — Me fale, o que mais quer que eu faça? Faço qualquer outra coisa, menos tocar você. Não enquanto não se sentir bem, meu doce. — cada palavra que saía da sua boca, era um passo que ele dava para ficar longe de mim.

— Nathan, o que você está fazendo? — realmente estava assustada.

— Tenho que permanecer longe do seu corpo, Lizzie. — aquilo era demais para suportar; não o queria longe, o queria ao meu lado, me amando, assim como queria amar loucamente cada pedaço daquele homem maravilhoso.

— Por Deus! — falei e senti uma pontada dolorosamente triste no meu coração — Não faça isso, Nathan. Por favor, não se afaste de mim!

— Você é o meu abrigo, Liz! — ele pareceu estar tão cansado, que me esqueci de pensar apenas em mim, quando olhei para ele ali, parado na minha frente — Não quero perder o que demorei tanto para encontrar. — aquelas palavras me tocaram profundamente.

— Me desculpe! — pedi, sentindo as lágrimas escorrerem na minha bochecha — Dei uma de louca.

— Não! — rebateu no mesmo segundo — Você estava com medo, queria algo para se sentir segura, queria mostrar que estava disposta a arriscar tudo para demonstrar que está lutando.

— Não quero algo... — ele não era apenas algo em minha vida, Nathan era mais. Muito mais na minha vida — Quero você! Desde a primeira vez que toquei em sua mão, sabia que era você... Que me faria sentir o que era ser amada! Pelo amor de Deus, não deixe de querer me tocar, o quero de todas as formas possíveis. Eu amo você, Nathan. O amo tanto, que tenho medo de te perder.

— Sou seu, Liz. — o jeito como falou me deixou ainda mais sem chão — Acredite no que digo quando falo que a amo com todas as minhas forças.

— Eu acredito. — sorri e ele retribuiu se aproximando, o que me fez fechar os olhos, e beijou meus lábios com doçura — Obrigada por me fazer conhecer o que é o amor.

— agradei sinceramente. Nathan se afastou e olhou no fundo dos meus olhos.

— É você... Quem está me fazendo conhecer o verdadeiro amor, meu doce!

Capítulo 21



— Tem certeza que não quer ficar comigo, só mais uma noite?

— Não, Nathan — sorri da forma mais carinhosa que pude. Mesmo querendo passar cada segundo ao seu lado, precisava voltar para meu apartamento. — Hoje ultrapassamos os nossos limites. — fiz uma pausa absorvendo o que havia dito.

— Posso dormir com você? — tinha os olhos mais lindos que já vi em toda a minha vida — Quer dizer, no seu sofá?

— Não pode! Vai tirar minha concentração, tenho que trabalhar e você tem uma campanha eleitoral, sabia? — sorri como uma boba.

— Sou lindo! — deu de ombros. — Ganho apenas com uma piscadela.

— Tenho medo do que vai acontecer com as suas eleitoras, se além da piscadela você resolver sorrir. — brinquei.

— Vou dizer o que acontece... — sorriu maliciosamente para mim. — Todas gozam. Simples.

— Nathan! — olhei para Gretha e ela parecia se divertir com o nosso papo sem noção.

— Ciúmes? — perguntou.

— Sempre! — falei um pouco séria e isso o fez gargalhar.

— Sou seu, meu doce!

— Espero que sim. Suas bolas têm algum tipo de seguro?

— Não. Por quê?

— Sugiro que faça um, caso pense em me trocar por outra. — a conversa estava tão boa que nem percebi quando chegamos ao prédio onde morava.

— Não vou precisar, minhas bolas são suas. Boa noite, meu doce. — disse, se aproximou e me beijou. Não foi um beijo longo, mas foi o tempo suficiente para fazer com que me lembrasse dele pelo resto da noite. Quando desci, Gretha gentilmente me lançou um sorriso e antes de entrar no carro, disse:

— Vou cuidar dele. Pode deixar comigo!

— Obrigada Gretha. — agradei, sabia que ele estava ao lado de uma pessoa na qual confiava: sua irmã. Fiquei parada por alguns segundos, vendo o carro desaparecer no horizonte.

A sensação de filme de terror aconteceu quando as luzes do corredor começaram a piscar e a imagem da porta do meu apartamento aberta. O pânico se espalhou dentro de mim, minhas mãos estavam tremendo e o medo crescendo cada vez mais. Não podia entrar, e se o bandido

estivesse lá ainda e me atacasse? Ainda com as mãos trêmulas, peguei o celular na bolsa, segui para a escada de emergência e disquei o número da polícia.

— *Nove, um, um. Em que posso ajudar?* — a voz masculina e firme perguntou do outro lado da linha.

— Preciso de ajuda! — falei um pouco nervosa, quase não consegui ouvir o som da minha própria voz — Invadiram meu apartamento, a porta está aberta, e-e-e... — gaguejei e percebi que não era apenas a minha mão que estava tremendo, a minha voz também estava — Sempre me certifico que está tudo fechado antes de sair de casa...

— Senhora, peço que se acalme e se afaste do local até que uma viatura chegue. Por favor, não entre em seu apartamento até que os policiais estejam aí. Tudo bem?

— Tudo! — minha voz saiu quase sem som. Depois de informar o endereço, em menos de dez minutos os policiais chegaram.

Uma morena de estatura baixa – um metro e sessenta –, com suas curvas bem definidas, apesar do uniforme azul-marinho muito masculino as esconderem um pouco, seu cabelo preto preso em um coque bem penteado acentuava ainda mais o seu rosto de linhas firmes, assim como seus olhos castanhos e a boca carnuda bem desenhada. Ela tinha um ar de profissional estampado no rosto calmo e seu parceiro era enorme, uma montanha de músculos bem definidos e cabeça raspada. Um homem de dar medo se olhasse diretamente em seus olhos; era o que podemos chamar de Hércules do século XXI, com traços latinos,

postura quase militar e ainda usava óculos escuros... Em plena noite! Tem que ser muito confiante e egocêntrico para usar óculos escuros à noite, ou então muito... Muito tapado.

— Boa noite. — disse estendendo a mão para mim — Sou a policial Isabella Lackin e esse é meu parceiro, Henrique Murdok.

— Lizzie Radzimierski. — apertei sua mão, e evitei o apertar a do policial.

— Ouve alguma movimentação desde a hora que a senhorita chegou ao local? — ela perguntou e se posicionou na entrada do apartamento, com cautela.

— Não. — respondi um pouco confusa — Até agora.

— Vamos entrar e averiguar se está tudo bem. — acenou com a cabeça para Murdok e ele entrou na frente.

— Limpo! — gritou minutos depois com a voz firme, passando segurança para que nós entrássemos em seguida. Acho que qualquer bandido se borraria de medo daquele homem.

— Senhorita Radzimierski, poderia me dizer o que exatamente foi furtado do seu apartamento? — com aquela pergunta, observei atentamente cada objeto. Não guardava nenhum valor alto no meu apartamento, a não ser apenas cem pratas no pote de biscoitos na cozinha, que guardava para comprar a comida do Eddei. Tinha poucos objetos de valor, e só restava meu notebook, que por sinal não valia muita coisa. A não ser pelo conteúdo que existia nele. Meu

corpo congelou em segundos e precisei sentar no meu velho sofá por alguns instantes.

— A porta não foi arrombada. — informou Murdok — A pessoa tinha acesso ao seu apartamento! — afirmou e andou até a minha direção, ficando ainda maior do que já era — Quais pessoas têm acesso ao seu apartamento, senhorita Radzimierski? — perguntou me pressionando, mas minha cabeça estava um lixo; uma pressão começou a se formar em minhas têmporas, seguindo para meus olhos e isso tirava a minha concentração de qualquer coisa.

— Não! Não existem muitas pessoas com acesso livre ao meu apartamento — informei massageando minhas têmporas, mesmo sabendo que era inútil fazer aquilo. A única pessoa que havia entrado no meu apartamento foi Nathan, mas ele não seria capaz de fazer uma coisa daquelas novamente. — Ou melhor, quase ninguém tem acesso.

— Certo, senhorita Radzimierski... — disse a policial Lackin e olhou para o grandão, de quase dois metros de altura — Murdok, poderia me dar só alguns minutos com a senhorita Radzimierski? — ele assentiu, foi para o lado de fora e ficou de prontidão na porta — Se sente mais à vontade assim, apenas nós duas?

— Sim. Muito melhor! — suspirei, me acomodando melhor no sofá.

— Você já sabe o que levaram?

— Já! — foi a única coisa que respondi, pois não conseguia me concentrar em nada.

— Poderia me informar qual foi o objeto furtado?

— Meu notebook... — murmurei sem ação em minha voz.

— Senhorita, existia algo de importante ou alguma informação que possa comprometer a sua imagem? — continuou a perguntar.

— Não tenho nada que possa me comprometer. Mas sou repórter investigativa no The Poster. Acho que pode ser um dos motivos para o meu notebook ter sido roubado — falei sem paciência, até escutar vozes do lado de fora. Não conseguia me concentrar, nem a voz que conhecia muito bem fez com que parasse de pensar em todo o material que existia lá dentro e que agora poderia estar em mãos erradas. — Preciso recuperar o meu material de trabalho o mais rápido possível...

— Você conhece o senador Fox? — questionou a policial, que se levantou e foi em direção à porta, mas não antes que eu respondesse.

— Sim, conheço! — respondi e saí do meu estado confuso — É meu namorado. — ela arqueou a sobrancelha levemente, em surpresa. *Ah, qual é? Quer dizer que não tenho competência para namorar um dos caras mais fodões da cidade?*

— Tudo bem, Murdok. Pode deixar que ele entre. — falou alto o suficiente para o policial escutar. Percebi que

com Murdok não tinha essa de ser senador, ou até mesmo o presidente dos Estados Unidos; se ele estava incumbido de proteger algo, o faria. — Você não quer receber outra suspensão por desacato à autoridade... — advertiu ela quando Murdok pareceu querer resistir, e balançou a cabeça para o gênio difícil do parceiro.

— Tudo bem! — disse aborrecido e abriu espaço para Nathan entrar. — Agora pode entrar, senhor senador.

— Lizzie, você está bem? — Nathan entrou, mostrando calma, apesar da pequena discussão com o policial Murdok. Quando chegou perto de mim, esqueci-me do mundo e de tudo que aconteceu naquela noite. Apesar de parecer frio, ele estava ali como o senador, não como meu namorado. Isso poderia ter me magoado, mas sabia que ele tinha esse ar de autoridade que precisava manter.

— Agora está. Só quero que essa noite acabe. — falei com a voz visivelmente cansada. Minha única preocupação era saber quem foi o filho da puta que me roubou.

— Podemos voltar amanhã, mas você não pode deixar de prestar seu depoimento. — disse a policial Lackin, quase esboçando um sorriso — Não esqueça que precisa informar que seu notebook foi furtado, assim ficará mais fácil rastrear pelo IP da máquina, caso seja conectado com a internet.

— Tudo bem! — falei ainda mais cansada, tudo que queria era dormir, de preferência com um calmante que derrubasse um cavalo de grande porte — Amanhã, assim que resolver o que fazer, prometo comparecer à delegacia.

— Você não vai dormir aqui! — não foi uma pergunta, Nathan praticamente ordenou e isso eu não iria aceitar.

— Não... Vou dormir aqui sim! — percebendo a guerra que estava prestes a se travar, os policiais se entreolharam e falaram:

— Bom, temos que ir. — disse Lackin, já na porta.

— Boa noite! — falou Murdok a acompanhando.

— Agora que estamos sozinhos, — disse e cruzei os braços, ainda sentada no sofá — que história é esse de que não vou ficar no meu apartamento? Estamos praticamente morando juntos, Nathan.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara... — rebateu Nathan exasperado, passando as mãos várias e várias vezes no cabelo, o deixando completamente bagunçado — Um doente entra no seu apartamento e você ainda quer dormir aqui? — perguntou de forma sarcástica e esboçou um sorriso no canto da boca.

— Por que não? — o atrevimento na minha voz era nítido, passei a maior parte da minha vida cuidando de mim sozinha. Mas espera... Agora tinha ele para cuidar de mim, e por que estava dando uma de difícil, depois de tudo? Por que não queria perder o controle sobre mim mesma. Não queria perder o controle sobre as minhas escolhas, assim como não perdi o controle quando pedi para ele me tocar, exceto pelo fato dos constantes desmaios.

— Liz, meu doce... — Nathan falou mais calmo, com a voz rouca e sedutora, mas eu sabia que era apenas um

artifício para mudar meu comportamento, e nessa eu não cairia tão fácil... Mentira! Se ele chegasse mais uns dois centímetros perto de mim, me derreteria. Corpo traidor! — Minha noite não foi nada razoável e posso dizer com toda categoria que foi uma merda completa. A única coisa que queria era sair daquela maldita boate e vir para perto de você, beijar essa sua boca atrevida e dormir tranquilamente no seu confortável sofá.

— Não quero que você tome decisões por mim. — abaixei a cabeça, não conseguia encará-lo e muito menos olhar para aqueles olhos azuis perfeitos e magníficos.

— Liz, só quero proteger você. — se aproximou mais e sentou-se ao meu lado no sofá — Entendo que não teve esse tipo de proteção na sua vida, mas acho que está na hora de compreender que posso fazer isso. Não conseguiria mais viver em um mundo no qual você não existisse.

— Nathan... — suspirei, olhei para ele e me entreguei à imensidão daqueles olhos ternos e carinhosos — eu...

— Não vamos discutir... — falou — Não quero que você corra qualquer tipo de perigo de forma tão desnecessária.

— Roubaram o meu notebook, Nathan! — falei logo de uma única vez, mas ele pareceu não ter se abalado com isso.

— Tudo bem... — disse calmamente.

— Nathan, existem artigos, arquivos, processos contra você. Entre outras coisas.

— Mas, não existe nada que possa ser provado, meu doce. — seu tom foi mais sério e isso me deixou um pouco preocupada.

— Não? Então por que me disse para parar de investigar você, mesmo depois que olhou os arquivos?

— Você é muito boa no que faz, Liz, e com mais um pouco de pesquisas, descobriria. — começou a explicar — Uma hora ou outra você vai descobrir o que fiz e o que sou. Por isso, pedi para não fugir de mim quando souber toda a verdade. Não tenho medo dos arquivos que você tinha, tenho medo de perder você quando finalmente souber do que sou feito.

— Me explica, Nathan... — virei para o olhar melhor e sentei sobre minhas panturrilhas — Explica quem é você de verdade e o motivo pelo qual fugiria de você!

Capítulo 22



Nathan tinha algo em seu passado, algo que poderia me afastar, mas não me importava. Tudo que queria era ficar ao lado do homem que me fez conhecer um novo mundo e começado a construir uma nova história, que me fez superar meus medos e receios em tão pouco tempo. Vendo o quanto estava preocupado, com medo que eu pudesse fugir dele, decidi que não importava qual fosse seu segredo, ficaria ao seu lado. Se ele não fugiu e nem desistiu de mim, também não desistiria dele.

— Não vou contar agora. — sua voz estava carregada de medo — Não agora. Quero ter certeza que não vai fugir de mim.

— Nathan... — suspirei o mais fundo que pude, antes de abrir minha boca para falar qualquer coisa — Não importa o que você fez no passado, ou no presente. — vi o quanto aquelas palavras o deixaram confuso. Logo eu, que passei um bom tempo investigando e tentando, sem muito sucesso, descobrir seus podres, estava parada olhando no fundo dos seus olhos e falando que não precisava se preocupar com o que tinha feito no passado, ou no que ainda estava fazendo — Não vou fugir de você, não importa o que me diga.

— Já disse que não vou falar sobre isso agora. — o modo como falou me magoou profundamente. Tinha exposto meus medos, confiado a ele meu corpo e ele ainda não confiava em mim. Sabia que em tão pouco tempo aquela situação parecia surreal. Porém, ninguém pode mandar no coração, e no meu caso, no meu coração e no meu corpo. Meu corpo era seu e apesar de todo meu esforço, ele ainda não se sentia à vontade para se abrir comigo — Não quando quero passar mais uma noite ao seu lado.

— Quero que você saia do meu apartamento... — falei e me afastei de perto dele. Nathan arregalou os olhos em surpresa com meu pedido — Se não confia em mim, não existe motivo para ficarmos juntos.

— Liz... — aos poucos Nathan fechou os olhos e levou a mão direita para massagear as têmporas — Você não quer que eu vá embora, não quando tem algum babaca por aí, que entrou no seu apartamento e que pode voltar para fazer algo errado com você.

— Eu sei me cuidar, Nathan! — estava começando a ficar irritada. E uma mulher irritada e magoada não é algo bom para se enfrentar, nem o diabo fica perto de uma mulher assim. O próprio diabo teria juízo para se manter longe, de preferência jogando damas com os ceifeiros, ou pulando corda — Fiz isso minha vida toda, só quero ficar um pouco sozinha e refletir sobre o fato de que você não quer se abrir comigo.

— Liz, não quero perder você... Será que não consegue entender isso? Por favor, pare de dizer que pode se cuidar sozinha, agora tem a mim, para cuidar e proteger você. Não vou te deixar sozinha, mesmo que queira arrancar minhas bolas. — disse, abriu os olhos e jogou as mãos para o alto, com a voz exasperada — Depois que provei de você, não conseguirei provar mais nenhuma outra mulher. — o jeito como avançou e segurou meu rosto entre suas mãos me fez perder o ar completamente — Por isso tenho medo que fuja de mim, e se isso acontecer, prefiro... — sua boca estava próxima da minha, tão próxima, que senti seu hálito gostoso — Pare de querer me afastar, assim você me deixa ainda mais louco.

— Me desculpe... — pedi sinceramente — Mas, quero que você entenda que vou ficar ao seu lado, seja lá qual for seu segredo. — quando dei por mim, a sua boca estava na minha. Não era possessiva, e sim carinhosa.

Um beijo de amor que tinha o sentimento do desespero de modo subliminar, sua língua procurando a minha de um jeito quase suplicante. O gosto do beijo dele agora tinha a marca registrada na minha memória e na minha boca. O melhor beijo do mundo era o dele. O meu corpo não aceitaria outro beijo que não fosse o dele. Seu polegar acariciava a linha do meu maxilar, enquanto ele me envolvia ainda mais com o seu beijo quente e seus lábios macios, mostrando o quanto aquele toque era urgente e necessário.

— Você me deixa sem saber o que fazer. — Nathan falou, se afastou e olhou no fundo dos meus olhos. Seu toque não me fez perder os sentidos e isso foi uma vitória. Mesmo sendo um beijo breve, deu para notar minha evolução ao ser tocada — Além de linda, tem plenos poderes sobre mim, e isso me deixa completamente vulnerável.

— Não consigo entender como foi que você se apaixonou por mim, sendo assim tão perfeito...

— Você que é perfeita, e eu sou apenas um cara que teve a sorte de ter encontrado alguém que faz com que o meu coração queira sair pela boca, só em sentir seu cheiro. E não sou perfeito, meu doce, tenho muitos defeitos, mas sabe o que é perfeito? — Nathan se dizia imperfeito? Isso era impossível! — Perfeito é esse seu cheiro doce, gostoso e irresistível.

— Não quero que vá embora... — murmurei me sentindo culpada por discutir com ele — Só não quero que se esconda, não quando me abriu para você, me expus... Expus meus medos, minha vida e o meu passado.

— Não ia embora mesmo! — deu de ombros, espalhando o sorriso mais lindo do mundo em sua boca bem desenhada e deliciosa — Só peço que me dê um tempo, para que consiga reunir coragem, — pediu ainda olhando no fundo dos meus olhos — você não tem ideia do quanto posso ser... — no momento em que ia terminar a frase seu telefone tocou. Ele o retirou do bolso, olhou o visor e o seu rosto mudou completamente, transformando-se em

uma carranca — Merda! — xingou baixinho antes de atender — O que foi, Harper? Não... Droga! Você pode resolver isso sem mim... Não me provoque, Harper, não estou de bom humor... — saí de perto e fui até a cozinha; ele não tirava os olhos de mim, parecia me vigiar para ter certeza que não fugiria. Mesmo visivelmente irritado com a ligação do tal Harper, Nathan era lindo, um deus grego personificando a beleza perfeita e gloriosa, bem na minha frente — Isso pode esperar! Tenho um assunto mais importante... Qual o nível da importância? Não é da sua conta... Volte para seu trabalho! Você está ganhando muito bem para resolver os meus problemas... — eu era mais importante? Peguei-me dando um leve sorriso de canto de boca para ele, satisfeita em saber que eu era muito importante. — Boa noite, Harper!

— Tudo bem? — perguntei, peguei um copo e enchi com água.

— Tudo! — respondeu, colocou o celular na mesa, tirou o terno e jogou na cadeira perto da mesa — Vou ligar para Gretha e avisar que tivemos uma visita indesejada.

— Nathan... — tomei a água, deixei o copo na bancada e fui até ele — Não precisa se preocupar tanto.

— Como assim não preciso me preocupar tanto? — arqueou a sobrancelha enquanto afrouxava o nó da gravata, retirou e a jogou sobre o terno — Um merda entra no seu apartamento, rouba seu material de trabalho e não preciso me preocupar? — sorriu de maneira quase perversa — Não

se preocupe digo eu... Vou encontrar esse filho de uma puta e ele vai ter o que merece.

— Meu Deus! — coloquei o meu melhor tom de perplexidade fingida e revirei os olhos — Me sinto tão segura... Agora tenho meu cavaleiro da armadura reluzente.

— Está zombando de mim, senhorita Radzimierski?

— Eu?! Nunca seria capaz de tal coisa, senhor Fox. — sorri mostrando o quanto estava me divertindo com a mudança de clima entre nós — O que me faz lembrar que você ainda tem uma ligação a fazer.

— Não abuse muito da sorte, Radzimierski. Uma hora serei o lobo mau e não terá nada que me impeça de comer você. — Jesus Cristinho! Ele, um lobo mau, me comendo? Seria um sonho se tornando realidade.

Nathan foi para perto da janela, pegou novamente o celular, discou os números na tela luminosa e andou elegantemente com uma das mãos no bolso da calça. Passou instruções para Gretha, que o interrompia apenas quando tinha uma pergunta relevante.

— O bastardo entrou e roubou seu notebook, nele continha algumas informações sobre mim... Não... Não tinha nada que a maioria não tenha. Mas devo confessar que ela é muito boa no que faz. — sorriu para mim e voltou a sua atenção para a ligação — Isso mesmo... Dois? Está bem. Tudo bem... Certifique-se que nada mais saia do nosso controle. — Os dois pareciam se entender muito bem e isso

me fez lembrar Chloe — E Gretha... Tenha cuidado! Certo. Boa noite! — desligou o telefone.

Depois de sete anos, como Chloe estaria? O que deveria estar fazendo? E o principal, será que era feliz? Apostava a minha vida que ela jamais se sentiria feliz morando com aquele porco. Chloe era uma menina boa e doce, e sempre pedi a Deus que não tivesse se tornado um ser igual a eles. Minha cabeça estava dando voltas e mais voltas, ainda precisava me preocupar com o roubo do meu notebook, o que me deixaria bastante atrasada nas investigações sobre Isaäk Markov; isso era um assunto delicado e ainda tinha que conversar com Nathan.

Nathan não era só um homem que cuidava dos interesses da cidade, ou dos seus negócios, que por sinal eram bastante suspeitos. Nathan era o homem que meu corpo escolheu para pertencer, um homem forte, decidido e dono do seu mundo, além de ser um homem carinhoso, paciente e gostoso, e que ainda me amava. Nada mudaria o que tinha começado a brotar dentro de mim, não depois de passar o que passei, sendo abusada durante anos.

Agora era minha vez de ser feliz, mostrar que eu conseguiria dar a ele o amor que tão lindamente me oferecia. Não conhecia muito sobre Nathan, conhecia a pessoa pública e algumas coisas sobre sair com modelos e que sua irmã era uma máquina letal, como segurança. Pouco sabia sobre sua família, mas nunca poderia imaginar que sua irmã, da qual nunca tive nenhuma informação, pudesse ser o que era. O fato de Gretha ser sua motorista e

sua segurança não me incomodava, pois sabia que, por esse motivo, ela o protegeria com sua própria vida. Meu foco sempre foi a vida política e seus negócios, que mostravam indícios de envolvimento com a máfia e ligações com o tráfico de mulheres, drogas e armas.

— Pronto! — disse me tirando dos meus devaneios — Agora podemos descansar um pouco... — seu rosto relaxou mais um pouco, desabotoou a camisa, mostrando parte do seu peito e abdômen generosamente definidos — Temos dois seguranças disfarçados na entrada do prédio e Gretha está cuidando das investigações do seu notebook.

— Deus! — soltei sem pensar e ele abriu um sorriso safado de torrar o cérebro.

— Não! — brincou e tirou o resto da camisa — Mas, posso ser o que você quiser, senhorita Radzimierski. Basta pedir. — falou mordendo o lábio inferior de maneira sugestiva. A pele magnífica dele era um convite para a perdição; Nathan parecia uma estátua esculpida por Michelangelo, só que com o pênis maior. Era enorme, na verdade. Chamá-lo apenas de perfeito era um crime — E posso ser seu deus...

— Você é muito convencido, isso sim, — rebati — e um puta de um pervertido.

— O que é isso? — perguntou arqueando a sobrancelha, com o mesmo sorriso presunçoso na boca.

— Isso o quê? — não entendi o motivo da pergunta.

— Isso escorrendo no canto da sua boca! — brincou abrindo o cinto — Juro que vi a saliva escorrer, bem aí no cantinho.

— Você é um filho da puta mesmo... Arrogante e convencido — não deveria ter dito isso. Em questão de segundos Nathan estava do meu lado, me fazendo perder o ar e toda a força que existia nas minhas pernas.

— Adoro essa sua boca suja, sabia? — sua voz ficou rouca e firme, e fez com que todo meu corpo pedisse por ele — Fico imaginando do que vai me chamar, no momento em que estiver comendo você, explorando cada pedaço da sua boceta com meu pau duro, entrando e saindo bem gostoso. E lembre-se... — o tom de advertência era divertido e cheio de promessas pervertidas — Quando me chama de filho da puta, dá vontade de rasgar você em mil pedaços, e não estou falando da sua roupa. — disse segurando a ponta do meu queixo. Deu um beijo de leve nos meus lábios sedentos pelos seus, depois se afastou, chutou os sapatos para longe, tirou as meias, depois a calça, ficou apenas de cueca e foi em direção ao banheiro.

De costas para mim, Nathan parecia ainda mais com uma das estátuas de Michelangelo, só que bem mais perfeito. Ombros e costas definidos, coxas grossas e panturrilhas proporcionais e uma bunda de fazer qualquer mulher sentir vontade de morder.

— Só para avisar... — falou mostrando que estava se divertindo — Deus está vendo esse seu olhar cheio de luxúria para meu corpinho.

— Ah! — comecei a falar quando ele segurou a barra da cueca com a ponta dos dedos, tirou e ficou nu na minha frente. *Ai, meu Jesus... Que bunda! Que corpo e que homem!* — Não faz mal, a vista vale a pena — quando virou, fixei meu olhar nos seus. Uma labareda completamente tórrida, do tipo que derrete o cérebro, começou a brotar — Por você, vale a pena ir para o inferno...

— Nunca permitirei que isso aconteça, seu lugar é ao meu lado. — seu rosto ficou sério, mas, ainda assim, era a sensação mais quente que senti em toda a minha vida.

— Meu lugar também é ao seu lado. — afirmei olhando para o homem que me fazia sentir borboletas no estômago e uma pontada de dor no coração, mas uma pontada boa — Agora, por favor, você pode ir para o banheiro?

— A faço perder a concentração? — debochou.

— Você está me fazendo perder o resto de vergonha na cara que ainda me resta. Seu idiota!

— Essa minha namorada é tão romântica. — suspirou, virou e foi para o banheiro, mas parou na porta — Não quer tomar banho comigo?

— Não! — arregalei os olhos — Nem pensar!

— Está com medo de não conseguir se controlar e me atacar? — gargalhou de maneira gostosa e descontraída, me fazendo esquecer como o clima estava tenso.

— Eu, com medo de você? — estiquei o dedo indicador em sua direção, arqueei minha sobrancelha e mostrei meu atrevimento natural — Vai sonhando, senhor Fox!

— Pode ter certeza que vou sonhar.

Capítulo 23



Minha manhã de segunda-feira se resumiu a contemplar a beleza que era Nathan só de cueca, esparramado no meu sofá. *Até dormindo ele dominava o ambiente!* Era uma visão magnífica; estava deitado de bruços, com aquela bunda coberta pelo tecido da cueca preta e cada músculo do seu corpo relaxado, apesar de dormir no pior sofá da face da terra. Ainda era cedo, então o deixei dormir mais um pouco. Tivemos muitas emoções em menos de três semanas e isso era algo que sobrecarregava muito nossas mentes e nossos corpos. Escovei meus dentes, tomei meu banho e pela primeira vez, me senti realmente feliz e relaxada, mesmo passando pelo arrombamento do meu apartamento e o furto do meu notebook. Sabia que Nathan estava ali comigo, me fazendo feliz e deixando o sentimento de proteção tomar conta do meu corpo.

Sequei os cabelos e, ainda enrolada na toalha, preparei o café e fiquei admirando o homem arrebatador que dormia lindamente, com sua respiração suave e calma. Fiz torradas e coloquei o suco de laranja nos copos, deixei tudo na mesa para, assim que ele acordasse e fosse tomar

seu banho, finalmente pudéssemos desfrutar do café da manhã, olhando um para o outro.

Quando abri meu closet, quase tive uma síncope. Não conseguia acreditar no que estava vendo, juro que precisei esfregar os olhos mil vezes, só para ter certeza que aquilo estava acontecendo. Do lado esquerdo na parte superior, ternos, camisas e calças, os sapatos no canto inferior. Abri a gaveta onde normalmente guardava calcinhas, e me deparei com cuecas e gravatas de Nathan organizadas entre as minhas peças íntimas. Deveria ter me sentido violada, mas já tinha feito tantas outras coisas, que, de certa forma, não chegava nem aos pés de suas roupas no meu closet. Então, respirei fundo, voltei para a sala e congelei. Nathan se espreguiçando... Nathan se alongando... Nathan de cabelo bagunçado... O homem era um crime para a saúde mental de qualquer mulher, principalmente quando estava com aquela ereção magistral, ou melhor, majestosa. Cada músculo se contraía, mostrando toda sua rigidez, mas, ao mesmo tempo, toda a sua flexibilidade. E que flexibilidade!

— Bom dia, meu doce! — quando abriu a boca, e falou “bom dia, meu doce” derreti, ou melhor, desmanchei no chão da sala como manteiga. Sua voz era ainda mais sensual ao acordar, mais rouca, mais forte e mais arrebatadora — Feliz em me ver assim? — questionou olhando para sua própria ereção; sorriu e mostrou os dentes mais que perfeitos em um sorriso safado.

— Sempre... — me senti a mulher mais ridícula do mundo. Suspirei, quando era para estar fervendo de raiva

por não ter dito que fez uma pequena mudança no meu closet. Balancei a cabeça e voltei ao normal, decidida a não me deixar cair na tentação de ficar admirando e salivando por aquele babaca gostosamente perfeito. — Quer dizer... — limpei a garganta — Gostaria de saber por que não fui avisada que trouxe seus trapos para meu apartamento. Quer explicar como você faz essas coisas, Mister M.?

— Você já respondeu, sou o Mister M., e não são trapos... Assim você me magoa, sabia? — deu de ombros, passou por mim debochando, entrou no quarto e foi em direção ao closet — Vamos lá, meu doce, do jeito que estamos indo, era só uma questão de tempo eu me apossar de um pedaço do seu closet.

— Sem nem me consultar?

— Você não gostou?

— Não é isso... — respirei fundo — Eu gostei, mas acho que estamos...

— Indo rápido demais? — disse mordendo os lábios e segurando o riso.

— O que foi, por que está rindo?

— Só acho que passamos da fase do “indo rápido demais” — se aproximou, segurou meu queixo e disse: — Não se preocupe, não vou a lugar algum, meu lugar é ao seu lado. E sempre vai ser. — me deu um beijo leve e rápido.

— Eu sei... — sussurrei e fechei os olhos — Não vou a lugar algum, meu lugar, também, é ao seu lado. Você

precisa entender isso.

— Só mais um pouco, meu doce... — se afastou e abriu meus olhos — Quero ter certeza que está curada e pronta para ter uma vida plena comigo. — era comovente o jeito que falava e como queria que me curasse. — Mas, até lá, minhas roupas permanecem aqui.

— Tudo bem! — sorri, e de repente ele pareceu ficar um pouco distante. Vi em seus olhos que seu passado, assim como o meu, o atormentava. Mas, ele precisava entender que não importava o que ele era, ou o que acontecesse, seria sempre dele, não apenas de corpo, mas de alma — Vá tomar banho e eu vou me vestir. Você tem um estado para representar e eu um jornal para fazer pessoas como você tremerem na base. — o olhei de maneira maliciosa.

— Meus colegas do congresso vão gostar de ter as bases estremecidas. — gargalhou e mudou completamente de humor — Assim como quero balançar seus alicerces, sua estrutura óssea e apertar cada pedaço de carne existente no seu corpo.

— Meu Deus! — resmunguei, revirando os olhos — Você pode, por favor, tomar seu banho e parar de tirar minha concentração? Precisamos de um pouco de espaço aqui, sabia? — gesticulei delimitando um círculo e arqueando as sobrancelhas.

— Espaço é a última coisa que pretendo dar, senhorita Radzimierski. — piscou, saiu do quarto e tirou a cueca bem na minha frente, novamente.

— Você realmente fará isso todas as vezes que for tomar banho aqui? — gritei e coloquei as mãos no rosto, deixando um espaço entre os dedos para apreciar a vista.

— Todas! — respondeu em um tom divertido, sumindo do meu quarto — Pode ir se acostumando, gosto bastante de andar com as bolas ao ar livre.

Quando saiu me peguei sorrindo, todos os músculos do meu rosto estavam esticados por sua causa. *Estava sorrindo mais!* Mais do que de costume, e isso me fazia sentir algo bom. Olhei as horas e estava ficando tarde, corri, peguei meu conjunto “grudou-colou”, ou melhor, meu uniforme quase militar, e vesti. Calça preta e blusa de mangas sem decote; arrumei o cabelo, mas o deixei solto, passei um pouco de maquiagem, não muito, mal usava quando ia para o trabalho. Nesse meio tempo, Nathan apareceu pelado e despreocupado com a sua nudez, ainda se enxugando, entrou no closet e pegou seu terno azul-marinho. Sorriu ao passar por mim, vendo minha reação todas as vezes que ia e voltava para pegar algo que supostamente havia esquecido, se arrumou sem pressa na minha frente. E, para ser bem sincera, ele poderia ter pego tudo de uma única vez, porém, uma criatura exibida como ele adorava fazer seu show particular de como era ser sexy, até mesmo ao se vestir. Precisava sair dali e ir para a sala tomar meu café, ou não responderia por meus atos.

— Pronto! — disse arrumando o nó da gravata. Ele apareceu na sala e quase cuspi o café.

— Adoro quando veste terno, fica ainda mais gostoso... — Droga! Filtro, por favor, funcione quando é necessário.

— Hummm... — esboçou um sorriso presunçoso — Vou lembrar-me de sempre usar ternos em sua presença, já que só sou atraente aos seus olhos quando os visto. — sentou na cadeira, pegou o copo de suco e tomou quase todo o líquido.

— Ora... — tentei rebater o que falou, dizendo que ele era sexy até com uma folha de parreira, mas aí o deixaria ainda mais pomposo de si. Então, resolvi que era melhor não o deixar com o ego inflado demais, mudando de assunto para um muito importante — Que horas será a consulta com o doutor Ian? — estava olhando as mensagens no celular e havia mais de dez mensagens da Tati, além das ligações; me senti a pior amiga do mundo em não dar atenção a ela, mas tinha problemas que precisavam ser resolvidos.

— Infelizmente, Ian não poderá nos atender no horário do almoço, então deixaremos para depois do seu expediente. Tenho que ir para Washington e temo que só consiga voltar às seis da tarde, por isso, se comporte e não fique xeretando a vida dos tubarões. — disse mordiscando uma torrada — Gretha escolheu a dedo um segurança para você. Ele vai ficar no seu pé até que eu volte.

— Oi? — perguntei um pouco irritada — Agora vou ter uma babá? Nem pensar!

— Não gosto de ser controlador, meu doce. — sua voz estava despreocupada com relação a ter alguém seguindo minha sombra — Mas, você é prioridade na minha vida e não estou a fim de ter uma discussão em uma manhã tão linda como essa. Isso me dará a sensação de que ficará segura, enquanto estarei no meio daqueles senhores respeitáveis do congresso.

— Que tal me consultar antes de fazer algo que envolva meu corpo? — coloquei meu melhor tom de sarcasmo — Primeiro as roupas e agora esse segurança, vou jogar suas roupas na lixeira e tacar fogo nelas, não duvide.

— Não vou retirar minhas roupas do seu apartamento, se você as jogar no lixo e queimá-las... — limpou a boca com o guardanapo e levantou da mesa, se agigantando bem na minha frente — Trago o dobro de roupas e assim sucessivamente. Em relação ao segurança...

— Já entendi! — resmunguei irritada — Com você é tudo “*Hi, hidra!*”, não é?

— Adoro o seu senso de humor. — balançou a cabeça achando graça da minha referência, fechando o botão do terno — Agora vamos! Não a quero chegando atrasada quando está trabalhando para mim. — droga! Além de ser meu namorado, ainda era meu chefe. Mundo cruel! — No caminho compramos um novo notebook.

— Você quer dizer que eu vou comprar, não é? — perguntei, peguei minha bolsa e guardei o celular, depois de levar toda a louça suja para a pia. Queria meu notebook

roubado, mas sabia que se fosse um roubo comum, nunca mais o veria, seria formatado, desmontado e teria as peças vendidas.

— Que seja! — se ele comprasse ou pagasse mais alguma coisa para mim, teríamos um *street fighter* no nosso lindo relacionamento.

Quando descemos, Nathan seguiu para a garagem e o segui. Ele olhava para os lados como se estivesse perdido ou procurando algo.

— Qual é o seu carro?

— Bateu as botas por causa da idade. — brinquei, olhei e apontei para meu Ford.

— Você dirigia isso? — perguntou perplexo.

— Ei! — exclamei ofendida — Não fale mal do meu Escort, saiba você que tivemos ótimos momentos juntos.

— Vamos resolver isso. — disse seguindo na direção oposta, onde estava parado seu Jaguar preto sedã.

— O que você quer dizer com “vamos resolver isso”?

— Que vamos comprar um carro decente para você...

— Se você me comprar um carro, juro por Deus que o quebro em mil pedaços. — sibilei e estreitei os olhos de maneira ameaçadora para ele — E não estamos discutindo sobre um notebook, e sim sobre um carro. Pense bem se me quer irritada, senhor Fox.

— Veremos! — rebateu e abriu a porta do carro para que eu entrasse, deu a volta e entrou, ligou o carro e apertou o controle do portão.

Assim que o portão foi subindo, flashes das câmeras tomaram conta da garagem. Mais de uma dúzia de repórteres se espremia para ver quem conseguiria a melhor foto; alguns daqueles repórteres eu conhecia e já tinha feito parceria, mas agora eu era a notícia que vendia para os tabloides. Quem era a ruiva com quem Nathan Fox passou a noite? E considerando seu histórico, não poderia ser uma das modelos com quem saía habitualmente. Não que eu tivesse um ego no núcleo da terra, mas sabia que seria vista como algo anormal em sua vida, tanto política quanto pessoal.

— Merda! — lamentei, quase gemendo — Agora estou fodida.

— Não! Com toda certeza, você não está fodida. — falou, achando tudo aquilo engraçado — Quando isso acontecer, não vai ser por causa dos repórteres e, pelo amor de Deus, tire a mão do seu rosto. Quero que todos saibam que você é minha namorada.

— Nathan... — choraminguei, enquanto baixava o vidro do carro. — O que está fazendo?

— Mostrando a todos o que é meu! — disse simplesmente.

— Senador Fox, Thiffany da DNY... Essa é sua nova conquista? — perguntou uma repórter com um tom amargurado, os outros esticavam as mãos munidas com seus gravadores e celulares para ter o depoimento do magnata político, e eu seria levada à chacota por eles. *Logo eu!*

— Não, Thiffany... — respondeu calmo e mostrou firmeza em sua voz. — Essa, ou ela, não é minha mais nova conquista.

— Senador Fox, Peter do Time... Então seria ela seu novo caso?

— Nem uma coisa, nem outra... — gesticulou com o dedo indicador para que aproximassem ainda mais seus gravadores e celulares — Lizzie Radzimierski é minha namorada! — me encolhi no meu canto e escondi ainda mais meu rosto. *Inferno!*

— Lizzie Radzimierski, a repórter do The Poster? — perguntaram espantados, enquanto Nathan fechava o vidro do carro, satisfeito com o que tinha feito. Acelerou e os repórteres se afastaram, dando espaço para que passássemos.

— Você não presta! — fechei a cara e descobri o rosto.

— Sou seu... Então, nada mais justo que as pessoas saibam que estamos namorando. Quem sabe eu perca essa fama de pegador, que por sinal... — argumentou fazendo cara de inocente — É uma calúnia contra minha pessoa.

— Você é safado! — rebati e revirei os olhos — Idiota, cavalo... Isso sim.

— Mas, sou *seu* safado, idiota e cavalo. — girou a cabeça para olhar para mim de uma maneira que fiquei sem saber o que fazer ou dizer.

— Meu e das modelos da Victoria's Secret... — cruzei os braços, virei a cara e observei as ruas de Nova Iorque.

— Isso é mais um resquício de ciúmes que tanto amo em você, meu doce!

— Não... — cantarolei — Isso é quase um aviso, de que, se andar fora dos trilhos, seu olho vai ficar roxo.

— Já estou ficando de pau duro imaginando você em cima de mim, tentando me bater.

— Você é um puta de um doente ninfomaníaco mesmo. — olhei para ele fingindo estar ofendida, mas, na verdade, queria muito estar em cima dele e fazer outra coisa. E não era para bater.

— Apenas quando se trata de você, minha Jessi Rabbit — em questão de minutos estávamos na frente do The Poster e Gretha esperava Nathan quando desci do carro. Ela era tão linda que parecia muito injusto que trabalhasse para o próprio irmão, como segurança. Gretha cultivava curvas escandalosamente perfeitas, combinando com seu rosto firme e os *dreadlocks* de seu cabelo.

— Bom dia, Lizzie! — sorriu e apertou minha mão.

— Bom dia, Gretha! — falei sem jeito.

— Aquela montanha de músculos de terno preto é o Lucius... — lembrei-me dele assim que o olhei. O segurança negro do tamanho de uma montanha era de arrepiar até os cabelos do orifício circular traseiro. — É ele que vai fazer a sua segurança durante o período que Nathan e eu estivermos fora.

— Tudo bem... — falei desanimada, se era necessário um segurança para mim, aceitaria. Afinal, não era apenas o perigo de ter tido o meu apartamento arrombado, o senador Fox cultivava alguns inimigos e, depois que nos vissem em algum jornal, poderiam muito bem usar aquilo contra Nathan.

— Lizzieee! — gritou Tatiane da entrada, parecia estar impaciente, acenando freneticamente na minha direção.

— Não se esqueça de ir até a delegacia prestar depoimento sobre o roubo, aproveite o horário do seu almoço para fazer isso. — falou Nathan tomando minha atenção — Volto em um abrir e piscar de olhos. — segurou meu rosto entre suas mãos, beijou de leve minha boca, me fazendo querer mais do seu gosto, e depois se afastou — Comporte-se! — sussurrou olhando no fundo dos meus olhos, entrou no carro do lado do passageiro e Gretha assumiu a direção.

Tati já estava perto de mim falando algo, mas prestei atenção apenas no Jaguar preto partindo. Um vazio começou a tomar conta do meu corpo, um vazio que só seria preenchido quando ele voltasse para ficar perto de mim. Estava completamente dependente dele, do seu cheiro, do seu beijo e do jeito que me irritava.

Capítulo 24



— Quando quiser me escutar, eu agradeço! — disse Tati um pouco irritada.

— Me desculpa, Tati... — suspirei e entrei no prédio onde trabalhávamos. — Tive muitas emoções nesses últimos dias.

— Podia passar por essas emoções e, ainda assim, atender ao telefone.

— Meu apartamento foi assaltado ontem à noite. — ela congelou no momento em que dei a notícia — Minha vida está uma bagunça.

— Liz, me desculpe! — suspirou — Queria contar como foi o jantar com Elijah e contar isso... — pegou seu celular, desbloqueou a tela, passou o dedo várias vezes e me mostrou.

— Mas, essa aqui sou eu... — droga! Já estava na maioria dos sites de fofoca, sendo detonada por namorar o cara mais foda de Nova Iorque.

— Você já é notícia e devo avisar que Elijah está...

— Furioso?

— Existe outra palavra para defini-lo neste exato momento. — coitada da minha amiga, amava meu querido

chefe, que por sinal queria arrancar meu fígado. E o dia nem havia começado — Acho que possuído pelo demônio é bem melhor.

— Você viu Matt?

— Cristo! — bufou revirando os olhos — Esse é outro que amanheceu com o diabo no corpo. — suspirou e respirou profundamente, arrumou seu vestido preto de bolinhas brancas, com a cintura marcada por um cinto vermelho. Depois de ter passado o momento suspirando pelo “namorado gato”, conseguia enxergar o quanto minha amiga estava fofinha com aquelas bochechas rosadas, que dava uma vontade louca de apertar até que toda minha força se esvaísse. Era uma linda boneca no tamanho plus-size. — Agora, me explique quem é o armário de terno preto bem ali, que não para de nos seguir.

— Hummm... — torci o canto da boca e tentei encontrar uma maneira melhor de explicar que Nathan me impôs a condição de ser vigiada por um segurança até que ele e a irmã voltassem de Washington — Digamos que é culpa de Nathan. Pelo que aconteceu, achou melhor que eu tenha um segurança. Mas, Lucius é um cara gente fina.

— Sei... — olhou de lado, meio desconfiada — O cara dá arrepios!

— Deixa de bobagem, Tati. — sorri, já chegando ao meu cubículo que chamava de mesa — Ele é praticamente um poodle fofinho de pelo preto e macio. — brinquei.

— Está mais para um *pitbull* raivoso. — enquanto ela falava, Lucius se posicionou na lateral da entrada, próximo a minha mesa, com uma postura impecável. — Bom, agora vou para meu posto, se Elijah me ver conversando com você, perco o emprego e ainda ganho bronca do namorado...

— Espera... — fiquei chocada com a confissão que Elijah era seu namorado — Vocês estão namorando?

— Acho que deveria falar um pouco mais alto! — senti o sarcasmo misturado à felicidade em sua voz; uma felicidade que era refletida na pele, no sorriso e no brilho de seus olhos verdes. — No almoço conto mais.

— Tenho que ir à delegacia, mas podemos fazer isso e depois almoçar. Quer ir comigo, apenas apoio moral? — esbocei um sorriso de esperança — O que acha?

— Bom... — disse pensativa — Nunca entrei em uma delegacia, acho que vai ser excitante e chocante. Eu topo! — gargalhou, piscou para mim e foi para seu cantinho, perto da sala do nosso chefe.

— Adrenalina pura. — revirei os olhos.

Enquanto organizava a minha mesa, liguei o computador e o cheiro familiar de vadia invadiu as minhas narinas: Zoey, com seu jeito malicioso e desdenhoso de me olhar. Não que não fosse uma profissional conceituada, mas usava meios errados para conseguir o que queria. Ainda bem que ela não era da investigação, caso contrário a mataria, arrancaria a cabeça e cortaria a língua comprida,

mandando um pedaço para o Japão e outro para a Antártida. Se existia pessoa mais peçonhenta que ela, ainda estava para conhecer.

— O senador é mesmo bom de cama como dizem por aí? — perguntou e sentou na ponta da minha mesa.

— Não sei o que dizem por aí. — respondi com tranquilidade — Mas, o que sei é que minha vida pessoal não é da sua conta e, pelo amor de Deus... — fiz minha melhor cara de nojo — Vá tomar um banho, esse cheiro de puta está acabando com você.

— Hummm, sei... — arqueou a sobrancelha e me olhou de maneira debochada — Vá tomar no...

— Zoey! — ela não terminou de falar a famosa frase “vá tomar no cú” — Vamos? — Matt a chamou e, quando virei, ele não olhou para mim. Não era mais meu amigo e isso me deixava muito triste.

De repente uma suspeita veio à mente: e se foi ele que entrou no meu apartamento e furtou meu notebook? Mas não... Não o Matt que conhecia! Quer dizer, que um dia conheci. Não acreditei que seria capaz de tal coisa, mas pensando bem, poucas pessoas sabiam que eu mantinha as minhas pesquisas sobre Nathan em casa. Olhei para o loiro de olhos verdes acinzentados, com bolsas de olheiras escuras e me dei conta que ele não era mais meu amigo. Agora, Matt fazia parte da repartição dos homens magoados por não ter o amor correspondido.

— Matt... — murmurei, enquanto Zoey tirava a bunda de cima da minha mesa — Posso falar com você um minuto?

— Querido, — a forma como ela o chamou fez embrulhar meu estômago — a reportagem com o prefeito está marcada para as nove, temos que sair em meia hora.

— Um minuto? Certo! — disse levantando a mão para que ela parasse de falar. Isso me surpreendeu. E muito — Zoey, pode esperar na van, chego em cinco minutos.

— Certo! — retorceu a boca ao falar e saiu pisando duro, ele se aproximou da minha mesa.

— Oi...

— Oi! — respondeu seco — Já passaram vinte segundos, fale logo o que quer.

— Olha, — comecei, tentando buscar as palavras certas para falar — sei que ainda está magoado, eu disse umas coisas nada boas e você também... — respirei puxando todo o ar para os pulmões — Pretende continuar com a ideia de investigar a vida de Nathan?

— O que foi? — desdenhou; acho que estava aprendendo com Zoey isso de parecer um idiota — Está preocupada com o que posso achar sobre o seu namoradinho, é isso? Acha que apenas você pode investigar a vida dele? Sabe que também tenho diploma de jornalista, e pode ter certeza que vou jogar o nome dele na merda, como você queria fazer, antes de abrir suas pernas para ele.

— Matt...

— Matt é o caralho! — explodiu, chamou a atenção dos outros e de Lucius, que se não pedisse para permanecer onde estava com um simples aceno de mão, o teria partido em cinco — Vou foder a sua vida e a dele... — murmurou com ira — Ainda me veio com aquela conversa de não ser namorável, essa palavra nem existe!

— Então foi você, não foi? — perguntei exasperada, sem aumentar o tom de voz.

— Do que você está falando?

— Foi você que arrombou meu apartamento e roubou meu notebook.

— Lizzie, posso ser seja lá o que for, mas não sou ladrão e não aceito de maneira alguma ser chamado dessa forma. — respondeu visivelmente irritado, passou a mão no cabelo e no rosto de maneira agitada — Depois desse acontecimento, tenho certeza que será mais um motivo para que eu continue na sombra do seu namoradinho, e o mais longe de você.

— Só existe uma pessoa bastante puta da vida comigo para ter feito isso. — estiquei meu dedo, quase o esfregando em seu rosto — E essa pessoa é você!

— Não passa pela sua cabeça que seu namorado é um bandido e por isso tem vários inimigos? — e lá estava o grande “x” da questão. Matt estava com raiva de mim e não aceitava a rejeição, mas Nathan tinha inimigos dos quais não sabia como me proteger, e nem quando atacariam —

Acho que seu silêncio, responde as acusações que você fez, agora se me der licença, tenho um trabalho sério a fazer. — não tinha como rebater o que acabou de falar, a única coisa que poderia fazer era ficar calada e vê-lo sumir da minha frente.

Estava iniciando minhas pesquisas sobre as perspectivas do novo comércio exterior, como Nathan havia pedido, quando o telefone da minha mesa tocou e logo pressenti quem seria.

— Oi, Elijah! — atendi ao telefone no segundo toque.

— Quero a sua sombra na minha sala em menos de dois minutos, serei breve. — antes que pudesse dizer algo ele desligou o telefone.

Saí da minha mesa e segui para sala de Elijah, recordei minha manhã perfeita e, se melhorasse mais um pouco, estragaria. Tati, sempre com um sorriso estampado no rosto, esticou os polegares para mim, me desejando sorte quando passei por ela.

— Obrigada! — sussurrei, respirei fundo e abri a porta.

Elijah era um cara decente e era também o meu chefe. Tinha profundo respeito por ele, pois foi quem me deu a primeira oportunidade e acreditou no meu trabalho, mesmo sendo uma estagiária e sem qualquer preparação para fazer parte da equipe do The Poster. Ele construiu uma carreira promissora e ainda existem pessoas que se deixavam

enganar por seu sorriso carismático. Era obstinado no que queria.

— Sente... — estava de pé, de costas para mim, olhando a cidade. Eu meio que pisei em ovos e me sentei. — Você lembra quando chegou aqui?

— Sim! — respondi sem entender e o esperei falar mais alguma coisa.

— Quando olhei para você, — balançou a cabeça, ainda de costas para mim — disse a mim mesmo: “essa garota tem potencial, nunca levará desaforo para casa”. O mais engraçado é que nunca erro.

— Você quer dizer que errou comigo? — perguntei confusa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Não! — virou-se e olhou nos meus olhos — Estou dizendo que não me arrependo de ter dado uma oportunidade a você.

— Não estou entendendo, Elijah. — estava ficando impaciente, será que iria me demitir?

— Tatiane me falou sobre o que aconteceu no seu apartamento... — fez uma breve pausa, passou as mãos nos cabelos, que já estavam um pouco grisalhos, mas ainda assim parecia impecável. — Estou preocupado com você e receio que não seja seguro continuar no mesmo lugar. Talvez Isaäk já saiba que você pretende investigar o mundo dele. E, não sei...

— Elijah, — esbocei um sorriso, era muito bom saber que ele, que raramente demonstrava afeto, estava tão

preocupado — estou bem, vou me cuidar.

— Sabe Lizzie, não tenho filhos... — ele realmente estava se abrindo comigo — Mas, a considero como uma filha. Sei o que passou e quantos sapos teve que engolir para ser a jornalista incrível que é.

— Muito obrigada, Elijah — foi bom saber que meu círculo de amizades não estava restrito apenas à ausência que Matt havia deixado com seu ato impulsivo. Agora sabia que existiam pessoas que se importavam comigo.

— O Fox já sabe que você vai cutucar o leão com vara curta?

— Não! — confessei um pouco desconfortável — Mas, estou procurando um jeito de falar isso para ele.

— Lizzie... — Elijah se aproximou e sentou na ponta da mesa — Fox é o único que pode proteger você contra Markov. — respirou fundo e soltou o ar lentamente — Detesto admitir e você sabe que ele tem condições para fazer isso, mas é a pura verdade. Não quero você na próxima manchete, tachada como mais uma jornalista imprudente, que não soube fazer seu trabalho e acabou morta.

— E não estarei. — deu para notar que não acreditou nas minhas palavras, mas até eu não tinha certeza se elas eram verdadeiras.

— Vou precisar conversar com Fox?

— Não... — franzi o cenho, achei aquilo demais para seu estado paterno. — Acho que posso cuidar disso

sozinha.

— Certo! — falou formando uma linha fina e firme entre os lábios. — Agora pode ir.

— Obrigada! — levantei, fui em direção à porta e, quando a abria, ele disse:

— Se o Fox não cuidar bem de você, eu mesmo o mato.

— E se você não for bom para a minha amiga, eu mesma o castro. — sorri de maneira infantil, piscando várias vezes — Com uma faca bem cega...

— Pode deixar! — rebateu sorrindo. — Ela é meu segundo tesouro agora.

Sabia que Nathan cuidaria de mim, afinal, não desistira de mim, mesmo quando soube de tudo pelo que passei. Outra questão que precisava resolver, além de contar para Nathan sobre Isaäk, era a parte da minha irmã. Para isso, teria que comprar meu novo apartamento e ainda colocar na caneta e papel o valor que gastaria nas sessões com Ian Stevenson.

Ian Stevenson era o psicólogo que estava resolvendo o meu caso e tinha quase certeza que Nathan e ele eram amigos de longa data, a julgar pelos risinhos irônicos, que sempre pareciam esconder uma piada secreta entre eles. Era especialista no meu caso e estava satisfeita com ele; esperava que, em breve, pudesse ter mais do toque de Nathan sem que terminasse desmaiando. Ao menos, já conseguia receber os beijos do meu amado.

Capítulo 25



O dia foi fácil... Delegacia, almoço às pressas e trabalho que não acabava mais. Esse tinha sido meu dia: virado, pisado e surrado; estava um pouco irritada por causa da discussão com Matt e ainda tive que olhar para a cara daquela vaca da Zoey “cheiro de puta”. Quando chegou a hora de ir embora estava exausta, louca para tomar um banho e dormir. Porém, ainda havia a consulta com Ian. Assim que Gretha abriu a porta do carro para mim e deu seu sorriso incrível, me senti um pouco melhor. Adorava aquela mulher e, por mais que não conversássemos, ou tivéssemos um relacionamento de amizade, sentia muito carinho por ela.

— Liz! — cumprimentou e abriu a porta, não estava acostumada com aquilo e acho que nunca conseguiria.

— Gretha! — acenei sem graça e entrei no carro.

— Oi, meu doce...

— Oi... — falei simplesmente e fiquei calada por um tempo. Quando não suportou mais o silêncio, disse:

— Você está calada. — sua voz mostrou preocupação com meu silêncio — Aconteceu algo? — perguntou e sentou ao meu lado, enquanto Gretha dirigia com eficiência pelas ruas abarrotadas de outros carros.

— Hoje na redação tive um dia daqueles, comecei a pesquisar sobre as perspectivas do novo comércio exterior, saí para realizar uma entrevista com o cara que anda vestido de Mulher Maravilha e depois fui até a delegacia. O delegado disse que vai tentar descobrir quem invadiu o apartamento, mas para ele, isso parece ser apenas mais um caso de furto simples.

— Ele sabe quem é você? — falou irritado e o olhei sem entender o que queria dizer com aquilo.

— E por que ele deveria saber quem sou eu?

— Liz, meu doce. — respirou fundo antes de continuar, e pelo jeito o seu dia também não tinha sido nada bom. — Você é minha namorada, e a essa altura, o país inteiro sabe disso. Por isso, todos devem tratar você com respeito, presteza e estrita cordialidade.

— Sou sua namorada, apenas isso. — comecei mostrando calma — E seu trabalho não deve interferir na minha vida, isso inclui ser tratada como todo mundo. — rebati de cara fechada. Nathan devia achar que, só por que era sua namorada, as pessoas deveriam se jogar aos meus pés? Não aceitaria aquilo, não era o que queria para mim.

— Você não é apenas minha namorada. Você é mais que isso... — disse afrouxando o nó da gravata, retirando-a logo em seguida; deixou-a de lado e depois passou a mão no cabelo — Você é a mulher da minha vida, e quero que as pessoas a trate como uma rainha.

— Nathan! — fiquei sem saber o que falar. Ele era tão intenso que meu coração doía quando falava essas coisas — Isso é...

— Não precisa falar nada, meu doce. — Nathan de cabelo bagunçado, sem gravata e com os dois botões da camisa abertos, exibindo uma parte generosa de sua pele magnífica e com um olhar profundo, do tipo que alcança a alma, era praticamente irresistível. — Entendo que não esteja habituada com esse tipo de tratamento mais carinhoso.

— Não é isso. — reuni um pouco de coragem para pode falar — É que, às vezes, você é muito intenso, parece que vai arrancar meu coração quando fala essas coisas. Principalmente quando diz que sou mais que uma namorada, mesmo em tão pouco tempo.

— Não duvide... — sua voz ficou séria e mais grossa — Nem por um momento dos meus sentimentos por você. Isso acontece raramente entre duas pessoas que, apenas com um olhar, sabem que passarão o resto da vida um ao lado do outro.

— Você acha que é isso vai acontecer com nós dois? Que iremos passar o resto de nossas vidas juntos?

— Não acho... — sorriu e mostrou convicção no que dizia — Tenho certeza que vamos ficar juntos.

— Se você diz... — dei de ombros, me divertindo um pouco — Quem sou eu para dizer o contrário!

Quando chegamos ao consultório não estava mais nervosa. Algo em mim me fez querer ter mais coragem e seguir ainda mais em frente com o tratamento. E ficar curada. Era tudo o que mais queria. Às vezes, um passado pode estragar seu futuro, mas sempre existe a possibilidade de ter um novo começo para mudar e essa era minha escolha naquele momento: seguir e superar meu medo. Depois disso, enfrentaria as pessoas que me fizeram passar por todo aquele pesadelo para finalmente ter o amor de Nathan e minha irmã ao meu lado. Tudo ficaria perfeito.

Isso era o que eu pensava.

— Boa noite! — cumprimentou Ian e apontou as cadeiras para que sentássemos — Você está com a aparência um pouco cansada, Liz. Mas está diferente da última vez que a vi.

— Aconteceram inúmeras situações durante essa semana. — Nathan falou e cruzou as pernas, um pouco desconfortável. O jeito que Ian ficou mais sério me deixou intrigada e alerta com o comportamento dos dois; pareceu-me que estavam trocando informações apenas com o olhar e isso me irritou bastante. Qual era o problema daqueles dois em usar a boca para dialogar?

— Se quiserem dividir as informações que os dois pombinhos estão trocando com esse olhar, agradeço. — falei colocando todo meu sarcasmo para fora, não ficaria sem saber o que estava acontecendo. Não mesmo!

— Sua garota é boa, Nathan... — Ian sorriu ironicamente — Uma mulher muito observadora, por sinal.

— Ian... — o tom de alerta na voz de Nathan apenas acentuou a ironia no rosto de Ian, o que me deixou mais irritada — Faça seu trabalho e nada mais que isso.

— O que você quer dizer com isso, Nathan? — me virei e o encarei.

— Senhorita Radzimierski, não prenda sua atenção em algo tão insignificante, vamos começar nossa sessão. A propósito, o que está achando do processo? Fui informado que você foi mais persistente e pediu de livre vontade para ser tocada.

— Verdade! — voltei minha atenção para Ian — Não me senti mal como antes, acho que estou me saindo muito bem. Nathan vem se mostrando muito paciente comigo, e se não fosse por isso, não melhoraria.

— Certo! — disse Ian se posicionando próximo à poltrona — Vamos iniciar nossa sessão, estou muito entusiasmado sobre o tempo que você levará para ter uma vida mais livre.

— Você acha que vai dar certo? — perguntei sentindo um fio de esperança se tornar uma corda grossa e resistente.

— Lizzie... — afirmou com determinação — Não podemos ter certeza de nada, mas a julgar por sua determinação e pelo avanço que já podemos observar, acredito que veremos maiores resultados em breve.

— Espero que você esteja certo. — murmurei ao me sentar na poltrona.

— Tudo depende de você e da sua força de vontade. Hoje, vamos conversar sobre suas expectativas e o que quer dessa nova vida... Nathan... — Ian falou arqueando a sobancelha, para que ele entendesse que precisava sair da sala, mesmo contra sua vontade — Conversamos hoje e você concordou em aceitar minhas condições. Espero que não tenha esquecido.

— Não... — retrucou Nathan, um pouco aborrecido — Não esqueci! — completou e levantou para sair da sala, mas antes disse: — Cuide dela. Ela vale mais para mim do que você pode imaginar.

— Eu sei! — rebateu Stevenson acenando com a cabeça. Quando Nathan saiu me senti completamente sozinha.

— Lizzie... — Ian assumiu uma postura compenetrada, que o fazia ser o tipo de profissional que era — Quero que me diga: o que mais deseja?

— Ter uma vida...

— O que pretende alcançar para considerar que está tendo essa vida?

— Liberdade sobre meu corpo; acho que esse é o meu principal desejo.

— E como seria essa “liberdade” da qual você fala?

— Principalmente poder ser tocada...

— Por Nathan?

— Primeiro por mim e depois por ele, só por ele — soltei sem pensar e mesmo que tivesse pensado na

resposta antes de abrir a boca, aquela ainda seria a resposta a ser dada. Não havia outro homem na minha vida e apenas Nathan fazia com que me sentisse completa.

— Não acho saudável que queira somente o toque dele, seria muito mais saudável para você se conseguisse estabelecer um contato físico, mesmo que mínimo, com outras pessoas também, apenas por ocasiões do dia-a-dia, mas devo admitir que já estou confiante sobre as etapas do seu tratamento. No final, podemos esperar que você tenha uma vida tranquila ao lado de Nathan, assim como deseja.

— É isso que quero, Ian. — não queria ser tocada por outro homem. Meu corpo escolheu Nathan e sabia que não era só o meu corpo: minha mente, meu coração e minha alma tinham escolhido ele, nada mais mudaria isso.

— Tudo bem! — concordou, mas sabia que não por vontade própria. Nathan, com certeza, fez algo para que ele tenha aceitado meu caso, e mesmo assim não me importava. Talvez fosse esse o motivo dos olhares irônicos e a maneira que sorria para Nathan — Vamos falar um pouco mais sobre sua infância e sobre sua família. Tudo bem?

— Sim! — respondi, fechei os olhos e respirei fundo para poder começar a falar.

— Existia algo bom em conviver com sua família, mesmo com tudo que aconteceu?

— Os melhores momentos eram quando não havia ninguém em casa. Não tinha Teddy para ficar me olhando daquela maneira nojenta. Não tinha minha mãe para fingir

que se importava comigo, quando na verdade se importava somente com ela mesma. Só existia eu e minha irmã. Apenas nós duas.

— Pelo modo como fala de sua irmã, vocês parecem próximas. Você gosta da sua irmã, mesmo sabendo que ela é filha do seu agressor?

— Infelizmente estamos afastadas devido a tudo que me aconteceu, e isso não diminuiu o meu amor por ela. Sei que minha irmã não tem culpa do que houve, talvez seja tão vítima quanto eu. Não sei, mas não consigo vê-la como sendo parte dele; para mim, ela é a minha irmã, apenas isso. Minha irmã, que deixei sozinha com aqueles dois.

— Você diz que a deixou sozinha com os dois, isso lhe causa algum sentimento? Arrependimento, talvez?

— Não... Ela foi um dos motivos de eu ter saído de casa e começar a querer uma vida melhor. — falei, pensando no dia em que fugi de casa.

— Seu plano de uma nova vida a inclui? — perguntou com curiosidade.

— Sim, meu plano de vida é tirá-la daquela casa, e então morarmos juntas.

— E por que acha que ela vai escolher morar com você?

— Porque sei que ela nunca será como eles, que detesta aquele lugar. Porque ela é a única coisa boa que existe vindo dos dois e uma das coisas que mais quero é tê-la ao meu lado. No fundo, acredito que ela quer ficar

comigo. Fiz uma promessa de voltar e tirá-la de lá e vou cumprir com minha palavra.

O cheiro da comida estava ótimo, mesmo sendo pizza, e meu estômago entendia que a comida estava a maravilha dos deuses. Terminei de tomar meu banho e enrolei uma toalha no corpo e outra no cabelo; ao passar pela sala parei e apreciei a visão de Nathan, que tomava conta de todo o espaço da minha pequena cozinha. Ele estava sem camisa e com uma calça de flanela preta, se movimentando com elegância e firmeza. A cada movimento me deliciava ainda mais com seu corpo, me apaixonando ainda mais por ele.

— Peladinha e me olhando desse jeito... — ele sempre sabia quando o estava olhando — Sei não, hein... Vou começar a achar que você só quer meu corpinho gostoso. — falou com a cara mais safada que um homem pode ter, enquanto colocava um pote de sorvete na geladeira.

— Nunca passou pela minha cabeça possuir seu corpo, senhor Fox — debochei, observando que o sabor do sorvete era — Chocolate?!

— Chocolate. — a malícia com que pronunciou a palavra me deixou curiosa.

— O que você tem com sorvete de chocolate? O jeito como fala parece algo pervertido.

— Meu doce, imagine que... — começou a falar, vindo em minha direção — Você está nua e que só existem eu,

você, um pote de sorvete, uma colher e meu pau duro. O que acha que vamos fazer com o sorvete?

— Nãooo! — soltei um gritinho, arregalando os olhos para ele — Você só pode estar brincando!

— Ah... — mordeu o lábio maliciosamente — Posso brincar também e fazermos isso simultaneamente.

— Deus... — gemi quando chegou onde eu estava e tirou a toalha do meu cabelo — Vou acabar me tornando uma tarada e vai ser sua culpa.

— Assumo totalmente a culpa. — sussurrou e inclinou a cabeça para me beijar.

— Você não presta mesmo — me deixei levar pela maciez de sua boca, invadindo e tomando posse da minha língua, me deixando sem ar. Segurou meu rosto entre as mãos e foi me conduzindo até me encostar na parede, continuou segurando somente meu rosto. Mas, sabia que queria mais que apenas segurar meu rosto, então segurei a toalha e, com ele ainda me beijando, a deixei cair no chão.

— O que você está fazendo? — perguntou surpreso.

— Aceitando incluir alimento gelado em nossa vida sexual. — o queria, e não importava o jeito ou a forma, mesmo que incluísse algo que, com certeza, ficaria pegajoso depois.

— Você realmente entendeu o que eu quis dizer com relação a usar o sorvete? — sua respiração estava cada vez mais rápida, seu rosto mostrava que tinha medo que algo desse errado.

— Meu doce... — usei suas palavras a meu favor, com minha melhor voz sedutora — Passou quase um mês que estamos no tratamento, nos masturbamos tempo suficiente para uma vida inteira. Acho que tenho ideia para quem vai servir o sorvete, você só precisa me ensinar... — não me envergonharia e nem desistiria de desfrutar, de receber e dar prazer.

— É muito arriscado...

— Não é arriscado quando tenho certeza que quero fazer isso com você! — falei diminuindo o espaço entre nós dois, ficando colada ao seu corpo, completamente nua — E sei que você quer... — arrisquei passar o dedo, contornando sua ereção por cima do tecido da calça, o deixando sem reação — Sei que me quer, assim como desejo cada molécula do seu corpo.

— Eu... — falou reprimindo um gemido; deixou-o preso na garganta, fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Quando tomei a iniciativa de segurá-lo na minha mão, senti toda sua rigidez e magnitude.

Quando Nathan voltou a me olhar, havia tanta intensidade que consegui entender o que era todo aquele sentimento. Ele sentia o mesmo que eu... E isso me deixou ainda mais confiante e determinada a ser dele e ter o calor do seu corpo no meu, sentir o seu sabor, sentir seu cheiro delicioso. Acreditava no meu tratamento e acreditava no resultado que estava tendo. Algum tempo atrás, jamais tocaria em um homem da maneira que toquei Nathan,

absorvendo toda sua força e poder de amar, ou melhor, compartilhando a força e o poder do amor.

Vendo-o daquela forma percebi que era doce, mas ao mesmo tempo majestoso e imponente, como todo macho alfa deve ser. Eu estava deixando de ser uma mulher com defeitos, sendo consertada aos poucos, e ele era uma parte importante na minha vida. Uma parte que jamais apagaria, mesmo que escondesse algo de mim. Algo que poderia nos afastar, e, talvez até fugir dele.

— Você consegue sentir, meu amor? — permanecia parado na minha frente, sem se mexer ou fazer qualquer outra coisa — Consegue entender o quanto te amo?

Raramente falava que o amava, tudo isso era mais forte do que apenas um olhar ou um sorriso. Amar Nathan era como estar no céu e ir ao inferno em menos de trinta segundos, era um sentimento intenso, devastador e avassalador. Esse sentimento só me fazia sentir mais vontade de tê-lo todos os dias ao meu lado.

— Repete... — pediu, me olhando de maneira intensa, com aqueles olhos azuis mais perfeitos do mundo, onde sempre encontrava meu refúgio. — Repete que me ama.

— Eu te amo! — sorri ao repetir e olhei para ele da mesma forma, ainda o segurando firme em minha mão, até o maldito telefone tocar. Puta que pariu! Aí já era sacanagem com a minha cara.

— Merda! — resmungou — Tenho que atender... Harper — seu rosto desfigurou em raiva, sabia que não era

com raiva de mim e sim do tal Harper, que administrava suas casas noturnas e, mesmo sendo capaz de cuidar dos problemas, insistia em ligar para Nathan quase todas as noites. Isso o deixa muito irritado.

— Tudo bem... — ergui minha cabeça, ainda o tocando e beijei sua boca — Quando aceitei namorar você, sabia que isso me daria dores de cabeça mesmo! — brinquei e o liberei da minha mão — Podemos continuar quando terminar sua ligação. — pisquei e saí, sem me importar que estivesse nua.

Estava me tornando uma versão feminina de Nathan; em outras palavras, estava me tornando a mulher perfeita para meu homem perigoso. Vesti-me colocando apenas uma camiseta larga dele e nada mais, pude escutá-lo quase gritando ao telefone e, se eu fosse a outra pessoa, teria medo.

— Certo Harper! — disse friamente — Em cinco minutos estarei aí para resolver esse problema... Não... Classificaria isso como incompetência... — disse por fim e desligou o celular. Teria pena do tal Harper, eu disse que *teria*, mas *ele* estava tirando meu Nathan de mim, exatamente na noite que decidi ser mais ousada. Nathan estava visivelmente irritado com aquele telefonema, porém aquele era seu trabalho, e mesmo me matando por dentro, sabia que ele precisava resolver aquele problema — Meu doce, não quero deixar você sozinha aqui, vamos...

— Tudo bem... — abri meu melhor sorriso, disfarçando o que realmente sentia: frustração. — Não é tão tarde,

posso ligar para Tati! Ela não tinha programa marcado, já que Elijah trabalhará até tarde.

— Elijah e Tatiane? — perguntou surpreso.

— Longa história, depois, quando estiver com tempo, eu conto.

— Você tem certeza que não quer ir comigo?

— Tenho! — na verdade meus almoços com Tati estavam ficando cada vez mais rápidos e praticamente não tínhamos tempo para conversar, então a recompensaria. Teríamos uma noite apenas nós duas, fazendo coisas de garotas, quem sabe sair para tomar um drinque e conversar melhor sobre seu relacionamento com Elijah e o progresso dos dois.

— As duas podem ir, posso ficar perto de você, mesmo resolvendo os problemas da boate. — ofereceu com carinho. Nathan foi até o closet, pegou seu terno cor chumbo — Pegue isso! — disse retirando dois cartões do bolso interno com o nome “Heated Fox” em letras fortes e com uma raposa desenhada delicadamente, mas, ao mesmo tempo, agressiva na borda — Apresente na entrada e vocês entrarão facilmente.

— Liguei para ela primeiro, depois que confirmar, verei você, Fox. — o beijei, saí do quarto para poder telefonar e o deixei se vestindo.

— Não brinca! — gritou Tati do outro lado da linha, me forçando a afastar o celular da orelha, Nathan saiu às

pressas — Diz que eu não estou sonhado? — ela estava muito contente — Mentira! Se disser que estou sonhando, mato você. — falou e deu outra sequência de gritos. — Estamos falando da “Heated Fox”, porra!

— Sim, Tati! — também estava bem animada com a hipótese de me divertir ao seu lado; não estava lhe dando atenção suficiente, já que as sessões, o trabalho e o próprio Nathan me consumiam por completo. Era bom ter um tempo só para nós duas, assim fortaleceríamos o laço de amizade que tínhamos — Acha que fica pronta em quanto tempo?

— Já estou pronta! — enfatizou de maneira engraçada — “Heated Fox” cacete!!! Oh meu Deus! Liz? — fez uma pausa — Quero sua bunda branca em cinco minutos na frente da minha casa. Isso é uma ameaça! — definitivamente não era uma boa influência para ela e ri comigo mesma com a situação.

— Linguagem bonita para se usar... — Tati era o tipo de pessoa que você sempre queria por perto, mesmo que fosse para ficar em silêncio. Só quem tem uma amizade assim entende a conexão que existia entre nós duas.

— Fazer o quê? — desdenhou brincando — Apreendi com a melhor.

Capítulo 26



Quando desliguei corri para o closet e peguei o vestido que usei na noite em que fui entrevistar Nathan: o vestido vermelho com brilhos nas pontas. Fui rapidamente para o banheiro, joguei toda maquiagem que tinha sobre a pia, passei a base cobrindo as minhas sardas, contornei os olhos com sombra preta e muito rímel. Soltei meus cabelos ruivos, deixando-os cair sobre os ombros e passei o batom mais vermelho que tinha na minha frente. Estava começando a gostar da imagem no espelho, parecia mais decidida – não que não fosse antes –, e mais cheia de vida. Deixaria de lado a Lizzie do passado e me agarraria à Lizzie do futuro. Ao sair do banheiro, peguei meu celular e liguei para Nathan.

— Estou pronta! — avisei alegremente — Vou passar na casa da Tati e iremos de lá, está bem?

— Tudo bem, Lizzie — disse um pouco frio e isso não me agradou muito. Raramente me chamava de Lizzie, era sempre “meu doce” ou Liz. Havia algo errado e se o meu faro não estava me enganando, não era coisa boa.

— Tudo bem? — perguntei incerta se queria ouvir a verdade.

— Tudo! — sua voz realmente estava fria e distante — Preciso desligar. Vejo você daqui a pouco. — e assim o fez, desligou o telefone e fiquei com cara de merda boiando na água. Não desmarquei o programa com Tati porque ela estava muito feliz com a ideia de ir para a Heated Fox, caso contrário, nem meu pensamento chegaria lá. Decidida a não ser teimosa e ficar pensando bobagens, coloquei o salto vermelho que me deixava ainda mais sensual e com a bunda empinada, imaginei que ele poderia estar passando por algo complicado e não queria misturar as coisas, ou demonstrar qualquer tipo de fraqueza perto de outras pessoas.

Olhei a bolsa de mão preta e a lembrança de Matt me veio na mente, ganhei a bolsa na noite em que fomos entrevistar Nathan. Mas, aquele não era o momento certo para lembrar-me dele; estava prestes a me divertir e a lembrança de Matt não iria assombrar minha noite. Coloquei meu celular dentro da bolsa, junto com o batom e outras coisas, alisei o tecido do vestido no meu quadril, dei uma última olhada no espelho e observei o quanto meu rosto estava mais cheio e mais rosado. Respirei profundamente, soltei o ar bem devagar e me animei mais um pouco; parecia mais viva, não a *noiva cadáver* que se olhava todos os dias antes de ir trabalhar e se isolava em casa.

Ao fechar todas as portas, como de costume, senti o celular vibrar na bolsa. Olhei o visor e vi que era um número diferente. Para minha surpresa, uma voz feminina tão conhecida me fez sorrir.

— Oi Liz, seja uma boa cunhada e desça. — disse divertida, mas algo estranho estava na voz dela.

— Tudo bem... — disse deixando de lado aquela sensação de que algo errado aconteceria naquela noite — Dois minutos.

Gretha estava parada ao lado da porta, usando seu habitual terninho preto, que a deixava ainda mais profissional. A cada dia, a achava mais parecida com Nathan, e sua postura acentuava as características mais evidentes entre eles. Fiquei me perguntando, enquanto a observava de longe, se tinha namorado ou namorada, marido ou esposa. Vai saber, né?! O mundo é tão aberto a opções, que toda forma de amor é válida. O importante é amar e ser amado.

— Você será a salvação dele essa noite. — disse quando cheguei perto — A coisa não está boa... — opa! A cunhada dos meus sonhos entregou o ouro e nem precisei persuadi-la para falar — Não posso falar mais nada! — disse entendendo o meu olhar. Tinha que me conformar com a pouca informação. O humor de Nathan parecia não estar muito bom, e eu iria descobrir o motivo naquela noite.

A noite não estava fria, mas estaria ainda mais agradável se não fosse a sensação térmica de -100°C que se formava na minha barriga. Acho que era a expectativa pelo modo como me tratou, e aquela maneira foi apenas um reflexo do momento que estava passando. Na última vez que fui naquela boate o encontrei lindo e dono de si,

enquanto eu não me sentia desse mundo. Bastou o olhar que meu subconsciente registrou e soube que seria dele.

A fila para entrar na Heated Fox dava várias voltas. Muitas mulheres usavam roupas que mais pareciam *band-aids*, todos falavam alto de como era badalada a casa noturna e me encaminhei para a entrada, com Tati ao meu lado, catatônica. A imagem da minha amiga emocionada por ter sido convidada para uma das boates mais caras e mais faladas de Nova Iorque, era praticamente cômica. Porém, ela estava feliz, e isso me deixou feliz também.

O galpão da Heated Fox estava começando a parecer mais amistoso aos meus olhos e eu sabia o porquê disso. Porque aquilo fazia parte do mundo de Nathan e tudo que fazia parte do seu mundo me interessava. Cheguei à entrada e apresentei os dois cartões com o nome da boate. A música abafada que saía de dentro deu uma dica de como seria a noite, e, pela primeira vez, me jogaria na pista e dançaria como uma louca, mesmo que não soubesse dançar muito bem.

Percebi que todos na fila olhavam para mim, mas dessa vez entendia o motivo: o simples fato de ser a namorada do dono. Dois seguranças negros enormes, com cara de quem comeu jiló, faziam a segurança da entrada ao lado de uma recepcionista negra com cabelos *black power* perfeitos, que estava vestindo uma blusa branca de mangas, calça de linho azul-marinho boca de sino e saltos com brilhos nas tiras. Lembrava-me dela perfeitamente, mas em vez de um olhar irritado como da outra vez, abriu um

sorriso e mostrou todos os seus dentes brancos, que contrastavam com sua boca marcada por um batom roxo.

— Boa noite, senhorita Radzimierski — acenou educadamente para mim e para Tati, que estava parecendo aqueles *emojicons* chorosos; deu até vontade de rir da cara que fazia — Você e sua amiga ficarão na área privativa do bar.

— Muito obrigada! — sorri e puxei Tati pelo braço — Tati, você está bem?

— Você só pode estar louca... — assim que entramos ela parou na porta — CA-RA-LHO... — dava para entender o que estava sentindo. A boate era ampla e com decoração parecida com a de um teatro, na parte de cima ficavam os camarotes, se assim poderia ser comparada.

— Jason Derülo? Want To Want Me! — falou em êxtase.

— Jason quem? Do que você está falando? — perguntei arqueando a sobrancelha, pois não fazia a mínima ideia quem era esse tal de Jason sei lá o quê.

— Vou desculpar você só por essa noite. — disse fingindo estar ofendida — Preciso de tequila!!! — gritou. Aquele ser fofinho e meigo mudou completamente: estava possuída pelo demônio do rebolado. Deus! Ela estava louca! — É uma mulher naquele tecido?

— É! — respondi contendo o riso.

— Maluco... A mulher é doida! — Tati parecia estar em um parque de diversões — Por que você está me olhando

assim?

— Ah... — dei de ombros e passei pelas mesas — Só estou achando você surtada, mas só um pouquinho!

— Você não tem ideia de como é difícil entrar nessa espelunca, filha. — tive que rir. A boate, com toda certeza, não parecia uma espelunca. — Senti inveja quando veio entrevistar o senhor Fox fodão. Mas, é claro que não ia te contar isso. *Putá merda! Aquela mulher vai cair!* — Tati quase gritou, quando em uma parte da performance, a moça deslizou rapidamente pelo tecido, quase tocando o chão.

— Entendi, só não surta. — brinquei e passei ao lado da pista de dança lotada e olhei para cima, na esperança de ver a sala que tinha vista privilegiada do ambiente, mas me deparei com vidros escuros.

— Procurando ele? — perguntou me tirando a concentração.

— Tá tão na cara assim?

— Não... — respondeu sarcástica — Só está estampado em letras enormes no meio da sua testa.

— Droga!

— É... — suspirou profundamente quando chegamos à área privativa — Entendo o que você quer dizer com “droga”.

— Boa noite! — disse a *bartender* de cabelos cacheados afro. Uma mulher muito bonita e de corpo escultural, vi na plaqueta que seu nome era Gabriela. Alta,

boca carnuda e de postura profissional, gostei dela assim que abriu o sorriso em nossa direção — Hoje está tudo por conta da casa, com os cumprimentos do senhor Fox. O que vão querer? — perguntou simpática.

— Oh! Adoro! Vantagens de ter uma amiga que namora o dono da espelunca. Quero tequila. — Tati apressou-se em responder — E de preferência a garrafa cheia, por favor.

— Tudo bem! — acenou Gabriela e saiu para pegar a nossa garrafa de tequila.

— Tati, você tem certeza que quer beber logo tequila?

— Tequila é vida... A bebida perfeita para esta noite!

— Vou avisando que não sou do tipo que aprecia tequila. A bebida não me ajuda muito.

— Pode deixar... — disse piscando — Bebo por nós duas. Hoje teremos a noite perfeita e você vai beber nem que seja um pouco.

— Vamos! — falei mais animada.

Isso era o que eu pensava.

A cada cinco minutos, uma garrafinha de água chegava à nossa mesa; não era *expert* em como se deve beber, mas tinha certeza que Tati já havia passado da conta. Minha experiência com a tequila foi de amor ao primeiro gole; apesar de ter descido quase rasgando minha garganta, adorei como o gosto ficou na boca. Tati, sozinha,

bebeu mais da metade da garrafa de tequila e estava doidona.

A área privativa era mais reservada; apesar da visão que tínhamos da pista ser privilegiada, de onde estávamos também se podia observar a sala em que tinha entrevistado Nathan e os camarotes. Nos meus planos, minha prioridade era me divertir, não que não estivesse me divertindo, mas precisava tomar conta da loira de cabelos cor de ouro, olhos verdes e bochechas vermelhas, que não parava de falar das maneiras que imaginava como Elijah a tomaria pela primeira vez, o que me deixou surpresa por eles começarem o namoro no mesmo período que Nathan e eu. Estava ficando constrangedor até para mim, que estava me tornando uma cópia de Nathan; hora eu era a safada, hora era ele que me mostrava que, apenas com um olhar, era possível chegar a um orgasmo. Havia noites, em que ele não estava comigo, que eu tinha “quase” pesadelos. Pesadelos eróticos, com ele me possuindo das formas mais intensas e de um jeito que me deixava ainda mais maluca. O imaginar nu, com toda aquela força, tocando meu corpo... Apenas o pensamento de ser lambida ou chupada... Era torturante.

— Eu... — Tati disse com a língua já enrolando e falando engraçado — Adoraria ver ele... — gesticulou com as mãos, formando as curvas imaginárias — Pelado... Todo durinho... Acho que deve ser beeem grosso! — ficou ainda mais vermelha — Grosso... Grande e gostoso, a julgar pelo tamanho do homem. E que homem! — riu mordendo os lábios, eu tive que me segurar para não rir do jeito alucinado

dela — Ou melhor... O ver de pau duro, dizendo “vem meu *cupcake*! Vou te comer todinha”... — não aguentei e gargalhei da forma quase indecente que ela falava.

Nunca a tinha visto daquela forma, mas deu para perceber o quanto queria muito Elijah, e de todas as formas possíveis.

— E por que você não diz isso a ele? — abafei o riso e de uma única vez, tomei a tequila que estava há décadas no copo — Quem sabe ele faz uma coisa melhor do que chamar você de “*cupcake*”?

— E se ele, lá na hora... — fez um muxoxo e depois torceu o nariz — Você sabe... — deu de ombros e movimentou as mãos sobre o seu corpo — Não sentir que está no clima?

— Não acredito que está preocupada com isso! — realmente estava incrédula com a falta de confiança dela sobre si — Ele ama você e, me desculpe, mas se ele não quisesse namorar você, estaria sozinho. — quando falei isso, Tati deixou os ombros caírem pesadamente e ficou com o rosto um pouco triste — Ei... — segurei sua mão, passando mais confiança e força para ela — Será lindo! — dei meu sorriso mais sincero, pois era verdade, conhecia Elijah e sabia muito bem que a faria muito feliz — Vai se sair bem. Você o ama... Ele a ama e é assim que as coisas funcionam.

— Isso mesmo! — disse mais confiante — Vou ser seu *cupcake* gostoso e vou trepar tanto que ele vai precisar de

uma semana para se recuperar. — a bebida não estava fazendo muito bem para ela.

Eu ria a cada segundo e isso estava me tirando um pouco a preocupação sobre Nathan. Ainda assim, a cada minuto que se passava, mais nervosa ficava; me peguei várias vezes olhando para a escada de acesso aos camarotes e que também levava até sua sala.

— Vou subir naquele tecido. — Tati levantou da mesa com o olhar determinado, mais bêbada que nunca. Ela recusou todas as vezes que o garçom trouxe uma garrafa com água, ou algum petisco; apenas bebeu e mais nada.

— Não! Você não vai! — tentei persuadi-la.

— Vou sim... — caminhou decidida para o cordão de acesso à pista e, antes que eu pudesse reagir, passou pela segurança do tamanho da muralha da China.

Quando fiz menção de ir atrás dela, uma moça alta, de cabelos pretos presos em um rabo de cavalo, vestida em um terninho preto justo ao seu corpo, me barrou. Tinha os traços menos femininos e as orelhas um pouco desgastadas, acho que passou muito tempo praticando algum tipo de arte marcial. E, assim como a maioria dos outros funcionários, era negra e apesar da cara de má, ainda tinha delicadeza.

— Senhorita Radzimierski... — Deus! A voz da mulher era mais grossa que a de Nathan! — O senhor Fox deseja que permaneça na área privativa. Hoje sou eu quem vai guardá-la, Lucius foi requisitado para essa noite pelo senhor

Fox. — Oi? Como assim ele queria que eu ficasse olhando minha amiga tentar acabar com sua dignidade subindo naquele tecido? — Estou apenas cumprindo ordens. — filho de uma puta! Quem ele achava que era? Por tinha que ficar presa ali? Não, não ficaria nem mais um segundo ali, vendo Tati praticamente se estatelar.

— Só um minutinho. — me afastei para pegar minha bolsa e a de Tati, tirei o celular da bolsa e liguei para a única pessoa que poderia me ajudar naquele momento, e a única para quem não queria ligar: Elijah... Tati não me perdoaria por chamá-lo, porque a veria daquela forma. Desbloqueei a tela, deslizei meu dedo até chegar ao seu número e liguei.

— Lizzie? — estava com uma voz de sono, misturada com espanto e preocupação — O que houve? Você está bem?

— Oi, Elijah... — estava sem graça, mas era um caso de vida ou morte — Preciso da sua ajuda. — contei brevemente o que aconteceu, ocultando as partes do “cupcake gostoso”.

— Isso eu quero ver! — fiquei surpresa com sua voz, ele parecia achar aquela situação engraçada.

— Ah... Meu Deus! — quase gritei, quando Tati se pendurou completamente no pedaço de tecido, desequilibrando a acrobata que, com muita paciência, desceu e ficou ao seu lado, esperando alguém tomar providências para retirá-la dali. — Você tem dez minutos, ou ela vai achar que é o Homem-Aranha.

— Certo! — riu — Em dez minutos estarei aí... — fez uma pequena pausa, antes de desligar — Mas, como é que entrarei?

— Vou falar com a *Arnold Schwarzenegger* de saias que está aqui na minha frente. — olhei para mulher que estava apenas seguindo as ordens do senhor Fox.

— *Arnold Schwarzenegger* de saias?

— A segurança da boate, lembra? — expliquei.

— Chego já! — desligou o telefone.

— Olha... — puxei toda paciência que existia em mim, que era muito... Muito pouca e falei: — Sabe aquela moça ali? — apontei para Tati, que tinha chamado a atenção de todos e estava sendo aplaudida — O namorado dela vem buscá-la e precisa de autorização para entrar.

— Tudo bem... — disse olhando na direção que apontei — Qual o nome dele?

— Elijah Aiden Hunter. — respondi — Sabe... Tipo assim, ele é do tamanho de uma montanha e parece com aqueles lenhadores sexys das revistas masculinas.

— Só preciso saber o nome, senhorita Radzimierski. — rebateu de forma dura, sem mostrar qualquer sinal de fraqueza — Byonda... — segurou um fio que levava até a orelha — Inclua na lista Elijah Aiden Hunter... Certo. Obrigada. — porra! Qual era o problema daquela mulher sair e ir até lá? Tinha que usar um comunicador?

— Posso ao menos ir ao banheiro? — tentei colocar a melhor cara de inocente, mas não estava funcionando.

— Segunda porta à esquerda. — seus olhos eram pretos. Olhos de quem era esperta e não se deixava enganar por qualquer um. — Vou acompanhá-la.

— E o que mais? — o sarcasmo e a irritação na minha voz mostravam que não estava para aquelas frescuras. — Enxugará as últimas gotinhas também?

— Se for necessário, limpo até outros lugares... — debochou, mesmo com o ar profissional — Você pode andar por toda a área privativa, desde que se mantenha bem no meu campo de visão. — esboçou um sorriso que mais parecia uma careta.

— Jesus! — resmunguei e fui para o banheiro.

Nathan, com toda certeza, informou que eu era um pouco geniosa e que de alguma forma, se a noite não estivesse boa, iria atrás dele. Mesmo estando acompanhada, ou quase isso, não tinha com que me preocupar, Elijah levaria Tati para sua casa e depois eu entregaria sua bolsa. Mas, para aquela noite terminar bem, precisava ver Nathan e saber o que havia de errado com ele; aquilo estava me incomodando a noite toda e, mesmo que estivesse me divertindo com minha amiga, todo meu pensamento estava com ele e era com ele que queria estar.

A caminho do banheiro, um garçom que levava uma bandeja com martinis estava passando bem ao meu lado e fiz questão de esbarrar nele de uma forma que todas as bebidas caíssem sobre ela. Vi o quanto ficou furiosa. Toda bebida caiu sobre ela, ensopando seu terno e a deixando puta da vida. Eu precisava sair dali e encontrar Nathan, ele

havia me tratado de um modo estranho e colocou uma quase *Ronda Rousey* na minha cola.

— Ops! — coloquei minha cara mais deslavada e sem escrúpulos. Não tinha como correr com os saltos e, em menos de três segundos, os tirei e corri. Na área privativa havia uma parede de vidro e por ela descia água, quase como uma cascata, mas era apenas uma parede central, com as laterais de livre acesso a qualquer lugar da boate. Sempre fui boa em esportes – especificando melhor, sempre fui boa nas corridas e saltos –, e correr não seria tão difícil assim. Ela era grande, mas eu tinha a vantagem de ser leve. A boate estava cheia, então resolvi passar pelas laterais, evitando o aglomerado de pessoas.

Subi as escadas e não foi difícil identificar sua sala, lembrava perfeitamente do corredor e da porta. Se ele não estivesse lá, estaria na sala do tal Harper e mesmo que não soubesse onde ficava, a encontraria. Coloquei novamente os saltos e andei apressada, antes que me pegassem e me isolassem novamente na bolha de proteção de Nathan “O Fodão” Fox.

Preferia não ter aberto aquela porta!

Preferia não ter sido tão precipitada!

Preferia não ter feito nada e ficado no meu canto!

A imagem que tive de Nathan me deu a certeza de que aquele não era o homem que conheci. Aquele era outro Nathan.

— Nathan! Não! — gritei quando vi o que havia acabado de fazer, mas era tarde.

Capítulo 27



Vi o homem da minha vida de uma maneira que nunca passou em minha mente. O rosto, que antes era de puro amor e puro desejo por mim, agora estava desfigurado pelo ódio e pela insensibilidade. Não era meu Nathan... Era um homem com o olhar frio, completamente implacável... ASSASSINO.

Estava com a arma apontada para o homem que havia acabado de matar, com três tiros seguidos. Sua postura era de alguém que tinha prática em fazer tal serviço, o que me deixou ainda mais perplexa pela naturalidade com que executou o homem de cabelos pretos, rechonchudo e de estatura baixa. Percebi que seus músculos, mesmo por baixo das camadas do tecido, estavam rígidos e que os seus ombros também estavam tensos. Porém, aquilo pareceu algo tão simples para ele. Não conseguia controlar meus pensamentos, ou minhas ações, quando estava perto dele, mas naquele momento... Meu coração partiu. No fundo, não queria aceitar o fato de ele ser algo que não apenas o Nathan que eu amava.

Desde o início, sabia que estava me envolvendo com alguém perigoso. As células do meu corpo sentiam o perigo, porém era ao seu lado que essas mesmas malditas células

queriam estar. Até a minha alma queria ser dele... Nathan estava parado – quase em transe –, completamente brutal no seu modo de agir, sua boca tinha uma linha rígida, demonstrando o quanto era destemido. Mas, quando percebeu minha presença, tudo mudou... Menos o medo que crescia dentro de mim.

— Liz... — disse em choque, se virou para andar até minha direção, ainda segurando a arma, mas recuei. Das sombras saiu Gretha, com um olhar apreensivo, o que me deixou ainda mais chocada. Não conseguia acreditar, mesmo que estivesse vendo toda a situação. Era demais para mim.

Se aquele era seu segredo, um assassino a sangue-frio, não teria estômago para ficar parada o olhando tirar vidas, fosse ela a mais insignificante do mundo.

Isso era o que eu pensava.

— Lizzie... — o tom de voz de Gretha era baixo, como se eu fosse um animal acuado, e era isso que eu era naquele momento. Um animal acuado, que tinha acabado de presenciar a morte de um homem — Preciso que você fique calma e nos deixe explicar.

— Liz, meu doce... — quando me chamou de meu doce, nada mudou dentro de mim, sabia que precisava fugir dali, não queria fazer parte de uma coisa como aquela — não...

— E-e-u... — gaguejei — Não consigo, Nathan! — senti as lágrimas quentes descerem pelo meu rosto — Isso

é demais... — me virei para ir embora, mas em menos de meio segundo ele estava do meu lado, segurando meu braço. Um toque tão conhecido e tão bem recebido, entretanto, não ficaria ali, naquela sala com dois assassinos e um cara morto.

— Não fuja... — sua voz era doce. Tão doce, que contradizia com o rosto impetuoso de quem acabara de matar um homem — Posso explicar tudo! — era tarde para explicações, não as queria, fossem elas minimamente aceitáveis. Livrei-me do seu toque, incapaz de fazer outra coisa a não ser correr. Correr para bem longe daquilo. Tudo que consegui ouvir, antes de disparar pelo corredor e descer as escadas da Heated Fox foi: “deixe-a ir...”. E assim ele fez.

Cada passo que eu dava, enquanto corria, sentia o efeito de correr com salto alto. Todos os meus músculos estavam rígidos e doloridos, com a sensação de que meus tendões estavam se rasgando; era insuportável a dor de correr daquela forma. Normalmente, gostava da cidade de Nova Iorque, mas naquela noite, tive uma surpresa. Algo que mudaria meu modo de pensar e sentir as coisas, ou até mesmo de amar. A noite parecia ter esfriado mais, o que deixou o clima abafado, dificultando ainda mais a respiração. Como sempre, as pessoas estavam indiferentes: cada uma vivendo em seu mundo de faz-de-contas, enquanto eu... Sofria por ter presenciado o homem que eu amava agir de uma forma tão bruta e carregada de ódio.

Me senti tão perdida, que sequer fazia ideia para onde estava indo, ou para que lado ficava a direção do meu apartamento. O celular estava descarregado, e de repente me vi em um beco escuro, ouvindo apenas o gotejar da água em algum canto, com o cheiro de musgo que vinha dos esgotos. Uma mulher de salto e vestido curto em um beco escuro! Isso não podia terminar bem, não quando se tem a sensação de que alguém está seguindo a sua sombra. Se eu soubesse que essa sensação era pior do que ver Nathan apontando e disparando uma arma para a cabeça de um homem, teria ficado no meu canto.

— Delícia! — alguém gritou de longe, com a voz abafada por algo. O medo percorreu toda minha espinha, e posso dizer com categoria que não existia nenhum pelo do meu corpo que não estivesse eriçado, sentindo o perigo.

O medo!

O que uma mulher faria em um beco escuro, com um cara a seguindo, se não seguir o instinto de correr para longe do perigo? Foi exatamente o que fiz, joguei os saltos para longe e corri. Porém, o homem que me seguia também correu para me pegar. Se o desgraçado de um vidro quebrado não estivesse no meu caminho e se não tivesse cortado meu pé, estaria a quilômetros de distância dele. Mancando, ainda tentei inutilmente correr, mas fui pega e jogada com toda a força contra a parede de um prédio qualquer; bati forte a cabeça e caí no chão. Recebi um forte golpe e foi praticamente de alguém profissional, pois o joelho foi direto para o meu estômago, fazendo com que as

lágrimas saíssem ainda mais penosas e meus olhos ardessem. A pessoa era grande e forte e senti que aquilo não terminaria bem.

— Quem disse que era para você correr, sua vadia? — ele gritava — Vou te ensinar que não se deve andar sozinha. — desdenhou com uma risada fria cheia de rancor. Sua voz estava abafada, o que a deixou mais rouca e profunda. O jeito como me chamou de vadia... Deus... Aquilo me deixou em pânico! Quando se aproximou mais, senti um soco direto no rosto e não tive como me livrar, a dor da joelhada ainda percorria meu corpo e me deixou impossibilitada de reagir. Não conseguia ver seu rosto e nem prestar atenção em seu cheiro. Estava ficando cada vez mais difícil aceitar o que estava me acontecendo.

Ele deu o primeiro, segundo, terceiro, quarto e o quinto socos, já não sabia mais o que era dor, ou o que era apenas alucinação. Estava quase tudo ficando escuro, pude sentir o gosto ferroso do sangue, mas ainda deu tempo de ver o que queria fazer comigo, quando se posicionou no meio das minhas pernas e fez a coisa que mais temia. Apaguei... Mesmo querendo ficar e lutar para me proteger, aquilo que me fez reviver momentos de horror e completo desespero. Era tarde para lutar.

Tudo doía!

Tudo estava diferente!

Tudo havia mudado dentro de mim!

Sabia o que tinha acontecido, só não queria aceitar que tudo de errado tinha acontecido em uma única noite. Sempre sofri, sempre fui pisada e subestimada no passado, toda minha infância foi de sofrimento e dor... Dor por não poder me defender, ou proteger minha irmã, e agora tinha sido violentada. O cheiro de hospital chegou ao meu nariz, assim como o cheiro dele... Meu Nathan! Queria abrir os olhos, mas não conseguia... Pude sentir que estavam inchados, a dor ainda estava lá; não era apenas a dor do estupro, era também a dor de não ter sido capaz de me defender.

— Nathan... — minha voz saiu fraca, sentia a presença dele, mas não tive retorno ou esboço de qualquer reação sua — Nathan... — queria chorar, queria lavar meu corpo, se possível arrancar toda a pele. Sentia-me suja! Completamente suja! — Fala comigo... — um soluço saiu junto com as lágrimas, que fizeram meus olhos doloridos arderem.

— Eu... — sua voz estava carregada de raiva, mas não estava alterada — Vou matar esse desgraçado! — o tom impetuoso me fez lembrar a maneira que havia tirado a vida de um homem, sem o menor remorso — Juro por Deus que ele vai se arrepender do dia em que nasceu. — o calor das suas mãos envolveu a minha.

— Me desculpa! — pedi com a voz falha.

— Não precisa pedir desculpa por algo que não fez, meu doce — e lá estava novamente a voz do homem que fazia meu corpo reagir e parecia algo tão errado. Tão contra

a ordem natural das coisas; me puni internamente por sentir o desejo de querer seu toque.

— Eu... — mas nada de coerente podia sair da minha boca naquele momento, a dor estava voltando com força total, sabia que precisava de algo para passar a dor. Seu cheiro ficou mais intenso, soube que estava se aproximando ainda mais de mim.

Com um beijo, Nathan fez todo meu corpo se remexer, não de prazer. Sempre gostei dos seus beijos, mesmo que na maioria das vezes me fizessem desmaiar. Porém, naquele momento, não era somente isso que queria... Queria que me abraçasse com força. Apenas isso: um abraço.

— Você vai se recuperar logo. — disse contornado meu queixo com seu polegar — E quando isso acontecer...

— Senhor Fox? — uma voz feminina, com tom calmo, o chamou — Tem dois detetives do FBI do lado de fora, querem falar com vocês. — Oh meus Deus! E se não fosse por causa do estupro, se fosse por terem descoberto o que Nathan fez? Pude ouvir minha respiração ruidosa, com a preocupação de que algo pudesse acontecer com Nathan. Estava praticamente quebrada em cima de uma cama, sem poder fazer nada.

Mas, oras... O que poderia fazer afinal, se ele estivesse passando por algo? Estava inválida, com os olhos do tamanho de uma melancia e o pé cortado por aquele vidro dos quintos dos infernos. Se aquele vidro não estivesse no meio do caminho... Teria conseguido, sei que

teria conseguido me defender. Meu soco de direita era melhor do que um taco de beisebol, minhas pernas eram mais rápidas do que as do *Usain Bolt*: teria conseguido.

— Pode deixar que entrem. — Nathan pediu calmamente. Mais calmo do que o de costume.

— Nathan! — senti o pânico — E se...

— Não se preocupe... — ainda segurava minha mão, acariciando com ternura — Não é por minha causa que vieram.

— Boa tarde, senhor Fox. — aquela voz eu já conhecia, era a da policial que atendeu ao chamado no dia em que o meu apartamento foi assaltado. Eles eram do FBI? — Queremos colher o depoimento da senhorita Radzimierski, se estiver melhor, é claro.

— Sim. — respondi antes que Nathan abrisse a boca para falar por mim — Estou... — respirei fundo antes de terminar — Quer dizer, posso responder as suas perguntas. — precisava tomar cuidado com o que falaria, pois se algo estivesse fora do lugar, complicaria a vida de Nathan.

A vontade de protegê-lo era mais forte do que o pânico que senti naquela noite... Mas, se agora era de tarde, então quantos dias tinham se passado? Não fazia a mínima ideia.

— Senhorita, a última vez em que nos encontramos foi por causa do furto que ocorreu no seu apartamento. Como vê, agora somos do FBI e esse é o nosso primeiro caso, devido à importância... Sua importância — temperou a garganta antes de continuar. — Sei que pode não agradar,

mas você lembra algo que possa identificar o responsável pelo que aconteceu?

— Não! — me forcei a abrir os olhos, porém as únicas coisas que conseguia enxergar eram imagens embaçadas — Ele era grande, forte e tinha a voz abafada por algo, acho que isso não ajuda muito.

— Nenhuma parte do corpo dele? — perguntou a voz de trovão, aquela eu também conhecia. Então os dois tinham subido de nível?

— Senhor Murdok, — fui bem direta — acho que o senhor não prestou muita atenção no meu rosto. Eu estava muito ocupada, sendo socada e estuprada, para poder prestar atenção em qualquer detalhe que possa ajudar na investigação... Acho que o senhor não sabe a sensação de ser violado desta maneira, sabe?

— Não... Não sei, senhorita... — respondeu.

— Me desculpe por isso. — falou Isabella Lackin. — Murdok não é muito sensível.

— E sem cérebro também. — soltei ainda irritada.

— A equipe forense ainda não conseguiu achar nada que possa ser usado como meio de descobrir quem fez isso. Mas, tenho esperanças de que em breve teremos boas notícias, estamos com a melhor equipe forense do estado. — a convicção na voz dela me fez acreditar que a justiça ainda existia e que o monstro que fez aquilo comigo seria pego. Isso se Nathan não o achasse antes.

Naquele momento não importava mais que ele fosse assassino, queria justiça, e de preferência com o sangue do desgraçado pintando as paredes de um beco qualquer, depois de uma boa surra. Queria justiça e, se não conseguisse pelos meios certos, não iria me opor ao uso de meios mais violentos.

— Sei que farão o melhor trabalho possível. — disse Nathan tirando as mãos da minha — Acho que ela já se esforçou o suficiente por hoje, está a mais de dois dias sedada... — dois dias? Aquele filho de uma cadela me pagaria, fosse quem fosse.

— Melhores, senhorita Radzimierski — desejou a agente com o tom de voz mais gentil — Em breve, traremos notícias sobre o andamento das investigações.

— Tenho certeza que sim... — falei um pouco cansada — Obrigada! — e escutei a porta do quarto sendo fechada.

Depois de um silêncio quase cruel, ouvi Nathan suspirar pesadamente.

— Tudo isso foi culpa minha...

— Não foi culpa sua. A culpa foi minha, por não conseguir ficar quieta no meu canto.

— Se você ficasse quieta no seu canto e não gostasse de xeretar as coisas, — sua voz era como música para meus ouvidos — Não seria você.

— Me sinto tão suja... — confessei segurando o choro o máximo possível.

— Não! — falou incisivamente — Não se sinta assim.

— Mas eu me sinto... — continuei — Não me sinto digna do seu amor. Não agora, depois de tudo o que aconteceu!

— Deus! — quase berrou, porém se conteve — De que diabos você está falando?

— Eu... — engoli em seco, aquilo doía demais dentro de mim — Acho que não mereço você, não sirvo mais...

— Isso é ridículo, Lizzie!

— Você não deveria me querer, não depois de outro cara ter abusado de mim, me deixando suja.

— Esse é seu medo? — perguntou irritado, irradiando o ódio que estava sentindo naquele momento — Medo de que não sinta mais desejo por você? Que não a ame, mesmo depois de tudo? — a cada pergunta seu nível de irritação aumentava. — Que tipo de homem você acha que eu seria se deixasse o amor da minha vida passar por isso sozinha?

— Nathan... — queria poder não o amar tanto assim, seria mais fácil escutar aquelas palavras serem ditas com tanto amor, mas, ao mesmo tempo, com tanto ódio.

— Eu amo você, Liz! Meu desejo por você não vai mudar nunca. Jamais! Se você quiser se afastar de mim pelo que viu, vou entender. Mas se quiser *me* afastar, porque acha que não me merece, então você não sabe de nada. Por que na verdade, sou eu quem não merece o seu amor.

Capítulo 28



Em uma tarde de sexta-feira fui liberada. O dia estava calmo, mesmo com toda a agitação de Nova Iorque. Tudo que eu queria era me livrar do cheiro de hospital e ter uma boa noite de sono. Depois de jantar ao lado de Nathan, que mesmo sendo cuidadoso comigo, não se aproximava além de um toque em minha mão, ou segurar meu queixo com as pontas dos dedos para me dar um beijo rápido. Até quando eu ainda estava internada no hospital, Nathan cuidou para que todos da equipe fossem mulheres, não por ciúmes, mas por medo. E eu agradei e o amei ainda mais por esse cuidado, mas ele se culpava, via em seus olhos que se sentia muito mal pelo que aconteceu.

— Posso ficar no meu apartamento... — reclamei olhando feio, Nathan fez questão de me levar para seu apartamento e depois de uma longa discussão, ele venceu — Posso cuidar de mim. Você tem vários compromissos e uma campanha... E isso é importante.

Nem eu e nem ele tínhamos forças para ficar brigando por coisas tão insignificantes, sem falar que bastou ele me olhar como se não existisse outra mulher no mundo, que me derreti. Esse maldito corpo, que mesmo passando pelo que passou, ainda se derretia por ele.

— Não... Nada é mais importante que você. E não... Não vai ficar sozinha, quando tem a mim para cuidar de você.

— Sabe o que acho? — coloquei meu melhor tom de sarcasmo — Que você quer mesmo é me enjaular. — falei desconfortável, ainda sentindo dores nas costelas.

— Acho que vou realmente fazer isso. — disse com um sorriso malicioso — De uma maneira que você nem pode imaginar. — meu corpo estava dolorido e com marcas roxas em quase todas as partes, mas o calor que sentia por ele ainda estava lá. Só precisava de um pouco mais de tempo.

Isso era o que eu achava.

— Preciso de respostas... Depois... Veremos o que vamos fazer. — brinquei, mas ali tinha um pouco de verdade, para não dizer uma verdade completa.

Não que tivesse aceitado o fato de ele ter estourado a cabeça de um homem a sangue-frio, apenas não conseguia me ver separada dele, e se isso incluía ficar ao seu lado, mesmo sendo do jeito que era, ficaria com ele. Sabia o que havia me acontecido, a lembrança de outro tomando meu corpo dava calafrios, nojo... Me fazia sentir completamente impura. Tudo que eu queria era encontrar o filho de uma cadela que me fez passar, e reviver, o pesadelo de ser abusada e fazer com que a justiça fosse feita.

— Sempre vou me culpar por isso... — falou abrindo a porta, o tom triste em sua voz fez meu coração ficar

pequeno, se eu ficasse no meu canto e não tivesse fugido da mulher *Bruce Lee*... — Eu... Tenho uma surpresa para você — quando terminou de falar quase caí dura, Elijah e Tati estavam na sala, me esperando. Por alguns segundos, tentei... Tentei com todas as minhas forças não chorar, mas a emoção foi mais forte quando Tati deu um sorriso de “vai ficar tudo bem” e abriu os braços, e então eu desabei.

— Tati... — choraminguei, atravessando a imensa sala em sua direção.

— Sinto muito, amiga... — me abraçou com um pouco mais de força, senti as costelas doerem fazendo com que soltasse um gemido de dor — Desculpe! — falou e se afastou — Ficarei com você essa noite. Se você quiser... — fiquei agradecida por querer ficar comigo, mais eu queria Nathan ao meu lado.

— Tudo bem Tati, — agradei e olhei para ela, dando a entender que precisava falar com Nathan — ficarei bem. — sorri para não ficar preocupada.

— Lizzie... — a voz grossa e carinhosa de Elijah preencheu minha alma, vi tanta compaixão em seus olhos, que por um momento me esqueci de que ele era só meu chefe e senti um amor de pai, que nunca tive — Também sinto muito pelo que aconteceu... — fez uma pausa, com o rosto mostrando seu desconforto por estar ali — Você vai ficar aqui, até que se sinta pronta para voltar ao trabalho.

— Obrigada, Elijah! — falei enxugando as lágrimas. Estava tão agradecida por eles estarem ali e ainda mais apaixonada por Nathan, por ter feito uma surpresa tão

linda... Ter os meus amigos ao meu lado naquele momento tão difícil.

— Ainda bem que Nathan encontrou você a tempo...
— soltou Elijah.

Como assim Nathan me encontrou? Viu-me toda arrebetada e não disse nada? Quando virei, seu rosto era uma máscara, sabia como ficava seu rosto quando estava com raiva, agora posso dizer que realmente sabia, e aquele olhar impassível era bem melhor. Chegou até ser meigo da parte dele.

— Quando você ia me contar? — perguntei mostrando seriedade e que não me sentia confortável com o fato de estar escondendo mais coisas.

— Na hora certa contaria tudo. — Nathan andou até a cozinha, com elegância, sem esboçar qualquer preocupação por ter escondido aquele fato — Aceitam um café, suco ou quem sabe um chá? — perguntou como se nada tivesse acontecido.

— Suco! — respondeu Tati um pouco sem graça.

— Para mim, não precisa preparar nada. — Elijah respondeu seriamente.

— Quer algo, meu doce? — virou e colocou as mãos nos bolsos da calça jeans azul surrada; estava lindo, ou melhor, magnífico, vestindo uma camisa branca com mangas dobradas até os cotovelos, com formato V na gola e tênis. Observei seu rosto melhor e percebi que olheiras contornavam a parte de baixo dos seus lindos olhos azuis;

os cabelos arrumados de maneira impecável e a barba feita mostravam que estava tentando manter a casca de homem todo poderoso, mas eu o conhecia bem e sabia que tinha algo errado ali, ainda havia mais coisas a serem ditas, ou melhor, reveladas.

— Água! — mesmo querendo o chamar para ter uma bela conversa, fiquei quieta. Não seria bom ter uma discussão sobre o que ele tinha escondido, ou não, na frente dos meus amigos. Quando Nathan foi para cozinha, Tati disse:

— É impressão minha ou o clima está tenso entre vocês dois?

— O clima não está tenso, Tati... — disse — O clima está vulcânico — fechei a boca, pois Elijah estava bem ao seu lado e não queria entrar em detalhes.

— Não sei o que ele fez, mas não gosto desse cara, Lizzie. — Elijah olhou para mim e vi em seu semblante o ar de preocupação.

— Prometo que vai ficar tudo bem. — sorri, mesmo que por dentro os números de incertezas fossem catastróficos na minha cabeça e no meu coração.

— Não quer mesmo que eu durma hoje com você? — Tati ofereceu, com o mesmo semblante preocupado.

— Não, obrigada! — respirei fundo, sentindo minhas costelas doerem — Preciso de um tempo com ele... Acho que vai me fazer bem. — se minha conversa com ele não fosse a melhor coisa a ser feita, estaria perdida. O amava

mais que tudo e não pretendia deixá-lo sair tão fácil da minha vida. Sem ele, não poderia ficar.

Depois que Elijah e Tati foram embora, Nathan e eu ficamos em um silêncio torturante. Ele sumiu e se trancou em seu escritório, enquanto eu... Fui para seu quarto, me deitei em sua cama enorme, que tinha o cheiro mais gostoso e fascinante do mundo: o dele.

— Chamei Ian. — disse aparecendo de repente no quarto, me assustando — Acho bom ter sua opinião profissional sobre como isso pode afetar você.

— Você acha que vou ter medo do seu toque, é isso?

— Liz, ninguém passa pelo que você passou e fica de boa com tudo. — Nathan parecia exasperado, mas, ainda assim, se manteve calmo. Será que ele não percebia que era dele que eu precisava? Teria que implorar para que ficasse ao meu lado?

— Nathan... — levantei e fui em sua direção, mas ele percebeu minha intenção e se afastou; se tivesse estourado meus miolos não teria doído tanto. A dor em seus olhos refletia a maneira como me olhava e a dor que senti foi pior do que qualquer coisa que já tivesse me acontecido.

— Não! — sua voz firme e ríspida me fez recuar e a dor no meu peito apenas aumentou — Não faça isso... Não quero que desmaie e se machuque ainda mais, já basta tudo que você passou na sua vida e naquela noite. Sei que sou culpado por tudo, então, não dificulte as coisas.

— Você não precisa se sentir culpado, Nathan. —
tentei parecer calma, mas estava ficando irritada — Se eu...

— Se eu... — desdenhou impaciente — Se eu o quê,
Liz? A culpa foi minha, se eu tivesse contratado uma pessoa
competente, você agora estaria em meus braços. —
abaixou a cabeça e passou as mãos no cabelo.

— Mas, ainda posso ser sua. — murmurei olhando
para ele.

— Não assim! — falou, levantou a cabeça e me olhou
de volta — Quando vi você jogada naquele chão frio, sujo,
molhado e com a cara toda arrebitada... — balançou a
cabeça tentando expulsar a lembrança — Minha vontade foi
cortar o infeliz que fez isso em mil pedaços.

— Nathan... — não queria que continuasse com
aquela tortura, estávamos nos machucando com as
lembranças daquele pesadelo.

— Seu corpo estava frio... Tão frio que imaginei o pior!
— o sofrimento estava estampado no rosto dele — Não sei
o que faria sem você, Liz.

— Estou bem, Nathan... — tentei novamente me
aproximar com passos cuidadosos — Estou viva... Você me
encontrou e me salvou!

— Nunca senti tanto ódio em toda minha vida por um
ser humano quanto estou sentindo agora. — confessou,
fechando as mãos em punho — Juro que vou encontrar
quem fez isso e vou fazer ele se arrepender do dia em que
nasceu.

— Me beije... — pedi corajosamente, me aproximando.

— Oi? — vi a perplexidade em sua voz e em seu rosto
— Não... Não vou beijar você, meu doce. Isso pode ser muito arriscado.

— Estou pedindo um beijo. — desafiei — Você não escutou? Só estou com algumas costelas doloridas, olhos roxos e a cara triturada. Mas, nada me impede de ter o que quero... E eu quero você!

— Você só pode estar louca... — arregalou os olhos, com irritação. — Não vou fazer isso!

— Tudo bem! — dei de ombros e fui em direção à porta do quarto.

— Onde pensa que vai?

— Embora! — falei decidida.

— Liz, você não está bem... — Nathan começou a falar e soltou um suspiro longo e cansado. — Acho que não é prudente ficar arriscando, machucada do jeito que está.

— Seu... — respirei fundo, juro que tentei não xingar, mas quando dei por mim saiu: — Seu filho de uma puta! Desgraçado! — gritei o mais alto que pude. — Se estou dizendo que quero você, é porque quero... Se eu desmaiar, que desmaie... Não percebeu que preciso de você? Mas, fica aí, fazendo cú doce para o meu lado! Ah... Vá para o inferno! — o olhei furiosa — Sim, alguém abusou do meu corpo... Sim, alguém se aproveitou do meu momento de fraqueza. Mas, é por isso que quero que você fique ao meu

lado e me beije para que eu possa me sentir sua novamente! Seu bosta!

— Liz... — murmurou surpreso com a minha explosão.

— Liz é o caralho! — estiquei o dedo do meio em sua direção. — Se está com nojo de mim, é só avisar que pego minhas coisas e vou embora da sua vida. Nunca mais saberá que existo... Lizzie Radzimierski será apenas poeira que passou por sua vida, se depender de mim.

— Você sabe que não tenho nojo. — quando disse isso, os pelos do meu corpo se arrepiaram — Que desde o momento em que a vi não penso com o cérebro, penso com a cabeça do pau... Só em sentir seu cheiro, olhar sua boca... Me imaginar beijando todo seu corpo... — aquela voz, aquela boca... Dizendo o que faria, me fez derreter. Mas, ainda assim, precisava mostrar que o que aconteceu não me impediria de seguir em frente com minha vida e de querer algo bom: de querer o meu Nathan.

— Quando o Ian chega? — perguntei sem fôlego.

— Antes do jantar. — respondeu confuso.

— Vamos fazer um teste, na frente dele, e se eu desmaiar, faremos o tratamento mais pesado que existe.

O olhar intenso de Nathan estava lá... Aquele sorriso de canto, malicioso, contornando sua boca, ainda estava lá... Só precisava ser forte e conseguir seguir em frente, conseguir convencê-lo que eu estava bem. Que ficaria bem.

— Mas ainda assim... Não vou beijar você! — Meu Deus, como era frustrante ficar implorando pelo gosto do

beijo daquele homem — Não agora... Vamos esperar só um pouco, já que sei que você não quer um beijo, e sim o “beijo” — Nathan sorriu e naquele momento seu rosto lindo e magnífico demonstrou que ainda existia desejo.

Passava de cinco da tarde quando Nathan foi para a cozinha e começou a preparar o jantar. Meus dedos coçaram com vontade de beliscar o que ele estava cozinhando; Nathan tinha dom para muitas coisas e mesmo que não tivesse me explicado, ou me dito o que tinha de errado em sua vida, sabia que ele seria perfeito em tudo que fizesse. Antes de tomar banho separei um vestido de algodão leve, cor-de-rosa, com alças finas que deixavam boa parte dos meus seios à mostra e segui para o banheiro enorme.

O tempo que passei no hospital evitava me olhar no espelho, para não ter que ver as marcas que aquele filho do diabo havia deixado no meu rosto e no meu corpo. E mesmo não querendo ver, os espelhos do banheiro não me deixaram outra opção.

Meu rosto estava marcado de roxo mesclado com verde nos hematomas, contrastando com o branco da minha pele. Peguei-me passando os dedos em cima de cada um, para sentir o que aquele desgraçado tinha feito comigo. Fosse quem fosse, saberia quem era assim que sentisse sua presença. Meu corpo o reconheceria, mesmo que nunca tivesse sentido, ou lembrasse, do seu cheiro; me lembraria dele por que tinha me tocado, e o único que podia me tocar era Nathan.

Tirei a blusa e observei minhas costelas, que estavam ainda mais marcadas que o rosto. Entendia o que me acontecera, mas como passei boa parte da minha infância sofrendo e lutando para ter uma vida digna, não iria permitir que um caralho qualquer fizesse meu mundo ruir novamente. Não... Eu lutaria! Buscaria ter uma vida normal, como sempre quis. Havia abdicado por anos da minha felicidade: *agora chega!*

— Você ainda é, e sempre será linda... — me assustei quando Nathan entrou no banheiro, estava suado e completamente lindo, com os cabelos bagunçados, vestido apenas com uma calça de ginástica preta, exibindo seu peitoral musculoso — Terminei o jantar e aproveitei para suar um pouco.

— Não sou bonita! — retruquei tentando pegar minha blusa, mas ele foi bem mais rápido e pegou na minha frente. — Não quando estou roxa como uma berinjela.

— Adoro comer berinjela, sabia? — falou faceiro e mordeu o lábio de maneira sugestiva, ou melhor, bem direta. Meu medo? Meu medo era que tivesse nojo quando olhasse para mim e lembrasse que, além do Theodor, fui abusada por outro cara, mas lá estava ele... Completamente lindo na minha frente, flertando e me olhando como sempre.

— Deus... — gemi sentindo toda a força que aquelas poucas palavras traziam com elas. — Você é...

— Gostoso? Perverso? Ou um filho da puta? — brincou, dando um sorriso encantador e perturbador.

— Não era isso que ia falar...

— Então, me diga o que sou.

— O homem que escolhi para amar! — seus olhos tomaram um brilho diferente, cheio de amor e carinho.

— E você é a mulher que escolhi para amar... — sua voz rouca e completamente sedutora espalhou um arrepio pelo meu corpo, me fazendo esquecer que tinha mais hematomas que um lutador do *The Ultimate Fighter* — Prometo que nada mais vai machucar você. Nem que eu tenha que perder minha vida por isso!

— Só você pode me machucar, Nathan... — sorri um pouco triste. — Só você pode arrancar meu coração e fazer com ele o que bem quiser. Porque ele é seu!

— Liz, eu a amo mais do que a mim mesmo. Nunca se esqueça disso. — seu rosto se transformou e ficou mais sério — Hoje à noite, depois que jantarmos, vou contar tudo sobre mim. Espero que fique comigo, mesmo sabendo toda a verdade.

— Nathan... — temperei a garganta para poder explicar — Vi você estourando a cabeça de um cara e fugi. Bom... — dei de ombros — Se ainda estou aqui, é porque não me importo com o quer que seja. A não ser em ficar do seu lado.

— Mas, você disse que não fugiria e acabou fugindo. — lembrou-se do momento em que me pediu para não fugir quando soubesse da verdade.

— Vamos lá, me dê um pouco de crédito. Não é todo dia que você vê o homem da sua vida matando um cara a sangue-frio. — Bom, pensei... Se já o vi matar um homem, o que mais de ruim poderia vir dele?

— Bem, crédito concedido. — brincou. O Nathan que estava na minha frente não parecia nem um pouco com o Nathan que vi naquela noite. O que estava na minha frente era o homem por quem me apaixonei e com quem queria dividir minha vida. — Vou esperar que termine de tomar banho... — encerrou a conversa por ali e mudou de assunto — A não ser que queira uma ajuda com o sabonete...

— Por que não? — me insinuei piscando o olho e com a voz atrevida, sabia que não era a mulher mais sexy do mundo naquele momento, mas ele fazia me sentir assim. Não entendia o motivo do desejo por ele não ter sumido; mesmo com tudo que passei, o desejo ainda estava lá.

— Lizzie Radzimierski, ainda vou enfartar com você me olhando desse jeito. — brincou balançando a cabeça — Mas, desista... Não será dessa vez!

— Bom... — dei de ombros — Não foi dessa vez, mas adoraria ver você tomar banho. Seria um espetáculo à parte.

— Seu desejo é uma ordem. — jogou minha blusa no chão e levou os dedos da mão até a barra da calça, brincou e me provocou — Mas, também não será dessa vez. Na próxima me exhibo um pouco para você. — sorriu descaradamente. Qual é? Ele só podia estar de brincadeira com a minha cara mesmo.

— Poxa, — brinquei ao falar, fazendo bico. — você não sabe brincar, hein!

— Não... Não sei! — falou segurando o riso — Vou esperar você terminar seu banho e depois tomo o meu — disse e saiu do banheiro.

Um dia ele me faria enfartar!

Capítulo 29



Quando desci, Nathan estava ao telefone, falando com alguém e quase não dava para escutar sua voz, pois estava sussurrando. Depois de alguns minutos, desligou e ficou olhando e contemplando por um bom tempo a cidade iluminada e linda no horizonte. Nathan ainda estava sem camisa, com toda a sua magnitude de homem predominante e com cada pedaço de músculo à mostra. Estava completamente irresistível, com as mãos nos bolsos da calça de ginástica preta que me dava o privilégio da visão incrível de sua bunda. Tinha uma postura de quem sabia o que queria para si, uma postura de quem sabia mandar e sabia que tudo estava a seu favor. Com os ombros largos, quadril estreito, era ainda mais sensual com aquele olhar pensativo. Observei os cabelos negros, um pouco grandes para sua posição social e a barba, que já dava sinais de que precisava ser feita. A única coisa que pensei foi que ele era o meu Nathan.

Como não amar aquele homem, que fazia com que me sentisse melhor apenas com sua presença?

— Pronto... — rompi o silêncio — Terminei! — quando se virou, seu rosto tinha assumido novamente o semblante de preocupação. — Nathan, aconteceu algo de errado?

— Tenho que confessar que fiz uma coisa... — disse, ponderando seu tom de voz para então prosseguir. — Espero que o que tenho para mostrar seja, enfim, uma coisa boa.

— O que você fez? — perguntei aflita.

— Eu... — fez um suspense e veio em minha direção, deixando o celular na mesinha ao lado do sofá. — Pedi para Lucius ir até o Queens. — meu coração acelerou, quase tive uma taquicardia, meus olhos se arregalaram na expectativa. Só existia um motivo para ele falar daquela maneira: notícias de Chloe.

— Chloe... — murmurei tentando manter a calma. Eu já tinha contado toda a história para Nathan e como me senti em ter partido sem levar minha irmã comigo.

— Ele vai chegar daqui a pouco com as informações que você precisa. — não conseguia mais puxar o ar para meus pulmões de tanta ansiedade. Finalmente teria notícias da minha irmã e, com aquelas informações, daria mais um passo para recuperá-la. Para tê-la ao meu lado — Vou tomar um banho, quando voltar conversaremos melhor. — percebi o quanto ele parecia cauteloso. — Quero que mantenha a calma. Tudo bem?

— Tudo! — respondi no automático.

Nathan passou por mim e tocou minha mão com as pontas dos dedos, mostrando que estava ali comigo. O olhei por um tempo, tentando encontrar uma maneira de não o amar, mas era difícil encontrar algo que me fizesse frear

aquele sentimento. Nem mesmo um mísero resquício de defeito, nem mesmo o fato de conseguir matar um cara a sangue-frio, sem ao menos piscar os olhos.

— Ficarei bem... — o tranquilizei — Sei que vou!

— Volto em dez minutos. — sorriu meio de canto, se afastou e subiu as escadas.

Ainda um pouco aérea, segui para o sofá em forma de L e sentei, tentando assimilar tudo que estava acontecendo comigo de uma única vez. Seria incrível finalmente ter minha irmã ao meu lado, para eu cuidar e finalmente ter uma *família*.

Isso era o que eu pensava!

Precisei de alguns segundos para perceber que a campainha estava tocando e levantei no modo robótico para ir atender.

— Boa noite, Lizzie! — cumprimentou Ian com um sorriso amigável, quando abri a porta.

— Ah... — me forcei a voltar para terra — Oi, Ian! — me olhou de uma maneira que percebi que tinha começado a me avaliar.

— Não se preocupe, — disse lendo meus pensamentos — não vim como psicólogo. Estou aqui mais para saber como você está.

— E sou o Papai Noel? — soltei com um humor ácido.
— Conta outra!

— Como sempre... — assentiu concordando, em um sorriso largo. — Perceptiva.

— Vamos entre. — falei e dei espaço para ele passar.

— Ian. — Nathan cumprimentou quando ele entrou e apertou sua mão. Não me cansava de olhar para aquele homem, Nathan vestia uma camiseta azul de mangas compridas, que iam até acima dos cotovelos e uma calça de moletom cinza. Ian também estava informal, usando calça jeans preta e camiseta social branca, mas sem perder o ar profissional que carregava consigo.

— Nathan. — retribuiu ele.

— Vamos fazer logo o teste, assim posso comer e esquecer o gosto daquela comida horrível de hospital — não fui hostil... Mentira! Fui hostil sim, mas foi só porque realmente queria que Ian fosse embora.

— Impaciente, Lizzie? — questionou com um arzinho irônico de quem sabia o que eu realmente queria. *Ian... Ian...* Esperava que não resolvesse me testar, ou iria acabar sendo mandado ir tomar naquele lugar... Um lugar bem específico.

— Como sempre. — retruquei e mostrei minha hostilidade mascarada de gentileza.

— De que teste ela está falando, Nathan? — Ian perguntou e se virou para ficar de frente para Nathan.

— O teste mais absurdo que já imaginei. Ela quer, depois de tudo que passou, que nos abracemos... Se é que você me entendeu. — filho de uma puta! Agora, eu estava parecendo uma louca tarada com ele falando daquela maneira.

— Ela quer isso? — perguntou Ian. Eles agiriam como se eu não estivesse lá? Ah! Qual era a deles?

— Oi? — chamei atenção para mim — Para que saibam, eu existo, e... — respirei bem fundo — Meu Deus... Escutem, sei falar também, então não ajam como se eu fosse uma sombra.

— Funcionou muito bem... — Ian se virou novamente para Nathan, que ficou calado. Mas o quê tinha funcionado muito bem? — Posso tocar em você, Lizzie? — quando fez essa pergunta os pelos do meu corpo se eriçaram em modo de defesa. Meu corpo só aceitava o toque de um homem, e esse homem era Nathan.

— A resposta é não! — falei irritada, recuando — Ou vocês me falam o que funcionou, ou vou pegar o primeiro jarro e jogar em suas cabeças. Entenderam, ou querem que eu desenhe? — desafiei colocando as mãos na cintura e bati o pé de maneira teimosa e irritada.

— As sessões ajudaram a fortalecer o seu emocional, o que é muito bom... E essa sua vontade reflete o seu desejo de querer progredir, e não regredir, como nós dois achávamos que aconteceria. — explicou e arrumou a armação dos óculos. — O mais impressionante é que seu corpo reage de maneira visivelmente natural à ameaça do toque de outro homem.

— Você tem certeza, Ian? — Nathan o olhou severamente — Tem certeza que ela não vai perder o controle? Ela reviveu tudo o que aconteceu em seu passado.

— Acho melhor pararmos com isso aqui, Nathan. — advertiu Ian, retribuindo o olhar severo que Nathan tinha lançado — Lizzie está se mostrando forte com tudo que está acontecendo, é uma mulher de grande coragem e não podemos duvidar que pudesse ser capaz. Vamos continuar com as sessões. — ainda não sabia o que falar sobre tudo o que Ian disse, no fundo sabia que era algo bom — Quero você duas vezes por semana no consultório. Tudo bem?

— Tudo bem! — concordei diminuindo a tensão que se formava dentro de mim.

— Você... — disse com a voz firme e olhando nos meus olhos — Se tornou única e fascinante. De uma determinação emocional inacreditável. Como disse das outras vezes, tudo depende de como enfrenta seu trauma. Mas agora, será também como vai usar isso a seu favor.

— Ande... — resmungou Nathan — Você deixou uma mulher em casa e quero cuidar da minha — eu... Mulher de Nathan? No sentido homens das cavernas? Estava começando a gostar do jeito que se referia a mim como “minha mulher”.

— Sei que sua irmã é paciente... — brincou Ian. Oi? Como é que era a conversa? Ian... Gretha... Eles eram casados? — Longa história. — falou percebendo minha surpresa, isso explicava os sorrisinhos que trocava com Nathan. Estava tudo em família. Nathan tinha usado Ian para avaliar sua futura namorada doida e cheia de complexos.

— Vocês... — tentei falar, mas a língua não deixou. Lizzie Radzimierski sem palavras? A coisa estava séria.

— Boa noite! — disse Ian partindo, antes que começasse a fazer perguntas.

Quando Nathan fechou a porta, ainda estava procurando o que fazer com todas aquelas informações.

Tudo tinha explodido de uma única vez!

— Ian e Gretha... São um casal?

— São... — respondeu com cautela — Farão seis anos de casados.

— Você pretendia me contar?

— Na hora certa, sim. — se aproximou um pouco mais; seu cheiro era tão bom, tão específico, singular e único, que fazia minhas pernas tremerem, tomava completamente conta da minha mente, como cocaína, que consome por completo um viciado, o deixando incapaz de querer outra coisa que não seja sua droga como alimento.

— Esta era a hora?

— Sim, essa é hora de dizer o que realmente faço da vida, meu doce. — levou sua mão direita para acariciar com as pontas dos dedos o contorno do meu maxilar — Nosso relacionamento depende da maneira como aceitará isso. — nesse momento seu celular, que estava em cima da mesinha tocou e ele foi atender.

— Lucius... — falou em tom profissional — Sim... Como sempre... Passe o envelope por baixo da porta. E Lucius... — fez uma pausa — Obrigado! Espero você

amanhã para fazer sua segurança. Boa noite! — quando desligou segundos depois, o som de algo passando por baixo da porta chamou minha atenção. Um envelope preto. O envelope que continha as informações sobre Chloe.

— Vá em frente... — encorajou me olhando com ternura. — É seu.

A cada passo que dava, as emoções afloravam e a expectativa sobre como minha irmã estaria me deixava ainda mais tensa. E se ela tivesse se tornado uma deles? E se tivesse absorvido o coração seboso do pai e sucumbido à genética podre dos dois? Não... Não aceitaria que tal coisa pudesse acontecer, precisava pensar no melhor, tinha que a imaginar forte, lutadora e cheia de sonhos para realizar, pois sabia que plantei uma semente do bem em seu coração antes de sair daquele inferno.

Com as mãos trêmulas me agachei para pegar o envelope. Quando olhei para trás, Nathan estava me incentivando com seu olhar carinhoso, me dando força para seguir em frente e abrir aquele envelope. Chloe e Nathan eram as pessoas mais importantes na minha vida e disso eu tinha certeza.

— Não tenho coragem de abrir sozinha... — falei assim que peguei o envelope e virei para encará-lo. — E se ela...

— Vamos, meu doce... — sorriu e piscou para mim — Vai gostar de abrir e saber o que tem dentro.

Se estava dizendo que iria gostar, só poderia ser coisa boa. Não conseguia esperar mais para saber o que havia acontecido, ou como estava minha irmã. Relutante, abri a aba do envelope e puxei o conteúdo... A imagem da loira de cabelos cacheados, com um sorriso fácil, me deixou emocionada. Ela parecia feliz, como sempre desejei que fosse. Os olhos não eram verdes como os meus e nem tampouco tinha sardas no rosto, mas sua beleza era incrível e, mesmo sendo parecida comigo, achei-a ainda mais bonita. Na foto estava parada olhando para um lago, sorrindo, estava alta e tinha curvas singelas, mas que saltava aos olhos. Aquilo realmente fez meu coração bater acelerado, mas de felicidade plena.

— Ela está linda... — murmurei ainda admirando a foto em minhas mãos.

— Se parece muito com você... — senti quando se aproximou. — Sei que a vida dela não é fácil, mas está seguindo pelo bom caminho, apesar de ainda morar com sua mãe e seu padrasto.

— Isso vai mudar! — falei decidida. — Vou tirá-la daquele lugar sujo.

— Tenho que avisar que sua mãe...

— Não quero saber nada sobre ela. — interrompi antes que terminasse o quealaria, não queria estragar meu momento feliz falando da minha mãe. Não da mulher que ignorou os meus pedidos de socorro por várias e várias vezes. — Não me importo com ela, apenas com Chloe. Foi por nós duas que fugi e busquei algo melhor. Só por Chloe.

— Entendo, meu doce, e não vou pressionar você. — suspirou — Só espero que dê tudo certo e que no momento que os encontrar, não sinta as suas estruturas abaladas por seu passado.

— Você sabe... — dei de ombros e guardei a fotografia — o que não me mata, me fortalece... Sou forte o suficiente, já que agora tenho você ao meu lado.

— Sempre, meu doce!

— O que teremos para o jantar? — mudei de assunto. Estava muito feliz, mas meu estômago tinha outras prioridades e isso incluía comida.

— Você... — o olhei depressa e espantada com a malícia repentina em sua voz — Vai gostar... — suspirei, não de alívio, mas de decepção por estar fazendo joguinhos comigo. Tudo que queria era sentir o calor dos seus braços me segurando com força, enquanto me amava loucamente — Mas antes, uma surpresa.

— Me deixe adivinhar... — brinquei — Teremos sorvete de chocolate como sobremesa?

— Não... — disse sorrindo da minha reação. — Hoje não!

Perto da escada ficava a sala de jantar, que dava para ter a visão da amplitude do seu apartamento. Vasos com rosas brancas estavam na mesa de centro. Ele havia retirado da parede os quadros de pinturas abstratas e substituído por fotos. *Fotos enormes...* Nossas!

— Você sabe como me deixar sem palavras. —
apontei para as fotos.

— Na verdade, era essa a intenção mesmo. — sorriu
debochando e seguiu para a cozinha.

— O que teremos hoje, *chef*? — perguntei me
acomodando na cadeira e estiquei o guardanapo de tecido
sobre o colo.

— Bracciola com purê de batata — gabou-se ao falar
— e vinho tinto da melhor qualidade.

— Não me explique sobre o vinho, só responda se
esse tal de Bracciola tem carne vermelha. — brinquei,
passando a língua na boca, mostrando que o que realmente
queria era qualquer coisa que tivesse carne.

— Juro que se fizer isso novamente eu morro... —
quando virei a cabeça, Nathan estava parado segurando os
dois pratos com o olhar fixo em algum lugar, que não
consegua entender... Ou que queria fingir não entender.

— Fazer o quê? — me fiz de inocente, o olhei e
pisquei — Isso? — provoquei, passando a língua
novamente sobre os lábios.

— Lizzie... — seu tom era de advertência, com a voz
rouca e cheia de malícia — Não me provoque!

— Ou fará o quê? — desafiei semicerrando os olhos
de maneira atrevida — Você anda prometendo muito,
senhor Fox. Estou começando a duvidar do seu potencial.
— desdenhei arqueando as sobrancelhas e inclinei a
cabeça um pouco para frente.

— Porra, Liz! — xingou baixinho, exasperado; andou até a mesa, colocou os pratos nos sousplats de cerâmica com força, o que me assustou por um momento, e senti seus olhos me queimando. Queimando meu corpo... Minha alma. Cinicamente, peguei o garfo e comecei a saborear a comida deliciosa que estava na minha frente, gemendo cada vez que levava um pouco até a boca.

— Hummm... — lambi os lábios, umedecendo e contornando com a língua — Ficou nervosinho? Vai ficar mesmo aí parado, olhando para mim? Ou vai sentar e comer a refeição que você preparou com todo carinho para nós dois? — falei e peguei o garfo para continuar a comer minha refeição; precisava me manter no jogo, só assim me daria o que tanto queria: ele... Completa e incondicionalmente entregue a mim, assim como eu, completamente entregue a ele.

— Engula essa comida e suba! — disse com a voz rouca. Não quis demonstrar que apenas com aquela ordem me fez estremecer.

— Não! — disfarcei meu nervosismo, querendo prolongar a excitação e o calor que estava se formando entre nós dois. — Não vou.

— Isso não foi um pedido, meu doce. — a maneira como falou me fez olhar novamente para ele e larguei o garfo ruidosamente no prato. Havia mais coisas na ordem que tinha dado e deixou subtendido que não aceitaria ser contrariado.

Ali estava o desejo se tornando realidade, ele me comendo com os olhos e por Deus... Se era assim apenas com os olhos, fiquei imaginando como seria quando finalmente me fodesse com toda sua força... Com toda a força que aquele olhar transmitia... Meu corpo ficou em chamas e cheio de esperanças.

— Nathan... — minha voz saiu esganiçada.

— Você queria um beijo, meu doce, e é isso que você vai ter, ou melhor... — lembrou, com a voz rouca e olhos vidrados nos meus — Vai ganhar mais que um beijo. Vamos lá, meu doce... Agora é você que está começando a me fazer duvidar do seu potencial. — sorriu maliciosamente e mordeu o lábio inferior, me deixando de boca seca, doida para lambar e chupar aqueles lábios generosos e deliciosos — Quem quer beijar você sou eu. E não estou falando da sua boca... — quanto terminou de falar, quase engasguei com o pouco de comida que ainda tinha dentro da minha boca. — O meu beijo inclui provar essa delícia que você tem entre as pernas, que me deixa de pau duro o dia inteiro.

— E-e-u... — gaguejei atordoada. Merda! Me dei mal na brincadeira, com isso até esqueci que ainda sentia dores nas costelas.

— O que foi, minha Jessi Rabbit, o gato comeu sua língua? — estendeu a mão para mim. — Do jeito que estou, não precisará terminar esse jantar. Serei seu jantar e você será minha sobremesa...

— Deus! — gemi, fechei os olhos e afastei a cadeira, ainda segurando sua mão.

— Não se preocupe com os gemidos... — franziu os olhos e sorriu com a mesma malícia — Deixarei que você grite o que bem entender... Esqueça a porra da comida e suba. Vamos, ande. Quero ter a visão da sua bunda ao subir a escada.

Estava muito nervosa, minha respiração era ruidosa, sentia meus pulmões doerem todas as vezes que puxava o ar. Mas, ali estava ele, atrás de mim, subindo as escadas em direção ao seu quarto. Olhando-me e me comendo com os olhos. Não tinha nojo ou qualquer coisa parecida no olhar do homem que eu amava, na verdade, era um olhar sensual e completamente devastador. Havia apenas o desejo, a força e o poder da luxúria... Aquela boca, com aquele maldito sorriso malicioso no canto, de quem sabia o que ia fazer e de como me deixaria depois do seu ataque. Não era apenas apaixonada por Nathan, era louca por ele.

— Visão privilegiada essa minha... — murmurou de maneira sedutora — Que bunda gostosa você tem, senhorita Radzimierski. — sentia seu sorriso através do som da sua voz, mas não me atrevi a olhar para trás.

Ao chegarmos no quarto ele abriu a porta e me deu espaço para entrar, foi até a cômoda que ficava ao lado da porta, retirou de lá um papel e me entregou.

— O que é isso? — perguntei confusa, totalmente sem ar.

— Isso... — começou a explicar tirando a camisa e a jogando no chão — É um teste, que diz que nós dois somos saudáveis para as práticas orais e não orais também. Ou

seja, vou chupar sua boceta até você não aguentar mais. — sorriu se aproximando — Queria que você tivesse a segurança que sou seu e que você pode ser minha. Minha e de mais ninguém. Mesmo depois de tudo que aconteceu, achei que você merecia saber que está tudo bem com seu corpo.

— Você pensou... — olhei para o papel, que afirmava estarmos negativos para doenças sexualmente transmissíveis, e depois para ele. — Em tudo.

— Tudo... — disse segurando meu rosto entre as mãos — Por que é isso que você merece! — foi aproximando mais o rosto do meu e meu corpo todo se acendeu — Tudo... — em menos de um segundo, perdi o chão que segurava os meus pés — Quero que você entenda que, mesmo que tivesse algo de errado no seu exame, jamais deixaria de te amar.

— Nathan... — sussurrei, olhando para ele.

— Shhhhh... Agora somos nós dois, começando a nos amar de verdade. — disse me beijando. Não foi um beijo rápido, foi um beijo calmo, delicado e loucamente doce, sua língua buscava a minha, acariciando, chupando e sugando cada gemido que seu toque arrancava de mim. Saboreei cada momento, registrei cada movimento que fazia com a língua.

Que boca...

Que sabor...

Que beijo!

— Tire o vestido... — pediu ao se afastar, sua voz estava carregada de desejo — Deite-se na cama e abra bem as pernas. Quero ter outra visão privilegiada, agora da sua boceta vermelhinha e louca por mim... — assim como pediu, tirei o vestido, me deitei no meio da cama macia de lençóis brancos, com cuidado para não sentir as costelas doerem. — Você sabe o que vou fazer, Liz?

— Não... — respondi sentindo meu peito subir e descer com a respiração acelerada, e o vi se posicionar entre minhas pernas.

— Não...? — sorriu — tem certeza que seu corpo não sabe? — se aproximou olhando para mim — Vou chupar você, mas não será de qualquer jeito... — começou a explicar, segurando nas laterais da minha calcinha com as pontas dos dedos — Vou fazer amor com você, apenas com a boca. Entendeu? — um arrepio tomou conta do meu corpo, quando senti o tecido raspar minha pele sensível. — Não vou tocar em qualquer outro lugar que você não queira. Vou apenas chupar você...

— Nathan... — gemi, fechei os olhos e ergui o quadril para ajudá-lo a tirar o único pedaço de tecido que existia no meu corpo.

— Isso, meu doce... — pude sentir que estava sorrindo, mesmo com os olhos fechados, na expectativa de sua boca me tomando — Você está linda... Gostosa... Deliciosa... Pronta — quando mudou seu peso na cama, para ajudar a retirar por completo a calcinha, pude ouvir um gemido rouco e pesado — Foi amor à primeira vista, sabia?

Quando suas pernas se abriram para mim a primeira vez?
Fiquei louco quando vi sua boceta.

— Nathan... — implorei me contorcendo por dentro, quase choramingando.

— E olhe agora para você... — ouvi sua respiração pesada e senti o calor do seu hálito sobre minha pele, quando se posicionou melhor — Rosada, carnuda e linda. Toda molhadinha, esperando minha boca chupar cada pedaço dessa maravilha ruiva... — o poder da expectativa foi superado. Quando sua língua tocou minha pele sensível e úmida, quase gritei, sentindo apenas a ponta dura da língua dele, entrando e saindo, e depois se espalhando por toda minha boceta. Ele subia e descia, me dando um belo banho de gato, e quando chupou a parte inchada do meu clitóris, senti todo meu corpo responder ao seu estímulo poderoso.

— Droga! Por deus, Nathan! Merda! — gritei morrendo de excitação, sentindo sua língua quente chupar e brincar na minha parte mais sensível.

— Gostosa... — rugiu, com a cabeça ainda entre minhas pernas, e voltou a trabalhar com sua língua, me torturando a cada chupada que dava com força. Eu arqueava o corpo e quadril em sua direção, querendo mais daquela boca incrível, que estava me fazendo perder por completo meus poucos sentidos. — Doce... — chupou, como se estivesse beijando minha boca.

A imagem de sua cabeça ali, lambendo e chupando a minha... Deus! Aquele homem estava virando minha

cabeça, tirando meu juízo e ainda consumindo minha alma. Tudo que eu queria era ser consumida por ele. Por seu pau glorioso, me possuindo, me reivindicando.

— Ah! — gritei quando chupou mais forte, fazendo os músculos do meu ventre se retorcerem de desejo por mais... Por mais dele, por mais de toda sua extensão, me dando prazer, me amando, assim como havia prometido, que faria amor. Que me daria amor. — Nathan... — implorei, sabia que meu amor por ele era forte e não me deixaria ser vencida pelo medo de não conseguir amá-lo plenamente e irrevogavelmente a cada segundo — Quero você, meu amor... — pedi com todas as minhas forças — Quero você dentro de mim, Nathan... Me ame, por completo! — o pedido desesperado o fez parar e quando abri os olhos, tive a visão mais erótica que um dia poderia ter. Seus lábios brilhando, molhados com minha excitação, inchados de tanto trabalhar generosamente entre minhas pernas.

— Liz... — sussurrou com a voz rouca.

— Me ame como se não existisse um amanhã... — implorei novamente. — Sou sua!

Mesmo com as incertezas, percebi que ele queria me amar, me tomar em seus braços e me fazer sua. Completamente sua! Não me importava com o fato de poder desmaiar, ou qualquer outra coisa, pois meu mundo era dele e o dele era meu.

Naquele momento me vi inteiramente envolvida.

Nathan se afastou e sem nenhum pudor tirou a calça, exibindo todo o seu corpo nu. Meus olhos percorreram seu corpo e pairou em seu membro. Vê-lo totalmente nu em minha frente era um colírio para meus olhos e a salvação para meu corpo, que ansiava por ele como nunca imaginei ser possível.

Sentir seu corpo colado ao meu, seu toque e o que fosse capaz de me fazer sentir era mágico.

Cada célula do meu corpo o queria, pedia... Implorava por ele. Depois de ter passado por tudo que passei em minha vida, sentir isso era algo muito bom, era um sentimento que pensei que nunca existiria em mim e, por mais que parecesse estranho, estava gostando.

Meus medos estavam indo embora e meu desejo por ele crescia cada vez mais.

E lá estava ele, se posicionando mais uma vez entre as minhas pernas, o calor emanado do seu corpo me superaquecia instantaneamente. Seu membro duro e grosso bem perto da minha intimidade. Algo dentro de mim esperava por aquele momento: o momento em que me preencheria e finalmente faria com que eu me sentisse mais amada.

— A qualquer sinal que você não esteja se sentindo bem... — sua voz era baixa e terna quando se debruçou, pairando o corpo sobre o meu — Me avise que paro imediatamente. — foi bom ouvir aquilo, saber que se importava comigo e que não era apenas um momento de sexo para sua satisfação.

Precisei afastar ainda mais as minhas pernas, levantando-as um pouco. Era como se fosse a minha primeira vez... Na verdade, *era* a minha primeira vez com o homem que tinha escolhido para amar, para me proporcionar esse momento que desde o início deveria ser prazeroso. Ele me olhava com desejo e sem julgamentos, um olhar que sempre esperei verdadeiramente ver nos olhos de alguém.

— Só quero ser sua... — repeti transmitindo sinceridade, não apenas na forma de falar, mas também na forma como olhava dentro de seus olhos.

— Minha! — disse com tom possessivo e pressionou seus dedos contra minhas coxas.

Nathan me beijou docemente, mordiscou meus lábios e quando seus lábios se afastaram dos meus, ansiei por mais. Seu membro roçava em minha entrada, me fazendo estremecer e ao mesmo tempo querer mais.

— Vou amar você. Amar muito... — murmurou com a voz pesada e me penetrou vagorosamente. — Cada pedaço do seu corpo. — falou entre um gemido reprimido, enquanto começava suas investidas lentas, que aumentavam meu prazer cada vez mais.

Era inevitável não tocar nele.

Era inevitável ele não tocar em mim.

Ainda o olhando, levantei minha mão e acariciei seu rosto, sentindo as sensações mais prazerosas passarem pelas minhas terminações nervosas. Acariciei seu rosto com

desejo e também com amor. O mesmo amor e cuidado que ele tinha sobre meu corpo, tomando cuidado para não me machucar.

— Meu doce... — gemeu entre seus movimentos de entrada e saída, me deixando cada vez mais louca.

— Meu amor... — puxei seu rosto para mim delicadamente e o beijei com ternura, sentindo meu corpo relaxar. Meu corpo já o reconhecia. Já sabia que era dele — Me faz completamente sua... — senti toda a emoção e a força do amor que tínhamos um pelo outro se transformando em um orgasmo devastador, que estava tomando conta dos nossos corpos de uma maneira surpreendente.

Separando nossos lábios Nathan me olhou, havia algo em seu olhar, algo diferente e novo.

— Casa comigo? — disse respirando ofegante, acelerando mais seus movimentos, dando a última estocada. Gozei junto, me levando por aquele pedido inesperado.

Rendida

Segundo livro da duologia Envolvida



Queens — Dezembro de 2007

Era madrugada e minha mãe estava dormindo. Eu estava arrumando a minha mochila e peguei apenas o essencial, já que teria que morar na universidade enquanto ainda estivesse cursando Jornalismo. Aproveitei que aquele porco estava no trabalho e ninguém iria me descobrir; resolvi que era melhor sair na calada da noite, sair daquele inferno e buscar minha felicidade. A única pessoa que me faria falta era minha irmã Chloe, de sete anos, a luz da minha vida. Deixá-la era doloroso demais, mas era um mal necessário. Ainda tinha leves hematomas no rosto da surra que levei daquele monte de bosta asqueroso.

— Izzi... — me chamou a voz doce ao entrar no meu quarto. Chloe tem o mais lindo rosto do mundo, quase um anjo, para ser mais exata, e é a única coisa boa que aquele cachorro fez — Você vai sair?

— Oi, Chloe... — sorri para ela e fui em sua direção, me ajoelhei e a abracei.

— Izzi tem que ir embora! — Deus sabe como me segurei para não chorar enquanto a olhava.

— Não vai, Izzie... — choramingou apertando os bracinhos ao redor do meu pescoço. — Não me deixa sozinha aqui, me leva com você.

— Izzie não pode. — me afastei e passei a mão em seu rosto, gravando cada traço delicado da menina que me fazia tão bem. — Prometo que um dia eu volto e levo você comigo.

— Promete? — percebi seus olhos marejarem e aquilo me cortou o coração. — Promete que vem me buscar?

— Sim, meu amor... Prometo que volto e nós duas vamos ficar juntas. Juntas para sempre.

— Vou sentir sua falta... — a olhei e as lágrimas já escorriam por sua bochecha rosada. Chloe não era ruiva como eu, era loira com cabelos longos e levemente cacheados. Ela se parecia muito comigo quando era mais nova, mas a achava mais linda do que eu.

— Promete uma coisa para mim? — pedi segurando a ponta do seu queixo.

— Prometo! — soluçou baixinho, me olhando.

— Promete que vai estudar e se tornar uma boa menina?

— Sim... — disse me abraçando novamente. — Prometo ser uma boa menina.

Aquela foi a última vez que a vi, antes de partir.